

I SÉRIE



DIÁRIO DA REPÚBLICA

Sexta-feira, 28 de junho de 2019

Número 122

ÍNDICE

Presidência do Conselho de Ministros

Decreto-Lei n.º 84/2019:

Estabelece as normas de execução do Orçamento do Estado para 2019 3078

Finanças, Administração Interna, Ambiente e Transição Energética, Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural e Mar

Portaria n.º 199/2019:

Altera a Portaria n.º 266/2015, de 31 de agosto, que fixa a dotação máxima de chefes de equipas multidisciplinares da Inspeção-Geral da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território (IGAMAOT) 3138

Finanças e Justiça

Portaria n.º 200/2019:

Estabelece os prazos para a declaração inicial do RCBE e revoga os artigos 13.º e 17.º da Portaria n.º 233/2018, de 21 de agosto 3139

Ambiente e Transição Energética e Mar

Portaria n.º 201/2019:

Plano de Gestão do Sítio Maceda-Praia da Vieira e da área marinha alargada do Sítio de Importância Comunitária Costa Sudoeste 3140

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Decreto-Lei n.º 84/2019

de 28 de junho

O presente decreto-lei estabelece as disposições necessárias à execução do Orçamento do Estado para 2019, aprovado pela Lei n.º 71/2018, de 31 de dezembro.

O regime previsto no presente decreto-lei visa garantir um controlo adequado da execução orçamental, indispensável ao cumprimento do disposto na Lei do Orçamento do Estado para 2019.

Concretizando os princípios e as orientações fixados na Lei do Orçamento do Estado, importa realçar que, numa perspetiva de continuidade, mantêm-se instrumentos e mecanismos considerados necessários para monitorizar o controlo da despesa, a par da introdução de um conjunto de medidas que têm como principais objetivos simplificar e flexibilizar procedimentos de natureza administrativa.

Por outro lado, cumpre salientar a manutenção da estrutura do presente decreto-lei face aos dois anos anteriores, o que favorece a sua boa interpretação, concorrendo para a segurança e certeza jurídicas.

Foram ouvidos os órgãos de governo próprio da Região Autónoma dos Açores e a Associação Nacional de Freguesias.

Foi promovida a audição dos órgãos de governo próprio da Região Autónoma da Madeira e da Associação Nacional de Municípios Portugueses.

Assim:

Nos termos da alínea *a*) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

CAPÍTULO I

Disposições iniciais

Artigo 1.º

Objeto

O presente decreto-lei estabelece as disposições necessárias à execução do Orçamento do Estado para 2019, aprovado pela Lei n.º 71/2018, de 31 de dezembro (Lei do Orçamento do Estado).

Artigo 2.º

Aplicação do regime da administração financeira do Estado

1 — O regime estabelecido nos artigos 32.º, 34.º e 38.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, na sua redação atual, é aplicável às escolas do ensino não superior e aos serviços periféricos externos do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE), durante o ano de 2019.

2 — Fica a Direção-Geral do Orçamento (DGO) autorizada a proceder às alterações da classificação orgânica necessárias à concretização da plena adesão dos serviços referidos no número anterior ao regime da administração financeira do Estado, desde que reunidas as necessárias condições técnicas.

Artigo 3.º

Sanções por incumprimento

1 — O incumprimento das normas previstas no presente decreto-lei e na demais legislação aplicável à execução orçamental dá lugar, de forma cumulativa:

a) Ao apuramento de responsabilidades financeiras, nos termos da Lei n.º 98/97, de 26 de agosto, na sua redação atual;

b) À impossibilidade de recurso ao aumento temporário de fundos disponíveis, previsto no artigo 4.º da Lei n.º 8/2012, de 21 de fevereiro, na sua redação atual;

c) Após a identificação de três incumprimentos, seguidos ou interpolados, à retenção de 1 % da dotação orçamental da entidade incumpridora, relativa a receitas gerais, aprovada na Lei do Orçamento do Estado, líquida de cativos.

2 — Excetuam-se do disposto na alínea *c*) do número anterior as verbas destinadas a suportar encargos com despesas com pessoal.

3 — Os montantes a que se refere a alínea *c*) do n.º 1 são repostos no mês seguinte, após a prestação da informação que demonstre já não se verificar o incumprimento que determinou a sua retenção, salvo em situações de incumprimento reiterado, caso em que apenas são repostos 90 % dos montantes retidos.

4 — Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, o incumprimento dos deveres de informação previstos no capítulo VI determina a não tramitação de quaisquer processos que sejam dirigidos à DGO pela entidade incumpridora.

CAPÍTULO II

Regras de execução orçamental

SECÇÃO I

Administração central do Estado

Artigo 4.º

Operacionalização nos sistemas orçamentais das dotações disponíveis

1 — As cativações previstas no artigo 4.º da Lei do Orçamento do Estado e no artigo seguinte são objeto de inserção nos sistemas de informação geridos pela Entidade de Serviços Partilhados da Administração Pública, I. P. (ESPAP, I. P.), através de informação disponibilizada pela DGO, registada no Sistema de Informação de Gestão Orçamental (SIGO).

2 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, nos restantes sistemas de informação as entidades procedem ao registo dos cativos mediante recolha da informação de cativos registados no SIGO.

3 — As transferências do Orçamento do Estado para os serviços e fundos autónomos são consideradas para efeitos do disposto no número anterior e estão sujeitas às cativações reflexas que resultam do artigo 4.º da Lei do Orçamento do Estado, bem como da aplicação do disposto no artigo seguinte.

4 — Excluem-se do estabelecido no número anterior as transferências do Orçamento do Estado para os serviços e fundos autónomos respeitantes a receitas gerais consignadas.

5 — As redistribuições a que se referem os n.ºs 6 e 8 do artigo 4.º da Lei do Orçamento do Estado, da competência, respetivamente, do dirigente do serviço e do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial, são efetuadas através de alterações orçamentais no âmbito da gestão flexível.

6 — A libertação mensal de fundos apenas pode ser realizada pela DGO após a verificação do registo dos cativos previstos na Lei do Orçamento do Estado.

Artigo 5.º

Utilização condicionada das dotações orçamentais

1 — Ficam sujeitos a cativação nos orçamentos totais das entidades da Administração central do Estado os valores que, face à execução orçamental de 2018:

a) Excedam em 2 % o valor global de cada um dos agrupamentos respeitantes a despesas com pessoal, excluindo abonos variáveis e eventuais, a outras despesas correntes e a transferências para fora das administrações públicas;

b) Correspondam a um aumento do valor global das despesas com pessoal em abonos variáveis e eventuais, excluindo as que se referem a indemnizações por cessação de funções.

2 — Excetuem-se do disposto no número anterior, quando aplicável:

a) As despesas das Forças Nacionais Destacadas e das instituições do ensino superior, nos termos do n.º 10 do artigo 4.º da Lei do Orçamento do Estado;

b) As despesas associadas às dotações específicas constantes do mapa informativo 16, as despesas afetas a projetos e atividades cofinanciadas por fundos europeus e internacionais de natureza não reembolsável, pelo Fundo criado pelo Decreto-Lei n.º 14/2011, de 25 de janeiro, na sua redação atual, e respetiva aplicação final, e pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (MFEUE), no âmbito de apoios concedidos a fundo perdido e as despesas associadas ao pagamento de impostos e taxas;

c) As transferências associadas a encargos com pensões e outros abonos suportados pela Caixa Geral de Aposentações, I. P. (CGA, I. P.), ao pagamento dos complementos de pensão a que se referem os artigos 4.º e 6.º do Decreto-Lei n.º 166-A/2013, de 27 de dezembro, na sua redação atual, a transferir para o orçamento da CGA, I. P., nos termos do n.º 2 do artigo 8.º do referido decreto-lei, e no âmbito das políticas ativas de emprego;

d) As despesas no âmbito do artigo 12.º da Lei de Programação Militar, aprovada pela Lei Orgânica n.º 2/2019, de 17 de junho.

3 — Ficam sujeitos a uma cativação de 40 % os orçamentos das entidades da Administração central do Estado nas despesas relacionadas com papel, consumíveis de impressão, impressoras, fotocopiadoras, *scanner* e em contratos de impressão, com exceção dos contratos em vigor, das despesas relativas à produção de manuais escolares em braille ou quando usados para a produção de bens e serviços geradores de receita própria.

4 — Deve ser concedida uma descativação de 20 % das despesas previstas no número anterior quando associadas a programas de desmaterialização ou outras iniciativas conducentes à diminuição de utilização de papel e consumíveis de impressão.

5 — A descativação e a utilização total ou parcial das verbas cativas previstas nos n.ºs 1 e 3 carece de despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças, que tem em consideração a necessidade de concretizar as autorizações de contratação já por si concedidas.

6 — Para efeitos do artigo 10.º, e sem prejuízo das competências estabelecidas para a realização de alterações orçamentais, as entidades podem fazer a redistribuição

de dotações orçamentais de rubricas sujeitas a cativos, desde que seja mantido o montante de cativos por fonte de financiamento e por rubricas sujeitas a cativos, estabelecido nos termos da lei.

7 — Pode ser autorizado, pelo membro do Governo responsável pela respetiva área setorial, o aumento da dotação de despesa, incluindo de rubricas não sujeitas a cativos, quando compensado pela cobrança de receita, desde que seja realizada, quando aplicável, a cativação prevista na lei.

8 — Excluem-se do disposto no número anterior, no que se refere à necessidade de cativação adicional, as despesas com pessoal associadas a encargos com remunerações certas e permanentes e segurança social.

9 — A autorização para a utilização das dotações a que se refere a alínea c) do n.º 4 do artigo 4.º da Lei do Orçamento do Estado pode ser delegada nos dirigentes máximos dos serviços e entidades nela previstos, até ao limite da execução orçamental do ano anterior, sendo a autorização para a utilização dos montantes que excedam esse limite da competência dos membros do Governo responsáveis pelas entidades abrangidas.

Artigo 6.º

Previsão mensal de execução

1 — A execução do Orçamento do Estado para 2019 não está sujeita ao regime duodecimal, mas deve respeitar a previsão mensal de execução.

2 — Para efeitos do modelo de gestão de tesouraria que venha ser estabelecido, as entidades apresentam previsões mensais de execução orçamental, nos termos a definir pela DGO.

Artigo 7.º

Determinação de fundos disponíveis

1 — Na determinação dos fundos disponíveis, as componentes a que se referem as subalíneas i) e ii) da alínea f) do artigo 3.º da Lei n.º 8/2012, de 21 de fevereiro, na sua redação atual, e as alíneas a) e b) do n.º 1 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, são objeto de fixação, tendo em consideração a arrecadação de receita disponível e o cumprimento das metas orçamentais, nas condições a determinar pelo membro do Governo responsável pela área das finanças, mas garantindo os compromissos orçamentais já assumidos e registados no SIGO.

2 — Para efeitos do disposto na parte final do número anterior, deve o membro do Governo responsável pela área das finanças ter em consideração a situação específica de cada um dos programas orçamentais e o grau de autonomia das entidades que o integram.

3 — A previsão de receitas efetivas próprias constante da subalínea iv) da alínea f) do artigo 3.º da Lei n.º 8/2012, de 21 de fevereiro, na sua redação atual, e da alínea d) do n.º 1 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, é corrigida do desvio negativo apurado entre as previsões de receitas efetuadas nos meses anteriores e as receitas efetivamente cobradas.

4 — Com vista a dar cumprimento ao estabelecido no n.º 1, é comunicado mensalmente pela DGO, até ao dia 20, o limite máximo a considerar na determinação dos fundos disponíveis de cada programa orçamental a que respeitam as subalíneas i) e ii) da alínea f) do artigo 3.º da

Lei n.º 8/2012, de 21 de fevereiro, na sua redação atual, e as alíneas *a)* e *b)* do n.º 1 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual.

5 — O limite máximo a considerar na determinação dos fundos disponíveis, referido no número anterior, constitui igualmente limite máximo para o levantamento de fundos com origem em receitas gerais para os serviços e fundos autónomos, de acordo com as instruções da DGO.

6 — A entidade coordenadora do programa procede mensalmente à distribuição do limite comunicado nos termos do n.º 4 pelas entidades do programa.

7 — O disposto no artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, na sua redação atual, é compatibilizado com os compromissos e fundos disponíveis previstos na Lei n.º 8/2012, de 21 de fevereiro, na sua redação atual, devidamente anualizados, nos termos a definir por portaria do membro do Governo responsável pela área das finanças.

8 — Em 2019, na determinação dos fundos disponíveis dos serviços e organismos da Administração Pública e demais entidades abrangidas pelo âmbito de aplicação da Lei n.º 8/2012, de 21 de fevereiro, na sua redação atual, no quadro de atividades e projetos cofinanciados pelo MFEED 2014-2021, pelo Portugal 2020 e pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), podem ser consideradas as verbas correspondentes a 50 % do valor solicitado em pedidos de reembolso, independentemente de terem sido ou não pagas ou reembolsadas pelos respetivos programas operacionais.

9 — Sendo certificadas ou validadas as faturas incluídas nos pedidos de reembolso a que se refere o número anterior, é este o valor a considerar na determinação de fundos disponíveis, para os efeitos do disposto na subalínea *vi)* da alínea *f)* do artigo 3.º da Lei n.º 8/2012, de 21 de fevereiro, na sua redação atual, e na alínea *f)* do n.º 1 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, deduzido do valor já considerado no número anterior.

Artigo 8.º

Alterações orçamentais ao abrigo da gestão flexível

1 — Os serviços integrados e os serviços e fundos autónomos podem efetuar alterações orçamentais no seu orçamento com recurso à gestão flexível.

2 — Sem prejuízo do disposto no número seguinte, para efeitos da aplicação do presente artigo entende-se por «gestão flexível» as alterações orçamentais entre serviços integrados ou entre serviços e fundos autónomos ou entre aqueles subsectores, dentro de um mesmo programa.

3 — As seguintes alterações orçamentais entre classificações económicas no âmbito do orçamento do serviço ou entre serviços integrados ou entre serviços e fundos autónomos ou entre aqueles subsectores, dentro de um mesmo programa, estão excluídas da gestão flexível:

a) As que tenham como consequência um aumento da despesa, após aplicação dos cativos previstos na lei, sem compensação em receita, no caso dos serviços integrados, ou uma diminuição do saldo global dos serviços e fundos autónomos;

b) As que envolvam uma redução das verbas orçamentadas ou uma redução de verbas de receitas gerais, nas despesas com produtos químicos, farmacêuticos e vendidos nas farmácias, nas dotações relativas a despesas que apresentem pagamentos em atraso, nas despesas decorrentes da implementação do princípio da onerosidade, nos encar-

gos com instalações devidos à ESTAMO — Participações Imobiliárias, S. A., decorrentes da locação de edifícios, nas despesas com a contrapartida pública nacional, nas despesas com os sistemas de informação contabilística ou de recursos humanos, nas despesas com juros e outros encargos, e parcerias público-privadas, nas despesas com o apoio judiciário, bolsas de estudo e inscritas nas dotações 06.02.03.M1 a 06.02.03.M3, nas despesas com pessoal, exceto se compensadas entre os dois subagrupamentos remunerações certas e permanentes e segurança social, caso em que são da competência do dirigente do serviço, e as que envolvam uma redução das verbas financiadas por receitas gerais respeitantes à dotação destinada à reserva para pagamentos em atraso;

c) As que envolvam o reforço, a inscrição, a anulação de dotações ou a abertura de créditos especiais, relativas a ativos, passivos financeiros ou o reforço das dotações para os encargos previstos nas alíneas *c)* e *d)* do artigo 31.º da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas (LTFP), aprovada em anexo à Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, na sua redação atual, por contrapartida de outras rubricas, incluindo as operações previstas no artigo 135.º da Lei do Orçamento do Estado, com exceção das alterações orçamentais que resultem da aplicação do programa SOLARH, regulado pelo Decreto-Lei n.º 39/2001, de 9 de fevereiro, na sua redação atual;

d) As que envolvam saldos de gerência ou dotações do ano anterior cuja utilização seja permitida por lei, salvo as provenientes:

i) De fundos da União Europeia, internacionais e do MFEED no âmbito de apoios concedidos a fundo perdido, desde que sejam aplicados nas mesmas atividades ou projetos para os quais beneficiaram do financiamento;

ii) Dos saldos da Lei de Programação Militar, aprovada pela Lei Orgânica n.º 2/2019, de 17 de junho;

iii) Dos saldos da Lei de Infraestruturas Militares, aprovada pela Lei Orgânica n.º 6/2015, de 18 de maio;

iv) Dos saldos alcançados nas medidas relativas a infraestruturas, armamento e equipamento de proteção individual, nos termos previstos na Lei de programação de infraestruturas e equipamentos das forças e serviços de segurança do Ministério da Administração Interna, aprovada pela Lei n.º 10/2017, de 3 de março; e

v) Dos saldos apurados do Instituto de Proteção e Assistência na Doença, I. P. (ADSE, I. P.), nos serviços de assistência da Guarda Nacional Republicana (GNR) e da Polícia de Segurança Pública (SAD) e na assistência na doença aos militares das Forças Armadas (ADM), nos termos do artigo 224.º da Lei do Orçamento do Estado;

e) As que procedam a reafetações de dotações que tiveram reforço com contrapartida na dotação provisional;

f) As que envolvam as transferências financiadas por receitas gerais, inscritas nos orçamentos das entidades coordenadoras, destinadas às entidades públicas reclassificadas (EPR) a título de indemnizações compensatórias;

g) Qualquer reforço ou anulação de dotações em receita e despesa sem adequada contrapartida;

h) As alterações orçamentais entre entidades que impliquem a redução dos orçamentos de atividades ou projetos em entidades que apresentem necessidades de financiamento, que tenham recorrido a descativação ou que tenham obtido reforço pela dotação provisional.

Artigo 9.º

Alterações orçamentais da competência do membro do Governo responsável pela área das finanças

1 — Estão sujeitas a autorização prévia do membro do Governo responsável pela área das finanças todas as alterações orçamentais:

a) Previstas no n.º 3 do artigo anterior, sem prejuízo do disposto no n.º 1 do artigo seguinte;

b) Que tenham como contrapartida a dotação provisional e outras dotações centralizadas previstas no artigo 9.º da Lei do Orçamento do Estado, sem prejuízo do disposto nos artigos 12.º e 15.º;

c) Que lhe sejam especificamente cometidas por lei;

d) Que se revelem necessárias à execução das medidas de gestão de pessoal da Administração Pública, quando envolvam diferentes programas orçamentais;

e) Que tenham como contrapartida as verbas inscritas para a prossecução das medidas de gestão de pessoal da Administração Pública, quando destinadas a finalidade diferente;

f) Que envolvam reforço do agrupamento 02, sem prejuízo do disposto na alínea c) do n.º 1 do artigo seguinte e no n.º 7 do artigo 4.º da Lei do Orçamento do Estado quanto a situações dependentes da autorização do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial e do disposto no n.º 5 do artigo seguinte;

g) Que tenham sido autorizadas nos termos do artigo 9.º da Lei do Orçamento do Estado, desde que envolvam mais do que um programa orçamental, sem prejuízo do disposto no n.º 3 do mesmo artigo;

h) Que tenham sido autorizadas nos termos do n.º 10 do artigo 9.º da Lei do Orçamento do Estado, envolvendo, ou não, mais do que um programa orçamental, sem prejuízo do disposto no n.º 3 do mesmo artigo.

2 — As alterações a que se refere a alínea h) do número anterior constituem reforços da dotação à ordem do Conselho Superior dos Tribunais Administrativos e Fiscais, a afetar ao pagamento de quantias devidas a título de cumprimento de decisões jurisdicionais, tendo os reforços origem nas retenções efetuadas pela DGO e Direção-Geral das Autarquias Locais (DGAL) para o efeito.

Artigo 10.º

Alterações orçamentais da competência dos membros do Governo responsáveis pelas áreas setoriais e da competência dos serviços

1 — São da competência do membro do Governo responsável por cada área setorial:

a) Todos os atos de gestão flexível relativos a competências do Governo previstas no artigo 51.º da Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, na sua redação atual, aplicável por força do disposto no n.º 2 do artigo 7.º da Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, salvo os atos referidos no artigo anterior;

b) As alterações orçamentais que, nos termos do artigo 9.º da Lei do Orçamento do Estado, sejam da competência do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial, no âmbito do respetivo programa;

c) O reforço do agrupamento 02 — «Aquisição de bens e serviços» do orçamento de atividades, desde que compensado pelo cativo adicional nos termos do disposto no n.º 7 do artigo 4.º da Lei do Orçamento do Estado;

d) No agrupamento 02 — «Aquisição de bens e serviços» do orçamento de atividades, as alterações que visem o reforço das rubricas 020108A000 «Papel», 020213 «Deslocações e estadas», 020214 «Estudos, pareceres, projetos e consultadoria» e 020220 «Outros trabalhos especializados», com contrapartida noutras do mesmo agrupamento económico, exceto nas dotações afetas a projetos e atividades cofinanciados por fundos europeus e internacionais pelo MFEEE, incluindo a respetiva contrapartida nacional, que são da competência dos dirigentes dos serviços integrados e dos serviços e fundos autónomos;

e) As alterações que envolvam as transferências financiadas por receitas gerais, inscritas nos orçamentos das EPR a título de indemnizações compensatórias;

f) O aumento da despesa compensado pela cobrança de receita própria ou consignada, desde que não tenha impacto negativo no saldo global;

g) As alterações que envolvam uma redução das verbas orçamentadas nas despesas com pessoal dos subagrupamentos remunerações certas e permanentes e segurança social, destinadas ao reforço da rubrica 01.02.12 — indemnizações por cessação de funções, podendo esta competência ser delegada nos dirigentes dos serviços integrados e dos serviços e fundos autónomos.

2 — As alterações orçamentais referidas no número anterior no âmbito dos orçamentos dos gabinetes governamentais são da competência do membro do Governo da respetiva área setorial.

3 — São da competência dos dirigentes dos serviços integrados e dos serviços e fundos autónomos os atos de gestão flexível que digam respeito apenas ao respetivo orçamento, nelas se incluindo a entidade responsável pela execução da ação governativa e da gestão administrativa e financeira dos ministérios a que se refere o artigo 30.º, com exclusão dos que carecem de autorização dos membros do Governo responsáveis pela área das finanças e pela respetiva área setorial, sem prejuízo do disposto no artigo 32.º

4 — Dentro de cada ministério, mediante autorização do membro do Governo responsável por cada área setorial, as receitas próprias podem ser reafetadas desde que:

a) Pertencam ao mesmo programa orçamental;

b) Existam, nos termos da lei orgânica do Governo, poderes partilhados sobre serviços, organismos e estruturas dos diferentes membros do Governo, independentemente de envolverem diferentes programas.

5 — Sempre que, nos termos da lei orgânica do Governo, existam poderes partilhados sobre serviços, organismos e estruturas dos diversos membros do Governo, os membros do Governo responsáveis por cada área setorial podem, nos termos do n.º 3 do artigo 9.º da Lei do Orçamento do Estado, proceder a alterações orçamentais, independentemente de envolverem diferentes programas.

6 — As instituições de ensino superior, nestas se incluindo, para efeitos do presente número, as de natureza fundacional previstas no capítulo VI do título III da Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro, são competentes para proceder às alterações orçamentais constantes do n.º 3 do artigo 8.º, da alínea f) do n.º 1 do artigo 9.º e do n.º 1 do presente artigo, desde que em cumprimento da regra do equilíbrio prevista no artigo 25.º da Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, na sua redação atual, aplicável por força do disposto no n.º 2 do artigo 7.º da Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual.

Artigo 11.º

Prioridade e registo de alterações orçamentais

1 — As alterações orçamentais decorrentes de aumento de receitas próprias, incluindo as decorrentes de integrações de saldos, são efetuadas prioritariamente a favor das classificações económicas 01.01 — «Remunerações certas e permanentes» ou 01.03 — «Segurança social», desde que estas registem necessidades de financiamento, e a favor da redução dos pagamentos em atraso.

2 — O registo das alterações orçamentais é efetuado, pelos serviços e organismos, nos sistemas contabilísticos, após o despacho de autorização, só podendo ser registada a inscrição ou o reforço das dotações da despesa após o registo do correspondente movimento de contrapartida que o suporta.

Artigo 12.º

Alterações orçamentais respeitantes a dotações centralizadas

1 — A afetação da dotação prevista no n.º 4 do artigo 9.º da Lei do Orçamento do Estado é efetuada por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, do planeamento, da agricultura e do mar, quando estejam em causa o Programa de Desenvolvimento Rural 2020 ou Programa Operacional Mar 2020, respetivamente, mediante parecer da DGO, que confirme a inexistência de contrapartida pública nacional inscrita no Orçamento do Estado para 2019 ou garantida de outra forma e demais requisitos previstos nos n.ºs 4 e 5 do artigo 9.º da Lei do Orçamento do Estado, e da Agência para o Desenvolvimento e Coesão, I. P. (Agência, I. P.), ou do Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas, I. P. (IFAP, I. P.), quando estejam em causa operações financiadas pelos Programas de Desenvolvimento Rural 2020 ou Programa Operacional Mar 2020, que comprove que as operações em causa têm o cofinanciamento do Portugal 2020 aprovado.

2 — A afetação da dotação prevista nos n.ºs 4 e 13 do artigo 9.º da Lei do Orçamento do Estado, relativamente aos procedimentos autorizados pelos membros do Governo durante o ano 2018, ao abrigo do disposto nos n.ºs 4 e 5 do artigo 10.º da Lei n.º 114/2017, de 29 de dezembro, do artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 33/2018, de 15 de maio, e da Portaria n.º 138/2017, de 17 de abril, efetua-se mediante submissão do pedido pela entidade coordenadora do programa orçamental da área governativa em causa ao membro do Governo responsável pela área das finanças, para reavaliação no prazo de 15 dias.

3 — Para efeitos do acesso à dotação centralizada prevista no n.º 9 do artigo 9.º da Lei do Orçamento do Estado, as entidades que solicitem reforços de dotação de despesa por contrapartida daquela dotação centralizada não podem ter dotações corrigidas inferiores à dotação inicial nas rubricas de despesa para as quais proponham reforço de verbas.

4 — Ficam sujeitas a autorização prévia do membro do Governo responsável pela área das finanças todas as alterações orçamentais que procedam a reduções de dotações que tiveram reforço com contrapartida na dotação centralizada destinada à regularização de passivos não financeiros na Administração central a que se refere o número anterior.

Artigo 13.º

Alterações orçamentais no âmbito do programa de regularização extraordinária dos vínculos precários na Administração Pública

1 — Para efeitos de conclusão do Programa de Regularização Extraordinária dos Vínculos Precários na Administração Pública (PREVPAP) ou outro programa de regularização ao mesmo legalmente equiparado, bem como para efeitos do Decreto-Lei n.º 57/2016, de 29 de agosto, na sua redação atual, as entidades da Administração direta e indireta do Estado e as EPR do setor empresarial do Estado que procedam à abertura de procedimentos de recrutamento dos trabalhadores no âmbito, respetivamente, daquele programa ou regime, realizam as correspondentes alterações orçamentais no âmbito da gestão flexível, designadamente as que se traduzam no reforço das rubricas de classificação económica de despesa dos subagrupamentos 01.01 — «Remunerações certas e permanentes» e 01.03 — «Segurança social», com dispensa do cativo adicional em despesas com pessoal, por contrapartida das rubricas de classificação económica de despesa pelas quais os trabalhadores a recrutar estavam abrangidos na situação de vínculo anterior ao do recrutamento.

2 — Em 2019, no âmbito do disposto no artigo 16.º da Lei n.º 112/2017, de 29 de dezembro, os titulares de «contrato emprego-inserção» ou «contrato emprego-inserção+» mantêm o direito aos apoios financeiros previstos nos artigos 13.º e 14.º da Portaria n.º 128/2009, de 30 de janeiro, na sua redação atual, a serem integralmente suportados pela entidade promotora, tendo como limite o termo do procedimento concursal.

3 — Relativamente aos titulares mencionados no número anterior em que se verifique suspensão ou cessação das prestações de desemprego ou de rendimento social de inserção é atribuída uma bolsa mensal nos seguintes termos:

- a) Aos beneficiários de Rendimento Social de Inserção, de montante equivalente ao montante mensal da prestação;
- b) Aos beneficiários de prestações de desemprego, de montante equivalente ao valor diário da prestação a multiplicar por 30 dias.

4 — O pagamento da bolsa mensal referida no número anterior é efetuado pelas entidades promotoras, tendo como limite o termo do procedimento concursal.

5 — Aos titulares de «contrato emprego-inserção» ou «contrato emprego-inserção+» abrangidos pelo disposto no artigo 16.º da Lei n.º 112/2017, de 29 de dezembro, não é aplicável o disposto nos n.ºs 4 e 5 do artigo 7.º da Portaria n.º 128/2009, de 30 de janeiro, na sua redação atual.

Artigo 14.º

PREVPAP técnicos especializados dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas

Na ausência dos mapas de pessoal a que se refere o artigo 6.º da Lei n.º 112/2017, de 29 de dezembro, e para efeitos da abertura de procedimentos concursais ao abrigo da LTFP para regularização extraordinária de técnicos especializados nos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, é automaticamente considerado o número de postos de trabalho estritamente necessário, no respetivo agrupamento de escolas ou escola não agrupada, para corresponder às necessidades permanentes reconhecidas em pareceres da respetiva Comissão de Avaliação Bipartida, homologados pelos membros do Governo competentes.

Artigo 15.º

Orçamento Participativo Portugal e Orçamento Participativo Jovem Portugal

1 — A afetação da dotação prevista no n.º 1 do artigo 3.º da Lei do Orçamento do Estado a projetos aprovados no âmbito do Orçamento Participativo Portugal (OPP) e do Orçamento Participativo Jovem Portugal (OPJP) efetua-se mediante despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da presidência e da modernização administrativa e das finanças, no caso do OPP, e mediante despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da juventude, no caso do OPJP, nos seguintes termos:

a) Através de autorização de alterações orçamentais de reforço no orçamento da entidade gestora de cada projeto ou no orçamento da entidade coordenadora em que se insere cada projeto aprovado;

b) Quando aplicável, através de autorização posterior de processamento de despesa pela entidade coordenadora mediante transferência para a entidade gestora de cada projeto;

c) As entidades referidas nas alíneas anteriores podem ser públicas, incluindo autarquias e regiões autónomas, ou privadas.

2 — O despacho de autorização mencionado no número anterior inclui obrigatoriamente a identificação do programa, o ministério, o projeto, a entidade gestora de cada projeto e o respetivo valor global.

3 — Quando aplicável, as repartições de encargos são inscritas pela entidade gestora no Sistema Central de Encargos Plurianuais, para o qual se assume autorização, dispensando-se, para este efeito, a publicação de portaria de extensão de encargos, considerando-se também autorizada a transição de saldos dentro do período da repartição e até mais um ano económico da repartição original.

4 — Os eventuais saldos transitam, sendo a aplicação em despesa sujeita a autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças a conferir durante o mês de janeiro.

Artigo 16.º

Acompanhamento da execução dos orçamentos com impacto de género

1 — Para efeitos de acompanhamento da execução dos programas, medidas e atividades submetidas a análise de impacto de género, nos termos do artigo 15.º da Lei do Orçamento do Estado, cada coordenador do programa orçamental deve compilar a informação remetida pelos respetivos serviços e entidades no momento da preparação do orçamento e definir indicadores para a avaliação do impacto de género.

2 — A informação relativa ao orçamento com impacto de género a que se refere o número anterior é enviada pelos coordenadores dos programas orçamentais à Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG) e à DGO, nos termos a definir por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da igualdade e das finanças, que estabelece as orientações para a construção dos indicadores referidos no número anterior.

Artigo 17.º

Programas específicos de mobilidade

1 — Para efeitos do n.º 2 do artigo 19.º da Lei do Orçamento do Estado, a mobilidade de trabalhadores para estruturas específicas que venham a ser criadas em áreas transversais a toda a Administração Pública implica a transferência orçamental dos montantes considerados na dotação da rubrica «Despesas com pessoal» do serviço de origem do trabalhador para o orçamento de despesas com pessoal da estrutura à qual o trabalhador seja afeto.

2 — A transferência mencionada no número anterior efetua-se nos seguintes termos:

a) Caso a despesa no serviço de origem seja financiada através de receitas gerais, através de alterações orçamentais em cada organismo;

b) Caso a despesa no serviço de origem seja financiada através de receitas próprias, através de transferência do montante efetuada pelo serviço de origem a favor da estrutura específica.

3 — Na eventualidade de a despesa com pessoal no serviço de origem ser financiada através de receitas consignadas a fins específicos, o membro do Governo responsável em razão da matéria promove e autoriza as alterações orçamentais no âmbito da sua competência necessárias ao financiamento da despesa com pessoal associada à mobilidade dos trabalhadores em causa previamente à transferência a que se refere o número anterior.

4 — As alterações orçamentais previstas no número anterior são da competência dos membros do Governo responsáveis em razão da matéria.

Artigo 18.º

Entrega de saldos

1 — Os saldos dos serviços integrados e dos serviços e fundos autónomos com origem em receitas gerais são entregues na tesouraria do Estado, no prazo de 15 dias úteis após a publicação do presente decreto-lei, ainda que com prejuízo dos respetivos diplomas orgânicos e dos diplomas que definem os regimes setoriais.

2 — Excetuam-se do disposto no número anterior os saldos:

a) Correspondentes à contrapartida nacional de projetos cofinanciados e receitas próprias provenientes de financiamento internacional;

b) Das instituições de ensino superior, que transitam nos termos do disposto no artigo 114.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro;

c) Previstos nos n.ºs 2 e 3 do artigo 222.º da Lei do Orçamento do Estado;

d) Apurados no âmbito da reorganização da defesa nacional e das Forças Armadas, cuja transição esteja legalmente prevista e seja previamente autorizada pelo membro do Governo responsável pela área das finanças;

e) Das estruturas da rede externa do Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, I. P. (Camões, I. P.);

f) Correspondentes a receitas gerais consignadas e verbas com origem em receitas próprias do Fundo Azul;

g) Do Fundo para o Serviço Público de Transportes, provenientes de receitas gerais, apurados na execução orçamental de 2018.

Artigo 19.º

Transição de saldos

1 — Os saldos de receitas próprias, de receitas gerais consignadas e verbas com origem em receitas próprias do Fundo Azul, do crédito externo e de fundos europeus e internacionais dos serviços integrados e dos serviços e fundos autónomos, incluindo os saldos da ação social escolar no ensino não superior, apurados na execução orçamental de 2018 transitam para 2019.

2 — Os saldos a que se refere o número anterior, desde que não consignados, são abatidos do valor dos reforços efetuados pela dotação provisional processados a favor do serviço no ano anterior, devendo estes montantes ser entregues na tesouraria do Estado no prazo de 15 dias úteis após a publicação do presente decreto-lei, salvo em casos excecionais desde que devidamente fundamentados e autorizados pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

3 — Os saldos a que se refere o n.º 1, desde que não consignados, são abatidos do valor das descativações processadas a favor do serviço no ano anterior, devendo estes montantes ser entregues na tesouraria do Estado no prazo de 15 dias úteis após a publicação do presente decreto-lei, desde que as autorizações para as descativações estejam fundamentadas na não cobrança de receita própria.

4 — Para efeitos do disposto no n.º 1, sempre que os saldos resultem de receitas provenientes do orçamento da segurança social e que não tenham tido origem em receitas gerais do Estado, ou que tenham tido origem em transferências de serviços integrados e serviços e fundos autónomos cujo financiamento foi assegurado pelo orçamento da segurança social, os mesmos não transitam para 2019, devendo ser entregues na tesouraria do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social, I. P. (IGFSS, I. P.), no prazo de 15 dias úteis após a publicação do presente decreto-lei.

5 — Excetua-se do disposto no número anterior a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML).

6 — O saldo apurado na execução orçamental de 2018 da Casa Pia de Lisboa, I. P. (CPL, I. P.), resultante da alienação de património e do seu direito de sucessão em créditos de organismos do Estado extintos e heranças e legados, é integrado no orçamento da CPL, I. P., para o ano de 2019.

7 — O saldo apurado e registado na execução orçamental de 2018 do Fundo de Sustentabilidade Sistémica do Setor Energético é integrado no seu orçamento de 2019.

8 — O saldo orçamental apurado na execução orçamental de 2018, no âmbito do MFEEE 2009-2014 e 2014-2021, resultante dos projetos predefinidos incluídos nos Programas, é integrado nos orçamentos dos serviços executores e gestores, para o ano de 2019, destinando-se a despesas com as áreas programáticas, conforme definidas no Contrato Programa e do *Programme Agreement*, sendo a aplicação em despesa da competência do membro do Governo responsável pela área das finanças, com exceção dos que se enquadrem na alínea a) do n.º 2 do artigo seguinte, caso em que são da competência do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial.

9 — Os saldos referidos no n.º 2 do artigo anterior e no n.º 1 devem ser integrados no Orçamento do Estado, até 30 de junho de 2019.

10 — Os serviços integrados devem devolver à Entidade Contabilística Estado o montante de créditos libertos não utilizados em pagamentos em 2019 até 31 de janeiro de 2020.

11 — Nas instituições do ensino superior que compreendam unidades orgânicas autónomas dotadas de autonomia administrativa e financeira, a verificação do cumprimento da regra do equilíbrio orçamental é feita em relação à instituição como um todo, abrangendo o conjunto daquelas unidades orgânicas, nelas se incluindo os respetivos serviços de ação social, sendo o eventual incumprimento da responsabilidade das unidades orgânicas autónomas que não cumpram com a mencionada regra de equilíbrio.

12 — Para os fins previstos nos n.ºs 2 e 3 do artigo 222.º da Lei do Orçamento do Estado, no que respeita às verbas do Fundo de Apoio aos pagamentos do Serviço Nacional de Saúde (SNS), as entidades devem, previamente, proceder à integração de saldos, para, posteriormente, efetuarem a restituição de saldos a favor da Administração Central do Sistema de Saúde, I. P. (ACSS, I. P.).

Artigo 20.º

Aplicação de saldos

1 — Sem prejuízo do disposto no número seguinte, a aplicação em despesa dos saldos transitados só pode ser efetuada após autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças.

2 — Compete aos membros do Governo responsáveis pelas respetivas áreas setoriais autorizar a aplicação em despesa dos saldos provenientes:

a) Dos fundos europeus e internacionais, desde que sejam aplicados nas mesmas atividades ou projetos;

b) Da Lei de Programação Militar, aprovada pela Lei Orgânica n.º 2/2019, de 17 de junho, dos saldos apurados da ADSE, I. P., SAD e ADM, nos termos do artigo 224.º da Lei do Orçamento do Estado, do n.º 2 do artigo 46.º do Decreto-Lei n.º 118/83, de 25 de fevereiro, na sua redação atual, da Lei de programação de infraestruturas e equipamentos das forças e serviços de segurança do Ministério da Administração Interna, aprovada pela Lei n.º 10/2017, de 3 de março, referentes a medidas relativas a infraestruturas, armamento e equipamento de proteção individual, nos termos previstos na mesma lei, e ainda da Lei de Infraestruturas Militares, aprovada pela Lei Orgânica n.º 6/2015, de 18 de maio, desde que no exercício de 2019 exista contrapartida em receita proveniente da alienação de património ao abrigo da mesma lei e que se observe o saldo orçamental inicial da Lei de Infraestruturas Militares;

c) Das receitas provenientes da atividade consular, quando se confirme a impossibilidade da sua repatriação, nos termos previstos nos n.ºs 4 e 5 do artigo 52.º, desde que no orçamento do MNE seja efetuada uma cativação adicional de igual montante em despesas financiadas por receitas gerais, excluindo despesas com pessoal;

d) Dos empréstimos contraídos no sistema bancário externo junto do Banco Europeu de Investimento e do Banco de Desenvolvimento do Conselho da Europa, desde que aplicados em despesa não efetiva em amortização ou concessão de empréstimos, nomeadamente no âmbito da reabilitação urbana, sem prejuízo de obtenção de autorização prévia do membro do Governo responsável pela área das finanças para assegurar o cumprimento do limite previsto no artigo 135.º da Lei do Orçamento do Estado.

Artigo 21.º**Saldos do capítulo 60 do Orçamento do Estado**

No âmbito do encerramento da conta referida no n.º 2 do artigo 143.º da Lei do Orçamento do Estado, as quantias que não tiverem sido utilizadas devem ser refletidas contabilisticamente na desoneração da despesa da execução orçamental de 2019, utilizando-se os procedimentos contabilísticos mais adequados para o efeito.

Artigo 22.º**Saldos do capítulo 70 do Orçamento do Estado**

No âmbito do encerramento da conta referida no n.º 2 do artigo 144.º da Lei do Orçamento do Estado, as quantias que não tiverem sido utilizadas devem ser refletidas contabilisticamente na desoneração da despesa da execução orçamental de 2019, utilizando-se os procedimentos contabilísticos mais adequados para o efeito.

Artigo 23.º**Cabimentação e compromissos**

1 — Os serviços e organismos da Administração central do Estado registam e mantêm atualizados, nos seus sistemas informáticos, a cabimentação dos encargos prováveis programados para o ano de 2019.

2 — Os serviços e organismos da Administração central do Estado devem manter os sistemas contabilísticos permanentemente atualizados em relação ao registo dos compromissos assumidos.

3 — Em regra, o número do compromisso assumido nos termos do número anterior deve constar da fatura ou outros documentos que titulem transmissões de bens ou serviços.

Artigo 24.º**Prazos para autorização de pagamentos e cobrança de receita**

1 — A data limite para a entrada de pedidos de libertação de créditos e de solicitações de transferência de fundos na DGO é 16 de dezembro de 2019, salvo situações excecionais, devidamente justificadas pelo membro do Governo de cada área setorial e autorizadas pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

2 — No caso da receita proveniente da Contribuição Extraordinária sobre o Setor Energético, a data limite referida no número anterior é 26 de dezembro de 2019, salvaguardadas as situações excecionais mencionadas no número anterior.

3 — Para os serviços integrados e para os serviços e fundos autónomos, a data limite para a emissão de meios de pagamento é 30 de dezembro de 2019, podendo ser efetuadas reemissões de ficheiros de pagamentos reportadas a 31 de dezembro de 2019.

4 — A data-valor efetiva das reemissões de ficheiros de pagamento referidas no número anterior não pode ultrapassar o dia 13 de janeiro de 2020.

5 — Consideram-se caducas todas as autorizações de pagamento que não tenham sido pagas no prazo referido no número anterior.

6 — Nos termos do n.º 3 do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, na sua redação atual, a cobrança de receitas por parte dos serviços integrados, originadas ou autorizadas até 31 de dezembro de 2019, pode ser realizada

até 18 de janeiro de 2020, relevando para efeitos da execução orçamental de 2019, mediante autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças.

Artigo 25.º**Libertação de créditos e solicitações de transferência de fundos**

1 — Os pedidos de libertação de créditos e as solicitações de transferência de fundos referentes a financiamento europeu, processados nos termos do n.º 2 do artigo 17.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, na sua redação atual, devem, para os efeitos do disposto no artigo 18.º do mesmo decreto-lei, ser acompanhados dos comprovativos das correspondentes ordens de pagamento sobre o Tesouro.

2 — O incumprimento do disposto no número anterior ou do disposto na alínea f) do n.º 1 do artigo 32.º constitui motivo de recusa de autorização dos pedidos de libertação de créditos, nos termos dos n.ºs 1 e 2 do artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, na sua redação atual.

3 — O não envio das candidaturas aprovadas ou o não envio de declaração da autoridade de gestão ou de representante de organismo intermédio com indicação do número de candidaturas, data da aprovação e montante global aprovado constitui, igualmente, motivo de recusa dos pedidos de libertação de créditos ou de solicitações de transferências de fundos referentes a despesas que tenham como fonte de financiamento receitas gerais afetas a projetos cofinanciados.

4 — Os serviços e fundos autónomos só podem solicitar transferências de fundos após se encontrarem esgotadas as verbas provenientes de receitas próprias não consignadas a fins específicos e ou as disponibilidades de tesouraria por si geradas, incluindo saldos de gerência transitados e autorizados, devendo os respetivos montantes ser, para o efeito, justificados com base na previsão de pagamentos para o respetivo mês, por subagrupamento da classificação económica.

5 — Os serviços integrados só podem utilizar as dotações inscritas no Orçamento do Estado após esgotadas as suas receitas próprias não consignadas a fins específicos.

6 — No cumprimento do disposto nos n.ºs 4 e 5, exceção às transferências com compensação em receitas próprias e as inscritas no capítulo 50, podem ser cativadas as transferências correntes e de capital para os serviços e fundos autónomos cuja execução orçamental ou em relação aos quais as auditorias realizadas pelo Ministério das Finanças (MF) não demonstrem a necessidade da utilização integral daquele financiamento.

7 — Quando os serviços e as entidades da Administração central tenham obrigação de pagamento de quantias resultantes de decisões jurisdicionais, nos termos previstos no artigo 172.º do Código de Processo nos Tribunais Administrativos, aprovado pela Lei n.º 15/2002, de 22 de fevereiro, na sua redação atual, fica a DGO autorizada a proceder à retenção do montante devido nas transferências do Orçamento do Estado.

8 — Ao longo da execução orçamental, a receita própria arrecadada é a todo o momento afeta às dotações que envolvam as despesas previstas na alínea b) do n.º 3 do artigo 8.º, na proporção do orçamento corrigido, com exclusão das instituições de ensino superior e demais instituições de investigação científica.

Artigo 26.º

Prazos médios de pagamento

1 — Os coordenadores dos programas orçamentais efetuam o acompanhamento dos prazos médios de pagamento e reportam a situação, trimestralmente, aos membros do Governo responsáveis pela área das finanças e pela respetiva área setorial.

2 — Os serviços e os organismos da Administração direta e indireta do Estado e as empresas públicas com um prazo médio de pagamentos superior a 60 dias são obrigados a divulgar, nos respetivos sítios na Internet, e a atualizar, trimestralmente, até ao fim do mês seguinte ao final de cada trimestre, uma lista das suas dívidas certas, líquidas e exigíveis há mais de 30 dias.

3 — A DGO divulga trimestralmente a lista dos serviços e organismos da Administração direta e indireta do Estado, bem como das regiões autónomas, que tenham dívidas com um prazo médio de pagamentos superior a 60 dias.

4 — A DGAL divulga trimestralmente a lista dos municípios que tenham dívidas com um prazo médio de pagamentos superior a 60 dias.

5 — A Unidade Técnica de Acompanhamento e Monitorização do Setor Público Empresarial (UTAM) divulga trimestralmente a lista das empresas públicas que tenham dívidas com um prazo médio de pagamentos superior a 60 dias.

6 — É obrigatória a inclusão, nos contratos de aquisição de bens e serviços celebrados por serviços e organismos da Administração direta e indireta do Estado ou por empresas públicas, da menção expressa às datas ou aos prazos de pagamento, bem como as consequências que, nos termos da lei, advêm dos atrasos de pagamento.

7 — Os organismos obrigam-se a implementar circuitos que garantam não só a eliminação de pagamentos em atraso, como a otimização dos prazos de pagamento, tendo em vista a obtenção de descontos no caso de pronto pagamento.

Artigo 27.º

Fundos de maneo e fundos de viagens e alojamento

1 — Os fundos de maneo a que se refere o artigo 32.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, na sua redação atual, podem ser constituídos por um valor a definir pelos órgãos dirigentes dos serviços e organismos, até ao limite máximo de três duodécimos da respetiva rubrica da dotação do orçamento, líquida de cativos.

2 — Os fundos de viagens e alojamento a que se refere o Decreto-Lei n.º 30/2018, de 7 de maio, podem ser constituídos por um valor a definir pelos órgãos dirigentes dos serviços e organismos, até ao limite máximo de três duodécimos da rubrica de deslocações e estadas da dotação do orçamento, líquida de cativos, sendo o limite máximo anual do fundo correspondente ao limiar europeu vigente à data da aquisição a que se refere a alínea b) do artigo 4.º da Diretiva 2014/24/UE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de fevereiro de 2014, relativa aos contratos públicos, e acrescendo aos fundos previstos no número anterior.

3 — A constituição dos fundos previstos nos números anteriores por montante superior ao referido no número anterior fica sujeita à autorização do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial.

4 — A liquidação dos fundos previstos nos n.ºs 1 e 2 é obrigatoriamente efetuada até 9 de janeiro de 2020, com exceção dos fundos de maneo criados com vista a suportar encargos decorrentes da atividade das Forças Armadas no exterior, bem como do fundo de sustentação e funcionamento criado com vista a suportar as atividades da cooperação técnico-militar nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e Timor-Leste, que devem ser liquidados até 30 de janeiro de 2020.

Artigo 28.º

Adoção e aplicação de referenciais contabilísticos, envio da informação ao Sistema Central de Contabilidade e Contas Públicas e Gestão do Plano de Contas Multidimensional

1 — Todas as entidades pertencentes às Administrações Públicas sujeitas ao Sistema de Normalização Contabilística para as Administrações Públicas (SNC-AP), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 192/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, incluindo as EPR, enviam informação orçamental e económico-financeira ao Sistema Central de Contabilidade e Contas Públicas (S3CP), com a periodicidade e os requisitos especificados nas normas técnicas elaboradas pela Unidade de Implementação da Lei de Enquadramento Orçamental (UniLEO).

2 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, o envio de informação pelos setores local, do ensino básico e secundário e da saúde, ocorre do seguinte modo:

a) A partir de 1 de julho, as entidades pertencentes ao subsetor da Administração local, com reporte de informação em SNC-AP, enviam ao S3CP a informação orçamental e económico-financeira através do sistema central da responsabilidade da DGAL;

b) Os estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário enviam ao S3CP a informação orçamental e económico-financeira através do sistema central da responsabilidade do Instituto de Gestão Financeira da Educação, I. P. (IGEFE, I. P.);

c) As entidades pertencentes ao SNS enviam ao S3CP a informação orçamental e económico-financeira através do sistema central da responsabilidade da ACSS, I. P.

3 — O disposto nos números anteriores não prejudica a possibilidade de, mediante despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças e após parecer da UniLEO, a metodologia decorrente do número anterior ser aplicada a outros sistemas centrais de natureza setorial.

4 — Compete à Comissão de Normalização Contabilística, mediante parecer da DGO, a atualização permanente do Plano de Contas Multidimensional, constante do anexo III ao Decreto-Lei n.º 192/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, nomeadamente através da criação de novas contas, utilizando para o efeito os intervalos com reticências constantes do Plano de Contas Multidimensional, bem como assegurar, no respetivo sítio na Internet, a versão atualizada do Plano de Contas Multidimensional.

5 — O Plano de Contas Multidimensional, atualizado nos termos do número anterior, tem reflexo imediato no Plano de Contas Central do Ministério das Finanças (PCC-MF), disponível no portal da UniLEO, o qual pode contemplar desagregações do Plano de Contas Multidimensional, sendo o mesmo da responsabilidade da UniLEO em articulação com a área da DGO que acompanha as contas nacionais.

6 — As entidades que façam a gestão de planos de contas centrais de natureza setorial podem adaptar o PCC-MF, através da desagregação das contas de movimento deste último, não sendo possível criar contas que não sejam consistentes com as do PCC-MF.

7 — As entidades públicas podem criar contas, respeitando as seguintes regras:

a) Se a entidade estiver sujeita diretamente à aplicação do PCC-MF, pode desagregar as contas de movimento deste plano;

b) No caso de a entidade estar sujeita a um plano de contas central de natureza setorial que decorra dos sistemas referidos nos n.ºs 2 e 3, pode desagregar as respetivas contas de movimento.

8 — A prestação de contas dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário é efetuada pelo IGEFE, I. P., através da consolidação do reporte proveniente dos sistemas locais das referidas escolas.

9 — A prestação de contas das entidades previstas no n.º 1 pode ser efetuada no presente ano, relativamente ao ano transato, nos termos da Resolução n.º 7/2018, publicada no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 6, de 9 de janeiro, sendo que, no caso da prestação de contas dos orçamentos da responsabilidade técnica e logística das secretarias-gerais, é realizada através das seguintes entidades contabilísticas autónomas:

a) Orçamento de funcionamento dos gabinetes dos membros do Governo;

b) Orçamento de funcionamento das secretarias-gerais dos respetivos ministérios e de outras estruturas orgânicas dependentes das secretarias-gerais.

10 — O orçamento e a execução orçamental de cada estrutura orgânica integrada na entidade contabilística referida no número anterior são individualizados em divisão ou subdivisão próprias.

11 — A prestação de contas dos serviços e organismos referidos nos números anteriores é efetuada segundo um regime simplificado, aplicando-se o disposto na Resolução n.º 7/2018, publicada no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 6, de 9 de janeiro.

12 — Durante o ano de 2019, as alterações ao Decreto-Lei n.º 26/2002, de 14 de fevereiro, introduzidas pelos n.ºs 1 a 4 do artigo 156.º do Decreto-Lei n.º 33/2018, de 15 de maio, não são aplicáveis às entidades que, ao abrigo do n.º 5 do mesmo artigo, não as tenham aplicado durante o ano de 2018, devendo as mesmas comunicar esse facto à UniLeo e à DGO.

13 — Quando os princípios da economia, eficiência e eficácia o aconselhem, a proposta de agregação numa única entidade contabilística e a adoção do regime simplificado de prestação de contas pode ser autorizada pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

14 — As EPR cujo encerramento da liquidação ocorra durante o ano de 2019, ocorrendo a sua extinção, ficam dispensadas de aplicar o disposto no Decreto-Lei n.º 192/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, sem prejuízo do cumprimento dos deveres de informação que estiverem em vigor.

15 — O disposto no presente artigo não prejudica as obrigações de prestação de informação previstas no presente decreto-lei.

Artigo 29.º

Adoção de sistemas de informação contabilística

1 — Os serviços integrados mantêm a solução contabilística em uso, designadamente a disponibilizada pela ESPAP, I. P.

2 — Os novos serviços integrados adotam o sistema de informação contabilística disponibilizado pela ESPAP, I. P.

3 — Os serviços integrados e serviços e fundos autónomos que utilizem a solução Gestão de Recursos Financeiros em modo Partilhado usam uma das modalidades disponibilizadas pela ESPAP, I. P.

4 — As eventuais adoções de sistema de informação contabilística não incluídas nos números anteriores podem ser concretizadas através de um sistema de informação integrado que suporte o SNC-AP, desde que garantida a integração da informação nos sistemas orçamentais centrais, acautelando as obrigações de prestação de informação, estabelecidas no presente decreto-lei, bem como os processos relativos aos pedidos de libertação de créditos e às solicitações de transferência de fundos.

5 — A adoção de sistemas de informação nos termos do número anterior está dependente de autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças, após parecer prévio conjunto da DGO e da ESPAP, I. P., cuja instrução deve conter:

a) Demonstração da garantia de integração da informação nos sistemas orçamentais centrais, designadamente da informação orçamental e económico-financeira no que respeita à integração com o S3CP, acautelando as demais obrigações de prestação de informação estabelecidas no presente decreto-lei, bem como os processos relativos às solicitações de transferência de fundos;

b) Justificação da economia, eficiência e eficácia da solução proposta, incluindo obtenção do parecer exigido nos termos do Decreto-Lei n.º 107/2012, de 18 de maio, relativo à adoção de sistemas informáticos, numa ótica de racionalização dos custos em tecnologias de informação e comunicação.

Artigo 30.º

Consolidação orçamental e de prestação de contas

1 — A adoção do modelo de funcionamento de partilha de atividades comuns, a que se refere o artigo 8.º da Lei n.º 4/2004, de 15 de janeiro, na sua redação atual, centrado nas secretarias-gerais e abrangendo as áreas financeira, patrimonial e de recursos humanos, não prejudica a consolidação orçamental no âmbito do MNE, do Ministério da Cultura (MC) e do Ministério da Economia (ME).

2 — A consolidação orçamental referida no número anterior é operacionalizada através da criação de duas entidades contabilísticas autónomas:

a) Em cada ministério, a entidade contabilística «Ação Governativa», que integra as subentidades relativas aos orçamentos dos gabinetes dos membros do Governo;

b) No MNE, a entidade contabilística «Gestão Administrativa e Financeira do Ministério dos Negócios Estrangeiros», que integra as seguintes subentidades:

i) Secretaria-Geral;

ii) Direção-Geral de Política Externa;

iii) Inspeção-Geral Diplomática e Consular;

iv) Direção-Geral dos Assuntos Europeus;

v) Direção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas (DGACCP);
 vi) Embaixadas, consulados e missões;
 vii) Comissão Nacional da UNESCO;
 viii) Visitas de Estado e equiparadas;
 ix) Contribuições e quotas para organizações internacionais;

c) No MC, a entidade contabilística «Gestão Administrativa e Financeira do Ministério da Cultura», que integra as seguintes subentidades:

i) Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais;
 ii) Inspeção-Geral das Atividades Culturais;
 iii) Biblioteca Nacional de Portugal;
 iv) Direção-Geral das Artes;
 v) Academia Portuguesa de História;
 vi) Academia Nacional de Belas Artes;
 vii) Academia Internacional de Cultura Portuguesa;
 viii) Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas;

d) No ME, a entidade contabilística «Gestão Administrativa e Financeira do Ministério da Economia», que integra as seguintes subentidades:

i) Secretaria-Geral;
 ii) Gabinete de Estratégia e Estudos;
 iii) Direção-Geral do Consumidor;
 iv) Direção-Geral das Atividades Económicas;
 v) Autoridade de Segurança Alimentar e Económica;
 vi) Estrutura de Missão Compete 2020.

3 — O modelo de consolidação orçamental da Presidência do Conselho de Ministros (PCM), é operacionalizado através da criação da entidade contabilística «Ação Governativa» correspondente ao gabinete do Primeiro-Ministro e aos gabinetes dos membros do Governo integrados na PCM, e da entidade contabilística «Gestão Administrativa e Financeira da Presidência do Conselho de Ministros», que integra as seguintes subentidades da PCM:

a) Secretaria-Geral da PCM;
 b) Centro de Competências Jurídicas do Estado (JuriAPP);
 c) Centro de Gestão da Rede Informática do Governo (CEGER);
 d) Gabinete Nacional de Segurança;
 e) Sistema de Segurança Interna;
 f) Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG).

4 — As subentidades referidas nas subalíneas das alíneas b), c) e d) do n.º 2 e nas alíneas do número anterior constituem centros de responsabilidades e de custos, respetivamente, das entidades contabilísticas «Gestão Administrativa e Financeira do Ministério dos Negócios Estrangeiros», «Gestão Administrativa e Financeira do Ministério da Cultura», «Gestão Administrativa e Financeira do Ministério da Economia» e «Gestão Administrativa e Financeira da Presidência do Conselho de Ministros».

5 — A Secretaria-Geral do MNE é o serviço responsável pelas entidades contabilísticas «Presidência Portuguesa — PPUE 2021», resultante da criação da Estrutura de Missão para a Preparação da Presidência Portuguesa da União Europeia — PPUE 2021, «Ação Governativa do

MNE» e «Gestão Administrativa e Financeira do Ministério dos Negócios Estrangeiros», que integra as subentidades do MNE referidas na alínea b) do n.º 2.

6 — A Secretaria-Geral do ME é o serviço responsável pelas entidades contabilísticas «Ação Governativa do ME» e «Gestão Administrativa e Financeira do Ministério da Economia», que integra as subentidades do ME referidas na alínea d) do n.º 2.

7 — A Secretaria-Geral da PCM é o serviço responsável pelas entidades contabilísticas «Ação Governativa da PCM», «Gestão Administrativa e Financeira da Presidência do Conselho de Ministros» e «Gestão Administrativa e Financeira do Ministério da Cultura», que integram, respetivamente, as subentidades da PCM referidas no n.º 3 e as subentidades do MC referidas na alínea c) do n.º 2.

8 — Nos demais ministérios é criada uma entidade contabilística «Ação Governativa», que integra as subentidades relativas aos orçamentos dos gabinetes dos respetivos membros do Governo.

9 — A prestação de contas das entidades contabilísticas autónomas referidas nos números anteriores é feita nos termos do n.º 12 do artigo 28.º, sem prejuízo da prestação de contas simplificada, na ótica orçamental, de cada uma das subentidades inseridas no novo modelo organizativo, conforme o regime simplificado previsto no n.º 11 do artigo 28.º

10 — A prestação de contas referente a 2018 das entidades contabilísticas autónomas é feita nos termos do n.º 12 do artigo 28.º, sem prejuízo da prestação de contas simplificada, na ótica orçamental, de cada uma das subentidades inseridas no novo modelo organizativo, conforme o regime simplificado previsto no n.º 11 do artigo 28.º

11 — A liquidação e cobrança de receita proveniente da faturação das subentidades que constituem a entidade contabilística autónoma efetiva-se utilizando o NIF da subentidade Secretaria-Geral.

12 — Para efeitos de execução, prestação de contas e fecho da Conta Geral do Estado de 2018, mantém-se a mesma codificação de programas e títulos orçamentais definidos pela Lei do Orçamento do Estado para 2018.

13 — Os encargos das entidades que transitam do Programa Ambiente para o Programa Planeamento e Infraestruturas, no âmbito do Decreto-Lei n.º 31/2019, de 1 de março, são assegurados com recurso aos respetivos remanescentes das dotações orçamentais existentes na estrutura orgânica anterior, o mesmo sucedendo com o Fundo de Inovação Social, que transita do Programa Governação para o Programa Planeamento e Infraestruturas.

Artigo 31.º

Sistema de Gestão de Receitas

1 — Em cumprimento do disposto no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 301/99, de 5 de agosto, os serviços integrados, constantes de listagem regularmente publicada no sítio da DGO na Internet, devem utilizar o Sistema de Gestão de Receitas, de acordo com as instruções constantes da Circular n.º 1/DGO/2018, de 15 de janeiro, também publicada no sítio da DGO na Internet.

2 — As escolas do ensino básico e secundário ficam isentas da utilização do Sistema de Gestão de Receitas referido no número anterior.

Artigo 32.º

Competências e deveres dos coordenadores dos programas orçamentais

1 — No cumprimento do previsto na Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, na sua redação atual, aplicável por força do disposto no n.º 2 do artigo 7.º da Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, independentemente de envolver diferentes programas, cabe à entidade coordenadora do programa orçamental:

a) Apresentar mensalmente a projeção de despesa para o conjunto do programa, incluindo a validação das previsões mensais dos respetivos organismos;

b) Analisar os desvios de execução orçamental, os respetivos riscos para o conjunto do ano, elaborando para o efeito um relatório mensal de análise do programa, nos termos a definir pela DGO;

c) Definir os indicadores de economia, eficiência e eficácia do programa, nomeadamente os respetivos objetivos e metas;

d) Avaliar o grau de realização dos objetivos do programa, incluindo as respetivas medidas de política, atividades e projetos, bem como produzir os relatórios de acompanhamento e controlo da execução financeira e material;

e) Propor as alterações indispensáveis ao cumprimento dos objetivos do programa orçamental, tendo em conta as competências definidas na lei;

f) Emitir parecer prévio sobre a inscrição de novas medidas, projetos e reinscrições de projetos;

g) Proceder à repartição regionalizada ao nível de Nomenclatura de Unidade Territorial (NUT II) do programa;

h) Preparar o documento técnico de apoio ao relatório previsto no artigo 72.º-A da Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, na sua redação atual, aplicável por força do disposto no n.º 2 do artigo 7.º da Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, e o relatório com os indicadores de resultados respeitante à execução dos programas orçamentais de acordo com os modelos de relato a disponibilizar pela DGO;

i) Emitir parecer prévio sobre as alterações orçamentais que careçam de autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças ou do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial, sendo que nas alterações orçamentais que tenham subjacente reforço orçamental, o parecer prévio deve conter a demonstração inequívoca da necessidade do mesmo e fundamento do não recurso à gestão flexível no âmbito do programa orçamental, de acordo com os modelos de relato a disponibilizar pela DGO;

j) Emitir parecer prévio sobre os processos de natureza orçamental das entidades do programa orçamental que carecem de autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças;

k) Assegurar que a receita arrecadada pelas entidades do Programa Orçamental se encontra integralmente registada nos seus sistemas de contabilidade e tesouraria locais e que essa informação é reportada corretamente nos sistemas centrais orçamentais e de tesouraria do MF, procedendo ao acompanhamento de situações de incumprimento em articulação com a DGO e a Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Pública — IGCP, E. P. E. (IGCP, E. P. E.).

2 — Caso se verifiquem riscos significativos na execução orçamental o coordenador apresenta, numa primeira

fase, um relatório contendo a estratégia de eliminação dos riscos que não implique a descativação de verbas ou reforço pela dotação provisional.

3 — A entidade coordenadora tem o dever de colaborar com o MF, com vista à concretização da orçamentação por programas e à definição do quadro plurianual.

4 — As entidades coordenadoras procedem até ao segundo dia útil após a comunicação da DGO referida no n.º 4 do artigo 7.º, à distribuição, pelas entidades do respetivo programa orçamental, do limite dos fundos disponíveis do programa orçamental.

5 — As entidades coordenadoras procedem mensalmente, até ao décimo dia útil, à validação dos fundos disponíveis, previstos no artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, reportados pelas entidades do programa orçamental.

6 — As entidades coordenadoras dos programas orçamentais constam do anexo I ao presente decreto-lei, do qual faz parte integrante.

Artigo 33.º

Regime aplicável às entidades públicas reclassificadas

1 — As EPR integradas no setor público administrativo como serviços e fundos autónomos regem-se por um regime especial de controlo da execução orçamental, não lhes sendo aplicáveis as regras relativas:

a) À cabimentação da despesa;

b) Às alterações orçamentais, com exceção das que envolvam a diminuição do saldo global, as que envolvam o reforço, a inscrição ou anulação de dotações relativas a ativos ou passivos financeiros, ou que respeitem a descativações, as previstas na alínea b) do n.º 3 do artigo 8.º, dotação provisional ou outras dotações centralizadas;

c) À transição de saldos, com exceção do regime da aplicação de saldos nos termos da alínea d) do n.º 3 do artigo 8.º, do n.º 3 do artigo 19.º e do artigo 20.º;

d) Aos fundos de maneiço previstos no artigo 27.º;

e) À adoção do SNC-AP, para as entidades listadas no anexo II ao presente decreto-lei, do qual faz parte integrante, exceto quanto ao cumprimento dos requisitos legais relativos à contabilidade orçamental e à utilização do plano de contas multidimensional, para efeitos de integração da informação Central de Contabilidade e Contas Públicas;

f) Aos prazos para autorização de pagamentos e cobrança de receita.

2 — As restantes regras previstas no presente capítulo são aplicáveis às EPR a que se refere o número anterior, incluindo as relativas a:

a) Prestação de informação prevista no capítulo respetivo do presente decreto-lei;

b) Unidade de tesouraria;

c) Prestação de informação relativa à previsão mensal de execução.

Artigo 34.º

Regime aplicável às entidades públicas reclassificadas de regime simplificado

1 — Às EPR identificadas no anexo II ao presente decreto-lei, é aplicável o regime previsto no artigo anterior, não lhes sendo aplicáveis as regras relativas:

a) Às previsões mensais de execução, exceto a previsão inicial;

- b) À assunção de encargos plurianuais;
- c) Ao parecer prévio previsto no n.º 1 do artigo 62.º da Lei do Orçamento do Estado;
- d) Ao registo de informação a que se refere o artigo 120.º

2 — As EPR identificadas no anexo II ao presente decreto-lei estão sujeitas à aplicação do regime de classificação económica das receitas e das despesas públicas aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26/2002, de 14 de fevereiro, na sua redação atual, no modelo simplificado definido pela DGO.

Artigo 35.º

Descontos para os subsistemas de saúde

1 — Os descontos para a ADSE, I. P., previstos no artigo 46.º do Decreto-Lei n.º 118/83, de 25 de fevereiro, na sua redação atual, têm lugar mesmo quando não haja prestação de trabalho:

a) Por ocorrência das eventualidades previstas no artigo 52.º da Lei n.º 4/2007, de 16 de janeiro, na sua redação atual, por iniciativa da entidade empregadora, logo que o trabalhador retome a prestação de trabalho, ou por iniciativa do trabalhador durante os períodos de ausência ao trabalho;

b) Por ocorrência das eventualidades previstas no artigo 13.º da Lei n.º 4/2009, de 29 de janeiro, na sua redação atual, através do desconto na respetiva remuneração, ou por dedução de idêntico montante no subsídio pago ao trabalhador, consoante o caso, durante os períodos de ausência ao trabalho.

2 — Para efeitos do disposto na alínea a) do número anterior, o pagamento dos valores devidos é feito em prestações mensais com o limite de 3,5 % da remuneração base.

3 — O disposto nos números anteriores é aplicável aos demais subsistemas de saúde da Administração Pública.

Artigo 36.º

Serviços processadores

Assumem as competências de serviços processadores, durante o ano de 2019, os gabinetes de gestão financeira, as secretarias-gerais e outros departamentos ou serviços que, através do sistema de informação contabilística, procedam a transferências para serviços e fundos autónomos, ou a transferência de verbas, por classificação económica, para serviços integrados.

Artigo 37.º

Entregas relativas aos descontos para o Instituto de Proteção e Assistência na Doença, I. P., e para a Caixa Geral de Aposentações, I. P.

As entregas relativas a retenções destinadas à ADSE, I. P., e à CGA, I. P., são efetuadas através do Documento Único de Cobrança.

Artigo 38.º

Pagamento de prestações, reposição e devolução de montantes indevidamente recebidos

1 — A escrituração das reposições deve efetuar-se de acordo com as instruções emitidas pela DGO.

2 — Para efeitos do disposto no artigo 37.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, na sua redação atual, o montante mínimo de reposição nos cofres do Estado a apurar em conta corrente e por acumulação para o ano de 2019 é de € 20.

3 — O montante mínimo das devoluções por parte do Estado a que se refere o artigo 35.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, na sua redação atual, é de € 10.

4 — Durante o ano de 2019, as entidades que integram o perímetro de consolidação da segurança social, podem optar por reter o pagamento de importâncias devidas por diferencial de prestações, procedendo ao seu pagamento logo que totalize um montante igual ou superior a € 10 por beneficiário e prestação.

5 — Para efeitos no disposto no artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, as retenções efetuadas ao abrigo do disposto no número anterior não são consideradas em mora, não sendo assim enquadradas como pagamentos em atraso, nomeadamente para efeitos do disposto na Lei n.º 8/2012, de 21 de fevereiro, na sua redação atual.

6 — Durante o ano de 2019, as entidades que integram o perímetro de consolidação da segurança social podem optar por não notificar os beneficiários que receberam prestações indevidas de valor inferior a € 25, sendo os valores acumulados durante três anos, findo os quais é realizada a notificação por valor residente em conta corrente.

Artigo 39.º

Dação de bens em pagamento

1 — O regime de dação de bens em pagamento constante dos artigos 87.º, 201.º e 202.º do Código de Procedimento e de Processo Tributário, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 433/99, de 26 de outubro, na sua redação atual, é aplicável, com as necessárias adaptações, ao pagamento, mesmo que parcial, de todas as dívidas ao Estado, ainda que não se encontrem abrangidas por processo de execução fiscal.

2 — Os bens aceites em pagamento podem ser alienados ou onerados por qualquer das formas previstas na lei, podendo, designadamente, ser entregues para realizar capital social e outras prestações, ou ser objeto de locação financeira.

3 — Nos contratos de locação financeira celebrados nos termos do número anterior, podem o Estado e as restantes entidades públicas ceder entre si ou a uma sociedade de locação financeira a sua posição contratual.

4 — Os bens aceites em pagamento podem ser afetos a serviços e organismos públicos, ficando cativos nos respetivos orçamentos as importâncias correspondentes às reduções de encargos decorrentes dessa afetação.

5 — A aplicação das medidas previstas nos números anteriores depende, no caso de dívidas ao Estado, de despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças e, no caso de dívidas a outras entidades públicas, de despacho do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial.

6 — Existindo decisão judicial que determine a restituição de um montante correspondente a uma dívida ao Estado extinta por dação de bens em pagamento, essa restituição deve ser realizada através de despesa a suportar pela entidade responsável pela cobrança, carecendo das autorizações inerentes à operacionalização deste tipo de despesa.

Artigo 40.º

Pagamento de despesas decorrentes de acidentes de trabalho e de doenças profissionais

Em 2019, os n.ºs 2 e 3 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 503/99, de 20 de novembro, na sua redação atual, são suspensos, sendo ripristinadas as normas que permitem à Secretaria-Geral do MF continuar a pagar diretamente aos interessados as despesas decorrentes de acidentes de trabalho e de doenças profissionais, sem prejuízo dos pagamentos já efetuados até à entrada em vigor do presente decreto-lei.

Artigo 41.º

Regras sobre veículos

1 — A aquisição, permuta e aluguer, por prazo superior a 60 dias seguidos ou interpolados, bem como a locação operacional de veículos com motor para transporte de pessoas e de bens, pelos serviços do Estado, incluindo todos os serviços e fundos autónomos, carecem de autorização prévia do membro do Governo responsável pela área das finanças, com exceção dos procedimentos:

a) Que já tenham sido previamente autorizados por portaria de extensão de encargos;

b) Destinados às funções de defesa nacional, de segurança e à frota automóvel da Polícia Judiciária, do GNS, do Sistema de Informações da República Portuguesa e da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, quando afetos exclusivamente ao exercício de poderes de soberania ou de autoridade, considerando-se como tal as funções de natureza militar, de policiamento, de vigilância, de patrulhamento, de transporte de informação classificada, material criptográfico e equipamentos de cibersegurança, as de apoio aos serviços de inspeção e de investigação e as de fiscalização de pessoas e de bens nas zonas de fronteira aérea, marítima e terrestre;

c) Relativos a veículos com características específicas de operacionalidade para prevenção e combate a incêndios afetos Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC), ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I. P. (ICNF, I. P.), e à Agência para a Gestão Integrada dos Fogos Rurais, I. P.;

d) Relativos a veículos de emergência médica, ambulâncias e veículos afetos exclusivamente à prestação de cuidados domiciliários no âmbito de entidades do SNS;

e) Relativos a veículos a afetar a projetos de cooperação e ajuda pública ao desenvolvimento, desde que a utilizar nos respetivos países parceiros;

f) Destinados às funções de defesa nacional e financiados pela Lei de Programação Militar, aprovada pela Lei Orgânica n.º 2/2019, de 17 de junho;

g) Relativos a veículos da SCML, necessários à prossecução dos seus fins estatutários;

h) Relativos a veículos do SUCH — Serviço de Utilização Comum dos Hospitais (SUCH), necessários à prossecução dos seus fins estatutários.

2 — Durante o ano de 2019, por cada aquisição onerosa de veículo novo para o Parque de Veículos do Estado (PVE), são abatidos no mínimo dois veículos em fim de vida ou de contrato, nos termos do artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 170/2008, de 26 de agosto, na sua redação atual, num prazo máximo de 30 dias a contar da data de entrega do veículo novo, salvo quanto:

a) Aos veículos a que se referem as alíneas b), c), d) e e) do número anterior, relativamente às quais por cada aquisição onerosa de veículo novo para o PVE é abatido no mínimo um veículo em fim de vida ou de contrato;

b) Aos casos de aquisição onerosa de veículos 100 % elétricos, relativamente aos quais é abatido 1 veículo em fim de vida ou de contrato;

c) Aos veículos que se refere a alínea f) do número anterior, relativamente aos quais não se aplica a regra do abate mínimo de veículos em fim de vida ou de contrato;

d) Aos veículos, cuja despesa tenha sido autorizada pelas Resoluções do Conselho de Ministros n.ºs 11-A/2018, de 7 de fevereiro, 49/2018, de 30 de abril, e 8/2019, de 10 de janeiro, relativamente aos quais não se aplica a regra do abate mínimo de veículos em fim de vida ou de contrato;

e) Aos veículos a que se refere a alínea c) do número anterior e aos adquiridos pela ANEPC para o reequipamento da Força Especial de Bombeiros e para a sua estrutura operacional, relativamente aos quais não se aplica a regra do abate mínimo de veículos em fim de vida ou de contrato;

f) Aos veículos que integram as unidades móveis de serviços públicos de proximidade com competências multisserviços, designadas por Espaço Cidadão Móvel, adquiridas e geridas pela Agência para a Modernização Administrativa, I. P. (AMA, I. P.), relativamente aos quais não é abatido qualquer veículo em fim de vida ou de contrato.

3 — Na aplicação do disposto nos números anteriores, podem ser considerados os veículos existentes no âmbito do ministério ou área governativa a que pertence o serviço ou organismo adquirente.

4 — As empresas do setor empresarial do Estado podem adquirir ou locar veículos para a frota operacional que sejam imprescindíveis à sua atividade, desde que estejam previstos nos respetivos planos de atividades e orçamento ou mediante autorização dos membros do Governo responsáveis pela área das finanças e pela respetiva área setorial.

5 — A aquisição ou locação de veículos pelas empresas do setor empresarial do Estado não abrangidos pelo número anterior carece de autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças, após parecer prévio da ESPAP, I. P..

6 — Para efeitos da emissão do parecer a que se refere o número anterior, as empresas devem remeter à ESPAP, I. P., os seguintes elementos:

a) Demonstração de que os encargos com a aquisição ou locação dos veículos em causa estão incluídos nos respetivos planos de atividades e orçamento;

b) Demonstração da redução de encargos com a frota automóvel resultante do contrato a celebrar;

c) Informação detalhada, no que respeita à comparação de encargos de uma nova aquisição com os veículos a abater;

d) Demonstração da vantagem económica da aquisição em relação à contratação em regime de aluguer operacional de veículos.

7 — A ESPAP, I. P., remete à UTAM, até 31 de janeiro, um relatório anual sobre todas as adjudicações efetuadas nos termos do número anterior, identificando os procedimentos que não tenham obtido parecer favorável.

8 — Em casos excecionais, devidamente fundamentados, pode ser autorizada a aquisição de veículos sem observância das regras previstas nos n.ºs 2 e 3, mediante despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças.

9 — Pode ser autorizada a aquisição de veículos, para as áreas setoriais da segurança social e da saúde, sem observância da regra estabelecida no n.º 2 do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 170/2008, de 26 de agosto, na sua redação atual, mediante despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças.

10 — O incumprimento do reporte ou a não atualização da informação no Sistema de Gestão do Parque de Veículos do Estado (SGPVE) pelas entidades vinculadas ao regime jurídico do PVE, previsto no n.º 1 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 170/2008, de 26 de agosto, na sua redação atual, e no n.º 2 do artigo 9.º do Regulamento n.º 329/2009, de 30 de julho, relativamente aos anos de 2018 e 2019, determina a comunicação, por parte da ESPAP, I. P., do referido incumprimento ao dirigente máximo da entidade vinculada e ao membro do Governo responsável pela respetiva área setorial, dispondo a entidade de um prazo de 15 dias para o cumprimento das mencionadas obrigações.

11 — O incumprimento das obrigações decorrentes dos diplomas identificados no número anterior, por parte das entidades vinculadas, relativamente aos anos de 2018 e 2019, determina a suspensão de qualquer processo aquisitivo no âmbito do PVE até que se verifique o seu cumprimento.

12 — Em casos excecionais, devidamente fundamentados, pode ser autorizada a continuidade do processo aquisitivo no âmbito do PVE nas condições referidas no número anterior, mediante despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças.

13 — Os veículos de serviços gerais previstos no artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 170/2008, de 26 de agosto, na sua redação atual, destinam-se exclusivamente a satisfazer as necessidades de transporte, normais e rotinadas, dos serviços, não podendo, em regra, ser afetos a determinado trabalhador ou dirigente.

14 — O incumprimento do disposto no número anterior pode fazer incorrer os seus autores em responsabilidade civil, financeira e disciplinar.

15 — As viaturas para uso dos serviços periféricos externos do MNE, as viaturas a afetar a projetos de cooperação para o desenvolvimento e ajuda humanitária e m países parceiros, e as destinadas a uso pelas estruturas da rede externa do Camões, I. P., ficam dispensadas do disposto no n.ºs 1 e 2 do presente artigo, não se lhes aplicando igualmente o regime constante dos Decretos-Leis n.ºs 170/2008, de 26 de agosto, e 37/2007, de 19 de fevereiro, nas suas redações atuais.

16 — Nos termos do reporte ou atualização da informação no SGPVE pelas entidades vinculadas ao regime jurídico do PVE, nos termos previstos no n.º 2 do artigo 9.º do Regulamento 329/2009, de 30 de julho, as entidades proprietárias de veículos com mais de 20 anos de data de registo inicial de matrícula e com uma quilometragem média inferior a 6 000 km/ano devem proceder ao seu abate junto da ESPAP, I. P., exceto se comprovarem a capacidade operacional dos mesmos mediante obtenção do respetivo despacho favorável pela ESPAP, I. P.

Artigo 42.º

Autorizações no âmbito de despesas com deslocações

1 — Durante o ano de 2019, os despachos a que se referem o n.º 2 do artigo 33.º do Decreto-Lei n.º 106/98, de 24 de abril, na sua redação atual, o n.º 2 do artigo 2.º e o n.º 2 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 192/95, de 28 de julho, na sua redação atual, são da competência do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial.

2 — As autorizações referidas no número anterior devem obedecer às orientações fixadas na Resolução do Conselho de Ministros n.º 51/2006, de 5 de maio.

3 — Durante o ano de 2019, aos trabalhadores do Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA, I. P.), em missão de monitorização a bordo dos navios de investigação no âmbito das campanhas oceanográficas, são abonadas ajudas de custo diárias, na sua totalidade.

Artigo 43.º

Indemnizações compensatórias

Sem prejuízo do disposto no Decreto-Lei n.º 167/2008, de 26 de agosto, na sua redação atual, às empresas prestadoras de serviço público que ainda não tenham celebrado contrato com o Estado podem ser atribuídas indemnizações compensatórias por resolução do Conselho de Ministros, a publicar durante o primeiro semestre de 2019.

Artigo 44.º

Transferências para fundações

1 — Todas as transferências para fundações, a que se refere o artigo 13.º da Lei do Orçamento do Estado, por parte das entidades referidas no artigo 2.º da Lei de Enquadramento Orçamental, aprovada em anexo à Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, com exceção das regiões autónomas e das autarquias locais, carecem de parecer prévio, a ser emitido no prazo máximo de 20 dias a partir da data da sua solicitação, da Inspeção-Geral de Finanças (IGF), nos termos a regular por portaria do membro do Governo responsável pela área das finanças.

2 — A não emissão, após o prazo previsto, do parecer prévio referido no número anterior gera os efeitos previstos no n.º 5 do artigo 92.º do Código do Procedimento Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015, de 7 de janeiro.

3 — Todas as transferências para fundações, a que se refere o artigo 13.º da Lei do Orçamento do Estado, dependem, ainda, de verificação, por parte da entidade transferente, que a fundação está inscrita no registo previsto no artigo 8.º da Lei-Quadro das Fundações, aprovada em anexo à Lei n.º 24/2012, de 9 de julho, na sua redação atual.

4 — O registo a que faz referência o n.º 3 do artigo 8.º da Lei-Quadro das Fundações, aprovada em anexo à Lei n.º 24/2012, de 9 de julho, na sua redação atual, é, até ao desenvolvimento de um registo único específico, conferido pela inscrição no Ficheiro Central de Pessoas Coletivas, para efeitos da verificação prevista na alínea a) do n.º 5 do artigo 13.º da Lei do Orçamento do Estado, devendo ser disponibilizada pelo Instituto dos Registos e Notariado, I. P. (IRN, I. P.), uma listagem atualizada e integral de fundações na qual esteja identificada a correta natureza jurídica da fundação.

Artigo 45.º

Disposições específicas para a celebração de contratos de empreitada

1 — Pode adotar-se o procedimento do concurso público urgente, previsto nos artigos 155.º e seguintes do Código dos Contratos Públicos (CCP), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 18/2008, de 29 de janeiro, na sua redação atual, na celebração de contratos de empreitada, desde que:

a) Se trate de um projeto ou atividade cofinanciado por fundos europeus ou fundos internacionais não reembolsáveis;

b) O valor do contrato seja inferior ao referido na alínea a) do n.º 3 do artigo 474.º do CCP;

c) O critério da adjudicação seja na modalidade prevista na alínea b) do n.º 1 do artigo 74.º do CCP.

2 — Sem prejuízo do disposto no artigo 156.º do CCP, ao procedimento de concurso público urgente adotado ao abrigo do número anterior é aplicável o disposto nos artigos 88.º a 91.º do CCP, quanto à exigência de caução.

3 — Ao procedimento de concurso público urgente adotado ao abrigo do n.º 1 é aplicável o prazo mínimo de 15 dias para apresentação de propostas.

4 — Durante o ano económico de 2019, podem efetuar-se, com recurso a procedimentos de negociação ou consulta prévia, até aos limiares europeus, as despesas a realizar pela Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM) e pelas Autoridades Portuárias com a celebração de contratos de empreitada necessários para a realização de obras de carácter urgente de proteção portuária e de dragagens, quando o valor dos contratos a celebrar exceda o limite referido na alínea c) do artigo 19.º do CCP.

5 — Podem efetuar-se, durante o ano económico de 2019, com recurso a procedimentos de negociação ou consulta prévia, até aos limiares europeus, as despesas a realizar pela Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, E. P. E. (AICEP, E. P. E.), com a celebração de contratos de empreitada necessários à construção do pavilhão de Portugal na Expo Dubai 2020.

6 — Durante o ano económico de 2019, podem efetuar-se com recurso a procedimentos de negociação ou consulta prévia, até aos limiares europeus, as despesas a realizar pela ANEPC com a celebração de contratos de empreitada relativos à sua sede.

7 — Podem efetuar-se, durante o ano económico de 2019, com recurso ao procedimento de ajuste direto até limiares europeus as despesas a realizar pelas entidades da área do planeamento e das infraestruturas com o desenvolvimento de atividades de limpeza das faixas de gestão de combustível em todo o território nacional, seja através de empreitadas, seja através de aquisição de bens e serviços, ficando igualmente dispensadas do disposto no artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado e do disposto no artigo 113.º do CCP.

8 — O disposto no presente artigo é igualmente aplicável ao subsector local.

Artigo 46.º

Autorização para a assunção de compromissos plurianuais

1 — Para efeitos de autorização para a assunção de compromissos plurianuais, o limite temporal estabelecido na alínea b) do n.º 1 do artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 197/99,

de 8 de junho, na sua redação atual, é alargado para quatro anos económicos no caso de contratos cujo prazo de execução seja de até 36 meses.

2 — Para efeitos de autorização para a assunção de compromissos plurianuais relativos a contratos financiados maioritariamente por fundos europeus ou fundos internacionais recebidos por Portugal a fundo perdido, com candidatura aprovada, o limite de valor estabelecido na alínea b) do n.º 1 do artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de junho, na sua redação atual, é aumentado para € 1 000 000, em cada um dos anos económicos seguintes ao da abertura do procedimento, desde que a contrapartida nacional seja no máximo de € 200 000 em cada um dos anos económicos seguintes ao da abertura do procedimento.

3 — Para efeitos de autorização para a assunção de compromissos plurianuais o limite de valor estabelecido na alínea b) do n.º 1 do artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de junho, na sua redação atual, é aumentado para € 300 000, quando se destine à celebração de contratos com idêntico objeto de contrato vigente em 2018, desde que se encontrem reunidos os seguintes requisitos cumulativos:

a) O preço base anualizado do procedimento para a formação do contrato não exceda, em 6 %, 4 % ou 3 %, o preço contratual anualizado de 2018 para contratos com prazo de execução, respetivamente, de 36 meses, inferior a 36 meses e igual ou superior a 24 meses, ou inferior a 24 meses;

b) O critério de adjudicação, seja na modalidade prevista na alínea b) do n.º 1 do artigo 74.º do CCP ou, no caso de se tratar de aquisição ao abrigo de acordo quadro, o critério previsto no acordo quadro da ESPAP, I. P., da Serviços Partilhados do Ministério da Saúde, E. P. E. (SPMS, E. P. E.), ou do SUCH;

c) O procedimento para formação do contrato seja o concurso público ou o concurso público limitado por prévia qualificação, ou esteja em causa uma aquisição centralizada ao abrigo de acordo quadro da ESPAP, I. P., da SPMS, E. P. E., ou do SUCH.

4 — Em 2019 a autorização para a assunção de encargos plurianuais prevista no n.º 2 do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, pelos serviços ou entidades que não tenham pagamentos em atraso, é da competência do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial, com a faculdade de delegação, desde que os encargos sejam maioritariamente financiados por fundos europeus ou internacionais não reembolsáveis, sem prejuízo da competência atribuída aos órgãos de direção nos termos do n.º 5 do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual.

5 — Em 2019, a autorização para a assunção de encargos plurianuais prevista no n.º 2 do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, pelas empresas do setor empresarial do Estado abrangidas pelo âmbito de aplicação da Lei n.º 8/2012, de 21 de fevereiro, na sua redação atual, é da competência do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial, com a faculdade de delegação, sem prejuízo da competência atribuída aos órgãos de direção nos termos do n.º 5 do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual.

6 — Em 2019, os membros do Governo responsáveis pelas áreas da cultura e da saúde, no que respeita, respetivamente, às entidades que integram o SNS e ao Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais, têm

competência, com faculdade de delegação, para autorizar a assunção de encargos plurianuais prevista no n.º 2 do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual.

7 — As autorizações para a assunção de encargos plurianuais até € 10 000 000 maioritariamente financiados por fundos europeus ou relativos a aquisições de serviços recorrentes com idêntico objeto de contrato vigente no ano anterior, que dependam da intervenção do membro do Governo responsável pela área das finanças, são conferidas no prazo de 30 dias a contar da data de entrada do pedido na DGO, desde que o processo reúna todos os requisitos legalmente previstos.

8 — A assunção de encargos plurianuais fica sujeita a um único processo de autorização, apenas necessitando de nova autorização no caso de reprogramação não abrangida na autorização anterior.

9 — Carece apenas da autorização do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial a reprogramação de encargos plurianuais, previamente autorizados nos termos do n.º 1 do artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de junho, na sua redação atual, traduzida no alargamento do período temporal da despesa referente a contrato a executar, desde que não seja ultrapassado o prazo de execução do contrato abrangido pela autorização anterior e o valor total da despesa autorizada.

10 — A reprogramação referida no número anterior deve ser objeto de registo no Sistema Central de Encargos Plurianuais a que se refere o artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, e a autorização deve ser conferida através de portaria.

11 — O disposto no presente artigo aplica-se às entidades da Administração central.

12 — O disposto nos n.ºs 5 e 6 do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, que aprova os procedimentos necessários à aplicação da Lei dos Compromissos e dos Pagamentos em Atraso, aplica-se também às EPR que assumam a forma de sociedade anónima.

Artigo 47.º

Disposições específicas para a celebração de contratos de aquisição de bens e serviços

1 — Ficam dispensadas da aplicação do artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado as despesas com aquisição de serviços que tenham financiamento europeu ou internacional, designadamente financiamento da NATO, de natureza não reembolsável, com candidatura aprovada.

2 — Ficam igualmente dispensados da aplicação do artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado os contratos a celebrar ou a renovar pelas empresas do setor empresarial do Estado que não sejam EPR.

3 — Ficam dispensadas do disposto no n.º 2 do artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado as despesas com aquisições de serviços cujos encargos plurianuais tenham sido autorizados pelo membro do Governo responsável da área das finanças.

4 — Fica dispensada do cumprimento do disposto no n.º 2 do artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado a celebração de contratos de aquisição de serviços com idêntico objeto de contrato vigente em 2018, desde que reunidos os seguintes requisitos cumulativos:

a) O preço base anual ou anualizado do procedimento para a formação do contrato não exceda em 3 % o preço contratual anualizado de 2018;

b) O critério de adjudicação seja na modalidade prevista na alínea b) do n.º 1 do artigo 74.º do CCP;

c) O procedimento para formação do contrato a utilizar seja o concurso público ou concurso público limitado por prévia qualificação.

5 — Ficam, ainda, dispensados do cumprimento do disposto no n.º 2 do artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado, os pagamentos a favor da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A..

6 — A dispensa do cumprimento do disposto nos n.ºs 1 e 2 do artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado, nos termos do n.º 4 do mesmo artigo, pode ser conferida globalmente a um conjunto de contratos.

7 — As autorizações e pareceres prévios vinculativos referidos no n.º 4 do artigo 60.º e no n.º 1 do artigo 62.º da Lei do Orçamento do Estado consideram-se deferidos se sobre os mesmos não houver pronúncia do membro do Governo responsável pela área das finanças no prazo de 45 dias contados, respetivamente, a partir da data da entrada do processo na DGO ou na Direção-Geral da Administração e do Emprego Público (DGAEP).

8 — A competência prevista no n.º 3 do artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado pode ser objeto de delegação no dirigente máximo do serviço com competência para contratar, desde que devidamente assegurada e demonstrada a compensação necessária para efeitos do cumprimento do disposto no n.º 1 do mesmo artigo.

9 — A celebração ou renovação de contratos de aquisição de serviços que conduzam a um acréscimo global anual até ao limite de € 20 000 face ao ano anterior por entidade está excecionada da autorização prévia prevista nos n.ºs 1 a 3 do artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado, salvo quanto aos contratos de prestação de serviços previstos no artigo 62.º da mesma lei.

10 — Não são aplicáveis as regras previstas no artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado às novas entidades, às entidades em processo de reestruturação em 2018 e 2019 ou relativamente às quais não exista referencial anual para efeitos de comparação.

11 — Ficam dispensadas do disposto no artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado:

a) As aquisições de serviços financeiros relacionados com o pagamento de prestações sociais e de cobrança de receitas da segurança social, com o Fundo de Compensação do Trabalho, com o Fundo de Garantia de Compensação do Trabalho, com o Regime Público de Capitalização e com a transação, liquidação, custódia e comissões, bem como a aquisição de serviços necessários à gestão dos ativos, incluindo o registo e gestão de informação por parte do IGFSS, I. P., e do Instituto de Gestão de Fundos de Capitalização da Segurança Social, I. P. (IGFCSS, I. P.), no âmbito das suas atribuições e da administração do património dos fundos sob a sua gestão;

b) Excecionalmente, em 2019, as aquisições de serviços para a organização da Conferência Mundial de Ministros da Juventude, a realizar pelos serviços e organismos tutelados pelo membro do Governo responsável pela área da juventude;

c) Excecionalmente, em 2019, as aquisições de serviços para as ações a desenvolver relativas ao *Ocean Meeting*, *Biomarine Business Conference*, *European Maritime Day*, *International Meeting of the High Level Panel for a Sustainable Ocean Economy* e *United Nations Ocean Conference*, a realizar pelos serviços e organismos tutelados pelo

membro do Governo responsável pela área do mar, para as Comemorações do V Centenário da Circum-Navegação comandada pelo navegador português Fernão de Magalhães (2019-2022) a realizar pela respetiva Estrutura de Missão;

d) As aquisições de serviços necessárias à construção de um novo estabelecimento prisional em Ponta Delgada, as financiadas pelo Fundo criado pelo Decreto-Lei n.º 14/2011, de 25 de janeiro, na sua redação atual, bem como as aquisições no âmbito do programa Justiça + Próxima;

e) As aquisições dos serviços periféricos externos do MNE, incluindo os serviços da AICEP, E. P. E.;

f) As aquisições de serviços realizadas no âmbito do OPP;

g) As aquisições de serviços, realizadas pela Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional, para com a reparação, indemnização ou intervenção em situação de emergência ambiental, no âmbito da proteção civil ou questões de manutenção urgente e garantia de segurança de pessoas e bens na Base das Lajes;

h) As aquisições de serviços de peritagem relacionadas com as inspeções a acidentes a realizar pelo Gabinete de Prevenção e Investigação de Acidentes com Aeronaves e Acidentes Ferroviários, nos casos excecionais de ocorrência de acidentes;

i) As aquisições de serviços cuja despesa tenha sido autorizada pelas Resoluções do Conselho de Ministros n.ºs 11-A/2018, de 7 de fevereiro, e 49/2018, de 30 de abril, e no âmbito das ações e trabalhos de gestão de combustível previstos no Decreto-Lei n.º 124/2006, de 28 de junho;

j) As aquisições de serviços realizadas no âmbito da estratégia de modernização administrativa da Segurança Social, denominada «Segurança Social Consigo», a efetuar pelo Instituto de Informática, I. P. (II, I. P.), desde que financiadas por receitas próprias do Orçamento da Segurança Social;

k) As aquisições de serviços, diretas ou acessórias, necessárias à realização de espetáculos de natureza artística e à produção de programas destinados a emissão por parte de entidades de radiodifusão, pelas entidades públicas empresariais do Estado da área da cultura;

l) As aquisições de serviços necessárias à realização do Recenseamento Agrícola de 2019 e do Censos 2021;

m) As aquisições de serviços, no âmbito do Plano Estratégico de Nacional de Segurança Rodoviária, aprovado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 85/2017, de 19 de junho, a efetuar pela Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária;

n) As aquisições de serviços a efetuar pela ANEPC, no âmbito da prevenção de incêndios, que sejam necessárias ao desenvolvimento das medidas previstas na Estratégia Nacional para uma Proteção Civil Preventiva, aprovada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 160/2017, de 30 de outubro, ou à implementação da reestruturação decorrente da nova lei orgânica.

12 — Podem efetuar-se, durante o ano económico de 2019, com recurso a procedimentos de negociação ou consulta prévia, até aos limiares europeus:

a) As despesas com aquisição de bens e serviços destinados aos Deficientes das Forças Armadas, desde que decorram exclusivamente de prescrição médica obrigatória, no âmbito da atividade assistencial desenvolvida pelo Hospital das Forças Armadas;

b) As despesas com aquisições de bens e serviços no âmbito do projeto de ajustamento do mapa judiciário, as destinadas à melhoria do funcionamento dos serviços da justiça no âmbito do programa Justiça + Próxima, as financiadas pelo Fundo criado pelo Decreto-Lei n.º 14/2011, de 25 de janeiro, na sua redação atual, bem como as necessárias à construção de um novo estabelecimento prisional em Ponta Delgada;

c) As despesas com aquisições de bens e serviços a realizar pelo IFAP, I. P., quando necessárias à execução dos programas da União Europeia de intervenção pública, no âmbito da Política Agrícola Comum;

d) As despesas com aquisições de bens e serviços a realizar pela DGRM e pelas Autoridades Portuárias, quando necessárias para a realização de obras de caráter urgente de proteção portuária e de dragagens, quando o valor dos contratos a celebrar exceda os limites referidos na alínea a) do artigo 19.º e na alínea a) do n.º 1 do artigo 20.º do CCP;

e) As despesas com aquisições de bens e serviços e realizar pelo Camões, I. P., enquanto entidade promotora ou executante, no âmbito de projetos de cooperação para o desenvolvimento e ajuda humanitária;

f) As despesas com a montagem de transações relativas a participações sociais em empresas de que o Estado é, direta ou indiretamente, acionista, incluindo a oferta pública e a subscrição de valores mobiliários, a tomada firme e respetiva colocação e demais operações associadas, quando o adjudicatário seja uma das empresas pré-qualificadas a que se refere o artigo 5.º da Lei n.º 11/90, de 5 de abril, na sua redação atual;

g) As despesas a realizar pelo IGFSS, I. P., e pela Direção-Geral do Tesouro e Finanças (DGTF) com a aquisição de serviços relacionados com a regularização, avaliação, alienação e arrendamento de imóveis, relativos ao seu património imobiliário não afeto ao regime de habitação social;

h) As despesas a realizar pela AICEP, E. P. E., com a aquisição de bens e serviços no âmbito da participação portuguesa na Expo Dubai 2020;

i) As despesas com a aquisição de bens e serviços no âmbito da organização e execução da edição de 2019 do evento *Web Summit*;

j) As despesas com aquisição de bens e serviços, com financiamento maioritariamente europeu, no âmbito das Estruturas de Missão do Programa Operacional Temático Capital Humano e do Programa Operacional Temático Inclusão Social e Emprego, incluindo no âmbito do Programa Operacional de Apoio às Pessoas Mais Carenciadas, criadas pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 73-B/2014, de 16 de dezembro, e dos organismos intermédios dos referidos programas operacionais;

k) A aquisição de serviços cofinanciados pelos programas do Portugal 2020 ou por outros fundos europeus relativos à contratação, pela Agência, I. P., pelas autoridades de gestão e pelos organismos intermédios, de peritos externos independentes para emissão de pareceres no âmbito dos procedimentos de análise, seleção, decisão de candidaturas a projetos com financiamento da União Europeia e de acompanhamento da respetiva execução;

l) As despesas do ICNF, I. P., relativamente aos procedimentos que respeitem diretamente à execução do Plano de Ação Nacional de Controlo do Nemátodo da Madeira do Pinheiro, bem como os procedimentos relativos ao abate e destroçamento de árvores com sintomas de declínio;

m) As despesas com aquisição de serviços financiadas maioritariamente pelo MFEED;

n) As despesas realizadas pelos serviços e entidades tutelados pelo membro do Governo responsável pela área do mar no âmbito das iniciativas *Ocean Meeting*, *Biomarine Business Conference*, *European Maritime Day*, *International Meeting of the High Level Panel for a Sustainable Ocean Economy* e *United Nations Ocean Conference*, e para Comemorações do V Centenário da Circum-Navegação comandada pelo navegador português Fernão de Magalhães (2019-2022) realizadas pela respetiva Estrutura de Missão;

o) As despesas a realizar pelo IPMA, I. P., com a celebração de contratos de aquisição de bens e serviços, destinados à gestão dos seus navios de investigação, incluindo a satisfação do rol de matrícula dos navios de investigação Mar Portugal, Noruega e Diplodus em terra, e na operação em campanhas, no âmbito de projetos de investigação ou Programa Nacional de Amostragem Biológica;

p) As despesas com aquisição de bens e serviços relacionadas com o Plano Nacional Antidopagem e com o funcionamento do Laboratório de Análises de Dopagem;

q) As despesas com a aquisição ou a locação, sob qualquer regime, a instalação e a operacionalização de bens e serviços de informática a efetuar no âmbito da estratégia de modernização administrativa da Segurança Social, denominada «Segurança Social Consigo», a efetuar pelo II, I. P., desde que financiadas por receitas próprias do Orçamento da Segurança Social;

r) Os procedimentos com vista a operacionalizar a Resolução do Conselho de Ministros n.º 14/2019, de 21 de janeiro, que aprova os projetos da terceira geração de prevenção e restauro de *habitats* em áreas protegidas, bem como a conceção e execução de campanhas de prevenção e sensibilização em matéria de defesa da floresta contra incêndios por parte do ICNF, I. P.

13 — Pode efetuar-se, durante o ano económico de 2019, com recurso a procedimento por ajuste direto, até aos limiares europeus:

a) A aquisição de serviços de vigilância eletrónica para o incremento dos já existentes em razão do aumento do número de vigiados e da nova tipologia de serviço de vigilância eletrónica, decorrentes da entrada em vigor da Lei n.º 94/2017, de 23 de agosto, com consulta ao atual prestador de serviços;

b) A aquisição de serviços cuja despesa tenha sido autorizada pelas Resoluções do Conselho de Ministros n.ºs 11-A/2018, de 7 de fevereiro, e 49/2018, de 30 de abril, e no âmbito das ações e trabalhos de gestão de combustível previstos no Decreto-Lei n.º 124/2006, de 28 de junho;

c) A aquisição de serviços médicos e de medicina, designadamente serviços de cirurgia, diagnóstico e terapêutica e exames especiais no âmbito do sistema de certificação e recuperação de incapacidades por doenças profissionais.

14 — Às aquisições de serviços previstas nas alíneas a) e c) do número anterior não se aplicam as limitações constantes do n.º 2 do artigo 113.º do CCP.

15 — As aquisições de serviços previstas nos n.ºs 6 e 7 do artigo 62.º da Lei do Orçamento do Estado, bem como a celebração de contratos de aquisição de serviços nas modalidades de tarefa e avença pelas instituições de ensino superior, não estão sujeitas à emissão da declaração a que se refere o n.º 5 do artigo 34.º do regime da valorização

profissional dos trabalhadores com vínculo de emprego público, aprovado em anexo à Lei n.º 25/2017, de 30 de maio, na sua redação atual.

16 — O Camões, I. P., na contratação de bens e serviços, destinados a serem entregues ou prestados fora do território nacional, no âmbito de projetos, programas e ações de cooperação para o desenvolvimento, fica igualmente dispensado das obrigações inerentes à qualidade de entidade compradora vinculada, nos termos do disposto no Decreto-Lei n.º 37/2007, de 19 de fevereiro, na sua redação atual.

17 — Excecionalmente, durante o ano de 2019, pode adotar-se o procedimento do concurso público urgente, previsto nos artigos 155.º e seguintes do CCP, até aos limiares europeus, para a aquisição de bens e serviços com vista à organização e execução da Conferência Mundial de Ministros da Juventude.

18 — As entidades da Administração central e local podem recorrer ao procedimento de ajuste direto simplificado até ao montante de € 10 000,00 para adquirir bens alimentares, desde que fornecidos por detentores do Estatuto de Agricultor Familiar.

Artigo 48.º

Procedimento prévio à contratação de estudos, pareceres, projetos e consultoria

1 — Para cumprimento do n.º 2 do artigo 61.º da Lei do Orçamento do Estado, o dirigente máximo do serviço com competência para contratar, verificada a impossibilidade de os estudos, pareceres, projetos e consultoria ou outros trabalhos especializados serem realizados por recursos próprios, apenas tem de consultar as entidades do respetivo programa orçamental com competências na área específica a contratar, sem prejuízo da necessidade de consulta das entidades cuja consulta seja obrigatória por lei, designadamente o CEGER, em matéria de certificação eletrónica, a AMA, I. P., em matéria de modernização e simplificação administrativa e administração eletrónica, bem como o JurisAPP, em matéria de serviços jurídicos.

2 — Verificada a impossibilidade de satisfação das necessidades por via dos recursos mencionados no n.º 1, compete às entidades consultadas a emissão de declaração nos termos e para os efeitos previstos no n.º 2 do artigo 61.º da Lei do Orçamento do Estado.

3 — Decorrido o prazo de 10 dias seguidos sobre a data de apresentação do pedido, sem que sobre ele seja emitida pronúncia, considera-se demonstrada a impossibilidade de satisfação do mesmo por parte das entidades abrangidas pelo respetivo programa orçamental.

4 — A contratação de serviços jurídicos externos cujo objeto seja o patrocínio judiciário deve ser comunicada, no prazo de 10 dias, ao JurisAPP, que procede ao respetivo registo, nos termos da alínea a) do n.º 4 do artigo 18.º do Decreto-Lei n.º 149/2017, de 6 de dezembro.

5 — O dirigente máximo do serviço com competência para contratar pode efetuar o pedido a que se refere o n.º 1 relativamente ao conjunto de aquisições necessárias ao desenvolvimento do plano de atividades, enviando para o efeito a respetiva listagem das necessidades específicas de contratação, a calendarização e fundamentação para esta necessidade, sendo neste caso o prazo para pronúncia de 30 dias seguidos, decorridos os quais se considera demonstrada a impossibilidade de satisfação do pedido.

6 — A elaboração de estudos, pareceres, projetos e serviços de consultoria, bem como quaisquer trabalhos

especializados no âmbito dos sistemas de informação não se encontra sujeita ao disposto no artigo 61.º da Lei do Orçamento do Estado, quando diga diretamente respeito à missão e atribuições da entidade.

7 — Para efeitos do disposto no presente artigo, os estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário não são considerados entidades abrangidas pelo programa orçamental 011 — ensino básico e secundário e administração escolar, atenta a especificidade de gestão deste programa, conforme o previsto nos artigos 68.º a 73.º, e a aplicação a estas entidades do regime de administração financeira do Estado, nos termos do n.º 1 do artigo 2.º

8 — As aquisições dos serviços periféricos externos do MNE ficam dispensadas do cumprimento do artigo 61.º da Lei do Orçamento do Estado.

9 — O disposto no presente artigo não é aplicável às empresas públicas do setor empresarial do Estado, às quais se aplica o disposto no artigo seguinte.

10 — O artigo 61.º da Lei do Orçamento do Estado, com exceção dos n.ºs 3 e 4, não é aplicável a estudos, pareceres, projetos e serviços de consultoria ou outros trabalhos especializados efetuados ao abrigo da lei de programação de infraestruturas e equipamentos das forças e serviços de segurança do Ministério da Administração Interna, aprovada pela Lei n.º 10/2017, de 3 de março, independentemente da fonte de financiamento associada.

Artigo 49.º

Contratação de estudos, pareceres, projetos e consultoria por empresas públicas do setor empresarial do Estado

1 — Nas empresas públicas do setor empresarial do Estado, a decisão de contratar a aquisição de serviços cujo objeto sejam estudos, pareceres, projetos e serviços de consultoria ou outros trabalhos especializados de natureza intelectual, incluindo a renovação de eventuais contratos em vigor, apenas pode ser tomada em situações excecionais devidamente fundamentadas e desde que demonstrada a impossibilidade de satisfação das necessidades através de recursos próprios ou de empresas que se encontrem em relação de grupo.

2 — Quando os serviços referidos no número anterior, excluindo a representação judiciária e o mandato forense, incidam em matéria económico-financeira ou jurídica, de natureza iminentemente estratégica, nomeadamente no âmbito de operações de reestruturações, fusões e aquisições, alienação de participações ou de ativos, relação com entidades supervisoras e com a União Europeia e outras Instituições Europeias, os órgãos de administração das empresas públicas do setor empresarial do Estado solicitam à PARPÚBLICA — Participações Públicas, SGPS, S. A. (PARPÚBLICA), a prestação de consultoria técnica para a realização desses serviços, mediante fundamentação da impossibilidade de os referidos serviços serem supridos internamente e a sua indispensabilidade para a concretização do objeto social da empresa.

3 — Nos termos do número anterior, a PARPÚBLICA pode, mediante disponibilidade própria e em articulação com o órgão de administração da empresa solicitante, assegurar diretamente a prestação da consultoria solicitada ou promover os procedimentos internos tendentes à satisfação dos pedidos que lhe tenham sido dirigidos, podendo os respetivos contratos ser celebrados em nome e por conta dessas empresas públicas, ou comunicar a

impossibilidade de satisfação do pedido, caso em que os mesmos regressam à esfera de competência do órgão de administração da empresa solicitante.

4 — O disposto nos números anteriores não se aplica nas situações em que as empresas públicas fundamentem perante a PARPÚBLICA a inconveniência de recorrer à aquisição de serviços por intermédio desta, às instituições de crédito integradas no setor empresarial do Estado e qualificadas como entidades supervisionadas significativas na aceção do ponto 16) do artigo 2.º do Regulamento (UE) 468/2014, do Banco Central Europeu, de 16 de abril de 2014, às empresas públicas financeiras de capital exclusiva ou maioritariamente público, bem como às entidades públicas empresariais da área da cultura e das empresas públicas da área do mar, casos em que a mesma é efetuada pelos respetivos órgãos de administração.

5 — Tendo em vista a otimização económico-financeira dos contratos cuja celebração lhe haja sido solicitada nos termos do n.º 3, bem como a promoção da gestão do conhecimento no âmbito do setor empresarial do Estado, o conselho de administração da PARPÚBLICA pode, designadamente:

a) Promover a constituição ou a atualização das suas bolsas de prestadores qualificados para a respetiva execução;

b) Instituir e gerir plataformas de cooperação e de partilha de conhecimento em rede entre as empresas públicas do setor empresarial do Estado, podendo ser criados incentivos à melhoria da eficiência, de natureza financeira ou não financeira, nos termos de portaria a aprovar pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

6 — No exercício das competências previstas no presente artigo, a PARPÚBLICA é anualmente remunerada pela consultoria prestada nos termos de portaria a aprovar pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

7 — As empresas públicas do setor empresarial do Estado devem evidenciar o cumprimento do procedimento regulado no presente artigo no respetivo relatório e contas.

8 — O descrito no presente artigo não dispensa as empresas públicas do setor empresarial do Estado do cumprimento do disposto na alínea b) do n.º 4 do artigo 18.º do Decreto-Lei n.º 149/2017, de 6 de dezembro.

SECÇÃO II

Disposições específicas

SUBSECÇÃO I

Programa da Representação Externa

Artigo 50.º

Gestão financeira do Programa de Representação Externa

1 — As receitas provenientes de reembolsos de bolsas da União Europeia ficam consignadas às despesas de co-opeção com encargos com bolseiros.

2 — Mantêm-se em vigor, durante o ano de 2019, as disposições constantes dos n.ºs 1 e 2 do despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas dos negócios

estrangeiros e das finanças, de 31 de janeiro de 1995, relativo aos serviços externos do MNE.

3 — Em 2019, os serviços externos temporários do MNE continuam a reger-se pelo regime jurídico definido no Decreto Regulamentar n.º 5/94, de 24 de fevereiro, para os serviços externos permanentes.

4 — Mantêm-se em vigor, durante o ano de 2019, as disposições que permitam assegurar o regime jurídico de autonomia administrativa atribuído aos Serviços Periféricos Externos do MNE, conjugado com as disposições previstas na alínea b) do n.º 2 do artigo 30.º do presente decreto-lei, relativas à consolidação orçamental da entidade contabilística «Gestão Administrativa e Financeira do Ministério dos Negócios Estrangeiros».

Artigo 51.º

Regras respeitantes a despesas

1 — Em 2019, as despesas a satisfazer por conta das dotações inscritas no orçamento de despesa do MNE, relativas a «Visitas de Estado e equiparadas», realizam-se com dispensa das formalidades legais e são reguladas por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas dos negócios estrangeiros e das finanças.

2 — Em 2019, cabe à Secretaria-Geral do MNE a autorização, o processamento e o pagamento das despesas com o pessoal dos serviços externos a que se refere o Decreto-Lei n.º 47/2013, de 5 de abril, na sua redação atual.

3 — Durante o ano de 2019, são fixadas, por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e, consoante os casos, dos negócios estrangeiros ou do turismo, as regras para a autorização de despesas com alojamento, deslocações e ações de promoção:

a) De delegações estrangeiras no âmbito do projeto do Centro Comum de Vistos em Cabo Verde e do projeto do Centro Comum de Vistos em São Tomé e Príncipe;

b) A realizar no âmbito da estratégia e desenvolvimento das ações de promoção da AICEP, E. P. E., e do Instituto do Turismo de Portugal, I. P. (Turismo de Portugal, I. P.).

4 — As despesas a efetuar com o transporte de pessoas e bens no âmbito do movimento diplomático por conta das dotações inscritas em subdivisão própria do orçamento da entidade contabilística «Gestão Administrativa e Financeira do Orçamento do Ministério dos Negócios Estrangeiros» do MNE e do Fundo para as Relações Internacionais, I. P. (FRI, I. P.), ficam isentas das formalidades legais aplicáveis, no início e no fim de cada comissão de serviço ou no caso de deslocação urgente por indicação do membro do Governo responsável pela área dos negócios estrangeiros.

5 — As despesas a efetuar com as deslocações e alojamento no âmbito das atividades de representação externa por conta das dotações inscritas em subdivisão própria dos orçamentos do MNE, ficam excecionadas da aplicação do disposto na parte II do CCP.

6 — As dotações resultantes de despesas a efetuar por conta de ações extraordinárias de política externa, conforme previstas na alínea f) do n.º 2 do artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 10/2012, de 19 de janeiro, e devidamente aprovadas pelo membro do Governo responsável pela área dos negócios estrangeiros, podem ser objeto de transferência direta pelo FRI, I. P., a favor do organismo ou entidade beneficiária das mesmas.

Artigo 52.º

Regras respeitantes a receitas

1 — As receitas provenientes do subarrendamento, cedência ou ónus sobre espaços e de patrocínios no âmbito de eventos organizados pelos serviços periféricos externos do MNE ficam consignadas às suas despesas de funcionamento e de conservação de imóveis do Estado Português no exterior.

2 — As receitas provenientes de devoluções de taxas e impostos indiretos pagos na aquisição de bens e serviços correntes e na aquisição de bens de capital nos mercados locais, pelos serviços externos do MNE, financiadas por verbas do orçamento do FRI, I. P., constituem receita deste organismo.

3 — As receitas provenientes de cofinanciamentos de programas, projetos e ações de cooperação, através de instituições especializadas da União Europeia, outras organizações ou agências internacionais, ou por outros Estados, ficam consignadas às respetivas despesas.

4 — As receitas provenientes da atividade consular, quando se confirme a impossibilidade da sua repatriação com regularidade, por motivos alheios ao MNE, podem ser utilizadas no financiamento da atividade de funcionamento, investimento e apoio social dos postos no país onde as mesmas têm origem, incluindo a aplicação de saldos do ano anterior nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 20.º, em que carece de aprovação do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial.

5 — Quando da aplicação de taxas de câmbio por entidades externas não subsumíveis nas regras cambiais definidas pelo Banco de Portugal resulte para o MNE, por motivos que lhe são alheios, uma perda substancial superior a 50 % da receita arrecadada, as receitas provenientes da atividade consular podem ser utilizadas no financiamento da atividade de funcionamento, investimento e apoio social dos postos no país onde as mesmas têm origem, sendo em tal situação aplicável, com as necessárias adaptações, o disposto na alínea c) do n.º 2 do artigo 20.º

6 — A título excecional, quando da aplicação de taxas de câmbio fixadas pelo Banco de Portugal resulte para o MNE, por motivos que lhe são alheios, uma perda substancial superior a 50 % da receita que seria arrecadada, podem os postos aplicar, na atividade de atendimento consular, a taxa de câmbio praticada localmente que seja mais ajustada a evitar as perdas referidas.

Artigo 53.º

Regras respeitantes a saldos

1 — Os saldos das receitas referidas no n.º 1 do artigo 50.º, apurados no ano económico de 2018, transitam para 2019 e ficam consignados às respetivas despesas.

2 — Os saldos das transferências efetuadas pelo FRI, I. P., transitam para 2019.

3 — No âmbito da organização da cimeira da NATO, os encargos não pagos em 2011 podem ser liquidados em 2019 com os saldos das verbas atribuídas ao orçamento do MNE em 2010 e transitados para o orçamento de 2018.

4 — Os saldos das transferências efetuadas no âmbito de projetos plurianuais para o desenvolvimento, investigação e cooperação desenvolvidos pelo Camões, I. P., transitam para 2019.

Artigo 54.º

Regras respeitantes a projetos de cooperação

1 — As dotações orçamentais destinadas a projetos e ações de cooperação para o desenvolvimento, passíveis de contabilização em ajuda pública ao desenvolvimento, só podem ser executadas após a emissão de parecer prévio vinculativo do Camões, I. P..

2 — O Camões, I. P., promove, em articulação com a DGO, a obtenção dos dados necessários para o acompanhamento da execução das verbas afetas aos projetos e ações de cooperação para o desenvolvimento.

3 — As ajudas de custo em projetos de cooperação são fixadas por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas dos negócios estrangeiros e das finanças.

4 — As dotações orçamentais do Camões, I. P., financiadas por receita superior ao orçamentado com origem em transferências de entidades externas, nomeadamente do setor privado, tendo em vista a criação de uma linha de financiamento para projetos de apoio à reconstrução de Moçambique, fazem parte do respetivo orçamento disponível, transitando o saldo para o ano seguinte.

Artigo 55.º

Regras respeitantes à Direção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas

1 — Fica a DGACCP autorizada a cobrar receita pelo ato de reconhecimento da assinatura de funcionários consulares portugueses e por atestar a assinatura de funcionário das missões diplomáticas e consulares acreditadas em Portugal.

2 — A receita prevista no número anterior fica consignada às despesas de funcionamento da DGACCP.

Artigo 56.º

Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia

1 — Encontram-se isentas das formalidades legais aplicáveis as despesas relativas à aquisição de bens e serviços e empreitadas, bem como outros contratos e procedimentos a celebrar pela Estrutura de Missão criada através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 51/2019, de 6 de março, designadamente as que envolvam autorizações, pareceres, condições ou comunicações.

2 — As aquisições de bens e serviços e empreitadas previstas no número anterior podem ser efetuadas com recurso ao procedimento de ajuste direto até aos limiares previstos nas alíneas a) a c) do artigo 4.º da Diretiva 2014/24/UE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de fevereiro de 2014, no seu valor atual, não sendo aplicáveis as limitações constantes dos n.ºs 2 a 4 do artigo 113.º do CCP.

3 — As dotações afetas à Estrutura de Missão criada através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 51/2019, de 6 de março, encontram-se inscritas no orçamento do MNE em divisão autónoma com a designação «Presidência Portuguesa — PPUE 2021».

Artigo 57.º

Novas iniciativas de caráter excecional

1 — Fica o MNE, através do FRI, I. P., e da Gestão Administrativa e Financeira do Orçamento do MNE, autorizado a criar as condições e desenvolver as iniciativas que venham a revelar-se necessárias, no quadro do plano

de contingência para a saída do Reino Unido da União Europeia, bem como todas as que se registem em situação de emergência, calamidade ou desastres públicos, nomeadamente junto da República de Moçambique e Venezuela.

2 — Com vista a assegurar o cumprimento do disposto no número anterior, pode ser autorizada a contratação de bens e serviços bem como empreitadas, com recurso ao procedimento por ajuste direto, independentemente do valor dos contratos a celebrar, até aos limiares europeus.

3 — Os procedimentos e contratos mencionados nos números anteriores ficam dispensados da aplicação dos artigos 60.º e 61.º da Lei do Orçamento do Estado, dos n.ºs 2 a 5 do artigo 113.º do CCP e dos pareceres e autorizações prévios legalmente previstos.

SUBSECÇÃO II

Programa da Defesa

Artigo 58.º

Gestão financeira do Programa da Defesa

1 — As dotações para missões humanitárias e de paz, bem como dos observadores militares não enquadráveis nestas missões, inscritas no orçamento do Ministério da Defesa Nacional (MDN), são movimentadas por despacho do membro do Governo responsável pela área da defesa nacional, prevendo transferências entre capítulos daquele orçamento, com vista a afetar ao Estado-Maior-General das Forças Armadas e aos ramos das Forças Armadas os montantes necessários à cobertura dos encargos a incorrer no âmbito das citadas missões.

2 — A dotação inscrita para a Lei do Serviço Militar no orçamento do MDN é movimentada por despacho do membro do Governo responsável pela área da defesa nacional, prevendo as transferências entre capítulos daquele orçamento, com vista a afetar aos ramos das Forças Armadas os montantes necessários à cobertura dos encargos decorrentes das atividades a desenvolver naquele âmbito.

3 — As alterações orçamentais entre capítulos do orçamento do MDN decorrentes da reestruturação dos estabelecimentos fabris das Forças Armadas, da integração de entidades a extinguir, da aplicação do n.º 3 do artigo 147.º do Decreto-Lei n.º 90/2015, de 29 de maio, na sua redação atual, da reorganização da defesa nacional e das Forças Armadas, das alienações e reafetações dos imóveis afetos às Forças Armadas, são realizadas por despacho do membro do Governo responsável pela área da defesa nacional.

4 — A assunção de encargos decorrentes de operações de locação financeira durante o ano de 2019, nos termos do artigo 139.º da Lei do Orçamento do Estado, depende de autorização do membro do Governo responsável pela área da defesa nacional.

5 — A transferência de verbas para a CGA, I. P., prevista na alínea d) do n.º 6 do artigo 9.º da Lei do Orçamento do Estado, depende de despacho do membro do Governo responsável pela área da defesa nacional.

SUBSECÇÃO III

Programa da Saúde

Artigo 59.º

Gestão financeira do Programa da Saúde

1 — No âmbito da execução do orçamento de investimento do Ministério da Saúde (MS), e para execução

de projetos considerados estratégicos para a política de saúde, ficam a ACSS, I. P., e as administrações regionais de saúde autorizadas a efetuar, mediante a celebração de protocolo, transferências para as entidades públicas empresariais do SNS.

2 — Pode ser definido, por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da saúde, um regime especial mais simplificado de autorização para a assunção de encargos plurianuais pelas entidades que integram o SNS, e para aquisições de bens e serviços inerentes às atribuições específicas da área da saúde, independentemente dos requisitos estabelecidos nos n.ºs 5 e 6 do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual.

Artigo 60.º

Regime remuneratório específico de trabalho extraordinário ou suplementar no setor da saúde

1 — O somatório do número de horas extraordinárias e de prestação de serviços médicos contratados pelos estabelecimentos que integram o SNS e os serviços regionais de saúde não pode ser superior ao registado no trimestre homólogo, em cada um desses serviços, exceto em casos autorizados pelo membro do Governo responsável pela área da saúde e com conhecimento do membro do Governo responsável pela área das finanças.

2 — As entidades a que se refere o número anterior são obrigadas a reportar informação mensal sobre o número de horas extraordinárias e de prestações de serviços médicos, e sobre a despesa que lhes está associada, para a DGO e para a ACSS, I. P.

3 — Os atos praticados em violação dos números anteriores são nulos e determinam responsabilidade civil, financeira e disciplinar por parte dos gestores das entidades abrangidas pelo regime estabelecido no presente decreto-lei.

Artigo 61.º

Aquisição de serviços médicos e celebração de contratos-programa

1 — Durante o ano de 2019, o valor máximo por hora de trabalho a pagar pela aquisição de serviços médicos não pode, em caso algum, ser superior ao valor hora mais elevado previsto na tabela remuneratória aplicável aos trabalhadores integrados na carreira médica ou especial médica.

2 — Em casos excecionais devidamente fundamentados e previamente autorizados pelo membro do Governo responsável pela área da saúde, pode o preço hora a pagar pela aquisição de serviços médicos ser superior ao referido no número anterior.

3 — Durante o ano de 2019, as administrações regionais de saúde podem celebrar contratos-programa com as entidades pertencentes à rede nacional de prestação de cuidados de saúde, desde que previamente autorizados pelos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da saúde, sendo aplicável aos mesmos as disposições do artigo 209.º da Lei do Orçamento do Estado.

Artigo 62.º

Cuidados paliativos

1 — Os estabelecimentos de saúde integrados no setor público empresarial e as administrações regionais de

saúde estão dispensados do cumprimento do disposto no artigo 60.º da Lei do Orçamento do Estado relativamente à celebração de contratos de aquisição de serviços no âmbito dos cuidados paliativos, quando financiados integralmente por entidades privadas e do setor social e titulados por protocolos celebrados com entidades públicas para cumprimento das políticas de saúde constantes do Programa do Governo.

2 — As entidades referidas no número anterior devem comunicar ao membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública, até ao final do mês seguinte àquele em que foram adjudicados, os contratos celebrados ou renovados nos termos do presente artigo.

Artigo 63.º

Contratação de médicos aposentados

Em 2019, nos termos do n.º 1 do artigo 50.º da Lei do Orçamento do Estado, as autorizações para o exercício de funções públicas ou de prestação de trabalho remunerado por parte de médicos aposentados em serviços ou estabelecimentos do SNS, independentemente da sua natureza jurídica, são conferidas mediante despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, da administração pública e da saúde, que fixa o contingente anual de médicos aposentados que podem ser contratados, considerando as especiais carências dos serviços ou estabelecimentos e das áreas de especialidade.

Artigo 64.º

Contratação de trabalhadores por empresas do setor público empresarial do SNS

1 — O recrutamento de trabalhadores pelas empresas do setor público empresarial integradas no SNS, tendo em vista a substituição de trabalhadores com funções assistenciais, é da competência do respetivo órgão máximo de gestão quando esteja em causa:

a) A celebração de contratos de trabalho a termo resolutivo incerto para substituição dos trabalhadores temporariamente ausentes, previsivelmente por período igual ou superior a 120 dias, mediante apresentação de documento que ateste a referida previsibilidade;

b) A celebração de contratos de trabalho sem termo para substituição de trabalhadores que cessem funções a título definitivo, designadamente, por aposentação, reforma ou denúncia de contrato de trabalho.

2 — Nos casos previstos no número anterior, devem ser observados os seguintes requisitos cumulativos:

a) O recrutamento encontra-se sujeito ao princípio do recrutamento de um trabalhador por cada trabalhador a substituir;

b) As contratações realizadas não podem implicar o aumento do número de trabalhadores, nem, salvaguardada a especificidade inerente à proteção na doença no regime de proteção social convergente, de encargos com pessoal;

c) Deve ser assegurado o cumprimento do disposto nas alíneas a) a d) do n.º 5 do artigo 157.º

3 — No que se refere aos trabalhadores médicos, não é aplicável a alínea b) do n.º 1, sendo o recrutamento para substituição de trabalhadores que cessem funções a título definitivo e outras necessidades não previstas na alínea a) do n.º 1 objeto de regime próprio.

4 — As entidades públicas empresariais integradas no SNS estão dispensadas do cumprimento do artigo 157.º relativamente à celebração de contratos de trabalho a termo, quando a atividade a desenvolver e encargos com pessoal associados sejam financiados integralmente por entidades privadas e do setor social e sejam titulados por protocolos celebrados com entidades públicas para cumprimento das políticas de saúde constantes do Programa do Governo.

5 — As entidades públicas empresariais integradas no SNS devem comunicar mensalmente aos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da saúde os contratos celebrados ou renovados nos termos do presente artigo.

Artigo 65.º

Preços a praticar junto do Serviço Nacional de Saúde pelo setor convencionado e pelos responsáveis pela colocação no mercado de dispositivos médicos

1 — Por razões de interesse público ou de regulação do mercado, e em condições a regulamentar por portaria, o membro do Governo responsável pela área da saúde pode determinar, relativamente ao setor convencionado e aos responsáveis pela colocação no mercado de dispositivos médicos, consoante o mais adequado a cada área, a prática de:

- a) Deduções sobre os preços contratualizados com as entidades do SNS;
- b) Descontos a refletir em cada fatura, líquida de IVA, emitida às entidades do SNS;
- c) Reduções dos preços contratualizados com as entidades do SNS.

2 — Podem ser celebrados acordos entre o Estado Português, representado pelo MS, e as associações representativas do setor convencionado e dos responsáveis pela colocação no mercado de dispositivos médicos referidos no número anterior, visando a sustentabilidade do SNS através da fixação de mecanismos aptos a garantir a redução da despesa pública, nas mesmas áreas, em termos que não impliquem para o Estado encargos superiores aos resultantes do número anterior.

3 — Ficam isentas das medidas previstas no n.º 1 as entidades que venham a aderir, individualmente e sem reservas, aos acordos a que se refere o número anterior, nos termos do número seguinte.

4 — A isenção prevista nos n.ºs 2 e 3 produz efeitos a partir da data em que as entidades subscrevam a adesão ao acordo acima referido e durante período em que este se aplicar em função do seu cumprimento, nos termos e condições nele previstos, e cessa os seus efeitos imediatamente após a cessação da vigência desses acordos.

5 — Os textos dos acordos previstos no n.º 2 devem ser publicitados no sítio na Internet da ACSS, I. P..

Artigo 66.º

Prorrogação das situações de licença sem vencimento

1 — As situações de licença sem vencimento concedidas ao abrigo dos artigos 21.º e 22.º do Estatuto do SNS destinadas a permitir o exercício de funções em serviço ou estabelecimento de saúde integrados no setor empresarial do Estado, existentes à data da produção de efeitos do presente decreto-lei ou cujo limite de duração máxima tenha ocorrido a partir de 1 de janeiro de 2018, podem, por

acordo entre as partes, e mediante despacho de autorização do membro do Governo responsável pela área da saúde, ser excecionalmente prorrogadas.

2 — Para os efeitos previstos no número anterior, devem os interessados, até 31 de agosto de 2019 ou 60 dias antes do termo da licença sem vencimento, requerer a prorrogação da licença sem vencimento em que se encontram.

Artigo 67.º

Responsabilidade financeira pelas prestações de saúde a beneficiários de subsistemas públicos de saúde

1 — O SNS, no âmbito das suas competências e atribuições territoriais, é financeiramente responsável pelas prestações de saúde realizadas aos beneficiários de subsistemas públicos, desde que os mesmos tenham direito a essas prestações pela sua condição de beneficiários do SNS.

2 — Os subsistemas públicos de saúde são financeiramente responsáveis pelas restantes prestações de saúde realizadas aos seus beneficiários nos termos dos respetivos estatutos.

SUBSECÇÃO IV

Programa do Ensino Básico e Secundário e Administração Escolar

Artigo 68.º

Gestão financeira do Programa do Ensino Básico e Secundário e Administração Escolar

1 — As dotações comuns destinadas a vencimentos do pessoal dos estabelecimentos de ensino não superior, inscritas no capítulo 03 do orçamento do Ministério da Educação (MEdu), são utilizadas por cada agrupamento de escolas ou por cada estabelecimento de ensino, de harmonia com as necessidades resultantes da satisfação de encargos com o pessoal que esteja em exercício, sendo as correspondentes informações de cabimento prestadas pelo IGEFE, I. P..

2 — Os agrupamentos de escolas e as escolas não agrupadas abrangidos pelo artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, na sua redação atual, continuam a beneficiar de autonomia administrativa para movimentar as verbas inscritas no capítulo 03 do orçamento do MEdu.

3 — O processamento de todos os abonos ao pessoal a exercer funções em regime de mobilidade interna, em que, por acordo, a remuneração seja suportada pelo serviço de origem, ou deslocado em estabelecimento público dos ensinos básico e secundário, é efetuado pelo serviço em que exerce funções, desde que o serviço de origem seja igualmente um estabelecimento público dos ensinos básico e secundário.

4 — Os agrupamentos e as escolas do ensino não superior podem ser autorizados pela Direção-Geral da Administração Escolar a celebrar contratos de trabalho em funções públicas a termo resolutivo, a tempo parcial, para colmatar as necessidades transitórias de trabalhadores para assegurarem os serviços de limpeza, nos termos da LTFP, até ao limite dos montantes inscritos para este efeito no capítulo 03 do orçamento do MEdu.

5 — A faculdade prevista no número anterior é igualmente aplicável pelas autarquias locais em relação ao pessoal a colocar nas escolas abrangidas pelos contratos de execução previstos no artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 144/2008, de 28 de julho, na sua redação atual, e pelos

contratos interadministrativos ao abrigo do Decreto-Lei n.º 30/2015, de 12 de fevereiro.

6 — Os encargos relativos ao acolhimento dos docentes chineses, bem como ao pagamento dos transportes, nos termos fixados no Protocolo de Cooperação Bilateral celebrado entre o MEdu e o Instituto Confúcio, da República Popular da China, são suportados pelo IGEFE, I. P..

7 — Por despacho do membro do Governo responsável pela área da educação, pode ser total ou parcialmente delegada no conselho de administração da Parque Escolar, E. P. E., a competência prevista no n.º 14 do artigo 4.º da Lei do Orçamento do Estado.

Artigo 69.º

Dotações orçamentais de escolas e agrupamentos de escolas

As dotações para funcionamento das escolas e agrupamentos de escolas são distribuídas globalmente nas rubricas «Outras despesas correntes — Diversas» e «Outras despesas de capital — Diversas».

Artigo 70.º

Receitas dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas

1 — Para além das verbas previstas na Lei do Orçamento do Estado, constituem receitas dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas:

- a) As propinas, emolumentos e multas, pagos em numérico e relativos à prática de atos administrativos;
- b) As provenientes da prestação de serviços e de venda de publicações ou de rendimentos de bens próprios;
- c) O rendimento proveniente de juros de depósitos bancários;
- d) As doações, subsídios, subvenções, participações, heranças e legados;
- e) As provenientes da prestação de serviços em refeitórios escolares e da venda de bens em bufetes e papelarias escolares, cuja aplicação deve privilegiar despesas inerentes àquelas modalidades da ação social escolar e a serviços auxiliares de ensino;
- f) Outras receitas que lhe sejam atribuídas por lei.

2 — Nos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas sedeadas na área territorial dos municípios que, no ano de 2019, aceitem a transferência de competências prevista no Decreto-Lei n.º 21/2019, de 30 de janeiro, as receitas provenientes da cobrança de refeições escolares e da cedência onerosa da utilização de espaços fora do período das atividades escolares constituem receita da câmara municipal respetiva.

3 — Excetuam-se do disposto no número anterior as receitas provenientes da cobrança de refeições escolares quando, no uso da faculdade prevista no artigo 64.º do Decreto-Lei n.º 21/2019, de 30 de janeiro, os municípios não assumam a posição contratual do Estado em contrato de fornecimento de refeições confeccionadas para refeitórios escolares localizados na respetiva área territorial, até à sua execução integral.

Artigo 71.º

Gratuidade de manuais escolares

1 — No início do ano letivo de 2019/2020 é garantido a todos os alunos que frequentam a escolaridade obrigató-

ria na rede pública do MEdu o acesso gratuito a manuais escolares, complementados por licenças digitais.

2 — Os manuais escolares em suporte físico são disponibilizados aos alunos pelos agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas, mediante comprovativo de receção e compromisso de devolução assinado pelos respetivos encarregados de educação e efetiva devolução do manual nos casos em que no ano anterior o aluno tiver recebido manual gratuito, sem prejuízo do disposto no número seguinte.

3 — Para efeitos do disposto no número anterior, os encarregados de educação responsabilizam-se pelo eventual extravio ou deterioração do manual recebido, ressaldado o desgaste proveniente do seu uso normal, prudente e adequado, face ao tipo de uso e disciplina para que foram concebidos, estado em que foi recebido pelo aluno, idade do aluno e outras circunstâncias subjetivas e objetivas que tornem inexigível esta mesma responsabilidade.

4 — Cada aluno tem direito a um único exemplar dos manuais adotados, por disciplina e por ano letivo, sempre que possível a partir da reutilização de manuais escolares recolhidos no ano anterior na mesma escola ou em qualquer outra escola ou agrupamento que o tenha adotado.

5 — Em cada agrupamento de escolas ou escola não agrupada é constituída uma bolsa de manuais escolares, composta pelos manuais utilizados pelos alunos no ano letivo anterior que se encontrem em estado de conservação adequado à sua reutilização, bem como por aqueles que sejam doados ou adquiridos pela escola ou agrupamentos de escolas para suprir necessidades do ano seguinte.

6 — O membro do Governo responsável pela área da educação define os procedimentos e condições de disponibilização gratuita e de aquisição através de vale, uso, devolução e reutilização dos manuais escolares.

7 — O membro do Governo responsável pela área da educação define ainda, nos termos da legislação aplicável, as condições de adoção e certificação de manuais escolares que potenciem a reutilização de manuais em todos os graus de ensino.

Artigo 72.º

Chefes de equipa de zona e vigilantes

As comissões de serviço previstas nos n.ºs 2 e 3 do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 117/2009, de 18 de maio, na sua redação atual, constituídas antes da entrada em vigor do presente decreto-lei, são renováveis até ao limite de três vezes.

Artigo 73.º

Projetos de arquitetura e engenharia

1 — O ajuste direto destinado à formação de contratos, financiados em pelo menos 50 % por fundos europeus, para a aquisição de serviços de projetos de arquitetura e engenharia relativos a escolas, no âmbito do Portugal 2020, é admissível até ao valor dos respetivos limiares da Diretiva 2014/23/UE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de fevereiro de 2014, da Diretiva 2014/24/UE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de fevereiro de 2014, e da Diretiva 2014/25/UE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de fevereiro de 2014.

2 — O regime excecional previsto no número anterior é aplicável aos procedimentos de formação de contratos públicos cuja decisão de contratar seja tomada até 31 de dezembro de 2019.

SUBSECÇÃO V

Programa da Ciência e Ensino Superior**Artigo 74.º****Gestão financeira do Programa Ciência, Tecnologia e Ensino Superior**

1 — Aos professores auxiliares a quem seja distribuído serviço correspondente à categoria de professor associado não cabe a percepção de qualquer acréscimo remuneratório ou suplemento.

2 — As dotações inscritas no capítulo 02, divisão 01, subdivisão 99 «Dotações comuns», para o apoio ao ensino superior, só podem ser utilizadas mediante despacho do membro do Governo responsável pela área do ensino superior.

Artigo 75.º**Contratação de seguros**

Para efeitos do n.º 2 do artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de junho, na sua redação atual, durante o ano de 2019, os seguros contratados por instituições de ensino superior, suportados por receitas próprias, não carecem de autorização dos membros do Governo responsáveis pela área das finanças e pela respetiva área setorial.

Artigo 76.º**Concursos para promoção às categorias de professor coordenador e coordenador principal**

1 — Até 31 de dezembro de 2019, as instituições de ensino superior podem abrir concursos para promoção de professores adjuntos e coordenadores, até serem atingidos os limites máximos definidos no artigo 30.º do Estatuto da Carreira do Pessoal Docente do Ensino Superior Politécnico, nos termos dos números seguintes.

2 — Podem ser opositores ao concurso para promoção os professores com contrato por tempo indeterminado com a instituição e que tenham o mínimo de 10 anos de antiguidade na respetiva categoria.

3 — Os concursos só podem ser abertos para área ou áreas disciplinares em que haja mais do que um professor com contrato por tempo indeterminado com a instituição, que reúna as condições para ser opositor, e desde que o conjunto de professores coordenadores e coordenadores principais dessa área ou áreas disciplinares não exceda os limiares máximos fixados pelos n.ºs 4 e 5 do artigo 30.º do Estatuto da Carreira do Pessoal Docente do Ensino Superior Politécnico.

4 — Os júris dos concursos são compostos majoritariamente por individualidades externas à instituição de ensino superior.

5 — O concurso de promoção rege-se, com as necessárias adaptações, pelo disposto nos artigos 9-A.º, 10.º, 15.º e seguintes do Estatuto da Carreira do Pessoal Docente do Ensino Superior Politécnico, em tudo o que não esteja especialmente previsto no presente artigo.

Artigo 77.º**Concursos para promoção às categorias de professor associado e catedrático**

1 — Até 31 de dezembro de 2019, as instituições de ensino superior podem abrir concursos para promoção de professores auxiliares e associados, até ser atingido o

limite inferior de 50 % definido no n.º 1 do artigo 84.º do Estatuto da Carreira Docente Universitária, nos termos dos números seguintes.

2 — Podem ser opositores ao concurso para promoção os professores com contrato por tempo indeterminado com a instituição e que tenham o mínimo de 10 anos de antiguidade na respetiva categoria.

3 — Os concursos só podem ser abertos para área ou áreas disciplinares em que haja mais do que um professor com contrato por tempo indeterminado com a instituição, que reúna as condições para ser opositor, e desde que o conjunto de professores associados e catedráticos de carreira dessa área ou áreas disciplinares não represente mais de 50 % do total dos professores de carreira.

4 — Os júris dos concursos são compostos majoritariamente por individualidades externas à instituição de ensino superior.

5 — O concurso de promoção rege-se, com as necessárias adaptações, pelo disposto nos artigos 38.º e seguintes do Estatuto da Carreira Docente Universitária, em tudo o que não esteja especialmente previsto no presente artigo.

SUBSECÇÃO VI

Programa da Justiça**Artigo 78.º****Disposições específicas respeitantes aos tribunais superiores e ao Programa da Justiça**

1 — Os tribunais superiores ficam excluídos do âmbito de aplicação do artigo 4.º e do n.º 1 do artigo 6.º da Lei do Orçamento do Estado, não sendo ainda aplicável às respetivas aquisições de serviços o disposto nos artigos 60.º a 62.º da Lei do Orçamento do Estado.

2 — A Direção-Geral de Reinserção e dos Serviços Prisionais pode proceder ao recrutamento de médicos e enfermeiros, mediante a celebração de contratos de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, correspondente ao número máximo de postos de trabalho que venha a ser estabelecido por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da justiça.

CAPÍTULO III

Administração regional e local**Artigo 79.º****Pagamento das autarquias locais, serviços municipalizados e empresas locais ao Serviço Nacional de Saúde**

1 — Os municípios são a entidade responsável por receber dos serviços municipalizados os montantes que lhes compete entregar ao SNS.

2 — As empresas locais entregam diretamente ao SNS os montantes que lhes compete.

Artigo 80.º**Pagamento das autarquias locais, serviços municipalizados e empresas locais aos serviços regionais de saúde**

1 — Os municípios das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores são as entidades responsáveis por receber dos serviços municipalizados os montantes que lhes compete entregar aos respetivos serviços regionais de saúde.

2 — As empresas locais entregam diretamente aos serviços regionais de saúde os montantes que lhes compete.

Artigo 81.º

Programa de regularização extraordinária de vínculos precários na Administração local

As entidades da Administração local comunicam à DGAL, nos termos por esta definidos, a seguinte informação:

a) Até 30 de maio de 2019 ou até 10 dias após decisão do órgão executivo, o número de postos de trabalho identificados como necessidades permanentes com vínculo inadequado, nos termos da Lei n.º 112/2017, de 29 de dezembro;

b) Até 30 de junho de 2019, o número de postos de trabalho abrangidos por procedimentos concursais abertos no âmbito do programa de regularização extraordinária de vínculos precários na Administração local;

c) Até 30 de setembro de 2019, os resultados da aplicação do programa de regularização extraordinária de vínculos precários na Administração local.

Artigo 82.º

Demonstração da realização de despesa elegível para efeitos de Fundo Social Municipal de 2018

1 — As Comissões de Coordenação de Desenvolvimento Regional (CCDR) enviam à DGAL, em suporte informático, até ao último dia do mês seguinte ao da publicação do presente decreto-lei, informação relativa à demonstração, por município, da realização, em 2018, de despesa elegível face ao montante de Fundo Social Municipal (FSM) previsto no Orçamento do Estado para 2018.

2 — Relativamente aos municípios das regiões autónomas, a DGAL exerce as competências das CCDR previstas no número anterior, articulando-se para o efeito com os serviços competentes das regiões autónomas.

Artigo 83.º

Fundo de Emergência Municipal

Na concessão de auxílios financeiros às autarquias locais das regiões autónomas em situação de calamidade pública, nos termos previstos no n.º 10 do artigo 22.º da Lei n.º 73/2013, de 3 de setembro, na sua redação atual, que estabelece o regime financeiro das autarquias locais e das entidades intermunicipais, a DGAL, em articulação com os serviços competentes das regiões autónomas, exerce as competências das CCDR previstas no Decreto-Lei n.º 225/2009, de 14 de setembro, na sua redação atual, que estabelece as regras referentes à concessão de auxílios financeiros às autarquias locais, bem como o regime associado ao Fundo de Emergência Municipal.

Artigo 84.º

Auxílios financeiros e cooperação técnica e financeira

1 — Com vista ao cumprimento do n.º 7 do artigo 22.º da Lei n.º 73/2013, de 3 de setembro, na sua redação atual, os serviços e organismos de cada área governativa prestam à DGAL, nos moldes por esta definidos, informação sobre os instrumentos de cooperação técnica e financeira e de auxílio financeiro celebrados com autarquias locais, bem como os respetivos montantes e prazos.

2 — A verba prevista no n.º 1 do artigo 97.º da Lei do Orçamento do Estado pode ser utilizada para projetos de apoio aos territórios do interior, mediante despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, das autarquias locais e da valorização do interior.

3 — Para efeitos do previsto no n.º 3 do artigo 97.º da Lei do Orçamento do Estado, podem ser consideradas as despesas com formadores.

Artigo 85.º

Lojas de cidadão

1 — Nos termos da alínea a) do n.º 2 do artigo 97.º da Lei do Orçamento do Estado, considera-se autorizada a celebração de contratos ou protocolos no âmbito da rede de Lojas de Cidadão e Espaços Cidadão previstos na Resolução do Conselho de Ministros n.º 1/2017, de 2 de janeiro.

2 — As transferências efetuadas pelos serviços e organismos da Administração central para os municípios, no âmbito da gestão de Lojas de Cidadão, são efetuadas enquanto transferências correntes dos respetivos serviços ou organismos.

3 — A instrução dos processos para a aprovação da portaria prevista no artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de junho, na sua redação atual, com vista à celebração de protocolos para a instalação de Lojas de Cidadão, é centralizada pela AMA, I. P., sendo a autorização conferida através de uma única portaria com a identificação de cada um dos serviços e entidades envolvidos e do escalonamento plurianual das respetivas despesas.

4 — Para a celebração de protocolos no âmbito da rede de Lojas de Cidadão e Espaços Cidadão previstos na Resolução do Conselho de Ministros n.º 1/2017, de 2 de janeiro, o limite temporal estabelecido na alínea b) do n.º 1 do artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de junho, na sua redação atual, é alargado para 15 anos, não podendo o valor anual da despesa exceder € 12 000, por entidade, excluindo-se deste montante o valor correspondente à ocupação do espaço.

5 — Os protocolos celebrados nos termos do n.º 7 do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 74/2014, de 13 de maio, na sua redação atual, que incluam uma componente do preço correspondente à utilização do espaço, encontram-se dispensados do parecer da DGTF, se a referida componente do preço for determinada nos termos do número seguinte.

6 — O parecer da DGTF a que se refere o n.º 3 do artigo 186.º da Lei do Orçamento do Estado fica dispensado, sendo os protocolos objeto de mera comunicação, sempre que o valor unitário por m², consoante a localização do imóvel, não exceda os limites seguintes:

- a) Concelho de Lisboa: € 15/m²;
- b) Concelho do Porto: € 12/m²;
- c) Restantes concelhos da Área Metropolitana de Lisboa: € 11,00/m²;
- d) Restantes concelhos da Área Metropolitana do Porto: € 10,00/m²;
- e) Restante território: € 8/m².

Artigo 86.º

Sistema contabilístico a aplicar pelas entidades da Administração local

1 — Nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 98.º da Lei do Orçamento do Estado, o prazo estabelecido no ar-

tigo 18.º do Decreto-Lei n.º 192/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, é prorrogado para 1 de janeiro de 2020, para as entidades da Administração local.

2 — Para assegurar a transição prevista no n.º 2 do artigo 98.º da Lei do Orçamento do Estado, os sistemas contabilísticos locais asseguram automaticamente a adequada conversão da informação para o SNC-AP e subsequente transmissão automática de informação à DGAL, através do Sistema de Informação do Subsetor da Administração Local (SISAL), em SNC-AP, de acordo com as especificações estabelecidas e divulgadas pela DGAL.

3 — Sem prejuízo do disposto no n.º 3 do artigo 98.º da Lei do Orçamento do Estado, a partir de 1 de julho de 2019 todas as entidades da Administração local que adotem o regime completo do Plano Oficial de Contabilidade das Autarquias Locais (POCAL) ou o regime geral do SNC-AP, reportam no SISAL da DGAL, a informação orçamental e económico-financeira com a periodicidade e os requisitos especificados e divulgados pela DGAL.

4 — O reporte previsto no n.º 2 não é aplicável às entidades integradas no subsetor da Administração local que não aplicam o regime completo do POCAL ou o SNC.

Artigo 87.º

Reporte das variáveis de cálculo dos fundos à Direção-Geral das Autarquias Locais

1 — Em 2019, as entidades responsáveis pela prestação de informação estatística devem remeter à DGAL a informação para os cálculos das transferências financeiras para as autarquias locais, ao abrigo da Lei n.º 73/2013, de 3 de setembro, até 20 de junho, na sua redação atual.

2 — O INE presta à DGAL a informação estatística relativa ao número de dormidas em estabelecimentos de alojamento turístico e parques de campismo por município até 31 de julho.

Artigo 88.º

Transferências financeiras ao abrigo da descentralização

1 — Os montantes financeiros previstos nos diplomas setoriais que concretizam a descentralização de competências estabelecida pela Lei n.º 50/2018, de 16 de agosto, são transferidos diretamente do respetivo programa orçamental ou do Orçamento da Segurança Social para os municípios que, em 2019, exerçam as competências, pelos serviços competentes do ministério responsável pela respetiva área setorial, tendo em consideração o disposto no respetivo decreto-lei setorial e os valores refletidos no mapa constante do despacho dos membros do Governo responsáveis pela área das finanças, pela área das autarquias locais e pela respetiva área setorial.

2 — As transferências financeiras previstas no número anterior são realizadas em base duodecimal, sem prejuízo do acréscimo de encargos que resulta do pagamento dos subsídios de férias e de Natal, e demais suplementos e abonos a que os trabalhadores tenham direito.

3 — O valor máximo a transferir, em 2019, é proporcional ao período desse ano durante o qual ocorreu a efetiva descentralização, nos termos dos números anteriores.

4 — O membro do Governo responsável pela respetiva área setorial pode delegar a competência prevista no n.º 1 nos dirigentes máximos dos serviços.

5 — As transferências financeiras a que se refere o presente artigo são realizadas mensalmente até ao dia 16 do mês a que dizem respeito ou, no caso de transferências financeiras realizadas pelos serviços competentes da área governativa da cultura, trimestralmente.

Artigo 89.º

Registo das transferências financeiras e encargos resultantes do processo de descentralização

1 — As transferências financeiras, as receitas arrecadadas e os encargos diretamente relacionados com a descentralização de competências estabelecida pela Lei n.º 50/2018, de 16 de agosto, e pelos respetivos diplomas setoriais, devem ser complementarmente registados pelos municípios em mapa autónomo.

2 — O registo referido no número anterior deve permitir identificar e relacionar, para cada área da descentralização, as receitas arrecadadas e os encargos suportados com as transferências recebidas da Administração central do Estado para o exercício das competências transferidas.

3 — Os municípios comunicam à DGAL e à entidade coordenadora do programa orçamental de cada área da descentralização as verbas referidas no número anterior nos prazos e termos a definir por aquela entidade.

Artigo 90.º

Recrutamento de trabalhadores no âmbito da descentralização

Para efeitos do disposto no n.º 1 do artigo 55.º da Lei do Orçamento do Estado, considera-se que os municípios podem proceder à abertura de procedimentos concursais para suprir as necessidades de recrutamento que resultam do exercício das competências transferidas no âmbito da Lei n.º 50/2018, de 16 de agosto, e respetivos diplomas setoriais.

Artigo 91.º

Procedimentos transitórios na descentralização de competências

1 — No âmbito do processo de descentralização estabelecido pela Lei n.º 50/2018, de 16 de agosto, e respetivos diplomas setoriais, o pagamento de faturas rececionadas pelas autarquias locais ou entidades intermunicipais e referentes a bens ou serviços adquiridos em período anterior à efetiva descentralização de competências, é assegurado pelos serviços competentes da Administração central.

2 — Para efeitos do disposto no número anterior, no prazo de 30 dias a contar da sua receção, as autarquias locais e entidades intermunicipais enviam a fatura ou documento equivalente às entidades, serviços ou organismos que, em razão da matéria, exerceram naquele período as respetivas competências.

3 — Sem prejuízo do estabelecido nos decretos-lei setoriais, e tendo em consideração os números anteriores, é transferido para as autarquias locais o valor proporcional aos meses remanescentes, cujo pagamento ainda seja devido nesse ano.

Artigo 92.º

Concretização gradual da descentralização de competências

Nos casos previstos na alínea b) n.º 2 do artigo 4.º da Lei n.º 50/2018, de 16 de agosto, o procedimento referido na alínea a) do mesmo número pode ocorrer até 30 de setembro de 2019.

Artigo 93.º

Eficiência nos sistemas municipais ou intermunicipais

Os municípios que, na gestão dos sistemas municipais ou intermunicipais, e de acordo com os indicadores de

gestão, demonstrem a melhoria do respetivo equilíbrio económico-financeiro, podem beneficiar do regime previsto no artigo 91.º da Lei do Orçamento do Estado, nos termos a determinar por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, das autarquias locais e do ambiente.

Artigo 94.º

Comprovativo de transferência

Para efeitos do disposto no n.º 7 do artigo 12.º do Código do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares, e até à plena execução do artigo 41.º da Lei do Orçamento do Estado, as entidades detentoras de Corpos de Bombeiros que participem no dispositivo previsto no n.º 1 do referido artigo enviam à ANEPC, mensalmente, o comprovativo das transferências efetuadas.

CAPÍTULO IV

Execução do orçamento da segurança social

Artigo 95.º

Execução do orçamento da segurança social

Compete ao IGFSS, I. P., efetuar a gestão global do orçamento da segurança social, assegurar o acompanhamento da execução orçamental e propor eventuais alterações orçamentais, nos termos do artigo 48.º da Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, na sua redação atual, aplicável por força do disposto no n.º 2 do artigo 7.º da Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual.

Artigo 96.º

Prazos para autorização de pagamentos e cobrança de receita

1 — Não é permitido contrair encargos que não possam ser pagos até 5 de janeiro de 2020.

2 — A data limite para a emissão de meios de pagamento é 31 de dezembro de 2019, podendo ser efetuadas reemissões de ficheiros de pagamentos, reportadas a 31 de dezembro de 2019, desde que a data-valor efetiva não ultrapasse a data limite definida no número anterior.

3 — Nos termos do n.º 3 do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, na sua redação atual, a cobrança de receitas, originadas ou autorizadas até 31 de dezembro de 2019, pode ser realizada até 5 de janeiro de 2020, relevando para efeitos da execução orçamental de 2019.

Artigo 97.º

Planos de tesouraria

O financiamento das instituições de segurança social e dos demais organismos com dotações integradas no orçamento da segurança social é efetuado pelo IGFSS, I. P., com base em planos de tesouraria aprovados pelo mesmo Instituto.

Artigo 98.º

Medidas e projetos no âmbito do investimento

A competência para aprovar medidas e projetos pode ser objeto de delegação no diretor-geral do Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, que, para o efeito, deve articular-se com o IGFSS, I. P., e com a entidade coordenadora do respetivo programa orçamental.

Artigo 99.º

Requisição de fundos

1 — As instituições da segurança social e os demais organismos financiados pelo orçamento da segurança social apenas devem receber as importâncias indispensáveis aos pagamentos a efetuar.

2 — As requisições de fundos devem efetuar-se de acordo com as especificações definidas pelo IGFSS, I. P., pormenorizando os pagamentos previstos.

3 — Tratando-se de investimentos inscritos no orçamento de investimento, a requisição das verbas deve ser formalizada com referência a medidas e projetos, no respeito pelas especificações definidas pelo IGFSS, I. P.

4 — Nos casos em que não se verifique a necessidade de utilização integral dos fundos requisitados, o IGFSS, I. P., pode não satisfazer os pedidos de financiamento apresentados.

5 — O valor a transferir para os organismos financiados pelo orçamento da segurança social deve ser líquido das cativações definidas na Lei do Orçamento do Estado e no presente decreto-lei.

Artigo 100.º

Alterações orçamentais

1 — As alterações orçamentais só podem ter seguimento quando sejam devidamente justificadas e apresentem a adequada contrapartida.

2 — Sem prejuízo do disposto no n.º 1 do artigo 28.º da Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, na sua redação atual, aplicável por força do disposto no n.º 2 do artigo 7.º da Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, é autorizada, pelo membro do Governo responsável pela área da segurança social, a utilização de saldos de gerência resultantes de:

- a) Receitas de jogos sociais consignados ao orçamento da segurança social;
- b) Fundos europeus desde que aplicados nas mesmas atividades ou projetos;
- c) Saldos do sistema previdencial;
- d) Receitas obtidas na gestão do Fundo de Estabilização Financeira da Segurança Social (FEFSS).

3 — Nos termos dos artigos 89.º e 90.º da Lei n.º 4/2007, de 16 de janeiro, na sua redação atual, são autorizadas, por despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social, as transferências de verbas entre as dotações para despesas, no âmbito dos subsistemas de solidariedade, proteção familiar e ação social e do sistema previdencial.

4 — Nos termos da alínea f) do artigo 50.º-A da Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, na sua redação atual, aplicável por força do disposto no n.º 2 do artigo 7.º da Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, são autorizadas, por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da segurança social, as alterações orçamentais traduzidas em aumento do montante total da despesa decorrente do aumento da despesa com as prestações sociais que constituam direitos dos beneficiários do sistema de segurança social.

5 — Os acréscimos de encargos relacionados com o aumento do volume de fundos sob gestão do IGFSS, I. P., inscritos no orçamento da segurança social para 2019, e que superem, por esse facto, o valor dos encargos de admi-

nistração previstos no referido orçamento, são autorizados por despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social.

6 — Se, na execução do orçamento da segurança social para 2019, as verbas a transferir do Fundo Social Europeu (FSE) para apoio de projetos de formação profissional excederem a dotação inscrita em orçamento, as alterações orçamentais decorrentes do correspondente acréscimo de despesas são autorizadas por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da segurança social.

7 — As alterações orçamentais entre as dotações das rubricas de comparticipação portuguesa nos projetos apoiados pelo FSE e as rubricas de transferências correntes para «emprego e formação profissional», «higiene, saúde e segurança no trabalho» e «inovação na formação», são autorizadas por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da segurança social.

8 — O acréscimo de despesas de capital decorrentes do aumento do volume de regularizações de dívidas de contribuições a instituições da segurança social, satisfeitas mediante dação em pagamento de bens móveis ou imóveis, e que superem, por esse facto, o valor inscrito no orçamento da segurança social para 2019, é autorizado por despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social.

9 — As alterações orçamentais referidas nas alíneas *c)* e *d)* do n.º 2 do artigo 51.º da Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, na sua redação atual, aplicável por força do disposto no n.º 2 do artigo 7.º da Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, são autorizadas pelo membro do Governo responsável pela área da segurança social.

Artigo 101.º

Transferências orçamentais

1 — O orçamento da segurança social apoia financeiramente os centros de cultura e desporto da segurança social (CCD) no desenvolvimento das suas atividades, não se integrando estas na prossecução de fins de ação social complementar, para os efeitos previstos no Decreto-Lei n.º 122/2007, de 27 de abril, na sua redação atual.

2 — Os apoios financeiros são estabelecidos tendo em consideração o quadro de atividades programadas pelos CCD, o número de trabalhadores da segurança social a quem se destinem as atividades e as respetivas despesas de administração.

3 — As transferências para os CCD são definidas, regulamentadas e autorizadas por despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social, com base em critérios transparentes e objetivos.

Artigo 102.º

Relacionamento com o sistema bancário ou financeiro

1 — O IGFSS, I. P., fica autorizado a estabelecer relações com as instituições do sistema bancário ou financeiro, podendo, para o efeito, negociar aplicações de capital, constituir depósitos e contrair empréstimos de curto prazo que se mostrem necessários à execução do orçamento da segurança social para 2019, nos termos do n.º 2 do artigo 48.º da Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, na sua redação atual, aplicável por força do disposto no n.º 2 do artigo 7.º da Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual.

2 — A contração, pelo IGFSS, I. P., de empréstimos de curto prazo sob a forma de linhas de crédito para financiamento intercalar de ações de formação profissional cofinanciadas pelo FSE, até ao montante máximo de € 260 000 000, está sujeita ao disposto no n.º 2 do artigo 48.º da Lei n.º 91/2001, de 20 de agosto, na sua redação atual, aplicável por força do disposto no n.º 2 do artigo 7.º da Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual.

3 — A amortização das linhas de crédito a que se refere o número anterior deve ser efetuada até ao final do exercício orçamental.

4 — Para a realização de operações ativas, recurso a financiamentos e para os efeitos do previsto nos n.ºs 1 e 2, deve o IGFSS, I. P., recorrer aos serviços do IGCP, E. P. E.

5 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, fica o IGFSS, I. P., autorizado a constituir depósitos bancários exclusivamente necessários à atividade dos serviços da segurança social.

Artigo 103.º

Aquisição de serviços médicos

1 — As despesas com a aquisição de serviços médicos, a efetuar pelas instituições de segurança social para o sistema de verificação de incapacidades e para o sistema de certificação e recuperação de incapacidades por doenças profissionais, podem, durante o presente ano económico, realizar-se com recurso ao procedimento por ajuste direto, até aos limiares europeus.

2 — O disposto no número anterior é igualmente aplicável à ADSE, I. P., na aquisição de serviços médicos prestados no âmbito das juntas médicas e da verificação domiciliária da doença, e ao Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, I. P.

3 — As despesas com a prestação, por parte de peritos atualmente contratados, de um número de atos médicos superior àquele que os mesmos se comprometeram a praticar, consideram-se legalmente adjudicadas desde que o valor do contrato seja inferior a € 12 500.

4 — Para os efeitos previstos no artigo 78.º do Estatuto da Aposentação, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 498/72, de 9 de dezembro, na sua redação atual, são permitidas a manutenção e a renovação dos contratos de avença para o exercício das funções referidas no número anterior.

5 — O disposto no presente artigo pode aplicar-se, com as necessárias adaptações, à contratação dos demais técnicos que compõem as equipas multidisciplinares no âmbito da atribuição de subsídios de educação especial, mediante autorização prévia do membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública.

Artigo 104.º

Despesas da política de cooperação

A assunção de encargos com ações de cooperação externa, com suporte em dotação inscrita no orçamento da segurança social, é autorizada por despacho do membro do Governo responsável pela área da segurança social.

Artigo 105.º

Despesas associadas à gestão do Fundo de Estabilização Financeira da Segurança Social

1 — O IGFCSS, I. P., pode celebrar em 2019 contratos redigidos numa língua de uso corrente nos mercados fi-

nanceiros internacionais e submeter a respetiva execução a legislação de país estrangeiro, apenas em casos manifestamente excecionais e devidamente fundamentados, para os quais não exista comprovadamente alternativa.

2 — Às despesas com contratos de seguros relativos a imóveis da carteira do FEFSS não se aplica o disposto no artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de junho, na sua redação atual, sendo a respetiva autorização da competência do membro do Governo responsável pela área da segurança social, ainda que com possibilidade de delegação de competências.

Artigo 106.º

Pagamento da Prestação Social para a Inclusão

Sem prejuízo do disposto nos n.ºs 1 e 2 do artigo 36.º do Decreto-Lei n.º 126-A/2017, de 6 de outubro, na sua redação atual, até 31 de dezembro de 2019 a prestação social para a inclusão pode ser paga a pessoa singular ou coletiva que comprove ter a seu cargo o titular da prestação.

Artigo 107.º

Pagamento em prestações no âmbito do Fundo de Garantia dos Alimentos Devidos a Menores

No âmbito dos processos de cobrança de alimentos prestados a menores em que o Fundo de Garantia dos Alimentos Devidos a Menores se encontre sub-rogado, nos termos do artigo 6.º da Lei n.º 75/98, de 19 de novembro, pode o conselho diretivo do IGFSS, I. P., autorizar o pagamento em prestações mensais, até ao máximo de 48, sobre as quais incide a taxa de juro de mora aplicável às dívidas ao Estado ou outras entidades públicas.

Artigo 108.º

Implementação do Sistema de Normalização Contabilística para as Administrações Públicas no âmbito da Segurança Social

Sem prejuízo da realização dos desenvolvimentos para a implementação do SNC-AP, durante o ano de 2019 as instituições de segurança social, a SCML e a CPL, I. P., ficam excecionadas do disposto no n.º 1 do artigo 18.º do Decreto-Lei n.º 192/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual.

CAPÍTULO V

Operações do tesouro

SECÇÃO I

Operações ativas e passivas

Artigo 109.º

Parecer sobre operações de financiamento

1 — Ficam sujeitas a apreciação prévia do IGCP, E. P. E., as operações de financiamento de montante superior a € 500 000, nomeadamente empréstimos, realizadas pelos serviços e fundos dotados de autonomia administrativa e financeira, incluindo EPR.

2 — Ficam igualmente sujeitas à apreciação prévia do IGCP, E. P. E., as operações de financiamento, nomeadamente empréstimos, realizadas pelos serviços e fundos referidos no número anterior que ultrapassem em cada ano o montante acumulado de endividamento de € 1 250 000.

Artigo 110.º

Controlo do limite para as garantias a conceder por pessoas coletivas de direito público

Para efeitos de controlo do cumprimento do limite máximo para a concessão de garantias, previsto no n.º 5 do artigo 142.º da Lei do Orçamento do Estado, as pessoas coletivas de direito público devem:

- a) Solicitar à DGTF informação prévia sobre o cabimento das garantias a conceder;
- b) Informar a DGTF, trimestralmente, até ao dia 10 do mês seguinte ao trimestre a que respeitam, de todos os movimentos relativos às operações financeiras por si garantidas.

Artigo 111.º

Controlo do limite para a concessão de empréstimos e outras operações ativas

1 — Para efeitos de controlo do cumprimento do limite máximo para a concessão de empréstimos e outras operações ativas, previsto no n.º 2 do artigo 135.º da Lei do Orçamento do Estado, as pessoas coletivas de direito público devem:

- a) Solicitar à DGO informação prévia sobre o cabimento dos empréstimos e outras operações ativas a conceder;
- b) Registrar mensalmente nos serviços *online* da DGO, até ao dia 10 do mês seguinte àquele a que respeitam, os movimentos relativos a empréstimos e operações ativas por si concedidas.

2 — A concessão de financiamentos no âmbito do empréstimo-quadro contratado entre a República Portuguesa e o Banco Europeu de Investimento é objeto de despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e pela coordenação do Portugal 2020 e do QREN, fixando as condições de acesso e de utilização dos financiamentos, a conceder pelo Estado através da Agência, I. P., ou das instituições financeiras aderentes à utilização desses financiamentos às entidades beneficiárias do empréstimo-quadro.

3 — A concessão de financiamentos de natureza reembolsável, com financiamento nacional, suscetível de atribuição de prémio de realização, ainda que atribuído posteriormente ao reembolso, carece de autorização prévia por despacho dos membros do Governo responsáveis pela área das finanças e pela respetiva área setorial.

Artigo 112.º

Procedimento aplicável aos empréstimos externos

O regime previsto no artigo 32.º-B do Estatuto dos Benefícios Fiscais, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 215/89, de 1 de julho, na sua redação atual, é aplicável aos juros de capitais provenientes do estrangeiro representativos de contratos de empréstimo ali previstos celebrados pelo IGCP, E. P. E., em nome e representação do Estado Português, desde que seja reconhecido pelo membro do Governo responsável pela área das finanças o interesse público subjacente à operação e o credor seja um não residente em território nacional sem estabelecimento estável ao qual o empréstimo seja imputável.

Artigo 113.º

Intervenção no mercado

1 — Ficam a ANEPC, a GNR e a Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna (SGMAI) autorizados a recorrer a operações específicas do Tesouro, nos termos previstos no artigo 140.º da Lei do Orçamento do Estado, com as necessárias adaptações no âmbito de operações com financiamento europeu e internacional.

2 — Fica a SGMAI autorizada a recorrer a operações específicas do Tesouro, nos termos previstos no artigo 140.º da Lei do Orçamento do Estado, com as necessárias adaptações, para assegurar os pagamentos aos beneficiários do Fundo Asilo Migração e Integração (FAMI) e do Fundo de Segurança Interna (FSI) durante o ano de 2019, para não comprometer a execução dos fundos da União Europeia atribuídos e a consequente devolução dos mesmos, até ao montante de € 35 000 000.

3 — As operações a que se refere o número anterior devem ser regularizadas aquando dos pagamentos FAMI e FSI pela Comissão Europeia e até ao final do exercício orçamental de 2019.

SECÇÃO II

Gestão da tesouraria do Estado

Artigo 114.º

Modelo de gestão de tesouraria

1 — Durante o ano de 2019 é estabelecido um modelo de gestão de tesouraria que garanta os seguintes objetivos:

a) Assegurar que existem disponibilidades financeiras suficientes para liquidar as obrigações à medida que as mesmas se vão vencendo;

b) Garantir que o recurso ao financiamento só ocorre quando é necessário;

c) Maximizar o retorno da tesouraria disponível;

d) Permitir a gestão eficiente dos riscos financeiros;

e) Permitir a reconciliação diária entre a informação bancária e a contabilidade por fonte de financiamento.

2 — As entidades sujeitas ao cumprimento do princípio da unidade da tesouraria comunicam ao IGCP, E. P. E., até ao dia 15 de setembro, o montante das aplicações em certificados especiais de dívida de curto prazo (CEDIC) que projetam concretizar até 31 de dezembro.

3 — Após avaliação da informação prevista no número anterior, o IGCP, E. P. E., em articulação com as entidades sujeitas ao cumprimento do princípio da unidade da tesouraria, pode solicitar a aplicação de disponibilidades adicionais em CEDIC.

4 — O IGCP, E. P. E., pode excecionalmente determinar a aplicação em CEDIC de disponibilidades de tesouraria das entidades sujeitas ao cumprimento do princípio da unidade da tesouraria.

5 — Para os efeitos do disposto no número anterior, a DGO define e informa as entidades sujeitas ao cumprimento do princípio da unidade da tesouraria das condições necessárias, designadamente de natureza contabilística, à titularização dos respetivos depósitos

Artigo 115.º

Unidade de tesouraria

1 — As entidades referidas no artigo 141.º da Lei do Orçamento do Estado, com exceção das entidades públicas não reclassificadas, são obrigadas a fazer prova do cumprimento do princípio da unidade de tesouraria através do registo trimestral, nos serviços *online* da DGO, do saldo bancário registado no final de cada um dos três meses anteriores, da totalidade das suas disponibilidades e aplicações financeiras, seja qual for a origem ou natureza das mesmas, incluindo receitas próprias, junto do IGCP, E. P. E., e das instituições bancárias, bem como das disponibilidades e aplicações mantidas na banca comercial e respetivos rendimentos.

2 — As empresas públicas não financeiras dispensadas do cumprimento do princípio da unidade de tesouraria devem prestar informação à DGTF sobre os montantes e as entidades em que se encontram aplicadas a totalidade das suas disponibilidades e aplicações financeiras, seja qual for a origem ou natureza das mesmas, incluindo receitas próprias, em conformidade com o disposto no n.º 3 do artigo 28.º do Decreto-Lei n.º 133/2013, de 3 de outubro, na sua redação atual, e na alínea b) do n.º 4 do artigo 141.º da Lei do Orçamento do Estado.

3 — Sem prejuízo do disposto no artigo 3.º, o incumprimento do disposto nos números anteriores ou a prestação de informação incorreta são equiparados, para todos os efeitos, ao incumprimento do princípio de unidade de tesouraria, dando lugar à aplicação das sanções previstas no n.º 8 do artigo 141.º da Lei do Orçamento do Estado.

4 — Durante o ano de 2019, são dispensados do cumprimento do princípio da unidade de tesouraria:

a) As escolas do ensino não superior;

b) Os serviços periféricos externos do MNE, as estruturas das redes externas do Camões, I. P., e da AICEP, E. P. E., bem como o FRI quanto a receitas obtidas e em contas no exterior;

c) Os serviços externos do MDN, no âmbito da cooperação técnico-militar e missões humanitárias e de paz;

d) As entidades a que se refere o n.º 3 do artigo 29.º do Decreto-Lei n.º 133/2013, de 3 de outubro, na sua redação atual;

e) A SCML;

f) A CGA, I. P., na parte relativa às matérias contidas nos artigos 6.º e 12.º do protocolo em vigor celebrado com o IGCP, E. P. E.;

g) A Portugal Capital Ventures — Sociedade de Capital de Risco, S. A.;

h) A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento;

i) A CPL, I. P. e as instituições de ensino superior, no que respeita a heranças, legados e doações consignadas ao cumprimento de disposições testamentárias;

j) As instituições de crédito integradas no setor empresarial do Estado e qualificadas como «entidades supervisionadas significativas», na aceção do ponto 16) do artigo 2.º do Regulamento (UE) 468/2014, do Banco Central Europeu, de 16 de abril de 2014, e respetivas participadas que integrem o setor empresarial do Estado.

5 — Em situações excecionais devidamente fundamentadas, a pedido do serviço ou organismo, o IGCP, E. P. E., pode autorizar a dispensa do cumprimento do princípio da unidade de tesouraria, pelo prazo máximo de dois anos, dando conhecimento à DGO e, no caso das empresas públicas não financeiras, à IGF e à DGTF.

6 — Para efeitos da dispensa referida no número anterior, o serviço ou organismo deve remeter o pedido ao IGCP, E. P. E., no prazo de 30 dias após a publicação do presente decreto-lei.

7 — Em situações excecionais, devidamente fundamentadas, a pedido do serviço ou organismo, o membro do Governo responsável pela área das finanças pode autorizar a dispensa do cumprimento do princípio da unidade de tesouraria em exercícios anteriores.

8 — A dispensa do cumprimento do princípio da unidade de tesouraria não isenta as entidades do reporte de informação a que se referem os n.ºs 1 e 2.

9 — Os rendimentos de todas as disponibilidades e aplicações financeiras auferidos em virtude do incumprimento do princípio da unidade de tesouraria e respetivas regras, ou dispensados do cumprimento deste princípio, devem ser entregues na tesouraria central do Estado até ao final do mês seguinte ao da sua obtenção e remetido o respetivo comprovativo à DGO.

10 — Em situações excecionais, no que respeita a sistemas de proteção de depositantes e investidores, ou relativamente a entidades que estejam excluídas ou dispensadas do cumprimento do princípio da unidade de tesouraria, o membro do Governo responsável pela área das finanças pode autorizar a dispensa da entrega de rendimentos em 2019 prevista no número anterior, bem como a entrega de rendimentos obtidos em anos anteriores.

11 — Compete à IGF, no âmbito das respetivas atribuições de autoridade de auditoria, verificar o cumprimento do princípio da unidade de tesouraria pelas entidades obrigadas, em especial quanto aos fundos que se encontrem fora da tesouraria do Estado.

12 — A informação prestada pelo Banco de Portugal à IGF e à DGO, nos termos do n.º 10 do artigo 141.º da Lei do Orçamento do Estado deve estar atualizada pelas instituições de crédito e conter, para além dos elementos de informação referidos no n.º 2 do artigo 81.º-A do Regime Geral das Instituições de Crédito e Sociedades Financeiras, a indicação do saldo bancário.

13 — O incumprimento do princípio da unidade de tesouraria faz incorrer os titulares do órgão de direção ou gestão das entidades em causa em responsabilidade financeira

Artigo 116.º

Cartão «Tesouro Português»

1 — Os pagamentos que sejam efetuados através de cartão de crédito, pelas entidades sujeitas ao princípio da unidade de tesouraria, só podem ser realizados mediante a utilização do cartão «Tesouro Português».

2 — O cartão «Tesouro Português» deve ser o meio de pagamento utilizado sempre que tal utilização resulte na aquisição de bens ou serviços em condições mais favoráveis.

3 — Para a aquisição de serviços de viagens e alojamento, no âmbito da Portaria n.º 194/2018, de 4 de julho, os organismos públicos devem utilizar a versão Base Viagens, do cartão «Tesouro Português».

4 — O cartão «Tesouro Português» pode ser emitido em nome dos titulares dos cargos de direção superior, ou equiparados, bem como dos dirigentes e funcionários que tenham competência, própria ou delegada, para efetuar aquisições de bens e serviços.

5 — O IGCP, E. P. E., mediante solicitação e no prazo máximo de um mês, assegura que todas as entidades sujeitas à unidade de tesouraria possuem o cartão «Tesouro Português», disponibilizando igualmente a informação necessária à sua utilização.

6 — O IGCP, E. P. E., assegura que o cartão «Tesouro Português» é aceite como meio de pagamento junto dos prestadores de bens ou serviços, incluindo os disponibilizados através da internet.

7 — O disposto no presente artigo aplica-se, com as devidas adaptações, aos municípios que mantenham contas bancárias junto do IGCP, E. P. E., e possuam o cartão «Tesouro Português».

Artigo 117.º

Gestão das disponibilidades de tesouraria

1 — As disponibilidades residentes na tesouraria central do Estado podem ser aplicadas na aquisição de valores mobiliários representativos de dívida pública, entendendo-se por esta quer a dívida contraída pelo IGCP, E. P. E., atuando em nome e em representação do Estado, quer a dívida de entidades que, independentemente da sua natureza e forma, estejam reclassificadas no perímetro das administrações públicas no âmbito do Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais.

2 — As disponibilidades residentes na tesouraria central do Estado podem ser também aplicadas na aquisição de valores mobiliários representativos de dívida de entidades do setor público empresarial quando essa dívida esteja reconhecida como dívida pública em cumprimento das regras de compilação de dívida na ótica de Maastricht.

3 — Compete ao IGCP, E. P. E., definir os termos e as condições das operações de compra de dívida a realizar ao abrigo do disposto nos números anteriores, em obediência ao princípio da máxima eficiência de gestão da tesouraria do Estado.

SECÇÃO III

Recuperação de créditos e regularização de responsabilidades

Artigo 118.º

Recuperação de créditos

1 — A cobrança dos créditos detidos pela DGTF decorrentes de empréstimos e participações financeiras reembolsáveis, concedidas pelo Estado ou por outras entidades públicas, designadamente empresas públicas, que lhe tenham transmitido os respetivos direitos, bem como da execução da garantia do Estado prestada no quadro do Código das Expropriações, pode ter lugar por recurso ao processo de execução fiscal nos termos previstos no Código de Procedimento e de Processo Tributário, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 433/99, de 26 de outubro, na sua redação atual.

2 — Sempre que a cobrança de créditos detidos pela DGTF seja realizada por recurso ao processo de execução fiscal, a certidão de dívida emitida pela DGTF constitui título executivo para o efeito.

Artigo 119.º

Regularização de responsabilidades

A regularização de responsabilidades decorrentes do processo de descolonização é assegurada pela DGTF por recurso a dotação orçamental inscrita no capítulo 60, desde que autorizada pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

CAPÍTULO VI

Prestação de informação

Artigo 120.º

Informação sobre fundos disponíveis, compromissos, contas a pagar e pagamentos em atraso

1 — Independentemente da existência de pagamentos em atraso, as entidades referidas no artigo 2.º da Lei de Enquadramento Orçamental, aprovada em anexo à Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, procedem, mensalmente, ao registo da informação sobre fundos disponíveis, compromissos assumidos, saldo inicial das contas a pagar, movimento mensal, saldo das contas a pagar a transitar para o mês seguinte e os pagamentos em atraso, até ao dia 10 do mês seguinte a que se reporta, no suporte informático das seguintes entidades:

- a) DGO, no subsetor da Administração central;
- b) ACSS, I. P., no SNS;
- c) DGAL, no subsetor da Administração local;
- d) IGFSS, I. P., no subsetor da segurança social.

2 — Os municípios e as freguesias que tenham cumprido as obrigações previstas no n.º 56 do artigo 88.º da Lei do Orçamento do Estado, e estejam excluídos do âmbito de aplicação da Lei n.º 8/2012, de 21 de fevereiro, e do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, ambos na sua redação atual, estão dispensados do envio do mapa dos fundos disponíveis através do Sistema Integrado de Informação das Autarquias Locais (SIIAL) da DGAL, mantendo-se a obrigatoriedade de reporte dos pagamentos em atraso.

3 — O reporte da informação relativa a fundos disponíveis e compromissos assumidos referido no n.º 1 é submetido à validação da entidade coordenadora do programa orçamental.

4 — As entidades referidas nas alíneas b) a d) do n.º 1 e as entidades do subsetor da Administração regional devem remeter à DGO a informação compilada até ao dia 15 do mês referido no n.º 1.

Artigo 121.º

Informação genérica a prestar pelos serviços e fundos autónomos no SIGO

1 — Os serviços e fundos autónomos são responsáveis por proceder ao registo da informação no suporte informático, ou ao envio em suporte eletrónico, dando conta às respetivas entidades coordenadoras, nos termos previstos nos números seguintes.

2 — Mensalmente, até ao dia 8 do mês seguinte ao qual a informação se reporta, as entidades referidas no número anterior registam no SIGO as contas da execução orçamental e as alterações orçamentais.

3 — Trimestralmente, até ao dia 30 do mês seguinte ao do termo do trimestre, as entidades referidas no n.º 1, com exceção das previstas no artigo 34.º, procedem à apresentação do relatório da execução orçamental, elaborado pelo competente órgão fiscalizador ou, na sua falta, pelo respetivo órgão de gestão.

4 — Na data a indicar na circular de preparação do Orçamento do Estado, as EPR procedem à apresentação do balancete analítico e das demonstrações financeiras previsionais para o ano em curso e seguinte.

5 — Trimestralmente, até ao fim do mês seguinte ao qual a informação se reporta, as entidades referidas no n.º 1 procedem à apresentação do balancete analítico trimestral.

6 — Para além dos documentos mencionados nos números anteriores, a DGO pode ainda solicitar qualquer outra informação de caráter financeiro necessária à análise do impacto das contas das entidades referidas no n.º 1 no saldo das administrações públicas.

Artigo 122.º

Informação a prestar pelas instituições do Ministério da Saúde

1 — As instituições do setor público administrativo e do setor empresarial do Estado, no âmbito do MS, enviam à ACSS, I. P., os documentos de prestação de contas mensal, os documentos de prestação de contas final e respetiva certificação legal de contas, bem como outra informação necessária ao acompanhamento económico-financeiro das entidades ou ao controlo da execução do orçamento do MS.

2 — Os documentos de prestação de contas mensal são enviados à ACSS, I. P., pelas instituições do setor público administrativo e do setor empresarial do Estado até ao dia 10 do mês seguinte ao qual a informação se reporta, considerando-se o respetivo mês como encerrado para todos os efeitos.

3 — A restante informação a prestar, que decorra da aplicação do n.º 1, é objeto de concretização pela ACSS, I. P., que divulga, através de circular normativa, o conteúdo, o formato, os prazos e a forma de registo da informação em suporte eletrónico, para efeitos de reporte à ACSS, I. P..

4 — AACSS, I. P., remete à DGO a informação relativa à execução financeira do SNS, na ótica das contas nacionais a que se refere o n.º 2, até ao dia 15 do mês a que se refere o n.º 2.

5 — O incumprimento, total ou parcial, da obrigação de prestação de informação definidas no n.º 1, nas circulares normativas referidas no n.º 3 ou a prestação de informação que se revele insuficiente ou não fiável, implica a retenção de 10 % do valor mensal das transferências ou adiantamento ao contrato programa, no mês seguinte àquele em que deveria ter sido prestada a informação, a realizar:

- a) Pela ACSS, I. P., no caso das entidades do setor empresarial do Estado;
- b) Pela DGO, para as instituições do setor público administrativo.

6 — Os montantes a que se refere o número anterior são repostos no mês seguinte ao da prestação da informação cujo incumprimento determinou a retenção, salvo em situações de incumprimento reiterado, caso em que apenas são repostos 90 % dos montantes retidos.

Artigo 123.º

Informação a prestar pelas regiões autónomas

1 — As regiões autónomas prestam à DGO, nos termos definidos por esta, a seguinte informação:

- a) A prevista no artigo 120.º;
- b) A relativa à execução orçamental mensal, até ao dia 15 do mês seguinte a que se reporta;
- c) A prevista no artigo 21.º da Lei Orgânica n.º 2/2013, de 2 de setembro, na sua redação atual;
- d) A relativa às entidades reclassificadas nos termos do n.º 4 do artigo 2.º da Lei de Enquadramento Orçamental, aprovada em anexo à Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, até ao final do mês seguinte ao trimestre a que se reporta;
- e) A necessária à aferição do cumprimento do equilíbrio orçamental e do limite à dívida das regiões autónomas, nos termos previstos, respetivamente, nos artigos 16.º e 40.º da Lei Orgânica n.º 2/2013, de 2 de setembro, na sua redação atual.

2 — As regiões autónomas prestam, ainda, a informação de carácter económico-financeiro que seja solicitada pela DGO, necessária à análise do impacto das contas das administrações regionais no saldo das administrações públicas.

Artigo 124.º

Informação a prestar pelas regiões autónomas e entidades integradas no subsector da Administração regional em contas nacionais

Os governos regionais dos Açores e da Madeira prestam informação à DGO, trimestralmente e nos termos por esta definidos, sobre a celebração de contratos em regime de parcerias público-privadas, concessões e execução de contratos em vigor, de modo a permitir a existência de um registo atualizado e completo destas operações ao nível das regiões autónomas.

Artigo 125.º

Informação a prestar pelas autarquias locais, empresas do setor empresarial local, entidades intermunicipais, entidades associativas municipais e entidades integradas no subsector da Administração local em contas nacionais.

1 — Os municípios prestam a seguinte informação à DGAL, através do SIIAL:

- a) A prevista no artigo 120.º;
- b) A prevista no artigo 78.º da Lei n.º 73/2013, de 3 de setembro, na sua redação atual;
- c) A informação ao abrigo, e nos termos, do artigo 44.º da Lei n.º 50/2012, de 31 de agosto, na sua redação atual;
- d) No final de junho e de dezembro, a demonstração da realização de despesa semestral elegível relativa às verbas do FSM, desagregadas por tipo de despesa, destinadas ao financiamento de competências exercidas pelos municípios no domínio da educação pré-escolar e do ensino básico.

2 — Os municípios prestam informação à DGAL, trimestralmente e nos termos por esta definidos, sobre celebração de contratos em regime de parcerias público-privadas, concessões e execução de contratos em vigor, de modo a permitir a existência de um registo atualizado e completo destas operações.

3 — As autarquias locais, entidades intermunicipais, entidades associativas municipais, as empresas locais, as sociedades comerciais participadas, nos termos da Lei n.º 50/2012, de 31 de agosto, na sua redação atual, e restantes entidades integradas no subsector da Administração local em contas nacionais remetem, com periodicidade mensal, até dia 10 do mês seguinte ao que respeita a informação, dados relativos a compromissos e pagamentos em atraso, para efeitos de verificação do disposto no artigo 89.º da Lei do Orçamento do Estado.

4 — As freguesias enviam à DGAL trimestralmente, nos 10 dias subsequentes ao período a que respeitam, os mapas de fluxos de caixa, através da aplicação SIIAL.

5 — As entidades intermunicipais remetem à DGAL trimestralmente, nos 10 dias subsequentes ao período a que respeitam, informação relativa aos empréstimos contraídos e à dívida total.

6 — As empresas locais e as sociedades comerciais participadas, nos termos da Lei n.º 50/2012, de 31 de agosto, na sua redação atual, enviam à DGAL, através de aplicação disponibilizada para o efeito, os documentos de prestação de contas e demais informação a remeter à UTAM nos termos do artigo 64.º do Decreto-Lei n.º 133/2013, de 3 de outubro, na sua redação atual.

7 — A DGO e a DGAL partilham a informação prestada nos termos do presente artigo, podendo, no âmbito das respetivas atribuições, solicitar informações adicionais às entidades constantes do n.º 4.

8 — Os municípios ficam dispensados do cumprimento do disposto no artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 54-A/99, de 22 de fevereiro, na sua redação atual.

Artigo 126.º

Informação a prestar pela segurança social

1 — As instituições de segurança social e os demais organismos com orçamentos integrados no orçamento da segurança social devem disponibilizar, mensalmente, ao IGFSS, I. P., até ao sétimo dia do mês seguinte àquele a que respeitam, elementos sobre a execução orçamental de receita e de despesa realizados nos termos definidos no Plano Oficial de Contabilidade das Instituições do Sistema de Solidariedade e Segurança Social.

2 — O IGFSS, I. P., procede ao registo da informação sobre a execução orçamental, em suporte a definir pela DGO, nos seguintes termos:

- a) A prevista no artigo 120.º;
- b) A execução orçamental mensal especificada pela classificação económica e pelos serviços destinatários, até ao dia 18 do mês seguinte àquele a que respeitem;
- c) A execução orçamental trimestral especificada pela classificação económica, até ao final do dia 18 do mês seguinte ao fim do trimestre;
- d) A previsão da execução orçamental anual, até ao final do mês seguinte ao fim do trimestre;
- e) Os dados referentes à situação da dívida e dos ativos expressos em títulos de dívida emitidos pelas administrações públicas, de acordo com o Regulamento (CE) 3605/93, do Conselho, de 22 de novembro de 1993, até 31 de janeiro e 31 de julho;
- f) A dívida contraída e os ativos expressos em títulos de dívida emitidos pelas administrações públicas, em cumprimento do Regulamento (CE) 1222/2004, do Conselho, de 28 de junho de 2004, até ao final do mês seguinte ao fim do trimestre.

Artigo 127.º

Deveres de informação

Para além das obrigações de informação especialmente previstas no presente capítulo, a DGO pode ainda solicitar às entidades referidas no artigo 2.º da Lei de Enquadramento Orçamental, aprovada em anexo à Lei n.º 151/2015, de 11 de setembro, na sua redação atual, outra informação que se revele necessária para o acompanhamento da execução orçamental.

CAPÍTULO VII

Políticas de prevenção e de migração

Artigo 128.º

Política de prevenção, habilitação, reabilitação e participação da pessoa com deficiência

A informação prevista no artigo 206.º da Lei do Orçamento do Estado é compilada pela secretaria-geral de cada ministério e remetida ao Instituto Nacional para a Reabilitação, I. P., no prazo de 60 dias após a entrada em vigor do presente decreto-lei, quanto às verbas inscritas no orçamento de cada ministério, e até 28 de fevereiro de 2020, quanto à sua execução.

Artigo 129.º

Política de prevenção da violência doméstica, de proteção e de assistência das suas vítimas

A informação prevista no artigo 80.º-A da Lei n.º 112/2009, de 16 de setembro, na sua redação atual, é compilada e remetida por cada entidade coordenadora à CIG e à DGO:

a) No prazo de 60 dias após a entrada em vigor do presente decreto-lei, quanto às verbas inscritas no respetivo orçamento;

b) Até 28 de fevereiro de 2020, quanto à sua execução, bem como estimativa do montante correspondente a isenções concedidas a pessoas com o estatuto de vítima de violência doméstica.

Artigo 130.º

Programas de recolocação e de reinstalação de requerentes e beneficiários de proteção internacional

1 — Considerando as competências do Alto Comissariado para as Migrações, I. P. (ACM, I. P.), previstas no n.º 2 do artigo 1.º, nas alíneas c) e j) do n.º 2 do artigo 3.º e na alínea i) do n.º 2 do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 31/2014, de 27 de fevereiro, as despesas por este suportadas relativas ao acolhimento de pessoas refugiadas, assumidas pelo Estado português ao abrigo dos programas de recolocação e de reinstalação, e de beneficiários de proteção internacional, são asseguradas pela sua dotação orçamental, a qual é financiada, quando aplicável, pelas contribuições definidas pela União Europeia.

2 — Para efeitos do processamento referente às contribuições previstas no número anterior, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) procede à transferência para o ACM, I. P., de verbas inscritas no seu orçamento, por via das *lump sums* nominativas existentes, mediante protocolo a celebrar entre as duas entidades.

3 — Com a transferência de verbas referida no número anterior, são transferidas para o ACM, I. P., as obrigações anteriormente a cargo do SEF no período em que as pessoas refugiadas estiveram a seu cargo.

CAPÍTULO VIII

Disposições específicas em matéria de gestão de património

Artigo 131.º

Disposição do património imobiliário

1 — Sem prejuízo do disposto no Decreto-Lei n.º 106/2018, de 29 de novembro, a alienação, a oneração e o arrendamento de imóveis pertencentes ao Estado ou aos organismos públicos com personalidade jurídica, dotados ou não de autonomia financeira, que não tenham a natureza, a forma e a designação de empresa, fundação ou associação pública, bem como a cedência de utilização de imóveis do Estado, são sempre onerosas, tendo como referência o valor apurado em avaliação promovida pela DGTF.

2 — O disposto no número anterior não se aplica:

a) Aos imóveis do IGFSS, I. P., que constituem o património imobiliário da segurança social;

b) À alienação de imóveis da carteira de ativos do FEFSS, gerida pelo IGFCSS, I. P., cuja receita seja aplicada no FEFSS;

c) Ao património imobiliário do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I. P. (IHRU, I. P.);

d) Aos imóveis constantes do anexo III do Decreto-Lei n.º 240/2015, de 14 de outubro;

e) Aos imóveis que constituem a Urbanização da Nossa Senhora da Conceição, sita no Monte da Caparica, em Almada, propriedade da CPL, I. P.;

f) Ao arrendamento de imóveis do Instituto de Ação Social das Forças Armadas, I. P., para fins habitacionais sociais, no âmbito da sua missão e atribuições em matéria de ação social complementar previstas no artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 193/2012, de 23 de agosto, na sua redação atual;

g) Aos imóveis do Estado, a identificar mediante lista a elaborar pelos Serviços Sociais da Administração Pública (SSAP) e a validar pela DGTF, que se encontram afetos aos SSAP e que se destinem ao cumprimento da sua missão e atribuições no âmbito da ação social complementar, prevista no Decreto-Lei n.º 122/2007, de 27 de abril, bem como aos imóveis que constituem o Bairro Social da Tapada do Mocho, competindo aos SSAP a sua atribuição nos termos do Regulamento de Casas Económicas da Obra Social do Ministério do Ultramar, em Regime de Propriedade Resolúvel, aprovado pela Portaria n.º 23 785, de 18 de dezembro, na sua redação atual, bem como a prática de todos os atos previstos no Decreto-Lei n.º 273/73, de 30 de maio, devendo dos mesmos dar conhecimento à DGTF;

h) À constituição de direitos de superfície ou ao arrendamento de bens do património do IAPMEI — Agência para a Competitividade e Inovação, I. P. (IAPMEI, I. P.), integrados no Parque de Inovação e Competitividade Empresarial, criado pelo Decreto-Lei n.º 355/2007, de 29 de outubro, na sua redação atual;

i) Aos imóveis propriedade do ISS, I. P., nos quais funcionam respostas sociais desenvolvidas por instituições particulares de solidariedade social ou equiparadas com

suporte em acordo de cooperação e relativamente aos quais vigore contrato de comodato ou situação equivalente.

3 — Às situações previstas no número anterior não se aplicam ainda os artigos 133.º a 135.º, bem como o disposto no Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, e o disposto na Lei do Orçamento do Estado quanto à afetação do produto da alienação e oneração de imóveis.

4 — Os bens entregues ao Gabinete de Administração de Bens, nos termos e ao abrigo do disposto na Lei n.º 45/2011, de 24 de junho, na sua redação atual, que venham a ser declarados perdidos a favor do Estado por decisão transitada em julgado, são registados pelo Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos de Justiça, I. P., em nome do Estado Português.

Artigo 132.º

Utilização de curta duração

1 — O pagamento da contrapartida, prevista na alínea *a)* do n.º 6 do artigo 6.º da Lei do Orçamento do Estado, devida pelo utilizador, é realizado previamente ao início da utilização e suportado em documento contabilístico.

2 — O disposto no n.ºs 7 e 9 do artigo 6.º da Lei do Orçamento do Estado não é aplicável sempre que o montante total das contrapartidas correspondente à afetação a que se referem as alíneas *b)* a *e)* do n.º 7 do mesmo artigo seja, no semestre em causa, igual ou inferior a € 1 000.

3 — As condições previstas nos números anteriores aplicam-se exclusivamente à utilização de curta duração por terceiro que envolva mais de 50 % da área útil dos edifícios, instalações ou espaço exterior, não sendo exigíveis quando ocorra cedência de utilização de curta duração que envolva uma área inferior.

4 — A contrapartida mínima a que se refere a alínea *a)* do n.º 6 do artigo 6.º da Lei do Orçamento do Estado é fixada num ou em vários preços m²/hora para edifícios e m²/dia para espaços exteriores.

5 — O incumprimento do disposto no n.º 9 do artigo 6.º da Lei do Orçamento do Estado determina a responsabilidade civil, financeira e disciplinar do dirigente máximo do serviço ou organismo ao qual o imóvel está afeto.

Artigo 133.º

Afetação do produto da alienação e oneração de imóveis

O remanescente da afetação do produto da alienação, da oneração, do arrendamento e da cedência de utilização de imóveis, decorrente da aplicação do disposto no n.º 4 do artigo 6.º da Lei do Orçamento do Estado, constitui receita do Estado.

Artigo 134.º

Contabilização de receita proveniente de operações imobiliárias

1 — Com vista à contabilização das receitas provenientes de operações imobiliárias, devem os serviços do Estado e os organismos públicos com personalidade jurídica, dotados ou não de autonomia financeira, que não tenham a natureza, a forma e a designação de empresa, fundação ou associação pública, remeter à DGTF, até 30 de junho de 2019, informação detalhada sobre as receitas provenientes de arrendamento e de outros tipos de utili-

zação com caráter duradouro de imóveis próprios ou do Estado, identificando a inscrição matricial, o registo e o local da situação do imóvel, bem como o respetivo título jurídico da ocupação.

2 — Compete à DGTF desenvolver, em colaboração com os serviços e organismos públicos referidos no número anterior, o procedimento necessário à arrecadação e contabilização das receitas referidas no número anterior.

3 — A afetação das receitas referidas no n.º 1 aos respetivos serviços é promovida pela DGTF, em conformidade com o disposto na Lei do Orçamento do Estado quanto à afetação do produto da alienação e oneração de imóveis.

Artigo 135.º

Princípio da onerosidade

1 — Fica a DGTF autorizada a notificar os serviços, organismos públicos e demais entidades para pagamento das contrapartidas decorrentes da aplicação do princípio da onerosidade liquidadas, comunicadas e devidas nos anos de 2014, 2015 e 2016 e cujo pagamento não tenha sido realizado, procedendo à emissão das correspondentes faturas.

2 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, os serviços, organismos públicos e demais entidades estão obrigados ao pagamento das contrapartidas devidas nos termos do n.º 1 do artigo 4.º da Portaria n.º 278/2012, de 14 de setembro, na sua redação atual, aplicando-se à liquidação e ao pagamento destas contrapartidas o disposto no artigo 6.º da referida portaria.

3 — Até à implementação do documento de cobrança, previsto no n.º 3 do artigo 6.º da Portaria n.º 278/2012, de 14 de setembro, na sua redação atual, para a cobrança da receita relativa ao princípio da onerosidade consagrado no artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, é utilizada a fatura emitida pela DGTF.

4 — O não cumprimento das obrigações de pagamento das contrapartidas devidas nos termos dos números anteriores determina a aplicação do disposto no n.º 6 do artigo 113.º-A do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, podendo ainda determinar a suspensão de contratos de financiamento em vigor no âmbito do respetivo serviço ou organismo público que beneficiem da comparticipação do Fundo de Reabilitação e Conservação Patrimonial, bem como, mediante despacho do membro do Governo responsável pela área das finanças, de outros contratos de financiamento em vigor no âmbito do respetivo ministério que beneficiem daquela comparticipação.

5 — Fica o MNE isento da aplicação do princípio da onerosidade previsto no Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, para efeitos de pagamento da renda prevista no auto de cedência e aceitação assinado entre a secretaria-geral deste ministério e a DGTF, no âmbito da cedência de imóvel com vista à instalação da sede da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e da sede do Centro Norte-Sul.

6 — O disposto no n.º 4 do artigo 124.º da Lei do Orçamento do Estado aplica-se, sem exceção, a todos os imóveis propriedade do IGFSS, I. P.

Artigo 136.º

Aplicação do Princípio da Onerosidade aos imóveis afetos à prossecução das atividades operacionais das Forças Armadas

1 — É aplicado, durante o ano de 2019, o princípio da onerosidade aos imóveis, partes de imóveis ou espaços afetos à prossecução das atividades operacionais das Forças Armadas, em derrogação do disposto no n.º 2 do artigo 2.º da Portaria n.º 278/2012, de 14 de setembro, na sua redação atual.

2 — Da aplicação do princípio da onerosidade aos imóveis, partes de imóveis ou espaços afetos à prossecução das atividades operacionais das Forças Armadas não pode resultar, para o ano de 2019, um encargo superior a € 60 000 000.

Artigo 137.º

Satisfação de encargos decorrentes da extinção do Fundo dos Antigos Combatentes

Os encargos previstos na parte final do artigo 16.º da Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro, a satisfazer pela Lei de Programação de Infraestruturas Militares, atual Lei das Infraestruturas Militares, passam a ser satisfeitos por verbas do Orçamento do Estado, no Programa Orçamental da Defesa, PO 06-Defesa.

Artigo 138.º

Fundo de Reabilitação e Conservação Patrimonial

O financiamento do Fundo de Reabilitação e Conservação Patrimonial não abrange intervenções em imóveis dos serviços, organismos e demais entidades que possam beneficiar de outros fundos, públicos ou privados, destinados a operações de reabilitação, conservação ou restauro em imóveis, ou de outros programas decorrentes de regimes e legislação especiais de rentabilização de imóveis.

Artigo 139.º

Renovação de contratos de arrendamento celebrados entre 1990 e 2005

1 — A renovação dos contratos de arrendamento para instalação de serviços públicos, celebrados em nome do Estado e por institutos públicos entre 1990 e 2005, está sujeita a parecer da DGTF, caso o mesmo não tenha sido requerido em anos anteriores.

2 — Os serviços integrados do Estado e os organismos públicos com personalidade jurídica, dotados ou não de autonomia financeira, devem remeter à DGTF os contratos de arrendamento referidos no número anterior, com 90 dias de antecedência relativamente ao início do prazo, legal ou contratualmente previsto, para a oposição à renovação.

Artigo 140.º

Contratos de arrendamento para instalação de serviços públicos

1 — A celebração de contratos de arrendamento por serviços ou organismos do Estado ou institutos públicos, sem prejuízo do cumprimento das formalidades previstas no artigo 42.º e seguintes do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, é autorizada pelo membro do Governo responsável pela área das finanças, após despacho favorável do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial.

2 — O pedido para celebração de contratos de arrendamento é apresentado junto do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial, instruído com a análise custo-benefício do imóvel a arrendar e a declaração de cabimento orçamental emitida pela entidade requerente.

3 — Sempre que a celebração do contrato de arrendamento implique a assunção de encargos plurianuais, previamente ao pedido referido no número anterior, deve ser assegurado o registo do compromisso plurianual na base de dados central disponibilizada pela DGO, a que se refere o n.º 1 do artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual.

4 — Os critérios e normas técnicas a que obedece a análise custo-benefício referida no número anterior são fixados pelo diretor-geral do Tesouro e Finanças, através de instruções a publicitar no sítio na Internet da DGTF, devendo ter em consideração, designadamente:

a) A verificação da existência de imóveis, afetos a serviços ou organismos do Estado ou propriedade de institutos públicos do mesmo ministério, passíveis de instalação da entidade requerente;

b) A fundamentação para seleção da proposta de imóvel apresentada face às preteridas ou, quando aplicável, a referência à dispensa de consulta ao mercado ao abrigo do disposto no artigo seguinte;

c) A racionalização na ocupação do imóvel, em conformidade com critérios da teoria das organizações e rácios de ocupação, atentas, nomeadamente, as características mínimas necessárias, a área bruta a ocupar por trabalhador, a atividade a desenvolver, a necessidade de atendimento ao público e a sua localização.

5 — Estão dispensados da avaliação promovida pela DGTF, nos termos dos artigos 35.º e 108.º do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, os arrendamentos para instalação dos serviços ou organismos do Estado ou dos institutos públicos que, cumulativamente, cumpram os seguintes requisitos:

a) O valor unitário por m², consoante a localização do imóvel, não exceda os limites seguintes:

Localização	Finalidade		
	Habitação	Escritório	Armazém/Arquivo
Lisboa.....	11,00 €	15,00 €	3,00 €
Porto.....	7,50 €	12,00 €	
Outros Concelhos da área metropolitana de Lisboa.	8,00 €	11,00 €	
Outros Concelhos da área metropolitana do Porto.	6,00 €	10,00 €	
Restante território.....	5,50 €	8,00 €	

b) Nos casos em que o imóvel se destina a escritórios, a área por número de trabalhador não exceda os 15 m².

6 — Sem prejuízo do disposto no artigo 43.º do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, fica dispensada da autorização pelo membro do Governo responsável pela área das finanças a celebração de contratos de arrendamento, por serviços ou organismos do Estado ou por institutos públicos, de imóveis do Estado, de um instituto público ou de uma empresa do setor empresarial do Estado, cujos encargos sejam suportados integralmente através de fontes de financiamento europeias ou internacionais.

7 — A revogação, a denúncia ou a resolução de contratos de arrendamento pelos serviços ou organismos do Estado ou pelos institutos públicos, nos termos do n.º 2 do artigo 42.º do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, fica dispensada da autorização prévia do membro do Governo responsável pela área das finanças, desde que não implique o pagamento de indemnização, a aquisição ou a celebração de novo contrato de arrendamento.

8 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, a cessação de contratos de arrendamento deve ser sempre comunicada à DGTF.

9 — O arrendamento para instalações dos serviços do Conselho Superior de Magistratura fica dispensado do previsto no n.º 1 sempre que o montante da despesa esteja previsto no orçamento próprio daquele órgão.

Artigo 141.º

Consulta ao mercado para aquisição ou arrendamento de imóveis

1 — A consulta ao mercado, prevista no n.º 1 do artigo 35.º do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, efetua-se sempre através da publicação de anúncio no sítio na Internet da DGTF, sem prejuízo da sua publicação no sítio na Internet do serviço ou organismo do Estado ou do instituto público, ou da sua publicação em jornal diário nacional ou regional.

2 — O prazo de recebimento das propostas a que se refere o n.º 2 do artigo 35.º do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, deve ser igual ou superior a 10 dias úteis.

3 — Durante o ano de 2019, não se aplica o mecanismo de dispensa de consulta ao mercado previsto no artigo 36.º do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual.

4 — Sem prejuízo do referido no número anterior, a aquisição ou o arrendamento de imóveis do Estado, de um instituto público, de uma autarquia local, ou de uma empresa do setor empresarial do Estado, ou quando o imóvel a adquirir ou a arrendar seja contíguo às instalações ocupadas fica dispensada da consulta ao mercado a que se refere o artigo 34.º do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual.

5 — O disposto nos números anteriores não se aplica aos pedidos que tenham sido dispensados de consulta ao mercado, nos termos dos n.ºs 1 ou 2 do artigo 32.º do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, até à entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 33/2018, de 15 de maio.

Artigo 142.º

Contratos de arrendamento com opção de compra

Sem prejuízo do disposto no Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, podem os contratos de arrendamento de imóveis do Estado ou de institutos públicos ser celebrados com cláusulas de opção ou de promessa de compra e venda, caso em que se pode prever qual a percentagem das rendas já pagas a ser deduzida ao valor de venda do imóvel.

Artigo 143.º

Contrato de arrendamento de imóveis afetos à instalação de postos de atendimento de serviços e organismos públicos

1 — A celebração, a renovação e a cessação dos contratos de arrendamento relativos a imóveis afetos à ins-

talação de postos de atendimento de serviços integrados do Estado e de organismos públicos com personalidade jurídica, dotados ou não de autonomia financeira, estão sujeitas a parecer prévio favorável da AMA, I. P., a emitir no prazo de 20 dias.

2 — Sem prejuízo do disposto no Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, o interessado na celebração, renovação ou cessação de contratos de arrendamento relativos a imóveis afetos à instalação de postos de atendimento de serviços integrados do Estado e de organismos públicos com personalidade jurídica, dotados ou não de autonomia financeira, comunica previamente essa intenção à DGTF, que solicita à AMA, I. P., a emissão do parecer referido no número anterior.

3 — Os postos de atendimento considerados para efeitos do presente artigo correspondem, designadamente, àqueles em que são prestados serviços pelas seguintes entidades:

- a) Agência Portuguesa do Ambiente, I. P.;
- b) Autoridade para as Condições de Trabalho;
- c) Autoridade Tributária e Aduaneira;
- d) Comissões de Desenvolvimento Regional do Alentejo, Algarve, Centro, Lisboa e Vale do Tejo e do Norte;
- e) Direções Regionais da Agricultura e Pescas;
- f) IAPMEI, I. P.;
- g) ICNF, I. P.;
- h) Instituto da Mobilidade e dos Transportes, I. P.;
- i) Instituto da Segurança Social, I. P.;
- j) Instituto do Emprego e da Formação Profissional, I. P. (IEFP, I. P.);
- k) IRN, I. P.;
- l) Instituto Português do Desporto e Juventude, I. P.;
- m) SEF.

4 — Os atos praticados em violação do disposto nos n.ºs 1 e 2 são nulos e fazem incorrer os seus autores em responsabilidade civil, financeira e disciplinar.

Artigo 144.º

Arrendamento de imóveis pelo Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.

Ao arrendamento de imóveis, nos países beneficiários de ajuda para os projetos ou programas de cooperação cofinanciados pelo Camões, I. P., ou por este geridos, é aplicável o disposto no n.º 2 do artigo 20.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de junho, na sua redação atual, desde que a necessidade destes espaços e respetivo financiamento estejam previstos nos protocolos enquadramentos, bem como aos imóveis destinados à promoção da língua e cultura portuguesas no estrangeiro.

Artigo 145.º

Redefinição do uso dos solos

1 — Verificada a desafetação do domínio público ou dos fins de utilidade pública de quaisquer prédios e equipamentos situados nas áreas de uso especial, de equipamentos públicos ou equivalentes e a sua reafetação a outros fins, deve ser redefinido o uso do solo, de modo a consagrar os usos, os índices médios e os outros parâmetros aplicáveis às áreas limítrofes adjacentes que confinam diretamente com as áreas de uso a redefinir.

2 — O procedimento a adotar para os casos previstos no número anterior é o procedimento simplificado previsto nos n.ºs 3 e seguintes do artigo 123.º do Decreto-Lei

n.º 80/2015, de 14 de maio, mediante a elaboração ou alteração do pertinente instrumento de gestão territorial, aplicando-se o disposto nos n.ºs 4 a 6 do artigo 29.º do mesmo decreto-lei, sempre que ocorra falta de iniciativa procedimental por parte da entidade competente para o efeito.

Artigo 146.º

Constituição em propriedade horizontal

1 — Durante o ano de 2019, a constituição da propriedade horizontal de prédios da titularidade do Estado faz-se mediante declaração emitida pela DGTF, desde que cumpridos os respetivos requisitos legais.

2 — A declaração referida no número anterior constitui título bastante para a inscrição na matriz e respetivos registos prediais.

Artigo 147.º

Transferência da gestão de património habitacional do Estado

1 — A propriedade dos imóveis habitacionais ainda não alienados pelo Estado existentes nas urbanizações denominadas «Bairro do Dr. Mário Madeira» e «Bairro de Santa Maria», inseridas na Quinta da Paiã, na freguesia da Pontinha, que nos termos do Decreto-Lei n.º 52/2014, de 7 de abril, foi transferida para o IHRU, I. P., pode ser objeto de transferência de gestão ou alienação nos termos dos números seguintes.

2 — O IHRU, I. P., pode, sem qualquer contrapartida e sem sujeição às formalidades previstas no artigo 3.º e no artigo 113.º-A do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, e de acordo com os critérios a estabelecer para a alienação do parque habitacional de arrendamento público, transferir a gestão ou a propriedade a que se refere o número anterior para os municípios, empresas municipais ou de capital maioritariamente municipal, para instituições particulares de solidariedade social ou para pessoas coletivas de utilidade pública administrativa, desde que prossigam fins assistenciais e demonstrem capacidade para gerir as urbanizações mencionadas no número anterior.

3 — Após a transferência da gestão ou da propriedade do património, pode o IHRU, I. P., ou qualquer entidade beneficiária nos termos do número anterior, proceder à alienação dos fogos aos respetivos moradores, nos termos do Decreto-Lei n.º 141/88, de 22 de abril, na sua redação atual.

4 — O arrendamento das habitações transferidas fica sujeito ao regime do arrendamento apoiado ou de renda condicionada.

Artigo 148.º

Património das instituições de ensino superior

1 — Aos prédios urbanos seguidamente elencados, que integram o domínio privado da Universidade de Lisboa, não é aplicável o artigo 124.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro, que estabelece o regime jurídico das instituições de ensino superior:

a) Prédio urbano sito na Alameda de Santo António dos Capuchos n.ºs 1, 3 e 5, tornejando para a Rua de Santo António dos Capuchos n.º 77 e 79, em Lisboa, inscrito na matriz sob o artigo 850 da freguesia de Arroios e descrito na

Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o n.º 565 da freguesia da Pena, concelho de Lisboa;

b) Prédio urbano sito na Rua da Junqueira, n.ºs 12 a 18 e Escadinhas de Santo Amaro n.º 3, em Lisboa, inscrito na matriz sob o artigo 451 da freguesia de Alcântara e descrito na Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o n.º 1074 da freguesia da Alcântara, concelho de Lisboa;

c) Quota parte de 50 % do prédio urbano sito na Rua Alexandre Herculano n.º 57, antigo n.ºs 111 a 115, em Lisboa, inscrito na matriz sob o artigo 536 da freguesia de Santo António e descrito na Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o n.º 835 da freguesia de São Mamede, concelho de Lisboa;

d) Fração A do prédio urbano sito na Quinta da Cabaça, em Odivelas, inscrito na matriz sob o artigo 8995 da União das Freguesias de Pontinha e Famões e descrito na Conservatória do Registo Predial de Odivelas sob o n.º 3040 da freguesia de Odivelas, concelho de Odivelas;

e) Fração A do prédio urbano sito na Rua Rainha D. Luísa de Gusmão, n.ºs 12, 12 A, 12-B e 12-C, em Lisboa, inscrito na matriz sob o artigo 545 da freguesia do Lumiar, concelho de Lisboa e descrito na Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o n.º 1180 da freguesia do Lumiar, concelho de Lisboa;

2 — Fica a Universidade de Lisboa autorizada a alienar os imóveis referidos no número anterior, tendo como valor mínimo de alienação o valor da avaliação para efeitos do IMI, com dispensa da aplicação do n.º 7 do artigo 109.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro, e do n.º 1 do artigo 78.º do Decreto-Lei n.º 280/2007, de 7 de agosto, na sua redação atual, que estabelece o regime jurídico do património imobiliário público.

3 — O produto resultante da alienação prevista no número anterior é exclusivamente afeto à Universidade de Lisboa, para despesas de investimento, nos termos da alínea c) do n.º 9 do artigo 109.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro, e de acordo com o disposto na alínea a) do n.º 4 do artigo 6.º da Lei do Orçamento do Estado.

4 — O presente decreto-lei constitui, para todos os efeitos legais, incluindo os de registo, título bastante, ficando a Universidade isenta de quaisquer taxas e emolumentos.

Artigo 149.º

Património da Casa do Douro

1 — No âmbito do processo de regularização extraordinário destinado ao saneamento financeiro do património da Casa do Douro, previsto na Lei n.º 19/2016, de 24 de junho, na sua redação atual, o Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I. P., (IVDP, I. P.) pode assegurar a conservação e gestão do património que for transmitido para o Estado e para outras entidades públicas, mediante despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da agricultura, florestas e desenvolvimento rural, que fixe as respetivas condições, designadamente a contrapartida devida pelo serviço a prestar.

2 — No caso de, no termo daquele processo, não se encontrar ainda criada a entidade para quem o remanescente do património deve reverter, nos termos do n.º 3 do artigo 9.º da Lei n.º 19/2016, de 24 de junho, na sua redação atual, o IVDP, I. P., pode também assegurar transitoriamente a conservação e gestão daquele património remanescente, mediante retribuição resultante da respetiva receita, em termos a fixar por despacho dos membros do

Governo referidos no número anterior, o qual pode permitir ao IVDP, I. P., naquele âmbito, a prática de atos de disposição.

Artigo 150.º

Embarcações e aeronaves perdidas a favor do Estado

A administração e gestão das embarcações e aeronaves declaradas perdidas a favor do Estado e que se encontram sob a gestão da DGTF é cometida ao Gabinete de Administração de Bens.

CAPÍTULO IX

Disposições específicas em matéria de gestão de pessoal

Artigo 151.º

Valorizações remuneratórias dos trabalhadores das empresas do setor público empresarial e das entidades reguladoras independentes

1 — Para efeitos do disposto no n.º 2 do artigo 16.º da Lei do Orçamento do Estado, consideram-se todas as alterações obrigatórias que decorram dos regulamentos internos vigentes e dos respetivos contratos de trabalho

2 — Aos trabalhadores cuja valorização remuneratória depende de aplicação de um sistema de avaliação de desempenho e cujo desempenho não tenha sido avaliado por não aplicação efetiva dos instrumentos vigentes em cada momento, o órgão de direção da entidade adota as medidas necessárias para suprir a falta de avaliação.

3 — As medidas referidas no número anterior são comunicadas pelo órgão de direção da entidade a cada trabalhador, com a respetiva fundamentação.

4 — Com exceção das alterações referidas no n.º 1, as demais alterações remuneratórias, independentemente da modalidade, seguem o regime previsto no n.º 5 do artigo 16.º da Lei do Orçamento do Estado.

5 — As empresas do setor público empresarial e as entidades independentes devem dispor de instrumentos que prevejam mecanismos de valorização remuneratória para os seus trabalhadores.

6 — Nas empresas do setor público empresarial e pessoas coletivas de direito público dotadas de independência decorrente da sua integração em áreas de regulação, supervisão ou controlo, o disposto em instrumentos de regulamentação coletiva de trabalho, quando existam, prevalece sobre as normas do presente artigo.

7 — Os atos praticados em violação do disposto no presente artigo são nulos e fazem incorrer os seus autores em responsabilidade financeira.

8 — Para efeitos de efetivação da responsabilidade financeira a que se refere o número anterior, consideram-se pagamentos indevidos as despesas realizadas em violação do disposto no presente artigo.

Artigo 152.º

Outras valorizações remuneratórias

1 — Com exceção das alterações obrigatórias de posicionamento remuneratório, progressões e mudanças de nível ou escalão, os processos de promoções, independentemente da respetiva modalidade, incluindo mudanças de categoria ou posto e as graduações do pessoal identificado no n.º 9 do artigo 2.º da Lei n.º 75/2014,

de 12 de setembro, abrangendo os casos em que a mudança de categoria ou de posto dependa de procedimento concursal próprio para o efeito, incluindo procedimento próprio para obtenção de determinados graus ou títulos, desde que exigidos para integração em categoria superior, bem como os procedimentos internos de seleção para mudança de nível ou escalão, assim como os outros processos dos quais possa resultar uma valorização remuneratória, incluindo as situações previstas no n.º 3 do artigo 93.º da LTFP, não expressamente prevista em norma específica da Lei do Orçamento do Estado, dependem de despacho prévio favorável do membro do Governo responsável pela área em que se integra o órgão, serviço ou entidade em causa, sendo posteriormente submetidos a autorização do membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública, com exceção dos órgãos e serviços das administrações regional e local, em que a emissão do despacho compete ao membro do governo regional responsável pela matéria ou ao presidente do respetivo órgão executivo e das autarquias locais, entidades intermunicipais e empresas locais.

2 — Caso se encontrem reunidas razões fundadas de interesse público, pode, nos termos legalmente previstos, o trabalhador, em situação de mobilidade na categoria em órgão ou serviço diferente, ser remunerado pela posição remuneratória imediatamente seguinte àquela em que se encontra posicionado, desde que obtenha despacho favorável dos membros do Governo responsáveis pela respetiva área setorial, pelas áreas das finanças e da administração pública, quando exista enquadramento orçamental e se verifique manifesta necessidade urgente no preenchimento de posto de trabalho sem que seja possível recorrer a recrutamento externo e haja evidência clara de diminuição de recursos humanos, com exceção dos órgãos e serviços da Administração regional e local, em que a emissão daquele despacho compete ao presidente do respetivo órgão executivo das regiões autónomas e das autarquias locais, bem como das entidades intermunicipais, caso em que a competência para a emissão do referido despacho é dos respetivos órgãos.

3 — É permitida a utilização e amplitude conferida ao mecanismo de negociação previsto no artigo 38.º da LTFP, se existir evidência de dificuldade de atração de trabalhadores para a função e do devido enquadramento orçamental, e quando autorizada por despacho prévio dos membros de Governo responsáveis pela área setorial e pelas áreas das finanças e da administração pública, com exceção dos órgãos e serviços da Administração regional e local, em que a emissão daquele despacho compete ao presidente do respetivo órgão executivo das regiões autónomas e das autarquias locais, bem como das entidades intermunicipais, caso em que a competência para a emissão do referido despacho é dos respetivos órgãos.

Artigo 153.º

Vínculos de emprego público a termo resolutivo

1 — Durante o ano de 2019, o membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública pode autorizar a renovação de contratos de trabalho em funções públicas a termo resolutivo ou de nomeações transitórias, em situações excecionais, fundamentadas na existência de relevante interesse público, fixando, caso a caso, as condições e os termos a observar para o efeito e

desde que se verifiquem os seguintes requisitos cumulativos:

a) Existência de relevante interesse público na renovação, ponderando, designadamente, a eventual carência de recursos humanos no setor de atividade da Administração Pública a que se destina o recrutamento, bem como a evolução global dos recursos humanos do ministério de que depende o serviço ou organismo;

b) Impossibilidade de satisfação das necessidades de pessoal por recurso a pessoal que já se encontre colocado, à data da entrada em vigor do presente decreto-lei, ao abrigo de outros instrumentos de mobilidade;

c) Demonstração de que os encargos com as renovações em causa estão previstos nos orçamentos dos serviços ou organismos a que respeitam;

d) Cumprimento, pontual e integral, dos deveres de informação previstos na Lei n.º 57/2011, de 28 de novembro, na sua redação atual;

e) Parecer prévio favorável do membro do Governo de que depende o serviço ou organismo que pretende realizar a renovação de contrato ou nomeação.

2 — Os serviços e organismos das administrações direta e indireta do Estado apenas podem proceder à renovação de contratos ou nomeações a que se refere o número anterior caso se encontrem verificadas as circunstâncias e os requisitos cumulativos mencionados no mesmo.

3 — Todos os órgãos e serviços competentes para a realização de ações de inspeção e auditoria devem, no âmbito das ações que venham a executar nos órgãos e serviços abrangidos pelo disposto no presente artigo, proceder à identificação das situações passíveis de constituir violação do disposto no presente artigo e comunicá-las ao membro do Governo a que se refere o n.º 1.

4 — As renovações efetuadas em violação do disposto no presente artigo são nulas e fazem incorrer os seus autores em responsabilidade civil, financeira e disciplinar.

5 — Para efeitos da efetivação da responsabilidade financeira a que se refere o número anterior, consideram-se, designadamente, todos os pagamentos efetuados aos trabalhadores contratados em violação do disposto no presente artigo como consequência desta violação e, como tal, pagamentos indevidos.

6 — O incumprimento do disposto no n.º 1 determina a responsabilidade disciplinar do dirigente do serviço ou organismo respetivo e constitui fundamento bastante para a cessação da sua comissão de serviço.

7 — O disposto no presente artigo não se aplica aos:

a) Militares das Forças Armadas em regimes de voluntariado e de contrato, cujo regime contratual consta de legislação especial, sendo a fixação dos quantitativos máximos de efetivos que aos mesmos respeita efetuada através de norma específica;

b) Formandos da GNR e da Polícia de Segurança Pública (PSP), cujos regimes jurídicos estatutários de formação impliquem o recurso a algumas das modalidades de vinculação em causa.

8 — Relativamente ao pessoal docente e de investigação, incluindo os técnicos das atividades de enriquecimento curricular, que se rege por regras de contratação a termo previstas em diplomas próprios, os membros do Governo responsáveis pelas áreas da ciência, tecnologia e ensino superior e da educação mantêm informados, trimestral-

mente, o membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública sobre o volume de contratação efetivamente realizado no trimestre antecedente, e sobre o volume de contratação projetado para o trimestre subsequente.

9 — O disposto no presente artigo não é aplicável às regiões autónomas, nem ao subsector local.

Artigo 154.º

Controlo de recrutamento de trabalhadores

1 — Durante o ano de 2019, para além dos recrutamentos previamente autorizados no âmbito do n.º 6 do artigo 30.º da LTFP, o membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública pode ainda, desde que verificadas situações excecionais, devidamente fundamentadas, autorizar a abertura de procedimentos concursais com vista à constituição de vínculos de emprego público por tempo indeterminado ou a termo, para carreira geral ou especial e carreiras que ainda não tenham sido objeto de extinção, de revisão ou de decisão de subsistência, destinados a candidatos que não possuam um vínculo de emprego público por tempo indeterminado previamente constituído ou que, possuindo vínculo, tal concurso permita um aumento de remuneração base face ao atual, fixando, caso a caso, o número máximo de trabalhadores a recrutar e desde que se verifiquem os seguintes requisitos cumulativos:

a) Existência de relevante interesse público no recrutamento, ponderando, designadamente, a eventual carência dos recursos humanos no setor de atividade da Administração Pública a que se destina o recrutamento, bem como a evolução global dos recursos humanos do ministério de que depende o órgão ou serviço;

b) Impossibilidade de ocupação dos postos de trabalho em causa por trabalhadores com vínculo de emprego público previamente constituído;

c) Declaração de cabimento orçamental emitida pelo órgão, serviço ou entidade requerente;

d) Cumprimento, pontual e integral, dos deveres de informação previstos na Lei n.º 57/2011, de 28 de novembro, na sua redação atual;

e) Parecer prévio favorável do membro do Governo de que depende o serviço ou o organismo que pretende efetuar o recrutamento.

2 — Os serviços da Administração direta e indireta do Estado apenas podem proceder à abertura de procedimentos concursais a que se refere o número anterior caso se encontrem verificadas as circunstâncias e os requisitos cumulativos mencionados no mesmo.

3 — O parecer a que se refere a alínea e) do n.º 1, incide, nomeadamente, sobre as atribuições, a evolução dos efetivos nos últimos três anos e o impacto orçamental da despesa com o recrutamento que se pretende efetuar.

4 — Quando tenha decorrido o prazo de um ano a contar da data da emissão da autorização prevista no número anterior, sem que tenha sido homologada a lista de classificação final, devem os serviços que procedem ao recrutamento, após a fase de aplicação de métodos de seleção, solicitar autorização ao membro do Governo a que se refere a mesma disposição legal para prosseguir com o recrutamento.

5 — Sem prejuízo de regimes especiais de contratação de doutorados, as instituições públicas de investigação científica e desenvolvimento tecnológico podem proceder

à contratação, a termo resolutivo, de investigadores, sem dependência de parecer do membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública, desde que sejam necessários para a execução de programas, projetos ou atividades no âmbito das missões e atribuições daquelas instituições, e cujos encargos onerem exclusivamente:

- a) Receitas transferidas da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P.; ou
- b) Receitas próprias provenientes daqueles programas, projetos e prestações de serviço; ou
- c) Receitas de programas e projetos financiados por fundos europeus ou internacionais.

6 — As contratações e as nomeações de trabalhadores efetuadas na sequência de procedimentos concursais realizados em violação do disposto no presente artigo são nulas.

7 — O disposto no n.º 4 aplica-se aos procedimentos concursais a que se refere o n.º 1 em curso à data da entrada em vigor do presente decreto-lei.

8 — No âmbito dos projetos de cooperação em que atua como entidade promotora e ou executante, o Camões, I. P., pode proceder à abertura de procedimentos concursais com vista à constituição de vínculos de emprego público, a termo resolutivo, destinados a candidatos que não possuam um vínculo de emprego público por tempo indeterminado previamente constituído, sem dependência de parecer do membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública, desde que sejam necessários para a execução dos projetos e no âmbito dos respetivos prazos de vigência, e desde que se encontrem verificados os requisitos previstos nas alíneas a) a e) do n.º 1.

9 — No âmbito das atividades formativas que promove, o IEFP, I. P., pode proceder à abertura de procedimentos concursais com vista à constituição de vínculos de emprego público, a termo resolutivo, destinados a candidatos que não possuam um vínculo de emprego público por tempo indeterminado previamente constituído, e relativamente aos quais tenha sido reconhecida a prestação de atividade formativa no IEFP, I. P., sujeita ao seu poder de autoridade e direção, desde que sejam necessários para a execução das ofertas formativas e no âmbito dos respetivos prazos de vigência e se encontrem verificados os requisitos previstos nas alíneas a) a e) do n.º 1, sem dependência de parecer do membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública, assim como do disposto no n.º 5 do artigo 34.º da Lei n.º 25/2017, de 30 de maio, e do n.º 1 do artigo 36.º da LTFP.

10 — O disposto no presente artigo não é aplicável ao subsector local.

Artigo 155.º

Cedência de interesse público

1 — Os órgãos e os serviços abrangidos pelo âmbito de aplicação objetivo definido no artigo 1.º da LTFP, podem proceder à celebração de acordo de cedência de interesse público com trabalhador de entidade excluída do âmbito de aplicação objetivo da mesma lei, previsto no n.º 1 do seu artigo 241.º, em situações excecionais especialmente fundamentadas quanto à existência de relevante interesse público, e com observância dos requisitos exigidos no n.º 2 do mesmo artigo 241.º

2 — A celebração do acordo a que se refere o número anterior depende de parecer prévio favorável do membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública.

3 — O presente artigo não se aplica aos casos a que se refere o n.º 5 do artigo 243.º da LTFP.

4 — O disposto no presente artigo tem caráter excecional e prevalece sobre todas as disposições legais, gerais ou especiais, contrárias.

Artigo 156.º

Admissões de pessoal militar, militarizado e com funções policiais, de segurança ou equiparado

Carecem de parecer prévio favorável do membro do Governo responsável pela área das finanças e, consoante os casos, do Primeiro-Ministro e dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da defesa nacional, da administração interna e da justiça:

- a) As decisões relativas à admissão de pessoal no Sistema de Informações da República Portuguesa;
- b) As decisões relativas à admissão de pessoal na Polícia Judiciária;
- c) As decisões relativas à admissão do pessoal militarizado ou equiparado e pessoal com funções policiais e de segurança ou equiparado, incluindo o pessoal do corpo da Guarda Prisional;
- d) As decisões relativas à admissão de militares da GNR e do pessoal com funções policiais da PSP e da Polícia Marítima.

Artigo 157.º

Contratação de trabalhadores por pessoas coletivas de direito público e empresas do setor público empresarial

1 — As pessoas coletivas de direito público, ainda que dotadas de autonomia administrativa ou de independência estatutária, designadamente aquelas a que se refere o n.º 3 do artigo 3.º da Lei n.º 67/2013, de 28 de agosto, na sua redação atual, e as empresas do setor público empresarial podem proceder à celebração de acordos de cedência de interesse público com trabalhadores de entidades abrangidas pelo âmbito de aplicação da LTFP e ao recrutamento de trabalhadores para a constituição de vínculos de emprego por tempo indeterminado, ou a termo, bem como para a conversão de contratos a termo em contratos por tempo indeterminado, no âmbito da autonomia de gestão, desde que expressamente autorizados no ato de aprovação do plano de atividades e orçamento.

2 — O recrutamento a que se refere o número anterior deve ser devidamente sustentado na análise custo-benefício integrada no plano de atividades e orçamento aprovado, devendo estar reunidos os requisitos previstos nas alíneas a) a d) do n.º 5, no momento do recrutamento.

3 — Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, fica autorizado o recrutamento destinado à substituição, para a mesma função, de trabalhadores que cessem o vínculo de emprego por causa não imputável à entidade empregadora e desempenhem tarefas correspondentes a necessidades permanentes, se a remuneração dos trabalhadores a contratar corresponder à base da carreira profissional prevista em instrumento de regulamentação coletiva de trabalho ou em regulamento interno, desde que:

- a) O plano de atividades e orçamento esteja aprovado; ou
- b) O plano de atividades e orçamento tenha sido submetido até 31 de março e não tenha sido objeto de pro-

núncia pelo membro do Governo responsável pela área das finanças até 30 de junho ou, sendo submetido após 31 de março, não seja objeto de pronúncia pelo membro do Governo responsável pela área das finanças no prazo de 120 dias.

4 — Do recrutamento a que se refere o número anterior não pode resultar um aumento dos gastos com pessoal face ao ano anterior, devendo estar preenchidos, no momento do recrutamento, os requisitos previstos nas alíneas *b)* e *d)* do número seguinte.

5 — Nos casos não abrangidos pelos números anteriores, o membro do Governo responsável pela área das finanças, após despacho favorável do membro do Governo responsável pela respetiva área setorial, pode ainda autorizar, em situações excecionais devidamente sustentadas na análise custo-benefício efetuada pelas entidades, com fundamento na existência de relevante interesse público, ponderada a carência dos recursos humanos e a evolução global dos mesmos, o recrutamento de trabalhadores, desde que se verifiquem cumulativamente os seguintes requisitos:

a) Os encargos decorrentes do recrutamento estejam incluídos na proposta de orçamento anual e plurianual, evidenciando o impacto no ano da contratação e no respetivo triénio, com identificação do montante remuneratório dos trabalhadores a contratar, tendo por referência a base da carreira profissional prevista em instrumento de regulamentação coletiva de trabalho ou em regulamento interno, quando existam;

b) O recrutamento seja considerado imprescindível, tendo em vista a prossecução das atribuições e o cumprimento das obrigações de prestação de serviço público da respetiva entidade;

c) Seja impossível satisfazer as necessidades por recurso a pessoal que já se encontre colocado, à data da entrada em vigor do presente decreto-lei, em situação de valorização profissional ou ao abrigo de outros instrumentos de mobilidade;

d) Cumprimento, atempado e integral, dos deveres de informação previstos na Lei n.º 57/2011, de 28 de novembro, na sua redação atual.

6 — O disposto no número anterior aplica-se, com as necessárias adaptações, à celebração de acordos de cedência de interesse público com trabalhadores de entidades abrangidas pelo âmbito de aplicação da LTFP.

7 — Para efeitos da emissão da autorização prevista no n.º 5, as entidades enviam aos membros do Governo responsáveis pela respetiva área setorial os elementos comprovativos da verificação daqueles requisitos e da respetiva submissão, no Sistema de Recolha de Informação Económica e Financeira, ou, quando não disponham de acesso a este sistema, do envio à DGTF, em formato eletrónico, no caso das empresas do setor público empresarial, ou no SIGO, ou, quando não disponham de acesso a este sistema, do envio à DGAEP, em formato eletrónico, no caso das pessoas coletivas de direito público.

8 — Atentas as especificidades inerentes às entidades públicas empresariais integradas no SNS, a autorização de recrutamento pode ainda ser fixada globalmente e por grupo profissional, por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da saúde.

9 — A autorização dos recrutamentos compreendidos no contingente estabelecido no número anterior é da com-

petência do membro do Governo responsável pela área da saúde.

10 — O disposto no n.º 5 não se aplica ao recrutamento de trabalhadores para a constituição de vínculos de emprego com duração até seis meses, incluindo renovações, ao abrigo da Lei n.º 4/2008, de 7 de fevereiro, na sua redação atual, sendo a autorização da competência do respetivo órgão de direção ou administração, desde que verificados os requisitos previstos nas alíneas *a)*, *b)* e *d)* do referido número.

11 — O disposto nos números anteriores aplica-se ao setor empresarial local, com as devidas adaptações, nos termos do disposto na Lei n.º 50/2012, de 31 de agosto, na sua redação atual.

12 — São nulas as contratações de trabalhadores efetuadas em violação do disposto nos números anteriores.

13 — O disposto no presente artigo prevalece sobre todas as disposições legais, gerais ou especiais, contrárias.

Artigo 158.º

Gastos operacionais das empresas do setor empresarial do Estado

1 — Para efeitos do disposto no artigo 57.º da Lei do Orçamento do Estado, o rácio dos gastos operacionais sobre o volume de negócios deve ser igual ou inferior ao verificado em 2018, sem prejuízo do disposto no número seguinte.

2 — Nos casos em que o volume de negócios não se revele adequado para aferir o nível de atividade da empresa ou em que o rácio seja afetado por fatores ocasionais de elevado montante, pelo cumprimento de imposições legais ou por requisitos de segurança da respetiva atividade operacional, e quando não tenha sido autorizado outro indicador de otimização da estrutura dos gastos operacionais, os membros do Governo responsáveis pela área das finanças e pela respetiva área setorial podem autorizar outro indicador para medir a otimização da estrutura de gastos operacionais em 2019, o qual deve ser mantido, pelo menos, nos exercícios de 2020 e 2021.

3 — Para efeitos do disposto nos números anteriores, devem ser iguais ou inferiores aos montantes registados em 2018 os seguintes gastos operacionais:

a) Com pessoal, corrigidos dos encargos decorrentes das indemnizações por rescisão, da aplicação do disposto no artigo 21.º da Lei n.º 42/2016, de 28 de dezembro, e das valorizações remuneratórias nos termos do disposto na Lei do Orçamento do Estado;

b) Conjunto dos encargos com deslocações, ajudas de custo e alojamento, e os associados à frota automóvel;

c) Conjunto dos encargos com contratação de estudos, pareceres, projetos e consultoria.

4 — O acréscimo dos gastos operacionais referidos no número anterior apenas pode ocorrer em situações excecionais e devidamente sustentadas em análise custo-benefício, mediante autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças, em sede de apreciação do plano de atividades e orçamento da empresa.

5 — Considerando as especificidades da sua missão, a aplicação do disposto nos n.ºs 1 e 3 às entidades públicas empresariais integradas no SNS pode ser adaptada nos termos a definir por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da saúde.

6 — A aplicação do disposto no n.ºs 1 e 3 às empresas públicas em liquidação e às empresas públicas que cons-

tituírem veículos de liquidação de património é adaptada nos termos estritamente necessários ao cumprimento do respetivo plano de atividade e orçamento aprovado, nos termos do n.º 9 do artigo 39.º do Decreto-Lei n.º 133/2013, de 3 de outubro, na sua redação atual.

7 — Os relatórios de execução orçamental, incluindo os emitidos pelo órgão de fiscalização, devem incluir a análise da evolução dos gastos operacionais, incluindo a discriminação dos gastos com pessoal, face ao respetivo orçamento aprovado e ao disposto na Lei do Orçamento do Estado e no presente decreto-lei.

Artigo 159.º

Endividamento das empresas do setor empresarial do Estado

1 — Para efeitos do disposto no artigo 58.º da Lei do Orçamento do Estado, no apuramento do crescimento global do endividamento das empresas públicas integradas no setor empresarial do Estado são excluídos os novos investimentos com expressão material.

2 — Consideram-se novos investimentos com expressão material os que não figuram no plano de investimentos do ano anterior e cuja despesa prevista para qualquer ano seja igual ou superior a € 10 000 000 ou a 10 % do orçamento anual da empresa.

3 — Nos termos do número anterior, a proposta de novo investimento com expressão material é incluída no plano de investimentos da empresa, da qual devem constar os seguintes elementos:

- a) Descrição do investimento a realizar;
- b) Plano financeiro, com a indicação, para cada ano, das fontes de financiamento durante o período de programação;
- c) Programação anual material do investimento, incluindo indicadores físicos que permitam monitorizar a sua execução.

4 — A variação do endividamento referida no n.º 1 é calculada de acordo com a seguinte fórmula:

$$\frac{(FR_t - FR_{t-1}) + (Capital_t - Capital_{t-1}) - NovosInvestimentos_t}{FR_{t-1} + Capital_{t-1}}$$

5 — Para efeitos do cálculo do crescimento global do endividamento das empresas públicas não é considerado o financiamento obtido pelas empresas públicas financeiras referidas no anexo III ao presente decreto-lei, do qual faz parte integrante.

Artigo 160.º

Aplicação da Lei n.º 47/2010, de 7 de setembro

1 — A redução de vencimento prevista na Lei n.º 47/2010, de 7 de setembro, na sua redação atual, é progressivamente eliminada, aplicando-se, para este efeito, o faseamento estabelecido no n.º 2 do artigo 16.º da Lei do Orçamento do Estado, sem prejuízo do previsto no número seguinte.

2 — A redução prevista na Lei n.º 47/2010, de 7 de setembro, na sua redação atual, não é aplicável aos motoristas e ao pessoal de apoio técnico-administrativo e auxiliar que se encontrem a desempenhar funções nos gabinetes a que se referem os artigos 2.º das Leis n.ºs 47/2010, de 7 de setembro, e 52/2010, de 14 de dezembro, na sua redação atual.

Artigo 161.º

Aplicação do Decreto-Lei n.º 14/2003, de 30 de janeiro

O IAPMEI, I. P., fica autorizado a tomar as decisões e a efetuar os procedimentos necessários ao cumprimento de decisões judiciais transitadas em julgado cuja causa de pedir tenha sido a aplicação do n.º 2 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 14/2003, de 30 de janeiro.

CAPÍTULO X

Alterações legislativas

Artigo 162.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 498/72, de 9 de dezembro

Os artigos 4.º, 23.º, 32.º, 34.º, 37.º, 39.º, 40.º e 43.º do Estatuto da Aposentação, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 498/72, de 9 de dezembro, na sua redação atual, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 4.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].

5 — Para efeitos do disposto na alínea d) do n.º 2, a pensão apenas é elevada para o montante mínimo legalmente previsto quando o aposentado ou reformado não perceba pensão ou pensões de valor global igual ou superior à pensão mínima que seria devida com base exclusivamente no tempo de serviço da CGA, I. P.

Artigo 23.º

[...]

1 — [...].

2 — Às resoluções proferidas no processo de cadastro é aplicável o disposto no n.º 3 do artigo 34.º, mas, se determinarem a não restituição de quotas ou a negação ou extinção da qualidade de subscritor, ficam sujeitas ao regime estabelecido na alínea a) do n.º 1 e no n.º 2 do artigo 101.º e no artigo 102.º

Artigo 32.º

[...]

1 — O tempo que os subscritores da CGA, I. P., se encontrem na situação de redução ou suspensão do contrato de trabalho, por terem celebrado acordo de pré-reforma com as respetivas entidades empregadoras, não sendo titulares de contrato de trabalho em funções públicas, releva para a aposentação nos termos em que tal relevância é estabelecida no regime geral de segurança social.

2 — A contagem do tempo referido no número anterior pressupõe que, enquanto durar a situação nele prevista, o subscritor e a entidade empregadora mantenham o pagamento de contribuições à CGA, I. P., calculadas à taxa normal com base no valor atualizado da remuneração relevante para aposentação que serviu de base ao cálculo da prestação de pré-reforma.

3 — A relevância para aposentação de período anterior à data em que o subscritor completa 55 anos de idade está limitada aos casos em que a responsabilidade pelo encargo com a parcela da pensão relativa a esse período não pertence à CGA, I. P..

4 — (Anterior n.º 1.)

5 — (Anterior n.º 2.)

Artigo 34.º

[...]

1 — [...].

2 — A CGA, I. P., pode efetuar oficiosamente contagens prévias do tempo de serviço a que se refere o artigo 24.º

3 — (Anterior n.º 2.)

Artigo 37.º

[...]

1 — A aposentação pode verificar-se, independentemente de qualquer outro requisito, quando o subscritor contar 15 anos de serviço e a idade normal de acesso à pensão de velhice que sucessivamente estiver estabelecida no regime geral de segurança social.

2 — Na data em que o subscritor perfizer 65 anos, a idade normal de acesso à pensão é reduzida em quatro meses por cada ano completo que o tempo de serviço exceda 40 anos de carreira, não podendo a redução resultar no acesso à pensão antes daquela idade.

3 — (Anterior n.º 2.)

4 — (Anterior n.º 3.)

5 — (Anterior n.º 4.)

Artigo 39.º

[...]

1 — [...].

2 — A aposentação pode ser requerida pelo subscritor nas hipóteses previstas na alínea a) do n.º 3 do artigo 37.º

3 — [...].

4 — [...].

5 — [...].

6 — [...].

7 — [...].

8 — [...].

Artigo 40.º

[...]

1 — [...]:

a) Previstos no n.º 1 e nas alíneas a) e b) do n.º 3 do artigo 37.º, quando a cessação definitiva de funções ocorra após cinco anos de subscritor;

b) [...].

2 — [...].

3 — [...].

Artigo 43.º

[...]

1 — O regime da aposentação voluntária que não dependa de verificação de incapacidade fixa-se com base

na lei em vigor à data em que seja recebido o pedido de aposentação pela CGA, sem prejuízo do disposto no n.º 7 do artigo 39.º, e na situação existente à data em que o mesmo seja despachado.

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].»

Artigo 163.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 229/98, de 22 de julho

O artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 229/98, de 22 de julho, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 2.º

[...]

1 — O Fundo tem por objeto a garantia do cumprimento:

a) Das obrigações assumidas pelas sociedades de garantia mútua, no exercício, por estas, da atividade referida na alínea a) do n.º 1 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 211/98, de 16 de julho;

b) De emissões de instrumentos financeiros representativos de dívida, apenas quando a emissão envolva mais que um emitente no âmbito da mesma operação de financiamento;

c) De linhas de crédito especiais, destinadas a pequenas e médias empresas e MidCaps, mediante a emissão de garantias de carteira, desde que exista o reconhecimento, pelo conselho geral, do seu relevante interesse para o desenvolvimento económico e científico ou para o fomento da inovação.

2 — [...].

3 — [...].

4 — O total dos montantes garantidos nos termos das alíneas b) e c) do n.º 1 nunca podem exceder um valor correspondente a 15 % do montante total de garantias prestadas, no âmbito do Sistema Nacional de Garantia Mútua, que se encontrem por amortizar no final do ano transato.

5 — O montante garantido por operação não pode exceder 30 % do valor do respetivo financiamento nos casos previstos na alínea b) do n.º 1, e 20 % nas situações previstas na alínea c) do mesmo número.»

Artigo 164.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 164/99, de 13 de maio

O artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 164/99, de 13 de maio, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 9.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].

5 — [...].

6 — O tribunal notifica o IGFSS, I. P., da decisão que aprecie a renovação da prova e que determine a manutenção ou a cessação do pagamento das prestações a cargo do Fundo.

7 — A notificação prevista no número anterior é efetuada, preferencialmente, por via eletrónica.»

Artigo 165.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 503/99, de 20 de novembro

O artigo 21.º do Decreto-Lei n.º 503/99, de 20 de novembro, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 21.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].

5 — Se o sinistrado não indicar à ADSE o médico da sua escolha no prazo de 10 dias úteis contados da notificação da data da realização da junta médica, esta é unicamente composta pelos dois médicos indicados pela ADSE.

6 — [...].

7 — [...].

8 — Compete ao sinistrado assegurar a comparência à junta médica do médico por si indicado, não constituindo a falta deste motivo para adiamento da junta médica, salvo em casos excecionais devidamente comprovados.»

Artigo 166.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 39/2001, de 9 de fevereiro

O artigo 20.º do Decreto-Lei n.º 39/2001, de 9 de fevereiro, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 20.º

[...]

1 — [...].

2 — As prestações de reembolso e os montantes inerentes a reembolsos antecipados dos empréstimos concedidos ao abrigo do presente diploma constituem receita consignada à concessão de apoios financeiros pelo IHRU, I. P., ao abrigo do presente regime, bem como à concessão de financiamento à reabilitação e reconstrução de habitações no âmbito de programas de reabilitação urbana e de apoio ao alojamento urgente, ao realojamento e ao acesso à habitação.

3 — [Revogado].

4 — [...].»

Artigo 167.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 42/2001, de 9 de fevereiro

O artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 42/2001, de 9 de fevereiro, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 14.º

Garantias

1 — Caso não se encontre já constituída garantia com o pedido de pagamento em prestações, nos termos do

artigo anterior, deve o executado prestá-la através de garantia bancária, hipoteca voluntária, penhor, caução, seguro-caução ou qualquer meio suscetível de assegurar os créditos do exequente.

2 — A garantia é prestada pelo valor da dívida exequenda, juros de mora contados à data do pedido e custas na totalidade, acrescida de 25 % da soma daqueles valores, sem prejuízo do disposto no número seguinte.

3 — O valor da garantia é o que consta da citação, nos casos em que seja apresentada nos 30 dias posteriores à mesma.»

Artigo 168.º

Alteração à Lei n.º 13/2003, de 21 de maio

O artigo 15.º da Lei n.º 13/2003, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 15.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].

5 — [...].

6 — [...].

a) [...];

b) Rendimentos empresariais e profissionais, o rendimento a que se refere o artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 70/2010, de 16 de junho, na sua redação atual, mensualizado.

7 — [...].

8 — [...].

9 — [...].

10 — [...].

11 — [...].

12 — [...].

13 — [...].

14 — [...].

15 — [...].»

Artigo 169.º

Alteração ao Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas

Os artigos 38.º e 245.º do Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 53/2004, de 18 de março, na sua redação atual, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 38.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].

5 — [...].

6 — [...].

7 — [...].

8 — [...].

9 — [...].

10 — [...].

11 — [...].

12 — O registo previsto no n.º 2 deve ainda conter os factos referidos no n.º 2 do artigo 24.º do Regulamento (UE) 2015/848, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 20 de maio de 2015.

Artigo 245.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

a) [...].

b) [...].

c) [...].

d) Os créditos tributários e da segurança social.»

Artigo 170.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 220/2006, de 3 de novembro

Os artigos 24.º e 78.º do Decreto-Lei n.º 220/2006, de 3 de novembro, na sua redação atual, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 24.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — Para efeitos do n.º 2, sem prejuízo do disposto no Decreto-Lei n.º 70/2010, de 16 de junho, na sua redação atual, são considerados os rendimentos mensais mais recentes.

5 — (*Anterior n.º 4.*)

Artigo 78.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — Nas situações previstas no n.º 5 do artigo 24.º, o prazo para apresentação dos meios de prova das condições de atribuição do subsídio social de desemprego conta-se a partir da data do termo do contrato de trabalho a tempo parcial.

5 — [...].»

Artigo 171.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 170/2008, de 26 de agosto

O artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 170/2008, de 26 de agosto, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 22.º

[...]

1 — Até à revisão do regime previsto no Decreto-Lei n.º 31/85, de 25 de janeiro, na sua redação atual, os veículos apreendidos ou declarados perdidos ou abandonados a favor do Estado continuam a integrar o PVE nos termos aí previstos, com respeito pelo disposto no presente decreto-lei e, na parte aplicável, pelo regime

estabelecido na Lei n.º 45/2011, de 24 de junho, na sua redação atual.

2 — [...].»

Artigo 172.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 91/2009, de 9 de abril

O artigo 53.º do Decreto-Lei n.º 91/2009, de 9 de abril, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 53.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — Para efeitos do n.º 1, sem prejuízo do disposto no Decreto-Lei n.º 70/2010, de 16 de junho, na sua redação atual, são considerados os rendimentos mensais mais recentes.

4 — (*Anterior n.º 3.*)»

Artigo 173.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 70/2010, de 16 de junho

O artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 70/2010, de 16 de junho, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 7.º

[...]

1 — Consideram-se rendimentos empresariais e profissionais dos trabalhadores independentes os rendimentos obtidos por aplicação dos n.ºs 1 a 3 do artigo 162.º do Código dos Regimes Contributivos do Sistema Previdencial de Segurança Social.

2 — Sem prejuízo do disposto no artigo 3.º, quando esteja em causa a concessão de prestações que exijam a avaliação de rendimentos mensais, são considerados os rendimentos constantes da declaração trimestral do período imediatamente anterior ao da data do requerimento.

3 — Caso não seja possível obter os rendimentos na forma prevista no número anterior, por inexistência de declaração trimestral do trabalhador independente para aquele período, são considerados os rendimentos declarados para efeitos fiscais relativos ao ano imediatamente anterior, mensualizados.»

Artigo 174.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 111/2012, de 23 de maio

O artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 111/2012, de 23 de maio, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 2.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — O presente diploma é igualmente aplicável a todas as parcerias em que o equivalente ao parceiro não público seja uma cooperativa ou uma instituição privada sem fins lucrativos.

4 — [...].

5 — [...].

6 — [...].

7 — [...].

8 — Aos contratos de aquisição, sustentação, apoio logístico, manutenção e suporte aos sistemas de armas ou outros equipamentos militares celebrados ao abrigo do regime previsto no Decreto-Lei n.º 104/2011, de 6 de outubro, não se aplica o regime previsto no presente diploma.»

Artigo 175.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 134/2012, de 29 de junho

Os artigos 10.º e 16.º do Decreto-Lei n.º 134/2012, de 29 de junho, na sua redação atual, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 10.º

[...]

1 — [...]:

a) [...];

b) 15 representantes dos preparadores da informação financeira;

c) [...];

d) [...];

e) 13 representantes dos utilizadores da informação financeira;

f) [...].

2 — [...]:

a) [...];

b) [...];

c) [...];

i) [...];

ii) [...];

iii) [...];

iv) [...];

v) Um representante da Unidade de Implementação da nova Lei de Enquadramento Orçamental, designado pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

d) [...].

3 — [...].

4 — [...].

5 — [...].

a) [...]:

i) [...];

ii) [...];

iii) [...];

iv) [...];

v) [...];

vi) [...];

vii) [...];

viii) [...];

ix) [...];

x) Um representante da Unidade de Implementação da nova Lei de Enquadramento Orçamental, designado pelo membro do Governo responsável pela área das finanças.

b) [...].

6 — [...].

7 — [...].

8 — [...].

9 — [...].

Artigo 16.º

[...]

1 — [...]:

a) [...]:

i) [...];

ii) [...];

iii) [...];

iv) [...];

v) [...];

vi) [...];

vii) [...];

viii) [...];

ix) Um dos representantes da Unidade de Implementação da nova Lei de Enquadramento Orçamental;

b) [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].

5 — [...].»

Artigo 176.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 213/2012, de 25 de setembro

Os artigos 2.º, 3.º, 5.º e 7.º do Decreto-Lei n.º 213/2012, de 25 de setembro, na sua redação atual, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 2.º

[...]

1 — [...].

2 — O ISS, I. P., pode ainda autorizar, através da celebração de acordos, o pagamento diferido de contribuições em dívida resultantes da revisão anual da base de incidência contributiva dos trabalhadores independentes, prevista no artigo 164.º-A do Código dos Regimes Contributivos do Sistema Previdencial de Segurança Social.

3 — (*Anterior n.º 2.*)

Artigo 3.º

[...]

1 — A autorização para a celebração dos acordos previstos no artigo anterior depende de a dívida objeto de acordo não estar participada para cobrança coerciva.

2 — A autorização para a celebração dos acordos previstos no n.º 1 do artigo anterior encontra-se ainda sujeita à condição de o contribuinte não ter dívida de contribuições ou quotizações em cobrança coerciva, judicial ou extrajudicial de conciliação.

3 — Os acordos de regularização voluntária previstos no n.º 1 do artigo anterior só podem ser autorizados pelo ISS, I. P., a cada entidade contribuinte, uma vez em cada período de três anos, contados a partir da data em que se tenha verificado o seu termo ou resolução.

4 — A autorização para a celebração dos acordos previstos no n.º 2 do artigo anterior depende ainda de o contribuinte ter a situação contributiva regularizada.

Artigo 5.º

[...]

O cumprimento do acordo, bem como o pontual pagamento das contribuições e quotizações mensais, permite a emissão de declaração de situação contributiva regularizada nos termos do Código dos Regimes Contributivos do Sistema Previdencial de Segurança Social.

Artigo 7.º

[...]

[...]:

a) Motivos de complexidade técnica imputáveis aos serviços que determinem que a comunicação relativa à produção de efeitos do enquadramento no início ou reinício de atividade, ou aos elementos da obrigação contributiva dos trabalhadores independentes seja efetuada em momento posterior ao previsto no Código dos Regimes Contributivos do Sistema Previdencial de Segurança Social;

b) [...].»

Artigo 177.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 165-A/2013, de 23 de dezembro

Os artigos 6.º, 8.º, 11.º, 12.º, 14.º e 16.º do Decreto-Lei n.º 165-A/2013, de 23 de dezembro, na sua redação atual, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 6.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — A percentagem referida no número anterior é estabelecida por portaria do membro do Governo responsável pela área da solidariedade e segurança social, após acordo com as entidades representativas das instituições de solidariedade social, previstas no n.º 3 do artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 120/2015, de 30 de junho, na sua redação atual.

4 — [...].

Artigo 8.º

[...]

1 — Constituem despesas de funcionamento do FRSS as despesas de administração e gestão e outras previstas em sede de regulamento interno, nomeadamente as despesas suportadas pelas entidades identificadas na alínea d) do n.º 2 do artigo 11.º com as atividades previstas no artigo 16.º

2 — [...].

Artigo 11.º

[...]

1 — O FRSS é gerido por um conselho de gestão, de composição paritária, composto por um presidente, um vice-presidente e seis vogais.

2 — [...]:

a) [...];

b) Dois representantes do conselho diretivo do Instituto da Segurança Social, I. P., exercendo, um deles, as funções de vice-presidente;

c) [...];

d) Um representante de cada uma das entidades representativas das instituições sociais, previstas no n.º 3 do artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 120/2015, de 30 de junho, na sua redação atual;

e) [Revogada];

f) [Revogada].

3 — Os membros do conselho de gestão referidos nas alíneas a) a c) do número anterior são designados pelo membro do Governo responsável pela área da solidariedade e segurança social.

4 — [...].

5 — [...].

6 — Os membros do conselho de gestão referidos na alínea d) do n.º 2 são designados por um período de três anos.

7 — [...].

8 — [...].

9 — [...].

10 — O apoio técnico e administrativo ao FRSS e ao conselho de gestão é prestado pelas entidades identificadas na alínea d) do n.º 2, nos termos a definir no regulamento interno.

Artigo 12.º

[...]

[...]:

a) [...];

b) [...];

c) Aprovar o relatório de atividades, o relatório de contas e as demonstrações financeiras;

d) [...];

e) [...];

f) [...].

Artigo 14.º

[...]

[...]:

a) [...];

b) Emitir parecer sobre o orçamento, o relatório de contas e as demonstrações financeiras;

c) [...];

d) [...];

e) [...];

f) [...].

Artigo 16.º

[...]

1 — As entidades identificadas na alínea d) do n.º 2 do artigo 11.º prestam apoio técnico no acompanhamento dos planos de reestruturação das entidades apoiadas.

2 — [...].

3 — Os encargos com o apoio técnico prestado pelas entidades identificadas na alínea d) do n.º 2 do artigo 11.º e pelo gestor do processo com as atividades de acompa-

nhamento dos planos de reestruturação, no alargamento excecional do prazo por mais quatro anos de execução, são suportados pelas entidades apoiadas.»

Artigo 178.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 22/2014, de 11 de fevereiro

O artigo 20.º do Decreto-Lei n.º 22/2014, de 11 de fevereiro, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 20.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, a formação contínua ministrada por Centros de Formação de Associação de Escolas é objeto de avaliação externa.»

Artigo 179.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 16/2016, de 9 de março

O artigo 15.º do Decreto-Lei n.º 16/2016, de 9 de março, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 15.º

[...]

1 — O apoio técnico e administrativo ao Fundo é prestado por trabalhadores em regime de cedência de interesse público ou em regime de mobilidade, sendo a sua remuneração integralmente suportada pelo orçamento do Fundo.

2 — O apoio logístico, administrativo e financeiro ao Fundo é prestado pela Direção-Geral de Política do Mar (DGPM).»

Artigo 180.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 83/2016, de 16 de dezembro

O artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 83/2016, de 16 de dezembro, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 4.º

[...]

1 — [...].

2 — A INCM garante o envio, em formato eletrónico, das duas séries do *Diário da República*, para efeitos de arquivo público digital, junto da Biblioteca Nacional, da Torre do Tombo e das demais entidades que a este dever de arquivo estejam vinculadas.»

Artigo 181.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 84/2017, de 21 de julho

O artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 84/2017, de 21 de julho, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 6.º

[...]

1 — [...].

2 — No que respeita às instituições particulares de solidariedade social, a confirmação da elegibilidade dos pedidos de restituição a que se refere a alínea *d*) do número anterior, é efetuada pelo Instituto da Segurança Social, I. P., mediante validação da natureza jurídica das mencionadas instituições.

3 — (*Anterior n.º 2.*)

4 — (*Anterior n.º 3.*)

5 — (*Anterior n.º 4.*)»

Artigo 182.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 103/2017, de 24 de agosto

O artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 103/2017, de 24 de agosto, passa ter a seguinte redação:

«Artigo 19.º

Comissões de apreciação e de avaliação dos apoios financeiros do Estado às artes

1 — É devida aos membros das comissões de apreciação e aos membros das comissões de avaliação:

a) Caso não detenham vínculo de emprego público nem sejam trabalhadores de pessoas coletivas de direito público ou de empresas do setor público empresarial, uma remuneração fixada nos termos do Despacho n.º 9853/2017, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 219, de 14 de novembro;

b) Caso, nos termos do artigo 21.º da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas, aprovada em anexo à Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, na sua redação atual, detenham vínculo de emprego público ou sejam trabalhadores de pessoas coletivas de direito público ou de empresas do setor público empresarial, e as funções de apreciação ou avaliação sejam exercidas fora do período normal de trabalho, uma compensação equivalente à estabelecida no despacho referido na alínea anterior.

2 — Excetuam-se do disposto na alínea *b*) do número anterior os trabalhadores que exerçam funções públicas em serviços ou organismos da área governativa da cultura, designadamente os referidos no n.º 1 do artigo 15.º e no n.º 2 do artigo 18.º

3 — O disposto no presente artigo aplica-se aos concursos de apoio às artes, nos seguintes termos:

a) Aos membros das comissões de apreciação dos concursos iniciados no ano de 2019 e seguintes;

b) Aos membros das comissões de avaliação dos contratos de apoio financeiro em execução no ano de 2019 e seguintes.»

Artigo 183.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 28/2018, de 3 de maio

Os artigos 8.º, 10.º, 11.º, 14.º, 15.º e 25.º do Decreto-Lei n.º 28/2018, de 3 de maio, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 8.º

[...]

1 — [...]:

a) Um presidente, designado pelos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, do trabalho, solidariedade e segurança social e do planeamento;

- b) [...];
- c) [...];
- d) [...];
- e) [...];
- f) [...].

2 — [...].
3 — [...].

Artigo 10.º

[...]

1 — [...]:

- a) [...];
- b) [...];
- c) [...];
- d) [...];
- e) [...];
- f) [...].

g) Aprovar, sob proposta do comité de investimento, os investimentos previstos no artigo 3.º que envolvam um valor superior a € 2 500 000,00 de participação do FIS ou que perfaçam esse valor por sociedade sob a forma comercial beneficiária.

2 — As deliberações constantes das alíneas a), b), c) e d) do número anterior dependem de autorização prévia dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, do trabalho, solidariedade e segurança social e do planeamento.

3 — [...].

Artigo 11.º

[...]

1 — [...]:

a) Três personalidades com experiência na área de investimento em inovação social e capacidade reconhecida nos domínios académico ou profissional, designadas por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, do trabalho, solidariedade e segurança social e do planeamento, uma das quais com funções de presidente;

b) [...].

2 — [...].
3 — [...].

Artigo 14.º

[...]

A designação da entidade gestora do FIS é formalizada através de despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas do trabalho, solidariedade e segurança social e do planeamento, que fixa igualmente a remuneração ou o mero reembolso de despesas da entidade gestora.

Artigo 15.º

[...]

1 — [...]:

- a) [...];
- b) [...].

- c) [...];
- d) [...];
- e) [...];
- f) [...];
- g) [...];
- h) [...];
- i) [...];
- j) [...];
- k) [...];
- l) [...];
- m) [...];
- n) [...];
- o) [...];
- p) [...];
- q) [...];
- r) [...];
- s) [...];
- t) [...].

u) Apresentar aos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, do trabalho, solidariedade e segurança social e do planeamento os relatórios e contas aprovados em conselho geral, no prazo máximo de 30 dias a contar da data da sua aprovação;

- v) [...];
- w) [...];
- x) [...];
- y) [...];
- z) [...];
- aa) [...].

2 — [...].
3 — [...].

Artigo 25.º

[...]

Sem prejuízo do disposto no direito da União Europeia, designadamente no que respeita aos prazos para elegibilidade de despesas e à duração do FIS, em caso de extinção do FIS o produto da sua liquidação é destinado:

a) [...];

b) Após o encerramento dos programas financiadores, ao fim que for deliberado pela Comissão Interministerial de Coordenação do Acordo de Parceria Portugal 2020 ou, caso a mesma já não se encontre operacional, pelos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças, do trabalho, solidariedade e segurança social e do planeamento, quanto à aplicação e gestão dos fundos liquidados.»

Artigo 184.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 37/2018, de 4 de junho

1 — Os artigos 16.º, 34.º, 46.º, 47.º, 54.º, 63.º e 65.º do Decreto-Lei n.º 37/2018, de 4 de junho, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 16.º

[...]

- 1 — [...].
- 2 — [...].
- 3 — [...].

4 — Durante o ano de 2019, o apoio técnico referido no número anterior pode exceder 2 % da dotação anual do 1.º Direito, com um limite máximo de € 4 000 000, desde que o montante excedente seja compensado nos anos seguintes.

Artigo 34.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — Em cumprimento do princípio da acessibilidade estabelecido na alínea a) do artigo 3.º, o disposto nos números anteriores nunca pode comprometer a manutenção pelo agregado da parte do RMM igual ao IAS.

Artigo 46.º

[...]

O valor de referência para cálculo do financiamento à construção dos prédios e empreendimentos a que se refere o artigo anterior é o custo de promoção por metro quadrado estabelecido, conforme o tipo de áreas a financiar, no regime de habitação de custos controlados.

Artigo 47.º

[...]

O montante máximo da comparticipação é de 35 % do custo aplicável às áreas habitacionais nos termos do artigo anterior, acrescido das demais despesas que forem elegíveis nos termos do artigo 14.º

Artigo 54.º

[...]

O valor de referência para financiamento à aquisição de terrenos é o valor máximo do terreno, alterado pelo coeficiente relativo à sua titularidade, nos termos estabelecidos no regime de habitação de custos controlados, acrescido, se for o caso, do valor de referência do financiamento à infraestruturação, que corresponde a 10 % do custo de promoção.

Artigo 63.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].

5 — A informação sobre a aprovação das candidaturas é notificada aos interessados e a correspondente decisão caduca se os contratos de financiamento não forem assinados no prazo máximo de 6 meses a contar da data de notificação daquela decisão, salvo em casos justificados e aceites pelo IHRU, I. P., designadamente por questões processuais relativas à contratação e por outras causas não imputáveis ao beneficiário.

Artigo 65.º

[...]

1 — Cada uma das entidades indicadas no artigo 26.º celebra com o IHRU, I. P., um acordo de financiamento,

de natureza programática, sujeito a homologação por parte do membro do Governo responsável pela área da habitação, reportado às situações habitacionais indignas sinalizadas na estratégia local de habitação em relação às quais essa entidade se propõe apresentar as candidaturas referidas na secção anterior.

2 — [...].

3 — [...].

4 — Sempre que o número de agregados habitacionais abrangidos por um acordo assim o justifique, o IHRU, I. P., pode aceitar que a execução do acordo de financiamento se efetue de forma faseada, sendo as candidaturas relativas a cada uma das fases apresentadas de forma autónoma.»

2 — O Decreto-Lei n.º 37/2018, de 4 de junho, na redação dada pelo presente decreto-lei, aplica-se:

a) Aos acordos de financiamento ou, se não houver lugar a acordo, às candidaturas a apoio financeiro a aprovar pelo IHRU, I. P., após a data da entrada em vigor do presente decreto-lei; e

b) Aos acordos ou candidaturas já aprovados mas cujos financiamentos não tenham sido contratados à data de entrada em vigor do presente decreto-lei.

3 — O disposto no n.º 3 do artigo 34.º do Decreto-Lei n.º 37/2018, de 4 de junho, na redação dada pelo presente decreto-lei, é aplicável ao financiamento previsto no artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 29/2018, de 4 de maio.

Artigo 185.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 46/2018, de 20 de junho

O artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 46/2018, de 20 de junho, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 7.º

[...]

1 — Os processos relativos à concessão empréstimos e subvenções, realização de outras operações de crédito ativas, assunção de passivos ou responsabilidades e concessão de garantias a favor de outras entidades, a realizar pelos Fundos criados pelos Decretos-Leis n.ºs 225/2015, de 9 de outubro, 226/2015, de 9 de outubro, 86-C/2016, de 29 de dezembro, e 68/2018, de 17 de agosto, e que careçam de apreciação pelo membro do Governo responsável pela área das finanças são analisados no prazo máximo de 10 dias após a apresentação do pedido.

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].»

Artigo 186.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 68/2018, de 17 de agosto

O artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 68/2018, de 17 de agosto, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 3.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].

5 — [...].

6 — [...].

7 — [...].

8 — [...].

9 — [...].

10 — [Revogado].

11 — [...].

12 — O limite imposto no número anterior não é aplicável aos fundos participados por fundos de fundos quando o cumprimento da estratégia de investimento e dos objetivos do Fundo for prosseguido mediante o investimento em fundos de fundos.»

Artigo 187.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 93/2018, de 13 de novembro

O artigo 44.º do Decreto-Lei n.º 93/2018, de 13 de novembro, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 44.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].

5 — [...].

6 — [...].

7 — [...].

8 — [...].

9 — Os presidentes de júri não vinculados à DGRM têm direito a uma remuneração suportada pelo orçamento desta entidade, a fixar por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e do mar.»

Artigo 188.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 20/2019, de 30 de janeiro

Os artigos 4.º e 15.º do Decreto-Lei n.º 20/2019, de 30 de janeiro, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 4.º

[...]

1 — [...]:

a) [...];

b) Executar os planos de controlo oficiais referidos na alínea e) do n.º 2 do artigo 2.º do Decreto Regulamentar n.º 31/2012, de 13 de março, na sua redação atual, nos estabelecimentos em que a câmara municipal seja a entidade coordenadora no âmbito do SIR, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 169/2012, de 1 de agosto, na sua redação atual;

c) [...];

d) [...];

e) [...];

f) [...];

g) [...];

2 — [...].

3 — [...].

4 — [...].

Artigo 15.º

[...]

1 — [Anterior corpo do artigo].

2 — A área governativa da agricultura assegura 40 % da remuneração mensal dos médicos veterinários municipais dos municípios que não pretendam exercer as competências previstas no presente decreto-lei, até à sua integral assunção nos termos dos n.ºs 2 e 3 do artigo 4.º da Lei n.º 50/2018, de 16 de agosto.»

Artigo 189.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 21/2019, de 30 de janeiro

Os artigos 4.º, 32.º, 43.º, 57.º, 67.º, 68.º, 71.º e 76.º do Decreto-Lei n.º 21/2019, de 30 de janeiro, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 4.º

[...]

1 — Salvo indicação em contrário, todas as competências previstas no presente decreto-lei são exercidas pela câmara municipal, com faculdade de delegação no diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.

2 — [...].

3 — [...].

Artigo 32.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — A realização de intervenções de conservação, manutenção e pequena reparação em estabelecimentos da educação pré-escolar e de ensino básico e secundário compete às câmaras municipais, exceto nos edifícios da Parque Escolar, E. P. E.

4 — [...].

5 — [...].

Artigo 43.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — Os trabalhadores que transitam para os mapas de pessoal das câmaras municipais nos termos do n.º 1 continuam a exercer funções nos agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas em que o fazem à data da entrada em vigor do presente decreto-lei, salvo quando manifestem o seu acordo em exercer funções em agrupamento ou escola não agrupada diferente, ou quando aquele encerre.

5 — [...].

6 — [...].

7 — [...].

8 — [...].

9 — [...].

10 — [...].

11 — [...].

Artigo 57.º

[...]

- 1 — [...].
- 2 — [...].
- 3 — [...].
- 4 — [...].
- 5 — [...].

6 — Nas ausências e impedimentos do presidente da câmara municipal, o vereador responsável pela educação preside ao conselho municipal de educação.

Artigo 67.º

[...]

- 1 — [...].
- 2 — [...].
- 3 — [...].

4 — Até à entrada em vigor da portaria referida no n.º 1 do artigo 68.º, as condições de acesso ao transporte escolar previstas na alínea *a*) do n.º 1 do artigo 20.º, são circunscritas aos alunos do ensino básico, mantendo-se em vigor as regras fixadas pela Portaria n.º 138/2009, de 3 de fevereiro, na sua redação atual, para os alunos do ensino secundário.

Artigo 68.º

[...]

- 1 — [...].
- 2 — [...].

3 — As portarias a que se referem os números anteriores resultam do trabalho a desenvolver pela comissão criada nos termos do artigo 65.º, sendo aprovadas no prazo de um ano após a entrada em vigor do presente decreto-lei.

Artigo 71.º

[...]

1 — A revogação do Decreto-Lei n.º 144/2008, de 28 de julho, na sua redação atual, prevista no artigo anterior, não prejudica a manutenção dos contratos de execução celebrados entre o Ministério da Educação e os municípios, até à plena produção de efeitos do presente decreto-lei, regulada no artigo 76.º

- 2 — [...].

Artigo 76.º

[...]

- 1 — [...].
- 2 — [...].

3 — As competências de planeamento e o funcionamento dos conselhos municipais de educação, regulados respetivamente no capítulo II e no capítulo VI do presente decreto-lei produzem efeitos a partir do início do ano letivo 2019/2020, independentemente da deliberação prevista no número anterior.»

Artigo 190.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 22/2019, de 30 de janeiro

1 — O artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 22/2019, de 30 de janeiro, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 2.º

[...]

- 1 — [...].
- 2 — [...].

3 — As competências previstas nas alíneas *a*) e *b*) do n.º 1 são transferidas mediante pronúncia prévia favorável dos municípios interessados, que a remetem ao membro do Governo responsável pela área da cultura, dando conhecimento aos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e das autarquias locais.»

2 — O anexo III, a que se refere o n.º 1 do artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 22/2019, de 30 de janeiro, passa a ter a redação do anexo IV ao presente decreto-lei, que dele faz parte integrante.

Artigo 191.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 23/2019, de 30 de janeiro

Os artigos 11.º, 15.º e 19.º do Decreto-Lei n.º 23/2019, de 30 de janeiro, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 11.º

Titularidade de viaturas, instalações e equipamentos afetos aos cuidados de saúde

1 — São transferidos para a titularidade dos municípios as viaturas, as instalações e os equipamentos, salvo os equipamentos médicos, afetos aos cuidados de saúde primários e à divisão de intervenção nos comportamentos aditivos e nas dependências das administrações regionais de saúde, que sejam da propriedade do Estado.

2 — Os imóveis que integram o processo de descentralização, cuja titularidade é transferida para os municípios, não podem ser objeto de direitos privados ou de transmissão por instrumentos de direito privado enquanto estiverem afetos à prestação de cuidados de saúde primários.

- 3 — [...].

- 4 — [...].

5 — Não há lugar à cobrança de rendas às instituições do Ministério da Saúde, pelos edifícios abrangidos pelo presente decreto-lei, quando nos mesmos sejam prestados cuidados de saúde.

Artigo 15.º

[...]

- 1 — [...].
- 2 — [...].
- 3 — [...].
- 4 — [...].

5 — A transferência para os municípios das competências de gestão e execução de serviços de apoio logístico das unidades funcionais dos ACES que integram o SNS, previstas na alínea *e*) do n.º 1, incluem a transferência da propriedade das respetivas viaturas.

- 6 — (*Anterior n.º 5.*)

Artigo 19.º

[...]

As competências próprias do presidente da câmara municipal e dos órgãos municipais em matéria de gestão dos trabalhadores que exerçam funções nas unidades funcionais dos ACES e das Divisões de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências das Administrações Regionais de Saúde, que integram o SNS, podem ser objeto de delegação nos diretores dos ACES e coordenadores das divisões de intervenção nos comportamentos aditivos e nas dependências.»

Artigo 192.º

Alteração ao Decreto Regulamentar n.º 41/90, de 29 de novembro

O artigo 3.º do Decreto Regulamentar n.º 41/90, de 29 de novembro, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 3.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — Cada secção é constituída por dois médicos, um dos quais preside, podendo o trabalhador, no caso previsto no artigo 26.º da Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, indicar um médico por si escolhido para integrar a junta médica.

4 — [...].

5 — [...].

6 — [...].

7 — Se o trabalhador não indicar à ADSE o médico da sua escolha no prazo de 10 dias úteis contados da notificação da data da realização da junta médica, esta é unicamente composta pelos dois médicos indicados pela ADSE.

8 — Compete ao sinistrado assegurar a comparência à junta médica do médico por si indicado, não constituindo a falta deste motivo para adiamento da junta médica, salvo em casos excecionais devidamente comprovados.»

Artigo 193.º

Alteração ao Decreto Regulamentar n.º 1-A/2011, de 3 de janeiro

O artigo 16.º do Decreto Regulamentar n.º 1-A/2011, de 3 de janeiro, na sua redação atual, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 16.º

[...]

1 — [...].

2 — [...].

3 — [...].

4 — Nas situações de prestação de trabalho que não corresponda a tempo completo, nos termos do n.º 2, designadamente de trabalho a tempo parcial, de contrato de muito curta duração e de contrato intermitente com prestação horária de trabalho, é declarado um dia de trabalho por cada conjunto de seis horas.

5 — [...].

6 — Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, nas situações em que o período normal de trabalho

a tempo completo do setor de atividade seja de 35 horas semanais ou inferior, os tempos de trabalho são declarados nos seguintes termos:

a) 30 dias de trabalho, nos casos em que a atividade corresponda a um mínimo de cinco horas de trabalho diário e se reporte a todos os dias do mês;

b) Um dia de trabalho por cada conjunto de cinco horas, nos casos em que a atividade não seja prestada a tempo completo, designadamente de trabalho a tempo parcial, de contrato de muito curta duração e de contrato intermitente com prestação horária de trabalho;

c) Meio dia de trabalho, nos casos previstos na alínea anterior em que o número de horas de trabalho, excedente de múltiplos de cinco, for igual a dois e meio ou inferior e, nos restantes casos, mais um dia, com o limite máximo de 30 dias em cada mês.»

Artigo 194.º

Aditamento ao Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho

É aditado ao Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, na sua redação atual, o artigo 34.º-A com a seguinte redação:

«Artigo 34.º-A

Correção de diferenças sem materialidade

No caso de diferenças de valores decorrentes de arredondamentos, ou soma de arredondamentos em parcelas, designadamente por cálculo de IVA, retenções ou outras condições, podem os serviços proceder a correções administrativas em qualquer fase do ciclo da despesa, desde que a variação decorrente resulte em valor menor ou igual a 0,02 % do valor do processo global da despesa em causa e até um valor máximo de € 10 do mesmo.»

Artigo 195.º

Aditamento ao Decreto-Lei n.º 42/2001, de 9 de fevereiro

É aditado ao Decreto-Lei n.º 42/2001, de 9 de fevereiro, na sua redação atual, o artigo 14.º-A, com a seguinte redação:

«Artigo 14.º-A

Suspensão do processo de execução

Sem prejuízo das causas de suspensão previstas na lei aplicável, o processo de execução por dívidas à segurança social suspende-se nas situações em que a dívida esteja a ser regularizada através de compensação nos termos previstos no artigo 220.º do Código dos Regimes Contributivos do Sistema Previdencial de Segurança Social.»

Artigo 196.º

Aditamento ao Decreto-Lei n.º 396/2007, de 31 de dezembro,

É aditado ao Decreto-Lei n.º 396/2007, de 31 de dezembro, na sua redação atual, o artigo 20-A.º, com a seguinte redação:

«Artigo 20.º-A

Taxas

1 — A certificação de entidades formadoras regulada no artigo 16.º está sujeita ao pagamento de uma taxa fixada por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da formação profissional.

2 — A certificação de competências pedagógicas dos formadores que desenvolvem a sua atividade no âmbito do Sistema Nacional de Qualificações, bem como a autorização de funcionamento dos cursos que dão acesso a essa certificação estão sujeitas ao pagamento de taxas fixadas por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da formação profissional.»

Artigo 197.º

Aditamento ao Decreto-Lei n.º 22/2014, de 11 de fevereiro

É aditado ao Decreto-Lei n.º 22/2014, de 11 de fevereiro, o artigo 20.º-A, com a seguinte redação:

«Artigo 20.º-A

Avaliação externa

1 — A avaliação externa a que se refere o n.º 4 do artigo anterior é realizada por equipas constituídas por três peritos, sendo dois trabalhadores do mapa de pessoal da Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC) integrados na carreira de inspeção e um perito externo.

2 — A responsabilidade pela seleção dos peritos externos é das instituições do ensino superior, público ou privado, universitário ou politécnico, das instituições de investigação das sociedades científicas ou das associações profissionais de docentes que, para o efeito, celebrem protocolo com a IGEC.

3 — Os peritos externos a selecionar devem ser docentes do ensino superior público ou privado, ou investigadores, de preferência titulares do grau académico de doutor, ou ainda, desde que detentores de currículo escolar ou científico especialmente relevante que seja reconhecido como atestando a capacidade para a realização de avaliação externa, titulares do grau académico de mestre ou licenciado.

4 — O valor global da peritagem objeto de cada protocolo é transferido do orçamento da IGEC para as entidades referidas no n.º 2.

5 — O valor global da peritagem corresponde, para cada avaliação externa e perito, a 50 % do nível remuneratório 9 da tabela remuneratória única dos trabalhadores que exercem funções públicas.

6 — Os peritos externos têm direito à perceção de ajudas de custo e de despesas de transporte nos termos da lei geral.

7 — Em tudo o que não se encontre expressamente previsto no presente decreto-lei, é aplicável, com as necessárias adaptações, o disposto na Lei n.º 31/2002, de 20 de dezembro, na sua redação atual.»

Artigo 198.º

Aditamento ao Regime Jurídico dos Jogos e Apostas Online

É aditado ao Decreto-Lei n.º 66/2015, de 29 de abril, na sua redação atual, o artigo 92.º-A, com a seguinte redação:

«Artigo 92.º-A

Afetação a despesa

A despesa orçamentada do Turismo de Portugal, I. P., com transferências para fora das Administrações Públicas nos termos do presente decreto-lei faz parte do orçamento disponível do Turismo de Portugal, I. P.»

Artigo 199.º

Aditamento ao Decreto-Lei n.º 42-A/2016, de 12 de agosto

1 — É aditado ao Decreto-Lei n.º 42-A/2016, de 12 de agosto, o artigo 21.º-A, com a seguinte redação:

«Artigo 21.º-A

[...]

Entre 2019 e 2021 o Fundo Ambiental apoia, nos termos de despacho do membro do Governo responsável pela área do ambiente, as intervenções previstas na Resolução do Conselho de Ministros n.º 50/2019, de 5 de março, que aprova o Plano de Intervenção nas Pedreiras em Situação Crítica, sem prejuízo do direito de regresso nas situações ali contempladas.»

2 — São ratificados todos os atos que tenham sido, entretanto, praticados no âmbito da Resolução do Conselho de Ministros n.º 50/2019, de 5 de março.»

CAPÍTULO XI

Disposições finais

Artigo 200.º

Prestação de informação por via eletrónica

Todos os relatórios, informações e documentos referidos no presente decreto-lei, que devam ser objeto de reporte ou de envio, devem ser disponibilizados por via eletrónica, salvo disposição legal em contrário.

Artigo 201.º

Normas interpretativas

1 — No âmbito da aquisição de bens ou serviços centralizada, a aplicação do disposto nos artigos 17.º e 22.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de junho, na sua redação atual, tem por referência o limite da despesa a efetuar por cada uma das entidades envolvidas na aquisição centralizada.

2 — Durante o ano de 2019, a Autoridade Nacional da Aviação Civil pode realizar despesa em benefício do setor regulado com vista à participação dos custos incorridos para garantir as condições de segurança nos aeródromos que suportam a rota entre Bragança e Portimão onde foram impostas obrigações de serviço público no âmbito do transporte aéreo, podendo o conselho de administração deliberar sobre tal matéria.

3 — Para efeitos do disposto no artigo 27.º da Lei n.º 3/2004, de 15 de janeiro, na sua redação atual, a remuneração mensal do fiscal único das instituições de ensino superior é fixada no despacho de designação, da competência dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e do ensino superior, na sequência de procedimento pré-contratual encetado pela entidade adjudicante.

4 — A remuneração referida no número anterior tem em consideração a natureza da instituição de ensino superior onde o titular do cargo de fiscal único vai desempenhar funções, não podendo o valor em causa ultrapassar 20 %

do montante fixado para o vencimento base mensal ilíquido do cargo de Reitor ou de Presidente.

5 — As instituições de ensino superior que detêm três ou mais unidades orgânicas com autonomia administrativa e financeira, criadas por diploma legal ou previstas nos respetivos estatutos, encontram-se excecionadas da limitação imposta no número anterior, podendo, por cada uma das unidades orgânicas além dos Serviços Centrais e dos Serviços de Ação Social, aumentar a remuneração do fiscal único até 7 % do montante fixado para o vencimento base mensal ilíquido do cargo de Reitor ou de Presidente, não podendo, em qualquer caso, ultrapassar a remuneração destes cargos.

6 — A linha de financiamento prevista no n.º 13 do artigo 163.º da Lei n.º 71/2018, de 31 de dezembro, tem como finalidade financiar as despesas previstas nos n.ºs 1 a 12 do mesmo artigo, nos termos aí previstos.

Artigo 202.º

Cargos dirigentes em instituições de ensino superior

Os estatutos das instituições de ensino superior e das respetivas unidades orgânicas podem qualificar os cargos previstos no n.º 1 do artigo 123.º e no n.º 1 do artigo 127.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro, como cargos de direção superior ou de direção intermédia, nos termos e com os efeitos neles fixados, aplicando -se subsidiariamente o disposto na Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na sua redação atual.

Artigo 203.º

Assunção de encargos plurianuais

1 — Os processos relativos à assunção de encargos plurianuais que impliquem a realização de despesa no ano de 2019 e que, nos termos dos n.ºs 1 e 2 do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, careçam de autorização do membro do Governo responsável pela área das finanças devem, para esse efeito, ser remetidos ao MF até 15 de novembro de 2019, em obediência ao circuito processual estabelecido para o efeito pela DGO.

2 — Os processos mencionados no número anterior podem não prosseguir caso a base de dados central disponibilizada pela DGO, a que se refere o n.º 1 do artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 127/2012, de 21 de junho, na sua redação atual, não esteja devidamente atualizada.

Artigo 204.º

Obrigações de serviço público na Região Autónoma dos Açores

1 — A transferência da dotação orçamental prevista no n.º 2 do artigo 74.º da Lei do Orçamento do Estado é efetuada trimestralmente pela DGTF, com recurso a verbas inscritas no Capítulo 60 do orçamento do MF, sendo transferido, no final de cada trimestre, o montante de € 2 460 930,25.

2 — A IGF procede à validação dos custos incorridos e decorrentes da prestação de serviço público no transporte interilhas face à compensação prevista do n.º 1 do artigo 74.º da Lei do Orçamento do Estado, procedendo-se aos eventuais acertos e compensações a que haja lugar até

ao final do primeiro quadrimestre do ano imediatamente subsequente.

Artigo 205.º

Disposições específicas para a celebração de contratos de aquisição de bens e serviços

1 — Ficam dispensadas do disposto nos artigos 60.º a 62.º da Lei do Orçamento do Estado as aquisições de serviços por parte do Turismo de Portugal, I. P., relacionadas com a atração de investimentos e a promoção turística realizadas no âmbito do plano de preparação e de contingência para a saída do Reino Unido da União Europeia, independentemente da classificação orçamental a que a despesa respeite.

2 — Pode efetuar-se, durante o ano económico de 2019, com recurso a procedimento por ajuste direto, a locação ou aquisição de bens móveis e a aquisição de serviços relacionadas com a atração de investimentos e a promoção turística realizadas no âmbito do plano de preparação e de contingência para a saída do Reino Unido da União Europeia, de valor inferior ao referido nas alíneas b) e c) do artigo 4.º da Diretiva 2014/24/UE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de fevereiro de 2014, no seu valor atual.

3 — Às locações ou aquisições de bens e de serviços previstas no número anterior não se aplicam as limitações constantes dos n.ºs 2 a 4 do artigo 113.º do CCP.

Artigo 206.º

Estudo prévio

1 — Nos processos de decisão para a Administração Pública e os seus trabalhadores, nomeadamente quando estiver em causa a revisão de carreiras e remuneração e outras prestações pecuniárias, incluindo a alteração dos níveis remuneratórios e do montante pecuniário de cada nível remuneratório, o Governo assegura a elaboração de um estudo prévio que permita avaliar, nomeadamente, a necessidade, a equidade e a sustentabilidade das mesmas.

2 — Quando não existam normas que especifiquem os elementos a considerar na análise, o membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública aprova, por despacho, os termos do estudo prévio em função das matérias.

3 — O estudo é publicado em Separata do *Boletim do Trabalho e Emprego*, por despacho do membro do Governo responsável pelas áreas das finanças e da administração pública e pela respetiva área setorial, tendo em vista promover uma discussão ampla, transparente e informada.

Artigo 207.º

Norma revogatória

São revogados:

- a) O n.º 3 do artigo 20.º do Decreto-Lei n.º 39/2001, de 9 de fevereiro, na sua redação atual;
- b) O n.º 1 do artigo 76.º do Decreto-Lei n.º 220/2006, de 3 de novembro;
- c) O n.º 3 do artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 396/2007, de 31 de dezembro;

d) As alíneas e) e f) do n.º 2 do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 165-A/2013, de 23 de dezembro, na sua redação atual;

e) O n.º 10 do artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 68/2018, de 17 de agosto;

f) O artigo 11.º da Portaria n.º 214/2011, de 30 de maio.

Artigo 208.º

Norma repristinatória

São repristinados os artigos 1.º e 7.º do Decreto-Lei n.º 437/78, de 28 de dezembro, desde a data da sua revogação.

Artigo 209.º

Prorrogação de efeitos

1 — É prorrogada a vigência do artigo 134.º do Decreto-Lei n.º 25/2017, de 3 de março, na sua redação atual, sendo os efeitos temporários das normas e medidas constantes dos atos identificados nesse artigo progressivamente eliminados, aplicando-se para este efeito, com as necessárias adaptações, o faseamento previsto no n.º 2 do artigo 16.º da Lei do Orçamento do Estado.

2 — É prorrogada a vigência do artigo 28.º, dos n.ºs 11 a 13 do artigo 44.º, do n.º 2 do artigo 65.º e do artigo 178.º do Decreto-Lei n.º 33/2018, de 15 de maio.

3 — O período de vigência do Decreto-Lei n.º 24/2016, de 8 de junho, é prorrogado por um ano.

4 — O período de vigência do Decreto-Lei n.º 89/2010, de 21 de julho, prorrogado pelos Decretos-Leis n.ºs 94/2013, de 18 de julho, 53/2015, de 15 de abril, e 33/2018, de 15 de maio, é prorrogado por mais um ano.

Artigo 210.º

Produção de efeitos

O presente decreto-lei produz efeitos à data da entrada em vigor da Lei do Orçamento do Estado, salvo se disposto em contrário nos artigos antecedentes, e até à entrada em vigor do decreto-lei de execução orçamental para 2020.

Artigo 211.º

Entrada em vigor

O presente decreto-lei entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 6 de junho de 2019. — *António Luís Santos da Costa* — *Augusto Ernesto Santos Silva* — *Mariana Guimarães Vieira da Silva* — *João Rodrigo Reis Carvalho Leão* — *João Titterington Gomes Cravinho* — *Maria Isabel Solnado Porto Oneto* — *Helena Maria Mesquita Ribeiro* — *Pedro Gra-maxo de Carvalho Siza Vieira* — *Graça Maria da Fonseca Caetano Gonçalves* — *Manuel Frederico Tojal de Valsas-sina Heitor* — *Tiago Brandão Rodrigues* — *José Antó-nio Fonseca Vieira da Silva* — *Marta Alexandra Fartura Braga Temido de Almeida Simões* — *Ángelo Nelson Ro-sário de Souza* — *Pedro Nuno de Oliveira Santos* — *João Pedro Soeiro de Matos Fernandes* — *Luís Manuel Capou-las Santos* — *Ana Paula Mendes Vitorino*.

Promulgado em 25 de junho de 2019.

Publique-se.

O Presidente da República, MARCELO REBELO DE SOUSA.

Referendado em 27 de junho de 2019.

O Primeiro-Ministro, *António Luís Santos da Costa*.

ANEXO I

(a que se refere o n.º 6 do artigo 32.º)

Programa Orçamental	Ministério	Entidade Coordenadora
002 Governação	Presidência do Conselho de Ministros (PCM)	Secretaria-Geral da PCM.
003 Representação externa	Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE)	Secretaria-Geral do MNE.
004 Finanças	Ministério das Finanças (MF)	Secretaria-Geral do MF.
005 Gestão da dívida pública	Ministério das Finanças	Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Pública — IGCP, E. P. E.
006 Defesa	Ministério da Defesa Nacional (MDN)	Secretaria-Geral do MDN.
007 Segurança interna	Ministério da Administração Interna (MAI)	Secretaria-Geral do MAI.
008 Justiça	Ministério da Justiça	Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos da Justiça, I. P.
009 Cultura	Ministério da Cultura	Secretaria-Geral da PCM.
010 Ciência, tecnologia e ensino superior	Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.	Instituto de Gestão Financeira da Educação, I. P. (IGEFE, I. P.)
011 Ensino básico e secundário e administração escolar.	Ministério da Educação	IGEFE, I. P.
012 Trabalho, solidariedade e segurança social.	Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (MTSSS).	Gabinete de Estratégia e Planeamento do MTSSS
013 Saúde	Ministério da Saúde	Administração Central do Sistema de Saúde, I. P.
014 Planeamento e infraestruturas	Ministério do Planeamento e Infraestruturas	Secretaria-Geral da PCM.
015 Economia	Ministério da Economia (ME)	Secretaria-Geral do ME.
016 Ambiente	Ministério do Ambiente	Secretaria-Geral do Ambiente.
017 Agricultura, florestas e desenvolvimento rural e mar.	Ministério da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural.	Gabinete de Planeamento e Políticas (GPP).
018 Mar	Ministério do Mar	GPP.

ANEXO II

[a que se referem a alínea e) do n.º 1 do artigo 33.º
e os n.ºs 1 e 2 do artigo 34.º]

PARTE I

**Entidades que cumprem os critérios
estabelecidos no n.º 10 do artigo 4.º
da Lei do Orçamento do Estado**

AVEIROPOLIS — Sociedade para o Desenvolvimento
do Programa Polis em Aveiro, S. A.

Banif, S. A.

CASES — Cooperativa António Sérgio para a Econo-
mia Social

Cincork — Centro de Formação Profissional da Indús-
tria de Cortiça

CINFU — Centro de Formação Profissional da Indústria
de Fundição

CINDOR — Centro de Formação Profissional da Indús-
tria de Ourivesaria e Relojoaria

CFPIMM — Centro de Formação Profissional das Indús-
tria da Madeira e Mobiliário

Centro Protocolar de Formação Profissional para Jor-
nalistas

CONSEST — Promoção Imobiliária, S. A.

Coa Parque — Fundação para a Salvaguarda e Valori-
zação do Vale do Coa

Costa Polis, Sociedade para o Desenvolvimento do Pro-
grama Polis na Costa da Caparica, S. A.

EAS — Empresa Ambiente na Saúde, Tratamento de
Resíduos Hospitalares Unipessoal, L.ª

EMPORDEF, Engenharia Naval, S. A.

Extra — Explosivos da Trafaria, S. A.

FRME — Fundo para Revitalização e Modernização
do Tecido Empresarial, SGPS, S. A.

Fundação Carlos Lloyd Braga

Associação das Universidades Portuguesas

Fundação do Desporto

Fundação Luís de Molina

Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento
Fundação Museu Nacional Ferroviário Armando Gi-
nestal Machado

Fundação para o Desenvolvimento das Ciências Eco-
nómicas, Financeiras e Empresariais

Fundo de Garantia de Crédito Agrícola Mútuo

Fundo de Garantia de Depósitos

IMAR — Instituto do Mar

Metro — Mondego, S. A.

Metro do Porto Consultoria — Consultoria em Trans-
portes Urbanos e Participações, Unipessoal, L.ª

PARBANCA SGPS, S. A. (ZFM)

Polis Litoral Norte, S. A.

Polis Litoral Ria de Aveiro, S. A.

Polis Litoral Sudoeste — Sociedade para a Requali-
ficação e Valorização do Sudoeste Alentejano e Costa
Vicentina, S. A.

Sagesecur — Estudo, Desenvolvimento e Par-
ticipação em Projetos de Investimento em Valores
Mobiliários, S. A.

SANJIMO — Sociedade Imobiliária, S. A.

SERQ — Centro de Inovação e Competências da Flo-
resta — Associação

Sistema de Indemnização Aos Investidores

Sociedade Polis Litoral Ria Formosa. — Sociedade para
a Requalificação e Valorização da Ria Formosa S. A.

Vianapolis, Sociedade para o Desenvolvimento do Pro-
grama Polis em Viana do Castelo, S. A.

TAP — Transportes Aéreos Portugueses, SGPS, S. A.

Wil — Projetos Turísticos, S. A.

PARTE II

Entidades abrangidas pelo artigo 34.º

Fundo de Contragarantia Mútuo

Fundo de Resolução

IFD — Instituição Financeira de
Desenvolvimento, S. A.

SCML — Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Sociedade Portuguesa de Empreendimentos S. P. E., S. A.,

SPGM — Sociedade de Investimento, S. A.

SUCH — Serviço de Utilização Comum dos Hospitais.

ANEXO III

(a que se refere o n.º 5 do artigo 159.º)

Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Públi-
ca — IGCP, E. P. E.

Caixa Geral de Depósitos, S. A.

IFD — Instituição Financeira de
Desenvolvimento, S. A.

PME Investimentos — Sociedade de
Investimento, S. A.

Portugal Capital Ventures — Sociedade de Capital de
Risco, S. A.

SOFID — Sociedade para o Financiamento do Desen-
volvimento — Instituição Financeira de Crédito, S. A.

ANEXO IV

(a que se refere o n.º 2 do artigo 190.º)

«ANEXO III

(a que se refere o n.º 1 do artigo 8.º)

Município	Museu/Imóvel classificado	Entidade	Pessoal	Despesas c/ pessoal	Outras despesas
Almeida	Muralhas da Praça de Almeida	Direção Regional do Centro (DRCC).	0	14 499 €	0 €
Aveiro	Museu de Aveiro	DRCC	16	328 519 €	82 188 €
Belmonte	Castelo de Belmonte	DRCC	0	14 618 €	240 €
Caldas da Rainha	Museu da Cerâmica	DRCC	8	133 441 €	18 000 €

Município	Museu/Imóvel classificado	Entidade	Pessoal	Despesas c/ pessoal	Outras despesas
Castelo Branco.....	Museu de Francisco Tavares Proença Júnior.	DRCC.....	11	228 053 €	35 763 €
Elvas.....	Castelo de Elvas.....	Direção Regional do Alentejo (DRCAleant).	2	32 579 €	6 415 €
Évora.....	Torre Sineira do Convento do Salvador	DRCAleant.....	0	0 €	1 430 €
Gavião.....	Castelo de Bélver.....	DRCAleant.....	1	12 929 €	782 €
Guarda.....	Museu da Guarda.....	DRCC.....	6	117 452 €	33 794 €
Meda.....	Castelo de Marialva.....	DRCC.....	0	6 189 €	0 €
Monforte.....	Vila Romana de Torre de Palma.....	DRCAleant.....	0	0 €	1 189 €
Nazaré.....	Museu Etnográfico e Etnológico Dr. Joaquim Manso.	DRCC.....	5	78 669 €	12 400 €
Nisa.....	Castelo de Amieira (do Tejo).....	DRCAleant.....	0	0 €	496 €
Ourique.....	Castro da Cola.....	DRCAleant.....	0	0 €	670 €
Santarém.....	Ruínas do Castelo de Alcanede.....	Direção-Geral do Património Cultural.	1	10 745 €	0 €
Viana do Alentejo.....	Castelo de Viana do Alentejo.....	DRCAleant.....	1	12 929 €	2 420 €
Vila Nova de Foz Coa.....	Castelo Velho de Freixo de Numão.....	Direção Regional do Norte (DRCN).	0	0 €	500 €
Vimioso.....	Castelo de Algosó.....	DRCN.....	0	0 €	3 500 €
<i>Totais.....</i>			51	990 622 €	199 787 €
				1 190 409 €	

112401994

FINANÇAS, ADMINISTRAÇÃO INTERNA, AMBIENTE E TRANSIÇÃO ENERGÉTICA, AGRICULTURA, FLORESTAS E DESENVOLVIMENTO RURAL E MAR

Portaria n.º 199/2019

de 28 de junho

A Portaria n.º 266/2015, de 31 de agosto, veio definir a dotação máxima de chefes de equipa multidisciplinar da Inspeção-Geral da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território.

Por sua vez, o Decreto-Lei n.º 108/2018, de 3 de dezembro, que estabelece o regime jurídico da proteção radiológica, transpondo a Diretiva 2013/59/Euratom, veio prever o reforço do mapa de pessoal, bem como do orçamento da IGAMAOT, de modo a assegurar o exercício das atribuições e competências que o referido diploma lhe reserva, como autoridade que inspeciona o cumprimento deste regime jurídico.

O Decreto-Lei n.º 108/2018, de 3 de dezembro, procedeu ainda à segunda alteração ao Decreto-Lei n.º 23/2012, de 1 de fevereiro, de forma a consagrar as atribuições da Inspeção-Geral da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território (IGAMAOT) no âmbito da proteção radiológica e da segurança nuclear.

Importa, agora, alterar a Portaria n.º 266/2015, de 31 de agosto, que define a dotação máxima de chefes de equipa multidisciplinar da IGAMAOT, de forma a adequá-la à prossecução destas novas atribuições.

Assim:

Ao abrigo do disposto no n.º 3 do artigo 22.º da Lei n.º 4/2004, de 15 de janeiro, na sua redação atual, manda o Governo, pelo Ministro das Finanças, pelo Ministro da Administração Interna, pelo Ministro do Ambiente e da Transição Energética, pelo Ministro da Agricultura,

Florestas e Desenvolvimento Rural e pela Ministra do Mar o seguinte:

Artigo 1.º

Objeto

A presente portaria altera a Portaria n.º 266/2015, de 31 de agosto.

Artigo 2.º

Alteração da Portaria n.º 266/2015, de 31 de agosto

O artigo 1.º da Portaria n.º 266/2015, de 31 de agosto, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 1.º

[...]

É fixada em 19 (dezanove) a dotação máxima de chefes de equipas multidisciplinares.»

Artigo 3.º

Entrada em vigor

A presente portaria produz efeitos à data da entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 108/2018, de 3 de dezembro.

O Ministro das Finanças, *Mário José Gomes de Freitas Centeno*, em 28 de maio de 2019. — O Ministro da Administração Interna, *Eduardo Arménio do Nascimento Cabrita*, em 3 de junho de 2019. — O Ministro do Ambiente e da Transição Energética, *João Pedro Soeiro de Matos Fernandes*, em 27 de junho de 2019. — O Ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural, *Luís Manuel Capoulas Santos*, em 5 de junho de 2019. — A Ministra do Mar, *Ana Paula Mendes Vitorino*, em 25 de junho de 2019.

112404578

FINANÇAS E JUSTIÇA**Portaria n.º 200/2019****de 28 de junho**

A Portaria n.º 233/2018, de 21 de agosto, procedeu à regulamentação do Registo Central do Beneficiário Efetivo (RCBE), criado pela Lei n.º 89/2017, de 21 de agosto, e definiu, entre outros aspetos, a forma da declaração inicial, os termos de preenchimento e de submissão do respetivo formulário, a disponibilização pública da informação, bem como os termos da extração de informação e de certidões da base de dados.

A referida portaria regulou especialmente o prazo para a troca de informações entre o RCBE e as demais bases de dados de suporte à informação sobre as entidades, designadamente o Ficheiro Central de Pessoas Coletivas e a informação detida pela Autoridade Tributária e Aduaneira, bem como o prazo para a declaração inicial.

Esse prazo condiciona também a obrigatoriedade de consulta por parte das entidades obrigadas e a possibilidade de acesso pelas autoridades competentes.

Por estar em causa uma base de dados de especial complexidade, com um universo de entidades sujeitas na ordem de um milhão, e um número indeterminado de entidades obrigadas à sua consulta, o arranque faseado estabelecido, mesmo após prorrogação, revelou-se insuficiente, verificando-se a concentração das declarações nos últimos dias dos períodos fixados.

Em consequência, a consulta ao sistema não pode ser efetuada com normalidade, o que impede a regular utilização do RCBE no cumprimento do dever de diligência de identificação do cliente, e no âmbito da prevenção e combate ao branqueamento de capitais e financiamento do terrorismo.

Os conceitos de entidade sujeita ao RCBE e de beneficiário efetivo têm suscitado, múltiplos pedidos de esclarecimentos e de apoio no preenchimento das respetivas declarações, dificultando, de modo global, o cumprimento desta obrigação.

Adicionalmente, a Diretiva 2018/843 do Parlamento Europeu e do Conselho de 30 de maio de 2018, que altera a Diretiva (UE) 2015/849 relativa à prevenção da utilização do sistema financeiro para efeitos de branqueamento de capitais ou de financiamento do terrorismo e que altera as Diretivas 2009/138/CE e 2013/36/EU, e que tem de ser transposta até 10 de janeiro de 2020, implica alterações às Leis n.ºs 83/2017, de 18 de agosto, e 89/2017, de 21 de agosto, devendo ser articulados vários aspetos da informação e do respetivo acesso, tal como está atualmente concebido.

Por este motivo, o termo do prazo de 30 de junho de 2019 para a declaração inicial do beneficiário efetivo, bem como a data de 1 de julho como início de consulta obrigatória do RCBE para as entidades obrigadas, são datas que se têm revelado de difícil exequibilidade, demandando a segurança jurídica e ordem pública, uma prorrogação das mesmas.

Assim:

Manda o Governo, pelo Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais e pela Secretária de Estado da Justiça, nos termos dos n.ºs 1 e 3 do artigo 22.º da Lei n.º 89/2017, de 21 de agosto, bem como do n.º 1 do artigo 11.º e do n.º 3 do artigo 19.º do Regime Jurídico do Registo Central do

Beneficiário Efetivo, aprovado pela Lei n.º 89/2017, de 21 de agosto, o seguinte:

Artigo 1.º**Objeto**

A presente portaria estabelece os prazos para a declaração inicial do RCBE, e revoga os artigos 13.º e 17.º da Portaria n.º 233/2018, de 21 de agosto.

Artigo 2.º**Prazo para a declaração inicial**

A declaração inicial das entidades sujeitas ao RCBE constituídas à data de entrada em vigor da presente portaria deve ser efetuada, de forma faseada, nos termos seguintes:

a) Até 31 de outubro de 2019, as entidades sujeitas a registo comercial;

b) Até 30 de novembro de 2019, as demais entidades sujeitas ao RCBE.

Artigo 3.º**Consulta do RCBE**

1 — As entidades obrigadas, nos termos definidos na Lei n.º 83/2017, de 18 de agosto, devem efetuar consultas ao RCBE após 31 de janeiro de 2020, exceto se às mesmas for disponibilizado, em momento anterior, o respetivo código de acesso.

2 — O disposto no número anterior aplica-se a todas as entidades sujeitas ao RCBE, ainda que constituídas após 1 de outubro de 2018.

Artigo 4.º**Confirmação anual da informação**

A confirmação anual da informação sobre o beneficiário efetivo é dispensada em 2020, incluindo para as entidades cuja declaração foi efetuada em 2018, sem prejuízo da atualização da informação a que deva haver lugar.

Artigo 5.º**Norma revogatória**

São revogados os artigos 3.º e 17.º da Portaria n.º 233/2018, de 21 de agosto.

Artigo 6.º**Entrada em vigor**

A presente portaria entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Em 27 de junho de 2019.

O Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, *António Manuel Veiga dos Santos Mendonça Mendes*. — A Secretária de Estado da Justiça, *Anabela Damásio Caetano Pedroso*.

112405274

AMBIENTE E TRANSIÇÃO ENERGÉTICA E MAR**Portaria n.º 201/2019****de 28 de junho**

A necessidade de assegurar uma melhor representatividade dos valores naturais marinhos aos níveis nacional, europeu e biogeográfico, determinou o alargamento da lista nacional de sítios por via da Resolução do Conselho de Ministros n.º 17/2019, de 23 de janeiro, que incluiu a faixa litoral entre Maceda e Praia da Vieira na lista nacional de sítios e da Resolução do Conselho de Ministros n.º 18/2019, de 23 de janeiro, que aprovou a alteração dos limites do sítio Costa Sudoeste, criado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/97, de 28 de agosto.

O referido alargamento é imprescindível para a extensão da aplicação da Diretiva *Habitats* ao meio marinho e, por conseguinte, para reforçar a Rede Natura 2000 em Portugal.

A lista nacional de sítios não constitui, porém, um fim em si mesmo. Trata-se, na verdade, conforme previsto no artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 140/99, de 24 de abril, na sua redação atual, o primeiro passo para a aprovação desses sítios nacionais como sítios de importância comunitária (SIC), pelos órgãos competentes da União Europeia. O processo culmina com a classificação dos SIC como zonas especiais de conservação (ZEC), que formam a Rede Natura 2000.

O artigo 7.º-A do Decreto-Lei n.º 140/99, de 24 de abril, na sua redação atual, determina que aos sítios da lista nacional de sítios se aplique o regime previsto no mesmo diploma para as ZEC enquanto não se proceder à sua classificação enquanto tais.

O regime das ZEC, aplicável aos sítios da lista nacional de sítios, encontra-se previsto no artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 140/99, de 24 de abril, na sua redação atual, e consiste em medidas adequadas nas matérias elencadas no seu n.º 2 que visam evitar a deterioração dos *habitats* naturais e dos *habitats* de espécies. Estas medidas devem constar do instrumento de gestão territorial a que se refere o n.º 4 do artigo 8.º do referido decreto-lei.

Além das referidas medidas, podem ser aprovados planos de gestão, por portaria conjunta do Ministro do Ambiente e da Transição Energética e dos membros do Governo com tutela sobre os setores com interesses relevantes na ZEC visada, nos termos da alínea *a*) do n.º 3 do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 140/99, de 24 de abril, na sua redação atual. Estes planos de gestão identificam os objetivos de conservação das ZEC em causa, tendo em conta as condições ecológicas e o contexto territorial e socioeconómico que nelas se verificam, apontam as medidas de conservação, de natureza ativa ou preventiva e estabelecem a sua operacionalização e procedimentos de monitorização da sua execução.

Os planos de gestão têm enquadramento igualmente na Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e Biodiversidade 2030 (ENCNB 2030), aprovada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 55/2018, de 7 de maio de 2018, designadamente no seu «Eixo 1 — Melhorar o estado de conservação do património natural», estando prevista no seu «Objetivo 1.1 — Consolidar o Sistema Nacional de Áreas Classificadas (SNAC) e promover a sua gestão partilhada» com uma «Medida de Concretização — Elaborar os planos de gestão ou instrumento equivalente para os SIC da Rede Natura 2000»,

a que foi atribuída prioridade máxima. Nesta Estratégia é identificada a necessidade de assegurar a definição de objetivos de conservação e medidas de gestão e dotar cada área da Rede Natura 2000 de planos de gestão e programas de execução eficazes, estabelecidos e aplicados em estreita articulação com as autarquias e demais autoridades públicas, os proprietários, os promotores e os setores de atividade, as ONGA, a comunidade científica e outros parceiros relevantes.

O projeto do Plano de Gestão do Sítio Maceda-Praia da Vieira e da área marinha alargada do SIC Costa Sudoeste foi elaborado no âmbito do projeto *Life MarPro*, envolvendo diferentes entidades públicas e representantes de interesses locais específicos com influência na gestão da área, de forma a garantir uma melhor aderência deste instrumento à realidade da área em causa e atingir uma perspetiva consensualizada sobre a sua gestão a longo prazo, potenciando sinergias entre os diferentes intervenientes.

O referido projeto foi submetido a consulta pública que decorreu entre os dias 9 de julho e 8 de agosto de 2018, organizada nos termos previstos para os programas especiais de ordenamento do território em conformidade com o regime jurídico dos instrumentos de gestão territorial. As observações e sugestões recolhidas sobre as soluções da proposta de Plano de Gestão das três participações registadas no âmbito da referida consulta pública foram objeto de ponderação e os resultados divulgados através da comunicação social e no sítio Internet do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I. P.

O referido Plano de Gestão abrange exclusivamente áreas marinhas, havendo interesses de setores que são tutelados pelo membro do Governo responsável pela área do mar.

A promoção e a avaliação da execução do Plano de Gestão compete, conforme estabelecido nas Resoluções do Conselho de Ministros n.º 17/2019 e n.º 18/2019, ambas de 23 de janeiro, a um grupo de coordenação composto por representantes dos membros do Governo responsáveis pelas áreas do ambiente e do mar, do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I. P., da Agência Portuguesa do Ambiente, I. P., da Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos e do Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P., coordenado pela área governativa do mar.

Assim, ao abrigo do disposto na alínea *a*) do n.º 3 do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 140/99, de 24 de abril, na sua redação atual, manda o Governo, pelo Ministro do Ambiente e da Transição Energética e pela Ministra do Mar, o seguinte:

Artigo 1.º**Objeto**

É aprovado o Plano de Gestão do Sítio Maceda-Praia da Vieira e da área marinha alargada do SIC Costa Sudoeste (Plano de Gestão), em anexo à presente Portaria e que dela faz parte integrante.

Artigo 2.º**Vigência**

O Plano de Gestão vigora por um período de dez anos.

Artigo 3.º

Acompanhamento e avaliação periódica

1 — O ICNF, I. P., procede ao acompanhamento constante da execução do Plano de Gestão, avaliando a sua eficácia.

2 — A promoção e avaliação da execução do Plano de Gestão compete ao grupo de coordenação, previsto nas Resoluções do Conselho de Ministros n.º 17/2019 e n.º 18/2019, ambas de 23 de janeiro.

3 — O funcionamento do grupo de coordenação é regulado por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da conservação da natureza e do mar.

4 — O grupo de coordenação efetua as avaliações da execução do Plano de Gestão a cada três anos.

5 — As avaliações referidas no número anterior devem incluir o ponto de situação intermédio da execução das medidas, um balanço das medidas concluídas, das medidas em curso e das medidas não iniciadas, tendo em conta as metas estabelecidas para cada medida.

6 — O resultado das avaliações periódicas é apresentado aos membros do Governo responsáveis pelas áreas da conservação da natureza e do mar, sob a forma de relatório, que pode conter propostas fundamentadas tendentes à minimização dos impactos decorrentes da gestão dos sítios nos ecossistemas e na atividade económica.

7 — Colaboram no acompanhamento e nas avaliações periódicas referidas nos números anteriores todas as entidades que participam na execução das medidas de conservação identificadas no Plano de Gestão.

Artigo 4.º

Avaliação final

1 — O grupo de coordenação procede à avaliação do Plano de Gestão no final do período de vigência referido no artigo 2.º

2 — A avaliação referida no número anterior consiste num exercício de análise cruzada entre o grau de execução das medidas de conservação e a evolução do estado de conservação dos valores naturais presentes.

3 — Na avaliação final relacionam-se os resultados finais da execução das medidas, através dos indicadores de

realização, e o cumprimento dos objetivos de conservação, através dos indicadores de resultado.

4 — O resultado da avaliação final é apresentado aos membros do Governo responsáveis pelas áreas da conservação da natureza e do mar, sob a forma de relatório.

Artigo 5.º

Relatórios

Os relatórios mencionados no n.º 6 do artigo 3.º e no n.º 4 do artigo 4.º incluem:

a) Versão revista das fichas das medidas de conservação, se aplicável;

b) Considerações sobre as metodologias adotadas para a monitorização dos valores alvo;

c) Análise da evolução dos fatores externos com eventual impacto na gestão das áreas em causa, nomeadamente das pressões e atividades mais relevantes, das condicionantes legais e dos instrumentos de financiamento das medidas de conservação;

d) Análise efetuada no período em causa considerando a evolução dos indicadores considerados;

e) Descrição das alterações intercalares efetuadas e respetiva fundamentação;

f) Análise da eficácia das medidas de conservação, tendo em conta o grau de execução das medidas, os resultados ao nível da conservação dos valores alvo e as alterações de contexto;

g) Resumo das reuniões de acompanhamento efetuadas entre o grupo de coordenação, e as entidades mencionadas no n.º 7 do artigo 3.º

Artigo 6.º

Entrada em vigor

A presente portaria entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

O Ministro do Ambiente e da Transição Energética, *João Pedro Soeiro de Matos Fernandes*, em 27 de junho de 2019. — A Ministra do Mar, *Ana Paula Mendes Vitorino*, em 26 de junho de 2019.

Plano de gestão - Sítio Maceda - Praia da Vieira e alargamento da área marinha abrangida pelo SIC Costa Sudoeste

Novembro 2018

ICNF (revisão). 2018. **Plano de gestão para a área marinha abrangida pelos Sítios Maceda - Praia da Vieira e Costa Sudoeste.** Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

(O presente documento resulta da coordenação entre o GSEOTCN e o GMM sobre o documento “Bases para a proposta de Plano de Gestão para a área Marinha abrangida pelas propostas de Sítios Maceda/Praia da Vieira, Costa de Setúbal, e Costa Sudoeste e para os valores da Região Biogeográfica do Mar Atlântico do SIC Estuário do Sado”, elaborado no âmbito do Projeto Life+ MarPro pela equipa técnica constituída por:

Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF)

Universidade de Aveiro (UA)

Universidade do Minho (UM)

Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA)

Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA)

Índice

INTRODUÇÃO

1. CARACTERIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS SÍTIOS

1.1 Caracterização

1.1.1 Diplomas de classificação

1.1.2 Localização

Sítio Maceda - Praia da Vieira

Sítio Costa Sudoeste

1.1.3. Informação ecológica

Sítio Maceda - Praia da Vieira

Sítio Costa Sudoeste

1.2. Avaliação dos Sítios

1.2.1. Situação legal

Sítio Maceda - Praia da Vieira

Sítio Costa Sudoeste

1.2.2. Ameaças, pressões e atividades com impactos potenciais nos valores naturais

2. COMPONENTE DE LONGO PRAZO

2.1 Missão

2.2 Objetivos gerais para a gestão dos SIC

3. PLANO OPERACIONAL

3.1 Objetivos específicos de conservação

3.2 Medidas de conservação e sua operacionalização.

Bibliografia consultada

ANEXO

Índice de tabelas

- Tabela 1 – Extrato da lista de referência de espécies e habitats para a região MATL presentes no Sítio Maceda - Praia da Vieira
- Tabela 2 - Extrato da lista de referência de espécies e habitats para a região marinha MATL presentes no Sítio Costa Sudoeste
- Tabela 3 – Ameaças, pressões e atividades com potencial impacto para os valores da Rede Natura 2000 no meio marinho português
- Tabela 4 - Ameaças, pressões e atividades com impactos nos dois Sítios propostos
- Tabela 5 – Avaliação global de cada Sítio para a conservação das espécies de cetáceos e dos habitats
- Tabela 6 – Principais ameaças, pressões e atividades que afetam, potencialmente, os valores naturais dos Sítios
- Tabela 7 – Objetivos específicos de conservação
- Tabela 8 – Medidas de conservação ativas
- Tabela 9 – Identificação das medidas de conservação complementares
- Tabela 10 – Identificação das Medidas de conservação preventivas
- Tabela 11 – Calendarização das medidas de conservação.

Índice de figuras

- Figura 1 - Localização dos Sítios propostos.

INTRODUÇÃO

A rede *Natura 2000* é uma rede ecológica para o espaço Comunitário e tem por objetivo “contribuir para assegurar a biodiversidade através da conservação dos habitats naturais e da fauna e da flora selvagens no território europeu dos Estados-membros em que o Tratado é aplicável”.

Esta rede corresponde ao conjunto dos territórios abrangidos pelas Zonas de Proteção Especial (ZPE), classificadas ao abrigo da Diretiva Aves (n.º 79/409/CEE)¹ e que se destinam essencialmente a garantir a conservação das espécies de aves², e seus habitats, e pelas Zonas Especiais de Conservação (ZEC), designados ao abrigo da Diretiva Habitats (n.º 92/43/CEE)³, com o objetivo de contribuir para assegurar a biodiversidade, através da conservação dos habitats naturais⁴ e das espécies da flora e da fauna selvagens⁵, que não aves. No caso das ZEC, a classificação depende da sua prévia aprovação como Sítio de Importância Comunitária (SIC) pelos órgãos competentes da União Europeia, com base na proposta apresentada pela autoridade nacional de conservação da natureza e biodiversidade, indicando os tipos de habitat naturais do anexo I e as espécies do anexo II que justificam a sua classificação, de acordo com os critérios previstos no anexo III da Diretiva Habitats.

No âmbito da extensão das disposições da Diretiva Habitats ao meio marinho em Portugal Continental, verificou-se que os SIC já designados não eram suficientes para a conservação do Roaz (*Tursiops truncatus*), do Boto (*Phocoena phocoena*), do Sável (*Alosa alosa*), da Savelha (*Alosa fallax*) e da Lampreia (*Petromyzon marinus*), bem como dos habitats 1110 (Bancos de areia permanentemente cobertos por água do mar pouco profunda) e 1170 (Recifes).

O Roaz, apesar de apresentar um estado de conservação Favorável⁶ tem, na sua população residente do Estuário do Sado, um grau de conservação Médio ou Reduzido. No caso particular do Boto, com um estado de conservação Desfavorável⁷, Portugal tem responsabilidades acrescidas, uma vez que o nosso país alberga, juntamente com Espanha, os principais núcleos de uma população que futuramente poderá ser designada como uma nova subespécie (*Phocoena phocoena meridionalis*) (Fontaine *et al*, 2014). Os Bancos de areia e os Recifes apresentam um estado de conservação Desfavorável⁸.

O aprofundamento do conhecimento sobre a utilização do meio marinho adjacente à costa continental pelas duas espécies de mamíferos marinhos, para o qual contribuiu o projeto LIFE MarPro – “Conservação de espécies marinhas protegidas em Portugal continental”, permitiu elaborar uma proposta técnica de áreas relevantes para os valores naturais marinhos protegidos por esta Diretiva⁹. A proposta técnica, apresentada à tutela mereceu decisão favorável por parte de S.Ex.^a a Sr.^a Secretária de Estado do Ordenamento do Território e da Conservação da Natureza, e esteve disponível para audição pública, de 11 a 29 de maio de 2016, na página Web do ICNF, para além de consulta direta à APA, DGAM, DGE, DGPM, DGRM, IH, IPMA e Turismo de Portugal.

No sentido de assegurar o cumprimento dos objetivos visados pela criação da rede *Natura 2000*, deverão ser estabelecidas medidas de conservação para a gestão ativa e para o ordenamento das áreas onde ocorrem os

¹ Transposta para o direito interno pelo Decreto-Lei n.º 140/99, de 24/04, republicado pelo Decreto-Lei n.º 49/2005, de 22/04, alterado pelo Decreto-Lei n.º 156-A/2013, de 8/11.

² Listadas no seu anexo I, e das espécies de aves migratórias não referidas no anexo I e cuja ocorrência seja regular.

³ Transposta para o direito interno pelo Decreto-Lei n.º 140/99, de 24/04, republicado pelo Decreto-Lei n.º 49/2005, de 22/04, alterado pelo Decreto-Lei n.º 156-A/2013, de 8/11.

⁴ Anexo I - Habitats naturais e seminaturais cuja conservação requer a designação de ZEC.

⁵ Anexo II - Espécies animais e vegetais cuja conservação requer a designação de ZEC.

⁶ Relatório Nacional de aplicação da Diretiva Habitats (2007-2012).

⁷ Relatório Nacional de aplicação da Diretiva Habitats (2007-2012).

⁸ Relatório Nacional de aplicação da Diretiva Habitats (2007-2012).

⁹ Para a área marinha estes valores estão identificados na lista de referência para a Região Biogeográfica do Mar Atlântico (MATL - região marinha onde se enquadra o mar continental português), produzida no âmbito do processo de relato decorrente da aplicação do art.º 17.º da Diretiva Habitats (2007-2012).

valores naturais. Estas medidas deverão permitir a manutenção ou o restabelecimento, num estado de conservação favorável, dos valores naturais, em conformidade com o art.º 7.º B do diploma que transpõe as Diretivas Aves e Habitats para o direito interno e que estabelece o regime aplicável a estas áreas¹⁰.

Ponderando os benefícios que advêm de uma abordagem que integre os valores de conservação e as necessidades de gestão, revela-se indispensável a elaboração de Planos de Gestão como documentos abrangentes, onde são identificados os objetivos de conservação e as necessidades de gestão dos valores naturais que estão na origem da designação das áreas face às ameaças e perturbações a que estão expostos.

Considerando que o conhecimento de base sobre os valores naturais alvo, bem como sobre as medidas de gestão são maioritariamente comuns às áreas objeto do presente plano, optou-se pela elaboração de um único Plano de Gestão para os SIC propostos. Sempre que a nível local estejam presentes especificidades que justifiquem a elaboração de medidas de gestão particulares, tal será considerado.

As medidas de gestão, metas e indicadores relevantes identificados no presente Plano de Gestão deverão integrar os programas de medidas e monitorização da Diretiva-Quadro Estratégia Marinha (DQEM) e contribuir para a definição, avaliação e revisão das metas relevantes de bom estado ambiental das águas marinhas, sendo o instrumento de prossecução dos objetivos da DQEM no que diz respeito à concretização das medidas espaciais (Rede Natura 2000) e dos descritores de biodiversidade relativos às espécies e habitats protegidos no âmbito das Diretivas Aves e Habitats.

Do mesmo modo, tal deverá acontecer no que diz respeito à aplicação da Diretiva-Quadro da Água (DQA), particularmente nas águas costeiras e de transição, através da integração das medidas relevantes do presente Plano de Gestão nos instrumentos de gestão e monitorização específicos da DQA, como seja o caso dos Planos de Gestão de Região Hidrográfica, e na definição e prossecução das metas do bom estado ecológico das águas, no que diz respeito aos habitats das espécies protegidas alvo do presente Plano de Gestão.

Neste enquadramento, o presente Plano de Gestão, cujo prazo de vigência é de 10 anos, encerra, na sua essência, orientações para a adequada gestão nestes territórios, em matéria de conservação da natureza, concertando as competências entre as áreas de governação com jurisdição nesta matéria, a saber do ambiente e do mar. Neste sentido, deverão as referidas orientações de gestão ser vertidas no Plano de Situação do Ordenamento do Espaço Marítimo Nacional (PSOEM).

O presente documento é, em termos estruturais, composto por uma caracterização sumária dos SIC propostos, uma componente de longo prazo (Missão e objetivos gerais para a gestão dos SIC), o Plano Operacional e Anexo com os formulários de dados normalizados do relatório ao abrigo do Artº 17 da Directiva Habitats.

¹⁰ Decreto-Lei n.º 140/99, de 24/04, republicado pelo Decreto-Lei n.º 49/2005, de 22/04, alterado pelo Decreto-Lei n.º 156-A/2013, de 8/11.

1. CARACTERIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS SÍTIOS

1.1 Caracterização

1.1.1 Diplomas de classificação

A designação de Sítios em meio marinho, ao abrigo da Diretiva Habitats, contempla duas áreas:

- Uma nova área: Maceda - Praia da Vieira.
- Alargamento do SIC Costa Sudoeste (PTCON0012).

1.1.2 Localização

A localização dos dois Sítios propostos está representada na Figura 1.

Sítio Maceda - Praia da Vieira

A totalidade do Sítio, que abrange uma área de 5 026,7398 km², desenvolve-se exclusivamente em meio marinho entre a zona de Maceda, no seu limite Norte, e a Praia da Vieira, no limite Sul. A zona definida estende-se do litoral (exceto em frente à Foz do Rio Vouga - zona já abrangida pelo SIC Ria de Aveiro) até ao bordo da plataforma continental. Nesta área a plataforma continental é extensa e apresenta uma largura média superior a 50 km, com o bordo da plataforma a definir-se por volta dos 160 m de profundidade. O mapa de localização da área e informação mais detalhada podem ser consultados no ANEXO ao presente documento.

Sítio Costa Sudoeste

O Sítio Costa Sudoeste abrange uma área marinha de 1 478,607 km² e apresenta uma grande diversidade de habitats marinhos, costeiros, incluindo sapais, falésias, sistemas dunares e sistemas lagunares. Em termos de batimetria os habitats marinhos ocorrem ao longo de uma área com declives suaves, estando os limites exteriores do Sítio definidos na proximidade do bordo do talude. Na zona de Sagres e costa Algarvia, o Sítio é mais largo, associado a uma área onde a plataforma também é mais extensa. Este Sítio é também influenciado pela proximidade de dois canhões submarinos (S. Vicente e Portimão). O mapa de localização da área e informação mais detalhada podem ser consultados no ANEXO ao presente documento.

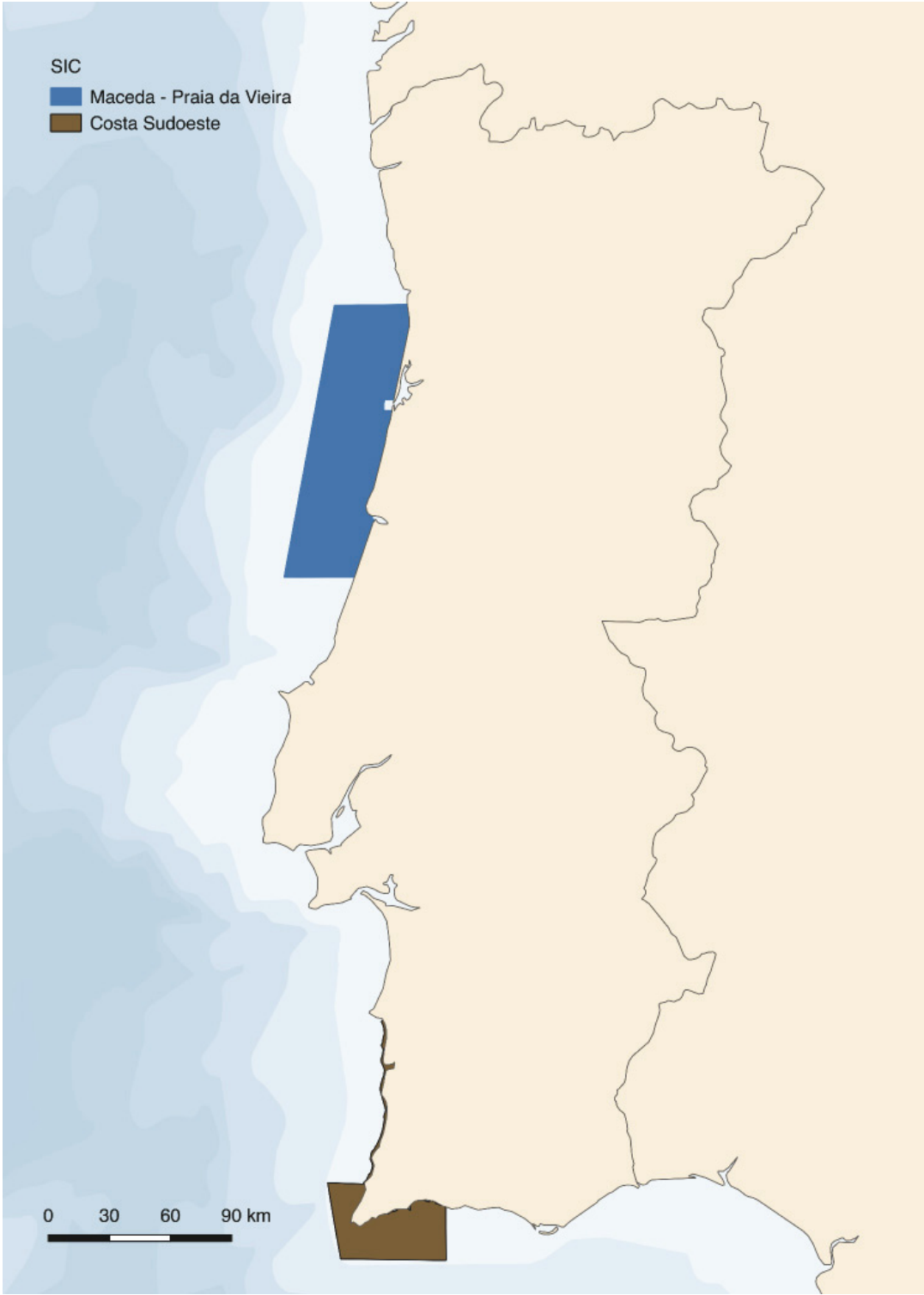


Figura 1 - Localização dos Sítios.

1.1.3. Informação ecológica

As áreas que integram o SIC acolhem um conjunto de valores naturais para a região marinha do Mar Atlântico (MATL) protegidos pela Diretiva Habitats que respondem aos critérios subjacentes à designação de sítios Natura 2000¹¹.

Sítio Maceda - Praia da Vieira

Nesta área a cobertura sedimentar é maioritariamente do tipo arenoso. O habitat 1110 - Bancos de Areia - ocorre em cerca de 10% da área total e surge mais junto à costa. Uma mistura de sedimentos arenosos e lodosos é mais frequente nas áreas mais externas da plataforma até ao seu bordo e nas áreas mais intermédias do Sítio (especialmente em frente a Aveiro e a Sul da Figueira da Foz) ocorrem extensas áreas de sedimentos mistos do tipo areia lodo-cascalhenta.

Vários afloramentos rochosos ocorrem alinhados à costa, a partir da batimétrica dos 70 m. A única exceção são os afloramentos rochosos que ocorrem entre a Praia de Quiaios e Buarcos e que estão associados à presença do cabo Mondego. Estes afloramentos enquadram-se na tipologia do Habitat 1170 – Recifes – e cobrem cerca de 11% da área total do Sítio.

Em zonas de baixa profundidade o Sítio Maceda - Praia da Vieira apresenta uma distribuição muito equilibrada de bancos de areia e recifes, habitats importantes para o Boto (*Phocoena phocoena*) em termos de procura de presas demersais. A zona apresenta frentes oceânicas significativas afastadas da costa, que podem estar associadas ao uso mais *offshore* do habitat pelo Boto.

Em termos globais, o estado de conservação dos habitats marinhos (ocorrência muito diversificada e equilibrada de habitats) considerados relevantes para o Boto pode ser classificado como “bom” a “muito bom”, apesar da intensidade registada em algumas atividades humanas, nomeadamente a pesca e o tráfego marítimo.

Os fenómenos de afloramento costeiro e a influência dos rios Vouga e Mondego com caudais significativos fazem deste Sítio uma área com elevada produtividade que, associados aos habitats marinhos presentes na área, permitem a presença de comunidades de flora e fauna bastante diversificadas e abundantes.

Em termos de cetáceos, este sítio faz parte de uma área identificada como “Habitat Crítico para Cetáceos”, onde ocorre uma elevada diversidade de espécies, algumas com abundância elevada como é o caso do Golfinho-comum (*Delphinus delphis*) e do Roaz (*Tursiops truncatus*).

Relativamente às duas espécies de cetáceos alvo o Sítio engloba, potencialmente, 594 Botos, constituindo o principal núcleo reprodutor em Portugal (31,82% da população nacional estimada à presente data – ZEE Continente) e 168 Roazes (2,38% da população nacional estimada à presente data – ZEE Continente e Madeira).

No caso particular do Boto esta área engloba o núcleo populacional mais importante em termos de distribuição e abundância de Portugal Continental, estando igualmente comprovada uma elevada probabilidade de ocorrência de Botos, tanto em ambiente costeiro como em zonas *offshore*, devido à maior extensão da plataforma continental nesta zona da costa. Apesar de se registar uma utilização costeira mais intensa, há evidências de uma distribuição generalizada da espécie em toda a área (até à batimétrica dos 200 m), especialmente durante a época de nascimentos e durante os períodos de maior pressão de pesca junto à costa. Existem evidências de que será um dos principais núcleos dadores para regiões com menor ocorrência e abundância. Apesar do isolamento populacional em relação às restantes populações europeias, os indivíduos presentes nesta região aparentam ter uma

¹¹ Para a área marinha estes valores estão identificados na lista de referência para a Região Biogeográfica do Mar Atlântico (MATL - região marinha onde se enquadra o mar continental português), produzida no âmbito do processo de relato decorrente da aplicação do art.º 17.º da Diretiva Habitats (2007-2012).

forte ligação aos núcleos populacionais galegos, formando um contínuo desde a região da Nazaré até ao Cabo Finisterra, na Galiza.

O Sítio é igualmente importante em termos de répteis marinhos, fazendo parte do corredor de passagem de duas espécies de tartarugas marinhas (Tartaruga-boba – *Caretta caretta* e Tartaruga-de-couro – *Dermochelys coriacea*) que ocorrem de forma contínua, embora ocasional, ao longo da costa de Portugal Continental.

As três espécies de peixe migradoras anádromas (Sável - *Alosa alosa*, Savelha - *Alosa fallax* e Lampreia - *Petromyzon marinus*) presentes no Sítio apresentam concentrações importantes no período pré-reprodutor que antecede os caudais de chamada dos rios Vouga e Mondego.

A Tabela 1 resume a lista de espécies e habitats de referência para a região marinha do Mar Atlântico (MATL) presentes no Sítio Maceda - Praia da Vieira.

Tabela 1 – Extrato da lista de referência de espécies e habitats para a região MATL presentes no Sítio Maceda - Praia da Vieira

Código	Espécie	Tipo	População no Sítio		Categoria	Qualidade dados	Avaliação do Sítio *			
			Min.	Máx.			Pop.	Cons.	Isol.	Global
1095	<i>Petromyzon marinus</i>	C			P	DD				
1102	<i>Alosa alosa</i>	C			P	DD				
1103	<i>Alosa fallax</i>	C			P	DD				
1224	<i>Caretta caretta</i>	P			P	DD				
1351	<i>Phocoena phocoena</i>	P	149	635	C	B	A	A	A	A
1349	<i>Tursiops truncatus</i>	P	81	421	C	B	B	B	C	B

Habitat		Área (ha)	Qualidade dados	Área relativa	Avaliação do habitat *	
Código	Nome				Cons.	Global
1110	Bancos de areia permanentemente cobertos por água do mar pouco profunda	50487.3	B	A	B	B
1170	Recifes	59593.9	B	C	B	B

Legenda:

População: Tipo: P – permanente; C – concentração

Categoria: C – comum; P – presente

Qualidade dos dados: B – bom; M – médio; DD – informação insuficiente

Área relativa: A: entre 15% e 100%; B: entre 2% e 15%; C: entre 0% e 2%

Avaliação do Sítio em função de:

- 1) População (Pop.): proporção da população presente no local relativamente à população nacional: A: 100% > p > 15%; B: 15% > p > 2%; C: 2% > p > 0%; D = não significativa;
- 2) Conservação (Cons.): Grau de conservação dos elementos do habitat que são importantes para a espécie e possibilidade de recuperação: A: Excelente condição; B: Boa conservação; C: Conservação média ou reduzida.
- 3) Isolamento (Isol.): Grau de isolamento da população: A: População (quase) isolada; B: População não isolada, mas na margem da área de distribuição; C: População não isolada, em plena área de distribuição

Avaliação global (em termos de População, Conservação e Isolamento): A: Excelente; B: Bom; C: Significativo

* Dados retirados da proposta de classificação do sítio no âmbito da Diretiva Habitats

Sítio Costa Sudoeste

A componente marinha deste Sítio é muito diversificada, com um predomínio de Recifes (Habitat 1170) que ocorrem em cerca de 13% da área do Sítio. Os Bancos de Areia (Habitat 1110) apenas ocorrem em cerca de 2% do sítio e surgem com uma ocorrência mais costeira em zonas abrigadas. As Grutas Submersas (Habitat 8330) estão presentes especialmente na região do promontório de Sagres. Este Sítio é também influenciado pela proximidade dos canhões submarinos de S. Vicente e Portimão.

Os três habitats marinhos albergam uma flora e fauna muito diversificada com diversas espécies importantes em termos de conservação e também em termos económicos.

Relativamente às duas espécies de cetáceos alvo este sítio engloba, potencialmente, respetivamente 103 Botos (5,52% da população nacional estimada à presente data – ZEE Continente) e 68 Roazes (0,96% da população nacional estimada à presente data - ZEE Continente e Madeira).

No caso particular do Boto esta região regista um uso mais intenso em zonas mais costeiras, havendo um menor uso das zonas *offshore*, em parte devido ao facto de a plataforma continental ser pouco extensa neste setor da costa. O sítio é muito importante para esta espécie visto ser uma zona onde se tem registado um fenómeno de expansão recente e onde atualmente ocorre cerca de 6% da população nacional. Este núcleo populacional, importante em termos nacionais e internacionais, representa o principal núcleo dador de animais para a área vizinha da Andaluzia.

Em termos globais, o estado de conservação dos habitats marinhos (com ocorrência muito diversificada e equilibrada) considerados relevantes para o Boto é classificado como “bom” a “muito bom”.

Relativamente ao Roaz, há evidências de que os núcleos populacionais estão em claro incremento e de que existem fortes ligações aos núcleos populacionais oceânicos da Baía de Cádiz e do mar Mediterrâneo, havendo alguma segregação em relação às populações residentes Ibéricas. Este núcleo populacional aparenta estar menos associado aos núcleos populacionais galegos do que os núcleos localizados em zonas mais a norte da costa Portuguesa.

Este sítio incorpora áreas de menor profundidade e recifes importantes para o Roaz na procura de presas demersais, bem como áreas pelágicas com grande dinâmica e complexidade oceanográfica e biológica que se traduzem numa maior produtividade costeira que suporta a comunidade de cetáceos nesta região.

Em termos de répteis marinhos o sítio faz parte do corredor de passagem das duas espécies de tartarugas marinhas (Tartaruga-boba e Tartaruga-de-couro) que ocorrem de forma contínua, embora ocasional, ao longo da costa de Portugal Continental.

A Tabela 2 resume a lista de espécies e habitats de referência para a região marinha do Mar Atlântico (MATL) presentes no Sítio Costa Sudoeste.

Tabela 2 - Extrato da lista de referência de espécies e habitats para a região marinha MATL presentes no Sítio Costa Sudoeste

Código	Espécie	População no Sítio				Avaliação do Sítio *			
		Tipo	Tamanho		Categoria	Qualidade dados	Pop.	Cons.	Isol.
			Min.	Máx.					
1103	<i>Alosa fallax</i>	R			P	DD	C	C	C
1224	<i>Caretta caretta</i>	P			P	DD			
1349	<i>Tursiops truncatus</i>	P	37	165	P	B	C	B	C
1351	<i>Phocoena phocoena</i>	P	54	231	P	B	B	B	A

Habitat		Área (ha)	Qualidade dados	Área relativa	Avaliação do habitat *	
Código	Nome				Cons.	Global
1110	Bancos de areia permanentemente cobertos por água do mar pouco profunda	11829	B	B	B	A
1170	Recifes	25170	B	C	B	B
8330	Grutas marinhas submersas ou semissubmersas	(9 grutas)	M	B	C	A

Legenda:

População: Tipo: P – permanente; C – concentração

Categoria: C – comum; P – presente

Qualidade dos dados: B – bom; M – médio; DD – informação insuficiente

Área relativa: A: entre 15% e 100%; B: entre 2% e 15%; C: entre 0% e 2%

Avaliação do Sítio em função de:

- 1) População (Pop.): proporção da população presente no local relativamente à população nacional: A: 100% > p > 15%; B: 15% > p > 2%; C 2% > p > 0%; D = não significativa;
- 2) Conservação (Cons.): Grau de conservação dos elementos do habitat que são importantes para a espécie e possibilidade de recuperação: A: Excelente condição; B: Boa conservação; C: Conservação média ou reduzida.

3) Isolamento (Isol.): Grau de isolamento da população: A: População (quase) isolada; B: População não isolada, mas na margem da área de distribuição; C: População não isolada, em plena área de distribuição

Avaliação global (em termos de População, Conservação e Isolamento): A: Excelente; B: Bom; C: Significativo

* Dados retirados da proposta de classificação do sítio no âmbito da Diretiva Habitats

1.2. Avaliação dos Sítios

1.2.1. Situação legal

Sítio Maceda - Praia da Vieira

O Sítio Maceda – Praia da Vieira, com uma área exclusivamente marinha, tem duas pequenas áreas incluídas na Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto (RNDSJ) e no Monumento Natural do Cabo Mondego (MNCM).

O Plano de Ordenamento da RNDSJ (RCM n.º 76/2005) interdita a pesca, a perturbação, colheita, captura, abate ou detenção de indivíduos ou parte de indivíduos de quaisquer espécies vegetais ou animais, e a permanência na área marítima, o acesso à margem e o estacionamento de embarcações e modos náuticos de recreio e desporto. Este plano atribui à área marinha o nível de proteção parcial, que determina que a acessibilidade pública e a atividade humana só são admitidas em ações que contribuam para a valorização e manutenção dos valores naturais e paisagísticos presentes.

O Decreto Regulamentar n.º 82/2007, de 3 de outubro que cria o MNCM, , interdita no artigo 6.º d) “A alteração do contorno da linha de costa e dos afloramentos submersos”.

Sítio Costa Sudoeste

O Sítio constitui uma extensão da área marinha abrangida pelo atual Sítio Costa Sudoeste, estendendo-se por uma faixa que se desenvolve à volta do extremo sudoeste do continente, com uma largura que varia entre os 7 km e os 29 km de distância à costa. No global, o SIC Costa Sudoeste integra uma área marinha com 163 870 ha, 30% da qual é abrangida pela área marinha que integra os limites da ZPE com o mesmo nome, 15% da qual abrangida pelo Parque Marinho do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (PNSACV). A área marinha do Parque corresponde a uma faixa que se estende entre Porto Covo (concelho de Sines) e Ponta de Almádena (concelho de Vila do Bispo) com cerca de 2 km de largura.

1.2.2. Ameaças, pressões e atividades com impactos potenciais nos valores naturais

Em primeiro lugar foram identificadas as ameaças, pressões e atividades com potencial impacto nos valores da Rede Natura 2000 no meio marinho português, tendo como base a classificação de ameaças, pressões e atividades do portal de referência para a Rede Natura 2000¹². Na Tabela 3 apresentam-se os dois primeiros níveis da lista de referência para a Rede Natura 2000.

Tabela 3 – Ameaças, pressões e atividades com potencial impacto para os valores da Rede Natura 2000 no meio marinho português

Código	Ameaças, pressões e atividades
C	Mineração, extração de materiais e produção de energia
C01	Atividade Mineira e Extrativa
C02	Exploração ou extração de petróleo ou gás natural
C03	Produção de energia renovável abiótica
D	Transportes e serviços lineares
D02	Infraestruturas lineares
D03	Rotas de navegação, portos, construções marinhas
D06	Outras formas de transporte e comunicação
F	Uso de recursos biológicos (exceto agricultura e silvicultura)
F01	Aquacultura

¹² The Reference Portal for NATURA 2000 (http://bd.eionet.europa.eu/activities/Natura_2000/reference_portal)

Código	Ameaças, pressões e atividades
F02	Pesca e colheita de recursos aquáticos
F05	Pesca / recolha de fauna marinha ilegal
F06	Outras atividades de pesca, caça ou recolha não referidas anteriormente
G	Intrusão e perturbação humana
G01	Desportos e atividades de ar livre
G02	Estruturas desportivas e de lazer
G03	Centros interpretativos
G04	Uso militar e conflitos civis
G05	Outras perturbações humanas
H	Poluição
H01	Poluição das águas superficiais (límnicas e terrestres, marinhas e salobras)
H03	Poluição das águas marítimas
H06	Excesso de energia
H07	Outras formas de poluição
I	Espécies invasoras e outras espécies e genes problemáticos
I01	Invasão por espécies não nativas
I02	Espécies nativas problemáticas
I03	Material genético introduzido, OGM
J	Modificações do sistema natural
J02	Alteração de condições hidráulicas por ação humana
J03	Outras alterações do ecossistema
K	Processos naturais (bióticos e abióticos)
K01	Processos naturais abióticos
K02	Evolução das Biocenoses
K03	Relações faunísticas interespecíficas
K04	Relações florísticas interespecíficas
K05	Redução da fecundidade / depressão genética
K06	Outras formas ou formas mistas de competição florística interespecífica
L	Eventos geológicos e catástrofes naturais
L01	Atividade vulcânica
L02	Maremotos
L06	Colapso de terras subterrâneas
L07	Tempestades, ciclones
L10	Outras catástrofes naturais
M	Alterações Climáticas
M01	Mudanças nas condições abióticas
M01.07	Alterações do nível do mar
M02	Mudanças nas condições bióticas

A **Tabela 4** identifica os três primeiros níveis da lista de referência para a Rede Natura 2000 das ameaças, pressões e atividades com potenciais impactos nos dois sítios alvo do Plano de Gestão. Para cada uma das ameaças é fornecida informação sobre a sua classificação (**H** - elevada, **M** - média ou **L** - baixa)¹³ e localização (**i** – interior, **o** - exterior ou **b** – ambas) relativamente ao Sítios. A informação subjacente a esta classificação, resulta dos dados recolhidos no âmbito do projeto Life MarPro e outros projetos, bem como de revisão bibliográfica, tal como consta da Tabela 6 do Plano de Gestão dos SIC.

Tabela 4 - Ameaças, pressões e atividades com impactos nos dois Sítios propostos

Ameaça, pressões e atividades	Código	Sítio Maceda - Praia da Vieira		Sítio Costa Sudoeste	
		Classif.	Localiz.	Classif.	Localiz.
Mineração, extração de materiais e produção de energia	C				
Indústria extrativa	C01				
Levantamento geotécnico	C01.06	M	b	M	b

¹³ Foi utilizada a classificação inglesa: H – High (Elevado); M – Medium (Médio); L – Low (Baixo); I – Inside (Dentro); O – Outside (Fora) e B – Both (Ambos)

Ameaça, pressões e atividades	Código	Sítio Maceda - Praia da Vieira		Sítio Costa Sudoeste	
		Classif.	Localiz.	Classif.	Localiz.
Exploração e extração de petróleo ou gás natural	C02	M	b	M	b
Produção de energia eólica	C03.03	M	i	M	b
Transportes e serviços lineares	D				
Rotas de navegação, portos, construções marinhas	D03				
Áreas portuárias	D03.01	M	b	M	b
Portos turísticos ou cais de recreio	D03.01.02	L	i	L	i
Portos de pesca	D03.01.03	L	i	L	i
Portos industriais	D03.01.04	L	i	L	o
Construções marinhas	D03.03	M	b	M	b
Uso de recursos biológicos (que não agricultura e floresta)	F				
Pesca e exploração de recursos aquáticos	F02				
Pesca profissional passiva	F02.01				
• Pesca com covos / armadilhas	F02.01.01	L	i	L	b
• Pesca com redes (fixas ou derivantes)	F02.01.02	H	b	H	b
• Pesca com palangre demersal	F02.01.03	L	i	M	b
• Pesca com palangre de profundidade	F06	L	i		
Pesca profissional ativa	F02.02				
• Arrasto bentónico ou demersal	F02.02.01	M	b	L	b
• Rede de cerco	F02.02.04	M	b	M	b
Pesca / recolha ilegal de fauna marinha	F05	H	b	M	b
Atividades de caça, pesca ou recolha não referidas anteriormente (arte xávega)	F06	H	i	L	i
Intrusão e perturbação humana	G				
Desportos e atividades recreativas de ar livre,	G01				
Desportos náuticos motorizados	G01.01.01	M	i	M	i
Desportos e estruturas de lazer	G02				
Observação de vida selvagem	G02.09	M	i	H	il
Outras intrusões e perturbações humanas	G05				
Raspagem da superfície /danos mecânicos à superfície fundo do mar	G05.02	L	i	L	i
Penetração / perturbação abaixo da superfície do leito do mar	G05.03	L	i	L	i
Morte ou danos por colisão (abalroamentos)	G05.11	L	b	L	b
Poliuição	H				
Poliuição de águas superficiais	H01				
Poliuição de águas superficiais por instalações industriais	H01.01	M	i	M	i
Poliuição difusa de águas superficiais devido atividades agrícolas e florestais	H01.05	L	i	L	i
Poliuição difusa de águas superficiais devido ao transporte e infraestruturas sem ligação à rede de esgotos	H01.06	L	i	L	i

Ameaça, pressões e atividades	Código	Sítio Maceda - Praia da Vieira		Sítio Costa Sudoeste	
		Classif.	Localiz.	Classif.	Localiz.
Poluição difusa de águas superficiais devido a esgotos urbanos	H01.08	L	i	L	i
Poluição de águas marítimas	H03				
Derrames de petróleo no mar	H03.01	L	o	M	o
Contaminação por compostos não-sintéticos	H03.02.01	M	b	M	b
Contaminação por compostos sintéticos	H03.02.02	M	b	M	b
Macropoluição marinha	H03.03	L	b	L	b
Excesso de energia	H06				
Poluição sonora	H06.01	L	i	M	i
Exploração sísmica	H06.05	M	i	M	b
Modificações do sistema natural	J				
Alteração de condições hidráulicas por ação humana	J02				
Remoção de sedimentos	J02.02	M	i	M	i
Dragagens estuarinas e costeiras	J02.02.02	M	i	M	i
Deposição de dragados	J02.11.01	M	i	M	i
Defesa marítima ou obras de proteção da linha de costa	J02.12.01	L	i	L	i
Outras modificações dos ecossistemas	J03				
Redução da disponibilidade de presas	J03.01.01	M	i	M	i
Processos naturais (bióticos e abióticos)	K				
Processos naturais abióticos (lentos)	K01				
Ressuspensão de sedimentos	K01.02	L	i	L	i
Relações faunísticas interespecíficas	K03				
Introdução de doenças	K03.03	M	b	M	b

Em seguida, e para as espécies que obtiveram classificação de A, B ou C (ver Tabelas 1 e 2) para a avaliação da população, foi elaborada a Tabela 5 que reflete o contributo de cada Sítio para a conservação dos valores naturais que estão na origem da sua classificação.

Tabela 5 – Avaliação global de cada Sítio para a conservação das espécies de cetáceos e dos habitats.

Código	Nome vulgar	Espécie	Sítio	População	Global
1351	Boto	<i>Phocoena phocoena</i>	Maceda – Praia da Vieira	A	A
			Costa Sudoeste	B	A
1349	Roaz	<i>Tursiops truncatus</i>	Maceda – Praia da Vieira	B	B
			Costa Sudoeste	C	B

Código	Nome	Sítio	Conservação	Global
1110	Bancos de areia permanentemente cobertos por água do mar pouco profunda	Maceda – Praia da Vieira	B	B
		Costa Sudoeste	B	A
1170	Recifes	Maceda – Praia da Vieira	B	B
		Costa Sudoeste	B	B
8330	Grutas marinhas submersas ou semissubmersas	Maceda – Praia da Vieira	--	--
		Costa Sudoeste	C	A

Face aos valores naturais presentes e ao contributo de cada um dos Sítios para a sua conservação, foram identificados níveis relativos de potenciais impactos negativos gerados pelas atividades, atendendo ao risco de ocorrência da interação e às evidências existentes sobre os impactos. Foram assim identificadas as principais atividades que se desenvolvem na costa continental portuguesa que, de alguma forma, afetam (pressão) ou têm potencial para afetar (ameaça) os valores naturais em causa. A identificação e fundamentação de quais as principais atividades que contribuem para as pressões que afetam o grau de

conservação dos valores naturais presentes dos Sítios constitui uma das peças chave do processo de identificação das medidas de gestão a aplicar em cada sítio (Tabela 6).

Tabela 6 – Principais ameaças, pressões e atividades que afetam, potencialmente, os valores naturais dos Sítios

Legenda:

Risco – Qualifica a probabilidade da ocorrência de efeitos adversos sobre as espécies ou habitats resultantes das características de uma pressão ou ameaça: 1 - baixo, 2 – médio, 3 – alto, D – desconhecido

Evidências – Qualifica o conjunto de informação disponível a nível nacional (ou na sua ausência a nível Europeu ou nos casos de ameaças recentes ou emergentes com base em informação fora da Europa) sobre a avaliação de risco para cada uma das pressões ou ameaças, integrando informação sobre o esforço de amostragem, tratamento de dados, artigos científicos, relatórios técnicos do Life MarPro, entre outros, bases de dados, etc.. Com esta informação pretende-se ter uma ideia da robustez das afirmações sobre risco e o potencial impacte, classificado como: 1 - baixo, 2 – médio, 3 – alto, D – desconhecido, NA – não aplicável

Impacte – Qualifica as consequências de uma pressão ou ameaça sobre a espécie ou habitat, com base na avaliação de risco e na informação obtida sob a forma de evidências: 1 - baixo, 2 – médio, 3 – alto, D – desconhecido

Código	Ameaça, pressão ou atividade				
C	Mineração, extração de materiais e produção de energia				
C01	Atividade Mineira e Extrativa				
C02	Exploração ou extração de petróleo ou gás natural				
Prospecção sísmica	Espécie	Risco	Evidências	Impacte	Observações
	Boto	3	1	3	Turnppenny & Nedwell 1994; Lapierre <i>et al.</i> 2011, Udoinyang & Igboekwe 2011; Schtepenko <i>et al.</i> 2011; Cucknell <i>et al.</i> 2015
	Roaz	3	1	3	
	Habitat				
	B. areia	1	1	D	
	Recifes	2	1	D	
	Grutas	1	1	D	
C03	Produção de energia renovável abiótica				
Exploração de outras fontes de energia renovável no mar	Espécie	Risco	Evidências	Impacte	Observações
	Boto	3	1	D	ICES WGMME 2012; Simmonds <i>et al.</i> 2012
	Roaz	1	1	D	
	Habitat				Hoffmann <i>et al.</i> 2002; Deurs <i>et al.</i> 2012; ICES WGMME 2012
	B. areia	1	1	D	
	Recifes	2	1	D	
	Grutas	NA	NA	NA	
C03.03	Produção de energia eólica				
Exploração de energia eólica no mar	Espécie	Risco	Evidências	Impacte	Observações
	Boto	3	1	D	Tielmann <i>et al.</i> 2009; Henriksen <i>et al.</i> 2003; Tougaard <i>et al.</i> 2005
	Roaz	1	1	D	
	Habitat				Hoffmann <i>et al.</i> 2002; Deurs <i>et al.</i> 2012; Bailey <i>et al.</i> 2014
	B. areia	1	1	D	
	Recifes	2	1	D	
	Grutas	NA	NA	NA	
D	Transportes e serviços lineares				
D02	Infraestruturas lineares				
D03	Rotas de navegação, portos, construções marinhas				
D06	Outras formas de transporte e comunicação				
Obras hidráulicas marinhas: emissários, enrocamentos, portos e marinhas, condutas submersas	Espécie	Risco	Evidências	Impacte	Observações
	Boto	2	1	1	Cardoso & Palma 2005; Santos <i>et al.</i> 2011; Kersten & Smedes 2002; Clarke <i>et al.</i> 2010
	Roaz	2	1	1	
	Habitat				Stamski 2005
	B. areia	3	1	2	
	Recifes	3	1	3	
	Grutas	3	1	3	
E	Uso de recursos biológicos (exceto agricultura e silvicultura)				
F01	Aquacultura				
F02	Pesca e colheita de recursos aquáticos				
F02.01	Pesca profissional passiva				
Pesca com redes fundeadas (emalhar/tresmalho)	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	3	2	3	EU N2K Group 2015
	Roaz	1	2	1	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	1	1	D	

Código	Ameaça, pressão ou atividade				
		Recifes	2	1	D
		Grutas	NA	NA	NA
Pesca com armadilhas	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	1	3	1	EU N2K Group 2015; Donaldson <i>et al.</i> 2010
	Roaz	1	3	1	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	3	1	D	EU N2K group 2015; Fuller <i>et al.</i> 2008; Donaldson <i>et al.</i> 2010
	Recifes	3	1	D	
	Grutas	NA	NA	NA	
Pesca com palangre demersal	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	1	1	D	Vingada <i>et al.</i> 2012
	Roaz	1	1	D	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	1	1	D	EU N2K Group 2015; Jennings & Kaiser 1998
	Recifes	2	1	D	
	Grutas	NA	NA	NA	
Pesca com palangre de profundidade	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	1	2	1	Vingada <i>et al.</i> 2012
	Roaz	1	2	1	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	NA	NA	NA	EU N2K Group 2015; Jennings & Kaiser 1998
	Recifes	2	1	D	
	Grutas	NA	NA	NA	
Pesca com armadilhas fixas e aquacultura marinha	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	1	3	1	EU N2K Group 2015; Marçalo <i>et al.</i> 2016
	Roaz	1	3	1	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	2	3	3	EU N2K Group 2015; La Rosa <i>et al.</i> 2001; Pearson & Black 2000; McKindsey <i>et al.</i> 2011
	Recifes	2	3	3	
	Grutas	NA	NA	NA	
F02.02	Pesca profissional ativa				
Pesca com rede de cerco	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	1	3	1	Wise <i>et al.</i> 2007; Marçalo <i>et al.</i> 2015; Vingada <i>et al.</i> 2012
	Roaz	1	3	1	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	1	1	D	EU N2K Group 2015; Donaldson <i>et al.</i> 2010; Almeida <i>et al.</i> 2014
	Recifes	1	1	D	
	Grutas	NA	NA	NA	
Pesca de pequeno cerco	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	1	1	D	
	Roaz	1	1	D	
	Habitat				
	B. areia	3	1	D	EU N2K Group 2015; Donaldson <i>et al.</i> 2015
	Recifes	3	1	D	
	Grutas	NA	NA	NA	
Pesca com Ganchorra	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	NA	NA	NA	EU N2K Group 2015
	Roaz	NA	NA	NA	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	3	1	D	EU N2K Group 2015; Fuller <i>et al.</i> 2008; Donaldson <i>et al.</i> 2010
	Recifes	NA	NA	NA	
	Grutas	NA	NA	NA	
Pesca com arrasto de fundo	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	1	3	1	Vingada <i>et al.</i> 2012
	Roaz	1	3	1	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	3	2	3	EU N2K group 2015; MPC 2015; Morais <i>et al.</i> 2007; Monteiro <i>et al.</i> 2001; Borges <i>et al.</i> 2001; Erzini <i>et al.</i> 2002; Costa <i>et al.</i> 2008
	Recifes	3	2	3	
	Grutas	NA	NA	NA	
F02.03	Pesca desportiva				
Pesca desportiva	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	NA	NA	NA	Gorzalany 1998; Wells <i>et al.</i> 1998; Powell & Wells 2011
	Roaz	NA	NA	NA	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	NA	NA	NA	

Código	Ameaça, pressão ou atividade				
	Recifes	NA	NA	NA	
	Grutas	NA	NA	NA	
F05	Pesca e recolha de fauna marinha ilegal				
Pesca INN (ilegal, Não declarada, Não regulamentada)	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	3	3	3	EU KN2 Group 2015; Jennings & Kaiser 1998
	Roaz	1	3	3	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	1	1	D	
	Recifes	2	1	D	
	Grutas	NA	NA	NA	
F06	Atividades de caça, pesca ou recolha não referidas anteriormente				
Pesca por arte-Xávega	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	3	3	3	Vingada <i>et al.</i> 2012
	Roaz	1	3	1	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	3	1	D	
	Recifes	NA	NA	NA	
	Grutas	NA	NA	NA	
G	Intrusões e distúrbios humanos				
G01	Desportos e atividades de ar livre				
G01.01	Desportos náuticos				
G01.01.01	Desportos náuticos motorizados				
Atividades e desportos náuticos motorizados	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	3	1	3	Albuquerque & Souto 2013; Evans <i>et al.</i> 1993; Koschinski 2008; Nowacek <i>et al.</i> 2001; Pirota <i>et al.</i> 2015
	Roaz	2	1	2	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	NA	NA	NA	
	Recifes	NA	NA	NA	
	Grutas	NA	NA	NA	
G02	Estruturas desportivas e de lazer				
G02.09	Observação de vida selvagem				
Atividades de observação de cetáceos	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	3	2	2	Arcangeli & Crosti 2009; Bejder <i>et al.</i> 2006; Cascão 2009; Constantine <i>et al.</i> 2004; Fandel <i>et al.</i> 2015; Parsons 2012
	Roaz	3	2	2	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	NA	NA	NA	
	Recifes	NA	NA	NA	
	Grutas	NA	NA	NA	
G05	Outras perturbações humanas				
Danos acidentais nos habitats provocados pela fundeação	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	NA	NA	NA	
	Roaz	NA	NA	NA	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	2	3	2	Barbera <i>et al.</i> 2003; Glasby & West 2015; UK Biodiversity Action Plan 2008
	Recifes	3	3	2	
	Grutas	NA	NA	NA	
H	Poluição				
H01	Poluição da água superficial (límnica e terrestres, marinha e salobra)				
H01.09	Poluição difusa de águas superficiais devido a outras fontes de poluição não mencionadas anteriormente				
Poluição marinha difusa (metais pesados, pesticidas, farmacêuticos)	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	3	3	3	Ferreira <i>et al.</i> 2016; Jepson <i>et al.</i> 2016; Méndez-Fernandez <i>et al.</i> 2014a; Méndez-Fernandez <i>et al.</i> 2014b; Monteiro <i>et al.</i> 2016
	Roaz	3	3	3	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	3	1	D	Fayer <i>et al.</i> 2004; Mil-Homens <i>et al.</i> 2016; Santos-Echeandía <i>et al.</i> 2012
	Recifes	3	1	D	
	Grutas	2	1	D	
H03	Poluição das águas marítimas				
Biotoxinas	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	3	1	D	Anderson <i>et al.</i> 2012; Bossart <i>et al.</i> 1998; Costa <i>et al.</i> 2004; Fauquier <i>et al.</i> 2013; Redlow <i>et al.</i> 2003; Vale & Sampayo 2001; Vale <i>et al.</i> 2008; Vale 2011; Flewelling <i>et al.</i> 2005; Kreuder <i>et al.</i> ; 2002; Fire <i>et al.</i> 2009; Twiner <i>et al.</i> 2012; Wilkin <i>et al.</i> 2012
	Roaz	3	1	D	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	D	D	D	

Código	Ameaça, pressão ou atividade				
	Recifes	D	D	D	
	Grutas	D	D	D	
H03.01	Derrames de petróleo no mar				
Derrames de hidrocarbonetos (pequena e grande escala)	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	3	3	2	ITOPF 2012
	Roaz	3	3	2	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	3	3	3	ITOPF 2012
	Recifes	3	3	3	
	Grutas	3	3	3	
H03.03	Macropoluição marinha				
Macropoluentes (plásticos, espumas, redes fantasma)	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	2	1	D	Denuncio et al. 2015; Derraik 2002; Gregory 2009; Jacobsen et al. 2010; Kühn et al. 2015; Laist 1997; Pham et al. 2014; Simmonds 2012
	Roaz	2	1	D	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	1	1	1	Derraik 2002; Goldberg 1997; Stefatos et al. 2009
	Recifes	2	1	3	
	Grutas	2	1	2	
H06.01	Poluição sonora				
Sonares	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	2	1	2	Andersson & Johansson 2016; Castellote & Llorens 2016; ICES 2005; Isojunno et al. 2015; OSPAR 2009; Sivle et al. 2015
	Roaz	2	1	2	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	NA	NA	NA	
	Recifes	NA	NA	NA	
	Grutas	NA	NA	NA	
I	Modificações do sistema natural				
J02	Alteração de condições hidráulicas por indução humana (zonas húmidas e meios marinhos)				
J02.11	Alterações na taxa de assoreamento, a imersão, deposição de dragados				
J02.11.01	Deposição de dragados,				
Deposição de dragados, dragagens	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	1	1	D	Anderwald et al. 2013; Diederichs et al. 2013; Michel et al. 2013; Pirota et al. 2013; Richardson et al. 1995; Todd et al. 2015
	Roaz	1	1	D	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	2	1	D	
	Recifes	3	1	D	
	Grutas	NA	NA	NA	
J03	Outras modificações do ecossistema				
J03.01.01	Redução da disponibilidade de presas				
Redução dos stocks de peixes / menor disponibilidade alimentar	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	2	2	1	Evans et al. 1997; Sveegaard et al. 2012; Fontaine et al. 2007, 2010, 2014
	Roaz	1	1	1	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	NA	NA	NA	
	Recifes	NA	NA	NA	
	Grutas	NA	NA	NA	
Redução dos stocks moluscos / menor disponibilidade alimentar	Espécie	Risco	Evidência	Impacte	Observações
	Boto	NA	NA	NA	
	Roaz	NA	NA	NA	
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte	
	B. areia	NA	NA	NA	
	Recifes	NA	NA	NA	
	Grutas	NA	NA	NA	

Código	Ameaça, pressão ou atividade			
K	Processos naturais (bióticos e abióticos)			
K03	Relações faunísticas interespecíficas			
K03.02	Parasitismo			
K03.03	Introdução de doenças			
Doenças e parasitas	Espécie	Risco	Evidência	Impacte
	Boto	2	2	2
	Roaz	2	2	2
	Observações			
	Alves <i>et al.</i> 2015; Atkinson <i>et al.</i> 2003; Bento, 2014; Bento, <i>et al.</i> , 2016.; Blanc <i>et al.</i> 2009; Bogomolni <i>et al.</i> 2008; Canha, 2015; Fayer <i>et al.</i> 2004; Foster <i>et al.</i> 2002; Foster <i>et al.</i> 2011; Harzen & Brunnick 1997; Higgins 2000; McDonald <i>et al.</i> 2006; Dawson <i>et al.</i> 2008; Giebel <i>et al.</i> 1991; Jauniaux <i>et al.</i> 2010; Hernandez-Mora <i>et al.</i> 2008; Hunt <i>et al.</i> 2008; Lipscomb <i>et al.</i> 1994; Kennedy <i>et al.</i> 1988; Madoff <i>et al.</i> 1982; Nymo <i>et al.</i> 2011; Ohishi <i>et al.</i> 2006; Perrett <i>et al.</i> 2004; Prenger-Berninghoff <i>et al.</i> 2008; Reboredo-Fernandez <i>et al.</i> 2014; Ruhnke & Madoff 1992; Rhyan 2000; SPVS 2016; Sohn <i>et al.</i> 2003; Suer & Vedros 1988; Sundeeep & Cleeve 2011; Vitorino-Godoy <i>et al.</i> 2017; McCullough <i>et al.</i> 1991; Van Bresseem <i>et al.</i> 2001,2003, 2009			
	Habitat	Risco	Evidência	Impacte
	B. areia	NA	NA	NA
	Recifes	NA	NA	NA
	Grutas	NA	NA	NA

2. COMPONENTE DE LONGO PRAZO

2.1 Missão

A Missão é o objetivo global a atingir pela execução do Plano de Gestão, tendo em conta a função a desempenhar pelos SIC. A missão definida para o Sítio Maceda - Praia da Vieira e extensão do SIC Costa Sudoeste é:

Promover a manutenção ou o restabelecimento do estado de conservação favorável dos habitats naturais e das espécies da fauna selvagem protegidos pela Diretiva Habitats.

2.2 Objetivos gerais para a gestão dos SIC

Para os SIC Maceda - Praia da Vieira e Costa Sudoeste foram definidos os seguintes objetivos gerais de conservação:

- 1 Garantir a conservação dos habitats marinhos presentes nos SIC.
- 2 Garantir a conservação das populações de mamíferos marinhos presentes nos SIC.

3. PLANO OPERACIONAL

3.1 Objetivos específicos de conservação

Os objetivos específicos de conservação concorrem para a prossecução dos objetivos gerais (Tabela 7) e as medidas serão as necessárias para os atingir (Tabelas 8, 9 e 10).

Tabela 7 – Objetivos específicos de conservação.

Legenda: MPV - Sítio Maceda - Praia da Vieira; CSu - Sítio Costa Sudoeste

Objetivo geral 1 Garantir a conservação dos habitats marinhos presentes nos SIC					
Objetivos específicos de conservação	Indicadores	Meta	Meios de verificação	Valores de Referência*	SIC
1.1 Manter a área de cobertura e melhorar a estrutura e função do habitat Recifes 1170	Área de cobertura (km ²) Estrutura e função (espécies indicadoras presentes)	Manutenção a área de cobertura Melhorar a estrutura e função	Relatório sobre a Aplicação das disposições na Diretiva Habitats (art. 17º)	Área de cobertura nacional = 4140 km ² Espécies indicadoras referenciadas no relatório do Art. 17º Área de cobertura nos SICs: MPv – 595,9 km ² CSu – 251,7 km ² Espécies indicadoras nos SICs: desconhecido	MPV e CSu
1.2 Manter a área de cobertura e melhorar a estrutura e função do habitat Bancos de Areia 1110	Área de cobertura (km ²) Estrutura e na função (espécies indicadoras presentes)	Manutenção a área de cobertura Melhorar a estrutura e função	Relatório sobre a Aplicação das disposições na Diretiva Habitats (art. 17º)	Área de cobertura nacional = 1444 km ² Espécies indicadoras referenciadas no relatório do Art. 17º Área de cobertura nos SICs: MPv – 504,9 km ² CSu – 118,3 km ² Espécies indicadoras nos SICs: desconhecido	MPV, CSu
1.3 Manter a área de cobertura e melhorar a estrutura e função do habitat Grutas Submersas 8330	Área de cobertura (km ²) Número de grutas Estrutura e função	Manutenção da área de cobertura Manutenção do número de grutas Melhorar a estrutura e função	Relatório sobre a Aplicação das disposições na Diretiva Habitats (art. 17º)	Área de cobertura nacional = 900 km ² Espécies indicadoras referenciadas no relatório do Art. 17º	CSu

				N.º de grutas no SIC CSu: 9	
				Área de cobertura no SIC CSu: desconhecido	
				Espécies indicadoras no SIC CSu: desconhecido	
Objetivo geral 2 Garantir a conservação dos mamíferos marinhos presentes nos SIC					
Objetivos específicos de conservação	Indicadores	Meta	Meios de verificação	Valores de Referência*	SIC
2.1. Manter a distribuição, incrementar o tamanho da população e incrementar a área de elevada qualidade do habitat para o boto	Distribuição (Km²)	Manutenção da área de distribuição	Relatório sobre a Aplicação das disposições na Diretiva Habitats (art. 17º)	Área de distribuição nacional = 23400 Km² População nacional (min-max): 1691 - 3593 Área de elevada probabilidade de ocorrência nacional: 5502 km² Área de distribuição nos SICs: MPV – 5026,4 km² CSu – 2634,0 km² População nos SICs (min-max): MPV = 149-635 CSu = 54-231 Área de elevada probabilidade de ocorrência nos SICs MPV = 2247 km² CSu = 546 km²	MPV, CSu
2.1. Abundância (n.º indivíduos)	Abundância (n.º indivíduos)	Incremento médio anual de 10% do n.º de indivíduos			
2.1. Área de elevada probabilidade de ocorrência - <i>hotspots</i> (Km²)	Área de elevada probabilidade de ocorrência - <i>hotspots</i> (Km²)	Incremento médio anual de 5% da área de elevada probabilidade de ocorrência			
2.2.a Manter a distribuição, o tamanho da população e a área de elevada qualidade do habitat para o roaz	Distribuição (Km²)	Manutenção da área de distribuição	Relatório sobre a Aplicação das disposições na Diretiva Habitats (art. 17.º)	Área de distribuição nacional = 43600 Km² População nacional: 7989 Área de elevada probabilidade de ocorrência nacional: 11214 km²	MPV, CSu
2.2.a Abundância (n.º indivíduos)	Abundância (n.º indivíduos)	Manutenção do n.º de indivíduos			
2.2.a Área de elevada probabilidade de ocorrência - <i>hotspots</i> (Km²)	Área de elevada probabilidade de ocorrência - <i>hotspots</i> (Km²)	Manutenção da área de elevada probabilidade de ocorrência			

				Área de distribuição nos SICs: MPV – 5026,4 km² CSu – 2634,0 km² População nos SICs (min-max): MPV = 81-421 CSu = 26-115 Área de elevada probabilidade de ocorrência nos SICs MPV = 378 km² CSu = 1680 km²	
--	--	--	--	---	--

* Dados retirados da proposta de classificação do sítio no âmbito da Diretiva Habitats

3.2 Medidas de conservação e sua operacionalização

Em resposta às pressões e ameaças identificadas foram definidas medidas necessárias para atingir os objetivos de conservação, que são apresentadas nas Tabelas 88, 9 e 10. Na tabela 11 apresenta-se a respetiva calendarização.

As medidas serão de diferentes tipos:

- **Medidas de conservação de gestão:** são aquelas que contribuem diretamente para os objetivos de conservação associados ao estado de conservação das espécies-alvo ou habitats, sejam elas implementadas ao nível de medidas de mitigação, de interdição ou condicionamento ou medidas associadas a ensaios.
- **Medidas de conservação de suporte:** são mecanismos complementares que promovem ou apoiam as medidas de gestão ativas, mas que não têm um efeito direto no estado de conservação das espécies-alvo ou dos habitats. As medidas de conservação complementares podem incluir ações de monitorização, estudos, fiscalização, vigilância, divulgação e sensibilização.
- **Medidas de conservação preventivas:** são mecanismos complementares que visam atuar sobre a deterioração, perturbação ou efeitos significativos sobre os habitats e as espécies-alvo, e que são operacionalizados por via regulamentar (e.g. regras de ordenamento do território, condições e critérios para sujeição a avaliação de incidências ambientais) ou administrativa (e.g. acordos).

As medidas estão associadas a uma classificação de prioridade em função do potencial impacte da ameaça ou pressão. A classificação de prioridade divide-se nas seguintes classes:

- **Crítica:** O cumprimento desta medida é essencial para a implementação do Plano de Gestão como um todo. A sua implementação deve ser assegurada assim que seja necessário ou nos primeiros anos do período de execução do Plano de Gestão.
- **Alta:** Medida de grande importância sendo que a sua realização é fundamental para implementação de uma parte do Plano de Gestão. A sua implementação deve ser assegurada nos primeiros anos de execução do Plano de Gestão.
- **Média:** Medida de importância principal, mas não precisa de ser implementada nos primeiros anos do período de execução do Plano de Gestão.
- **Baixa:** A medida é de importância complementar. A medida pode ser implementada nos últimos anos do Plano de Gestão ou pode ser transferido para o próximo período de execução do Plano de Gestão.

Tabela 8 – Medidas de conservação de gestão

Medidas de conservação de gestão	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
• Avaliar a vulnerabilidade das populações de cetáceos à instalação de fontes de energia renováveis e à realização de prospeções sísmicas	Relação entre o número de deteções na área de influência do fator de pressão e na zona de controlo	Número de deteções na área de influência do fator de pressão não difere da zona de controlo	Relatórios técnicos de programas de monitorização	ICNF, DGRM, IPMA, entidades promotoras	Alta	2.1; 2.2	• Levantamento geotécnico	1.06	MPV, CSu
	Relação entre o número de deteções na área de influência do fator de pressão na fase de pré-implantação e na fase de funcionamento	Número de deteções na área de influência do fator de pressão não é inferior à fase de pré-implantação	Relatórios técnicos de programas de monitorização				• Produção de energia eólica no mar	C03.03	
	Percentagem de instalações com projeto de avaliação de vulnerabilidade	100%	Relatórios técnicos de programas de monitorização				• Exploração de outras fontes de energia renovável no mar	C03	
	Percentagem de infraestruturas com medidas de mitigação	Medidas de mitigação em 100% das infraestruturas	DIA, DAIncA, Relatórios técnicos de programas de monitorização						
• Efetuar um ensaio piloto de interdição de uso de arrasto de fundo numa área de recifes localizados a mais de 6 milhas da costa	Data de conclusão do ensaio	2025	Relatórios técnicos	IPMA, ICNF, DGRM, DGAM, Universidades, ONG	Média	1.1	• Pesca de arrasto de fundo	F02.02.01	MPV, CSu
	Área de recifes com evidência de recuperação da cobertura biológica	50%							
• Realizar um ensaio piloto sobre o efeito do aumento dos limites de distância à costa e em profundidade (e.g. mais que 30 m) para o uso de artes de emalhar e tresmalho em determinados períodos temporais e áreas.	Data de conclusão do ensaio	2025	Relatórios técnicos	IPMA, ICNF, DGRM, DGAM, Universidades, ONG	Média	2.1	• Pesca com redes fundeadas (emalhar/tresmalho)	F02.01.02	MPV
	Número de cetáceos observados	Número de cetáceos observados na zona do ensaio é superior em relação à zona de controlo							
	Número de cetáceos arrojados	Número de cetáceos arrojados na zona de ensaio é inferior em relação à zona de controlo							
	Data de conclusão do ensaio	2025	Relatórios técnicos		Baixa	1.1; 1.2		F02.01	CSu

Medidas de conservação de gestão	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
• Efetuar um ensaio de medidas de redução de impactos em habitats por armadilhas fixas e aquacultura marinha	Área (m²) de habitat coberta com detritos (sedimentos, restos de alimento, cascas de molusco, etc.)	Área (m²) de habitat coberta com detritos inferior ao observado na zona controlo		IPMA, ICNF, DGRM, Universidades, ONG, promotores			• Pesca com armadilhas fixas e aquacultura marinha		
• Efetuar um ensaio de medidas de mitigação da captura accidental de cetáceos por pesca de cerco, de pequeno cerco e por redes fundeadas	Data de conclusão do ensaio	2025	Relatórios técnicos	IPMA, ICNF, DGRM, Universidades, ONG	Alta	2.1; 2.2	• Pesca com redes fundeadas (emalhar/tresmalho)	F02.01.02	MPV, CSu
	Número de cetáceos capturados	Diferença de 50% de cetáceos capturados entre embarcações com medidas e embarcações de controlo					• Pesca com rede pesca de cerco(inclui pequeno cerco)	F02.02.04	
• Realizar um ensaio de medidas de mitigação da predação exercida por cetáceos, usando metodologias inovadoras	Data de conclusão do ensaio	2025	Relatórios técnicos	IPMA, ICNF, Universidades, ONG	Alta	2.2	• Interação com palangre de profundidade		MPV, CSu
	Número de eventos de pesca com predação	Diferença de 50% do número de eventos com predação entre embarcações com medidas e embarcações de controlo							
• Realizar um ensaio piloto para recolha de artes de pesca perdidas	Número de artes de pesca recolhidas	2025	Relatórios técnicos	IPMA, ICNF, DGRM, DOCAPESCA, Universidades, ONG	Média	1.1; 1.2; 2.1; 2.2	• Macropoluentes (plásticos, espumas, redes fantasma)	H03.03	MPV, CSu
• Executar medidas de mitigação da captura accidental por arte-Xávega – uso dos “pingers”	Percentagem de artes-Xávega com medidas de mitigação	100%	Relatórios técnicos	ICNF, IPMA, DGRM, Universidades, ONG	Crítica	2.1; 2.2	• Atividades de caça, pesca ou recolha não referidas anteriormente (arte-Xávega)	F06	MPV
	Número de cetáceos capturados	Diferença de 50% de cetáceos capturados em artes-Xávega entre embarcações com medidas e embarcações de controlo							

Medidas de conservação de gestão	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
• Estabelecer e executar um programa de entrega voluntária de capturas acidentais para posterior análise	Percentagem de embarcações envolvidas na entrega voluntária de cetáceos capturados acidentalmente em 8 portos de pesca	50% das embarcações	Relatórios técnicos	ICNF, DOCAPESCA, Universidades, ONG	Alta	2.1; 2.2	• Atividades de caça, pesca ou recolha não referidas anteriormente (arte-Xávega)	F06	MPV
							• Pesca com rede de cerco (inclui pequeno cerco)	F02.02.04	MPV, CSu
							• Pesca com redes fundeadas (emalhar/tresmalho)	F02.01.02	
• Avaliar a vulnerabilidade do habitat Recifes à realização de dragagens	Data de conclusão da avaliação	2025	Relatórios técnicos	DGRM, ICNF, IPMA, Autoridades Portuárias, Universidades, ONG	Alta	1.1	• Dragagens	J02.02.02	MPV, CSu
	Percentagem de operações de dragagem com projeto de avaliação da vulnerabilidade	100%					• Deposição de dragados	J02.11.01	
• Realizar programas cooperativos de monitorização das capturas acidentais de cetáceos por armadilhas fixas e aquacultura marinha	Data de conclusão do programa de monitorização	2026	Relatórios técnicos	ICNF, IPMA, DGRM, Universidades, ONG	Alta	2.1; 2.2	• Pesca com armadilhas fixas e aquacultura marinha	F02.01	CSu
	Percentagem de dias com monitorização em relação ao total de dias em que as armadilhas ou aquaculturas estão ativas	10%							
• Monitorizar os níveis de captura acidental de cetáceos por arte-Xávega, pesca de cerco (inclui pequeno cerco) e redes fundeadas (emalhar/tresmalho)	Data de conclusão do programa de monitorização	2026	Relatórios técnicos	ICNF, IPMA, DGRM, Associações de Pescadores e/ou Organizações de Produtores, Universidades, ONG	Alta	2.1; 2.2	• Atividades de caça, pesca ou recolha não referidas anteriormente (arte-Xávega)	F06	MPV
	Percentagem de eventos de pesca com monitorização	1%					• Pesca com rede de cerco (inclui pequeno cerco)	F02.02.04	MPV, CSu

Medidas de conservação de gestão	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
	em relação ao esforço total de pesca em cada SIC						• Pesca com redes fundeadas (emalhar/tresmalho)	F02.01.02	
• Estabelecer um programa de monitorização da acumulação de biotoxinas e de poluentes em espécies indicadoras associadas aos diferentes habitats	Data de conclusão do programa de monitorização	2026	Relatórios técnicos	ICNF, IPMA, IH, Universidades, ONG	Média	1.1 e 1.2	• Poluição das águas marinhas	H07 H03	MPV, CSu
• Disponibilizar <i>kits</i> de primeira intervenção a entidades com capacidade de atuação em situações de derrames de hidrocarbonetos para a área de influência dos SIC, integrando o Programa MARLIMPO	N. de kits distribuídos	3/SIC	Relatório anual	DGAM, DGRM, APA, Universidades, ONG	Média	2.1; 2.2	• Poluição de águas marinhas (metais pesados, pesticidas, farmacêuticos) • Derrames de petróleo no mar	H03.01	MPV, CSu

Tabela 9 – Identificação das medidas de conservação de suporte

Medidas de conservação de suporte	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
• Avaliar a ocorrência de fenómenos de proliferação de algas nocivas e dos níveis de biotoxinas nos SIC	Área prospetada para fenómenos de proliferação de algas nocivas	Pelo menos 25% da área dos SIC	Relatórios técnicos de programas de monitorização	IPMA, APA, ICNF, Universidades, ONG	Alta	2.1; 2.2	• Poluição das águas marinhas (<i>biotoxinas</i>)	H07	MPV, CSu
	Percentagem anual de fenómenos caracterizados e cartografados	25%	Cartografia anual de proliferação de algas nocivas						
• Avaliar a ocorrência de doenças e parasitas nos cetáceos, e os níveis de biotoxinas e de contaminantes nos cetáceos	Percentagem de animais analisados (PSP, ASP, DSP e/ou metabolitos em conteúdo digestivo) tendo em conta os animais detetados arrojados ou entregues anualmente	25%	Relatórios técnicos Base de dados de arrojamentos atualizada com o número de arrojamentos por ano/SIC	ICNF, IPMA, APA, Universidades, ONG	Alta para biotoxinas Média para doenças e parasitas	2.1; 2.2	• Poluição das águas marinhas (<i>biotoxinas</i>)	H07	MPV, CSu

Medidas de conservação de suporte	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
e espécies de presa dominantes	Percentagem de animais analisados (prevalência/abundância de parasitas por tecido) tendo em conta os animais detetados arrojados ou entregues anualmente	25%			Alta para contaminantes		• Introdução de doenças (introdução e dispersão de doenças e parasitas)	K03.03	
	Percentagem de animais analisados (prevalência de doenças) tendo em conta os animais detetados arrojados ou entregues anualmente	25%					• Poluição de águas marinhas (metais pesados, pesticidas, farmacêuticos)	H03	
	Percentagem de animais analisados (concentração de elementos traço e de compostos orgânicos persistentes) tendo em conta os animais detetados arrojados ou entregues anualmente	25%							
	Número de indivíduos de espécies de presas dominantes analisados (concentração de elementos traço e de compostos orgânicos persistentes)	20 indivíduos de cada uma de 5 espécies de presa dominantes.							
• Identificar as principais fontes de entrada de poluição no meio marinho	Data de criação de um sistema de caracterização de fontes de poluição	2020	Relatórios técnicos	APA, DGAM, ICNF, IPMA, Universidades, ONG	Média	1.1;1.2; 2.1; 2.2	• Poluição de águas marinhas (metais pesados, hidrocarbonetos, pesticidas, farmacêuticos e microplásticos)	H03	MPV, CSu
	Percentagem de pontos de entrada de poluentes caracterizada e cartografados	100%							
	Área prospetada para derrames	Pelo menos 25% da área dos SIC							
	Percentagem anual de derrames caracterizados e validados	100%							

Medidas de conservação de suporte	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
Quantificar a ocorrência de macropoluentes nos SIC e executar programas de recolha de macropoluentes nas zonas costeiras e por embarcações de pesca	Data de conclusão do estudo sobre macropoluentes, emaranhados ou ingeridos por cetáceos por SIC	2025		IPMA, DGRM, ICNF, DOCAPESCA, Universidades, ONG	Média	1.1; 1.2; 2.1; 2.2	Macropoluentes (plásticos, espumas, redes fantasma)	H03.03	MPV, CSu
	Quantidade de macropoluentes recolhidos nos SIC/esforço de recolha	Tendência negativa na quantidade de macropoluentes recolhidos anualmente		IPMA, DGRM, ICNF, DOCAPESCA, Universidades, ONG					
Avaliar a relação entre a abundância dos <i>stocks</i> das principais presas com a abundância de cetáceos	Data de conclusão do estudo sobre a abundância de cetáceos e das suas principais espécies de presas	2025	Relatórios técnicos	IPMA, ICNF, DGRM, Universidades, ONG	Média	2.1; 2.2	Redução dos <i>stocks</i> peixe / menor disponibilidade alimentar	J03.01.01	MPV, CSu
- Efetuar um estudo sobre o impacte da pesca - Com armadilhas, com palangre de profundidade e demersal e com redes fundeadas sobre o habitat Recifes; - Com cerco, por arte-Xávega e com ganchorra sobre o habitat Bancos de Areia; - Com pequeno cerco e arrasto de fundo sobre Recifes e Bancos de Areia	Data de conclusão do estudo	2025	Relatórios técnicos	IPMA, DGRM, ICNF, Universidades, ONG	Baixo para 1) Médio para 2) e para 3)	1.1; 1.2	Pesca com redes fundeadas (emalhar/tresmalho)	F02.01.02	MPV, CSu
							Pesca com armadilhas	F02.01.01	
							Pesca com palangre demersal	F02.01.03	
							Pesca com palangre de profundidade	F02.01.04	
							Pesca com armadilhas fixas e aquacultura marinha	F02.01	
							Pesca com rede de cerco (inclui pequeno cerco)	F02.02.04	
							Pesca com Ganchorra	F02.02.05	
							Pesca de arrasto de fundo	F02.02.01	
							Pesca com arte-Xávega	F06	

Medidas de conservação de suporte	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
• Efetuar um estudo sobre o impacto do uso de arrasto de fundo (especificamente o arrasto de vara) numa área do habitat Bancos de Areia a menos de seis milhas da costa	Data de conclusão do estudo	2025	Relatórios técnicos	IPMA, ICNF, Universidades, ONG	Média	1.2	• Pesca de arrasto de fundo	F02.02.01	MPV, CSu
• Realizar um programa de monitorização específico de impactes nos habitats Bancos de Areia por arte-Xávega	Data de conclusão do programa de monitorização	2026	Relatórios técnicos	ICNF, IPMA, DGRM, Universidades, ONG	Média	1.1; 1.2	• Atividades de caça, pesca ou recolha não referidas anteriormente (arte-Xávega)	F06	MPV
• Realizar um programa de monitorização de impactes nos habitats Recifes e Bancos de Areia por armadilhas fixas e aquacultura marinha	Data de conclusão do programa de monitorização	2026	Relatórios técnicos	ICNF, IPMA, DGRM, Universidades, ONG	Alta	1.1; 1.2	• Pesca com armadilhas fixas e aquacultura marinha	F02.01	CSu
• Assegurar a vigilância ativa nos SIC, envolvendo as várias entidades fiscalizadoras	N.º de ações de vigilância e fiscalização conjuntas por ano (DGAM, GNR/SEPNA, ICNF)	3/ano/SIC	Relatório anual Relatórios efetuados pelas diferentes entidades	DGAM, GNR/SEPNA, ICNF, DGRM	Alta	1.1; 1.2; 2.1; 2.2	• Observação de vida selvagem (<i>atividades de observação de cetáceos e aves marinhas</i>)	G02.09	MPV, CSu
							• Atividades e desportos náuticos motorizados	G01.01.01	
							• Pesca / recolha ilegal de fauna marinha	F05	
							• Derrames de petróleo no mar	H03.01	
							• Penetração / perturbação abaixo da superfície do leito do mar (<i>danos</i>	G05.03	

Medidas de conservação de suporte	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
							<i>acidentais nos habitats provocados pela fundeação)</i>		
• Realizar ações de formação sobre legislação de conservação da natureza às entidades fiscalizadoras e às entidades judiciais	N.º de ações de formação por ano	2/ano	Relatório anual	ICNF	Alta	2.1; 2.2	• Pesca / recolha ilegal de fauna marinha	F05.07	MPV, CSu
• Realizar programas de formação de técnicos sobre derrames de hidrocarbonetos	N.º de ações de formação por ano	1/ano	Relatório anual	DGAM, ICNF, IPMA, DGRM, ONG, universidades	Média	1.1; 1.2; 2.1; 2.2	• Derrames de petróleo no mar	H03.01	MPV, CSu
• Divulgar o código e manuais de boas práticas	N.º de ações de divulgação por ano	1 ação anual em cada um dos portos de pesca associados aos SICs	Relatório anual	IPMA, ICNF, DGRM, DOCAPESCA, ONG, universidades	Alta	2.1; 2.2	• Atividades de caça, pesca ou recolha não referidas anteriormente (arte-Xávega)	F06	MPV
							• Pesca com redes fundeadas (emalhar/tresmalho)	F02.01.02	MPV, CSu
							• Pesca com rede de cerco	F02.02.04	
							• Pesca de pequeno cerco	F02.02.04	
• Elaborar e divulgar o código de conduta e manuais de boas práticas na observação de cetáceos	N.º de ações de divulgação	2 ações (1 por SIC) no 1.º ano após elaboração do manual	Relatório anual	ICNF, Turismo de Portugal, APECATE, ONG, Universidades	Alta	2.1; 2.2	• Observação de vida selvagem (atividades de observação de cetáceos e aves marinhas)	G02.09	MPV, CSu
		1 ação por ano para novas empresas							
	Percentagem das empresas marítimo-turísticas envolvidas em ações de divulgação	100% das empresas marítimo-turísticas envolvidas em ações de divulgação							
• Realizar campanhas de sensibilização da Marinha	N.º de ações de sensibilização	1	Ata da reunião	IH, DGAM, ICNF,	Média	2.1; 2.2	• Poluição sonora (sonares)	H06.01	MPV, CSu

Medidas de conservação de suporte	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
Portuguesa para a problemática da utilização de sonares de baixa frequência sobre as populações de cetáceos				Universidades, ONG					
• Realizar campanhas de sensibilização dirigida ao sector pesqueiro e público em geral	N.º de ações de sensibilização	4 ações (1 por SIC) a cada 2 anos 1/ano para o público em geral	Relatório anual	IPMA, ICNF, DOCAPESCA, DGRM, ONG, Universidades	Média	1.1; 1.2; 2.1; 2.2	• Macropoluentes (plásticos, espumas, redes fantasma)	H03.03	MPV, CSu
• Realizar campanhas de sensibilização sobre a conservação de valores naturais para os <i>media</i> , a entidades fiscalizadoras e com competências judiciais	N.º de ações de sensibilização por ano	1 ação a cada 2 anos para cada tipologia	Relatório bianual	ICNF, IPMA, DGRM, ONG, Universidades	Média	2.1; 2.2	• Pesca profissional passiva • Pesca profissional ativa • Derrames de petróleo no mar • Poluição de águas marítimas	F02.01 F02.01 H03.01 H03	MPV, CSu
• Realizar campanhas de sensibilização dirigidas a empresas e outras entidades para a eliminação de PCB e outros contaminantes	N.º de ações de sensibilização por ano	1/ano	Relatório anual	APA, ICNF, DGRM, ONG, Universidades	Alta	2.1; 2.2	• Poluição de águas marítimas (metais pesados, pesticidas, farmacêuticos)	H03	MPV, CSu

Tabela 10 –Medidas de conservação preventivas

Medidas de conservação preventivas	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
• Executar o Plano Nacional de Descontaminação e Eliminação de PCB	N.º de equipamentos eliminados ou descontaminados	100%	Relatório e Inventário Nacional de PCB	APA, empresas	Média	2.1; 2.2	• Poluição de águas marítimas (metais pesados, pesticidas, farmacêuticos)	H03	MPV, CSu
• Harmonizar procedimentos de intervenção em cenários	N.º de reuniões com a DGAM	1 reunião/ano no simulacro anual do Programa MarLimp	Programa MarLimp	DGAM, ICNF, ONG, Universidades	Média	1.1; 1.2; 2.1; 2.2	• Derrames de petróleo no mar	H03.01	MPV, CSu

Medidas de conservação preventivas	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
de derrames com o Programa MarLimp	Data de integração de procedimentos de intervenção perante espécies marinhas ameaçadas no Programa MarLimp	2025							
Definir metodologia de apoio à elaboração de AinCA para os pedidos de licenciamento de instalação de armadilhas fixas e aquacultura marinha, e de construção de infraestruturas e de delimitação de zonas de teste ou projetos-piloto para ensaios de energias marinhas	Data de atualização do Normativo interno do ICNF de AinCA com orientações específicas para os pedidos de licenciamento	2020	Normativo atualizado	ICNF, Conselho Consultivo de AIA, APA, CCDR	Alta	1.1; 1.2; 2.1; 2.2	• Pesca por armadilhas fixas e aquacultura marinha	F02.01	MPV, CSu
							• Levantamento geotécnico	C01.06	
							• Exploração de outras fontes de energia renovável no mar	C03	
							• Exploração de energia eólica no mar	C03.03	
							• Transportes e serviços lineares (obras hidráulicas marinhas: emissários, enrocamentos, portos e marinas, condutas submersas)	D03.01 D03.01.02 D03.01.04 D03.03	
							• Dragagens	J02.02.02	
							• Deposição de dragados	J02.11.01	
Regulamentar o estabelecimento das obras hidráulicas marinhas em zonas de Recifes e Grutas Submersas	Data de apresentação do regulamento	2020	Proposta de regulamento	ICNF, DGAM, DGRM	Crítica	1.1; 1.3	• Transportes e serviços lineares (obras hidráulicas marinhas: emissários, enrocamentos, portos e marinas, condutas submersas)	D03.01 D03.01.02 D03.01.04 D03.03	MPV, CSu

Medidas de conservação preventivas	Indicador	Meta	Meios de verificação	Entidades	Prioridade	Obj. cons. visado	Ameaça ou pressão a que dá resposta	Código	SIC
Ordenar a fundeação de recreio, rever os fundeadouros autorizados, delimitar áreas não autorizadas para a fundeação e interditar a fundeação (de qualquer tipologia) em zonas do habitat Recifes	Data de apresentação de dos mapeamentos	2019	Transcrição para as cartas náuticas oficiais.	ICNF, DGAM	Alta	1.1; 1.2	Penetração / perturbação abaixo da superfície do leito do mar (<i>danos acidentais nos habitats provocados pela fundeação</i>)	G05.03	MPV, CSu
Reforçar o sistema sancionatório com as questões específicas da conservação de valores naturais presentes nos SIC marinhos	Data de apresentação de proposta de alteração à Lei de Contraordenações Ambientais e de OT	2020	Proposta de alteração	ICNF, DGAM, DGRM	Média	2.1; 2.2	Pesca / recolha ilegal de fauna marinha	F05.07	MPV, CSu

Tabela 11 – Calendarização das medidas de conservação

[illegible][illegible]

[illegible][illegible]

[illegible]

Bibliografia consultada

- Abraham, E.R.; Berkenbusch, K.N.; Y. Richard (2010). The capture of seabirds and marine mammals in New Zealand non-commercial fisheries *New Zealand Aquatic Environment and Biodiversity Report No. 64*.
- Albuquerque and Souto 2013. Motorboat noise can potentially mask the whistle sound of estuarine dolphins (*Sotalia guianensis*). *Ethnobiol Conserv* 2:5
- Almeida, C., Vaz, S., Cabral, H. and Ziegler, F., 2014. Environmental assessment of sardine (*Sardina pilchardus*) purse seine fishery in Portugal with LCA methodology including biological impact categories. *The International Journal of Life Cycle Assessment*, 19(2), pp.297-306.
- Alves, A.L.; Gonçalves, F.; Mesquita, C.S.; Soares-Castro, P.; Ferreira, M.; Marçalo, A.; Vingada, J.; Eira, C.; Godoy-Vitorino, F.; Cabrera, B.; Rodriguez, A.; Fabre, J.; Santos, P.M. 2015. Microbiome Characterization of a Striped Dolphin (*Stenella coeruleoalba*) of the Coast of Portugal. *Jornadas Portuguesas de Genética*, 25-27th May 2015 Braga, Portugal
- Anderson, D.M.; Cembella, A.D. & Hallegraeff, G.M. 2012. Progress in Understanding Harmful Algal Blooms: Paradigm Shifts and New Technologies for Research, Monitoring, and Management *Annu. Rev. Mar. Sci.* 4: 143–76.
- Anderson, Helen B.; Evans, Peter G.H.; Potts, Jacqueline M.; Harris, Michael P.; Wanless, Sarah. 2014. The diet of common guillemot *Uria aalge* chicks provides evidence of changing prey communities in the North Sea. *Ibis*, 156 (1). 23-34.
- Andersson, M.H. and Johansson, T., (2016). Assessment of Marine Mammal Impact Zones for Use of Military Sonar in the Baltic Sea. In *The Effects of Noise on Aquatic Life* (pp. 37-45). Springer New York.
- Anderwald, P., Brandecker, A., Coleman, M., Collins, C., Denniston, H., Haberlin, M. D., Donovan, M., *et al.* 2013. Displacement responses of a mysticete, an odontocete, and a phocid seal to construction-related vessel traffic. *End. Sp. Res.*, 21: 231–240
- Araújo, C. 2015. Ingestão de plásticos por aves marinhas na Costa Norte de Portugal. Dissertação de Mestrado em Ecologia, Departamento de Biologia, Universidade do Minho.
- Arcangeli A, Crosti R. 2009. The short-term impact of dolphin-watching on the behavior of bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in Western Australia. *Journal of Marine Animals and their Ecology* 2: 3–9.
- Arcos, J. M., & Oro, D. (2002). Significance of fisheries discards for a threatened Mediterranean seabird, the Balearic shearwater *Puffinus mauretanicus*. *Marine Ecology Progress Series*, 239, 209-220.
- Arcos, J.M., Louzao, M. and Oro, D., 2008. Fisheries ecosystem impacts and management in the Mediterranean: seabirds point of view. In *American Fisheries Society Symposium* (Vol. 49, No. 2, p. 1471). American Fisheries Society.
- Atkinson, S.; Atkinson, M.J. and Tarrant, A.M. 2003. Estrogens from sewage in coastal marine environments. *Environmental Health Perspectives*, 111(4), p.531.
- Aubail, A., Méndez-Fernandez, P., Bustamante, P., Churlaud, C., Ferreira, M., Vingada, J.V. and Caurant, F., 2013. Use of skin and blubber tissues of small cetaceans to assess the trace element content of internal organs. *Marine pollution bulletin*, 76(1), pp.158-169.
- Bailey, H., Brookes, K. L., & Thompson, P. M. (2014). Assessing environmental impacts of offshore wind farms: lessons learned and recommendations for the future. *Aquatic biosystems*, 10(1), 1.
- Barbera C., Bordehore C., Borg J.A. Glémarec M., Grall J., Hall-Spencer J. M., de la Huz, Ch., Lanfranco E., M. Lastra, Moore P.G., Mora J., Pita M.E., Ramos-Espla A.A., Rizzo M., Sanchez-Mata A., Seva A., Achembri P.J. and C. Valle. 2003 Conservation and management of northeast Atlantic and Mediterranean maerl beds. *Aquatic Conserv: Mar. Freshw. Ecosyst.* 13: S65–S76.
- Barbieri, E. , Pinna, V.F. 2005. Composition and finality of the mixed flocks in seabirds at Ilha Comprida Island, (São Paulo, Brazil). II CONGRESSO BRASILEIRO DE OCEANOGRAPHIA 09 a 12 de Outubro de 2005 - Vitória - ES - Brasil
- Barnes, DKA. 2002. Invasions by marine life on plastic debris. *Nature* 416: 808-809.
- Barrett, R. T. (2015). The diet, growth and survival of Razorbill *Alca torda* chicks in the southern Barents Sea. *Ornis Norvegica*, 38, 25-31.
- Bejder L, Samuels A, Whitehead H, Gales N, Mann J, *et al.*. 2006. Decline in relative abundance of bottlenose dolphins exposed to long-term disturbance. *Conservation Biology* 20: 1791–1798. doi: 10.1111/j.1523-1739.2006.00540.x
- Bento, C; Eira, C.; Vingada, J.; Ferreira, M.; Lopez, A.; Tavares, L.; Duarte, A. 2016. New insight into dolphin morbillivirus phylogeny and epidemiology in the northeast Atlantic: opportunistic study in cetaceans stranded along the Portuguese and Galician coasts. *BMC Veterinary Research* 12(1):176. doi: 10.1186/s12917-016-0795-4.
- Bento, C. 2014. Avaliação da Infecção por Morbivirus em Cetáceos Arrojados na Costa Portuguesa. Dissertação de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária pela Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Técnica de Lisboa.
- Bishop, M. J., Underwood, A. J., & Archambault, P. (2002). Sewage and environmental impacts on rocky shores: necessity of identifying relevant spatial scales. *Marine Ecology Progress Series*, 236, 121-128.
- Bjorndal, K.A.; Bolten, A.B.; Laguerue, C.J. 1994. Ingestion of Marine Debris by Juvenile Sea Turtles in Coastal Florida Habitats. *Marine Pollution Bulletin* 28: 154-158.
- Blanc, A.; Ruchansky, D.; Clara, M.; Achaval, F.; Le Bas, A. and Arbiza, J. 2009. Serologic evidence of influenza A and B viruses in South American fur seals (*Arctocephalus australis*). *Journal of Wildlife Diseases*, 45(2), pp.519-521.
- Blight, L.K.; Burger, A.E. 1997. Occurrence of Plastic Particles in Seabirds from the Eastern North Pacific. *Marine Pollution Bulletin* 34: 323-325.
- Bogomolni, A.L.; Gast, R.J.; Ellis, J.C.; Dennett, M.R.; Pugliarres, K.R.; Lentell, B.J. and Moore, M.J. 2008. Victims or vectors: a survey of marine vertebrate zoonoses from coastal waters of the Northwest Atlantic. *Diseases of Aquatic Organisms*, 81:13-38.
- Borges, T. C., Erzini, K., Bentes, L., Costa, M. E., Gonçalves, J. M. S., Lino, P. G., Pais, C. & Ribeiro, J. (2001). By-catch and discarding practices in five Algarve (southern Portugal) métiers. *Journal of Applied Ichthyology*, 17(3), 104-114.
- Borrell, A., Aguilar, A., Tornero, V., Sequeira, M., Fernandez, G. and Alis, S., 2006. Organochlorine compounds and stable isotopes indicate bottlenose dolphin subpopulation structure around the Iberian Peninsula. *Environment International*, 32(4), pp.516-523.
- Bossart, G.D.; Baden, D.G.; Ewing, R.Y.; Roberts, B.; Wright, S.D., 1998. Brevetoxicosis in manatees (*Trichechus manatus latirostris*) from the 1996 epizootic: gross, histologic, and immunohistochemical features. *Toxicol. Pathol.* 26, 276–282.
- Burger, J.; Gochfeld, M., 2000 Metal levels in feathers of 12 species of seabirds from Midway Atoll in the northern Pacific Ocean. *Sci Tot Environ*, 257:37–52.
- Cabral, Maria João, J. Almeida, Pedro R. Almeida, T. Dellinger, N. Ferrand de Almeida, M. E. Oliveira, J. M. Palmeirim, A. I. Queirós, L. Rogado, and M. Santos-Reis. *Livro vermelho dos vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, 2005.
- Canha, R. 2015 prevalência e análise filogenética de Herpesvirus em cetáceos arrojados na costa Portuguesa e da Galiza. Dissertação de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária pela Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Técnica de Lisboa
- Carapetis ER, Machado A, Braun K, Byard RW. (2014). Recreational Fishing-Related Injuries to Australian Pelicans (*Pelecanus conspicillatus*) and Other Seabirds in a South Australian Estuarine and River Area, *Int J Vet Health Sci Res*, 02(03), 24-27.

- Cardoso & Palma (2005) Monitorização da Área Envolvente a Sete Emissários da Costa Portuguesa: a Qualidade dos Sedimentos. Anais do Instituto Hidrográfico n.º 18: 127 a 134
- Carvalho, J.; Pereira, I.; Ferreira, M.; Vingada, J.; Eira, C.; Sampaio, P.; Pais, C.S. 2015. Characterization of the fungal microbiome in dolphins of the coast of Portugal. *Mycoses*. 58:116-116.
- Cascão, I. 2001 – Measuring the impacts resulting from interactions between approaching boats and resident bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in the Sado estuary, Portugal. Relatório de estágio da licenciatura. Fac. Ciências de Lisboa: 28 pp.
- Castellote, M. and Llorens, C., (2016). Review of the Effects of Offshore Seismic Surveys in Cetaceans: Are Mass Strandings a Possibility?. In *The Effects of Noise on Aquatic Life II*(pp. 133-143). Springer New York.
- Catry, P., Costa, H., Elias, G., & Matias, R. (2010). *Aves de Portugal: Ornitologia do território continental*. Assírio & Alwin.
- CDPST (2000). *Anthropogenic Noise in the Marine Environment. Potential Impacts on the Marine Resources of Stellwagen Bank and Channel Islands National Marine Sanctuaries*. Maryland, College Park, Conservation and Development Problem Solving Team, University of Maryland. prepared for NOAA and the Marine Conservation Biology Institute. USA.
- Chicharo, L., Chicharo, M., Gaspar, M., Regala, J., & Alves, F. (2002a). Reburial time and indirect mortality of *Spisula solida* clams caused by dredging. *Fisheries Research*, 59(1), 247-257.
- Chicharo, L., Regala, J., Gaspar, M., Alves, F., & Chicharo, A. (2002b). Macrofauna spatial differences within clam dredge-tracks and their implications for short-term fishing effect studies. *Fisheries Research*, 54(3), 349-354.
- Christel I. 2012 Offshore wind energy and birds: Integrating assessment tools in space and time. PhD Thesis Biology Faculty, Barcelona University.
- Clark, J., Dolman, S.J. and Hoyt, E. 2010. Towards Marine Protected Areas for Cetaceans in Scotland, England and Wales: A scientific review identifying critical habitat with key recommendations. Whale and Dolphin Conservation Society, Chippenham, UK, 178pp.
- Constantine R, Brunton DH, Dennis T. 2004. Dolphin-Watching Tour Boats Change Bottlenose Dolphin (*Tursiops truncatus*) Behaviour. *Biological Conservation* 117:299-307.
- Constantino, R., Gaspar, M. B., Tata-Regala, J., Carvalho, S., Cúrdia, J., Drago, T., Taborda, R. & Monteiro, C. C. (2009). Clam dredging effects and subsequent recovery of benthic communities at different depth ranges. *Marine environmental research*, 67(2), 89-99.
- Costa, M.E., Erzini, K., & Borges, T. C. (2008). Bycatch of crustacean and fish bottom trawl fisheries from southern Portugal (Algarve). *Scientia Marina*, 72(4), 801-814.
- Costa, P.R.; Rosa, R. & Sampaio, M.A.M. 2004. Tissue distribution of the amnesic shellfish toxin, domoic acid, in *Octopus vulgaris* from the Portuguese coast. *Marine Biology* 144: 971-976.
- Costa; R.A.; Torres, J.; Vingada, J.V.; Eira, C.. Persistent organic pollutants and inorganic elements in the Balearic Shearwater *Puffinus mauretanicus* wintering off Portugal. *Marine Pollution Bulletin*. accepted on the 14th of April 2016
- Cucknell, A-C., Boisseau, O. & Moscrop, A. (2015). A Review of the Impact of Seismic Survey Noise on Narwhal & other Arctic Cetaceans. Report prepared for Greenpeace Nordic by Marine Conservation Research Ltd. 146 pp
- Dawson, C.E., Perrett, L.L.; Stubberfield, E.J.; Stack, J.A. and others (2008) Isolation and characterization of *Brucella* from the lungworms of a harbor porpoise (*Phocoena phocoena*). *J Wildl Dis* 44:237–246
- Decreto Legislativo Regional n.º 15/2013/M de 14 de Maio, que aprova o Regulamento da Atividade de Observação de Vertebrados Marinhos na Região Autónoma da Madeira
- Degraer, S., Meire, P., & Vincx, M. (2007). Spatial distribution, population dynamics and productivity of *Spisula subtruncata*: implications for *Spisula* fisheries in seaduck wintering areas. *Marine Biology*, 152(4), 863-875.
- Denuncio, P.; Bastida, R.; Dassis, M.; Giardino, G.; Gerpe, M.; Rodríguez. 2011. Plastic ingestion in Franciscana dolphins, *Pontoporia blainvillei* (Gervais and d'Orbigny, 1844), from Argentina. *Marine Pollution Bulletin* 62: 1836-1841.
- Derraik, J.G.B. 2002. The pollution of the marine environment by plastic debris: a review. *Marine Pollution Bulletin* 44: 842-852.
- Desholm, M., & Kahlert, J. (2005). Avian collision risk at an offshore wind farm. *Biology letters*, 1(3), 296-298.
- Deurs, M.V., Grome, T.M., Kaspersen, M., Jensen, H., Stenberg, C., Sørensen, T.K., Støttrup, J., Warnar, T. and Mosegaard, H. (2012). Short-term and long-term effects of an offshore wind farm on three species of sandeel and their sand habitat. *Marine Ecology-Progress Series*, 458, pp.169-180
- Diederichs, A., Brandt, M., and Nehls, G. 2010. Does sand extraction near Sylt affect harbour porpoises? Wadden Sea Ecosystem, 26: 199 – 203.
- Donaldson, A., Gabriel, C., Harvey, B.J., Carolsfeld, J. and Department of Fisheries and Oceans, Ottawa, ON(Canada); Canadian Science Advisory Secretariat, Ottawa, ON(Canada), 2010. *Impacts of fishing gears other than bottom trawls, dredges, gillnets and longlines on aquatic biodiversity and vulnerable marine ecosystems*. Canadian Science Advisory Secretariat= Secrétariat canadien de consultation scientifique.
- Dubois, S., Fraser, D. 2013. A Framework to Evaluate Wildlife Feeding in Research, Wildlife Management, Tourism and Recreation. *Animals* 3: 978-994; doi:10.3390/ani3040978
- Eisler, R., 1987. Mercury hazards to fish, wildlife and invertebrates: a synoptic review. Biological report 1.1. U.S. Fish and Wildlife Service, Washington, DC.
- Epsilon Associates, Inc. 2011. Massachusetts Clean Marina Guide. Strategies to Reduce Environmental Impacts. Massachusetts Office of Coastal Zone Management. Massachusetts, USA.
- Erzini, K., Costa, M. E., Bentes, L., & Borges, T. C. (2002). A comparative study of the species composition of discards from five fisheries from the Algarve (southern Portugal). *Fisheries Management and Ecology*, 9(1), 31-40.
- EU N2K Group. 2015. An overview of the potential interactions and impacts of commercial fishing methods on marine habitats and species protected under the EU Habitats Directive. Report from the European Economic Interest Group to the European Commission. Available online at: <http://ec.europa.eu/environment/nature/natura2000/marine/docs/Fisheries%20interactions.pdf>.
- Evans, P. G. H., Carson, Q., Fisher, P., Jordan, W. Limer, R. and Rees, I. 1993. A study of the reactions of harbor porpoises to various boats in the coastal waters of southeast Shetland. In: *European Research on Cetaceans - 6* (Ed. P. G. H. Evans) pp. 60 - 65. European Cetacean Society, Cambridge, England. 288 pp.
- Evans, Peter GH, Caroline R. Weir, and Helen E. Nice. (1997). "Temporal and spatial distribution of harbour porpoises in Shetland waters, 1990–95." *European Research on Cetaceans* 10: 233-237.
- Falcão, M., Gaspar, M. B., Caetano, M., Santos, M. N., & Vale, C. (2003). Short-term environmental impact of clam dredging in coastal waters (south of Portugal): chemical disturbance and subsequent recovery of seabed. *Marine environmental research*, 56(5), 649-664.
- Fandel, A.D.; Bearzi, M.; and Cook, T.C. 2015 - Effects of Ocean Recreational Users on Coastal Bottlenose Dolphins (*Tursiops truncatus*) in the Santa Monica Bay, California. *Bull. Southern California Acad. Sci.*114(2), 2015, pp. 63–75.
- FAO, 2001. Fishing Gear types. Gillnets and entanglement nets. Technology Fact Sheets. In: *FAO Fisheries and Aquaculture Department* [online]. Rome.
- Fauquier, D.A.; Flewelling, L.J.; Maucher, J.; Manire, C.A.; Socha, V.; Kinsel, M.J.; Stacy, B.A.; Henry, M.; Gannon, J.; Ramsdell, J.S. &

- Landsberg, J.H. 2013. Brevetoxin in blood, biological fluids, and tissues of sea turtles naturally exposed to karenia brevis blooms in central west Florida. *Journal of Zoo and Wildlife Medicine* 44(2): 364-375.
- Fayer, R.; Dubey, J.P. and Lindsay, D.S. 2004. Zoonotic protozoa: from land to sea. *Trends in parasitology*, 20(11), pp.531-536.
- Fayer, R.; Dubey, J.P. and Lindsay, D.S., 2004. Zoonotic protozoa: from land to sea. *Trends in parasitology*, 20(11), pp.531-536.
- Fernández-Contreras, M.M., Cardona, L., Lockyer, C.H. and Aguilar, A., 2010. Incidental bycatch of short-beaked common dolphins (*Delphinus delphis*) by pairtrawlers off northwestern Spain. *ICES Journal of Marine Science: Journal du Conseil*, p.fsq077.
- Fernández, R., MacLeod, C.D., Pierce, G.J., Covelo, P., López, A., Torres-Palenzuela, J., Valavanis, V. and Santos, M.B., 2013. Inter-specific and seasonal comparison of the niches occupied by small cetaceans off north-west Iberia. *Continental Shelf Research*, 64, pp.88-98.
- Ferreira, M.; Monteiro, S.S.; Torres, J.; Oliveira, I.; Sequeira, M.; Lopez, A.; Vingada, J.; Eira, C. 2016 - Biological variables and health status affecting inorganic element concentrations in harbour porpoises (*Phocoena phocoena*) from Portugal (western Iberian Peninsula). *Environmental Pollution* 210 (2016) 293 – 302.
- Ferreira, P.A.C., 2012. *Avaliação de potenciais impactos da actividade da pesca na população de Roazes do Estuário do Sado* (Doctoral dissertation).
- Finnenran, J. J., and Schlundt, C. E. (2013). "Effects of fatiguing tone frequency on temporary threshold shift in bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*)," *J. Acoustic Soc. Am.* 133, 1819-1826.
- Schlundt CE, Ridgway SH 2005. Temporary threshold shift in bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) exposed to mid-frequency tones. *J Acoust Soc Am.* 2005 Oct;118(4):2696-705.
- Finneran, J. J., & Schlundt, C. E. (2011). Subjective loudness level measurements and equal loudness contours in a bottlenose dolphin (*Tursiops truncatus*) a). *The Journal of the Acoustical Society of America*, 130(5), 3124-3136.
- Finneran, J.J. 2015. Noise-induced hearing loss in marine mammals: A review of temporary threshold shift studies from 1996 to 2015. *J. Acoust. Soc. Am.* 138, 1702.
- Fire, S. E.; Wang, Z.; Leighfield, T. A.; Morton, S. L.; McFee, W. E.; McLellan, W. A.; Van Dolah, F. M. 2009. Domoic acid exposure in pygmy and dwarf sperm whales (*Kogia* spp.) from southeastern and mid- Atlantic U.S. waters. *Harmful Algae*, 8, 658-664. <http://dx.doi.org/10.1016/j.hal.2008.12.002>
- Flewelling, L.J.; Naar, J.P.; Abbott, J.P.; Baden, D.G.; Barros, N.B.; Bossart, G.D.; Bottein, M.D.; Hammond, D.G.; Haubold, E.M.; Heil, C.A.; Henry, M.S.; Jacobs, H.M.; Leighfield, T.A.; Pierce, R.H.; Pitchford, T.D.; Rommel, S.A.; Scott, P.S.; Steidinger K.A.; Truby, E.W.; Van Dolah, F.M.; Landsberg, J.H. 2005. Red tides and marine mammal mortalities. *Nature* 435, 755–756.
- Fontaine, M.C., Baird, S.J., Piry, S., Ray, N., Tolley, K.A., Duke, S., Birkun, A., Ferreira, M., Jauniaux, T., Llavona, Á. Öztürk, B., Öztürk, A, Ridoux, V., Rogan, E., Sequeira, M., Siebert, U., Vikingsson, G., Bouqueneau, JM & Michaux, J. (2007). Rise of oceanographic barriers in continuous populations of a cetacean: the genetic structure of harbour porpoises in Old World waters. *BMC biology*, 5(1), p.1.
- Fontaine, M.C., Roland, K., Calves, I., Austerlitz, F., Palstra, F.P., Tolley, K.A., Ryan, S., Ferreira, M., Jauniaux, T., Llavona, Á., Öztürk, B., Öztürk, A, Ridoux, V., Rogan, E., Sequeira, M., Siebert, U., Vikingsson, G., Borrell, A., Michaux, J. & Aguilar, A. (2014). Postglacial climate changes and rise of three ecotypes of harbour porpoises, *Phocoena phocoena*, in western Palearctic waters. *Molecular ecology*, 23(13), pp.3306-3321.
- Fontaine, M.C., Tolley, K.A., Michaux, J.R., Birkun, A., Ferreira, M., Jauniaux, T., Llavona, Á., Öztürk, B., Öztürk, A.A., Ridoux, V., Rogan, E., Sequeira, M, Bouqueneau, JM & Baird, S. (2010). Genetic and historic evidence for climate-driven population fragmentation in a top cetacean predator: the harbour porpoises in European water. *Proceedings of the Royal Society of London B: Biological Sciences*, 277(1695), pp.2829-2837.
- Fossi, M.C.; Panti, C.; Guerranti, C.; Coppola, D.; Giannetti, M.; Marsili, L.; Minutoli, R. 2012. Are baleen whales exposed to the threat of microplastics? A case study of the Mediterranean fin whale (*Balaenoptera physalus*). *Marine Pollution Bulletin* 64: 2374-2379.
- Foster, G.; MacMillan, A.P.; Godfroid, J.; Howie, F. and others (2002) A review of *Brucella* sp. infection of sea mammals with particular emphasis on isolates from Scotland. *Vet Microbiol* 90(1-4):563–580
- Foster, G.; McAuliffe, L.; Dagleish, M.P.; Barley, J.; Howie, F.; Nicholas, R.A.J. and Ayling, R.D. 2011. *Mycoplasma* species isolated from harbor porpoises (*Phocoena phocoena*) and a Sowerby's beaked whale (*Mesoplodon bidens*) stranded in Scottish waters. *J. Wildl. Dis.* 47, 206–211.
- Foster, G.; Osterman, B.; Godfroid, J.; Jacques, I.; Cloeckaert, A. 2007. *Brucella ceti* sp. nov. and *Brucella pinnipedialis* sp. nov. for *Brucella* strains with cetaceans and seals as their preferred hosts. *Int J Syst Evol Microbiol* 57:2688–2693
- Fox, A. D. (2013). Diet and habitat use of scoters *Melanitta* in the Western Palearctic-a brief overview. *Wildfowl*, 54(54), 163-184.
- Frias, J.P.G.L.; Martins, J.; Sobral, P. 2011. Research in plastic marine debris in mainland Portugal. *Journal of Integrated Coastal Zone Management* 11: 145-148.
- Frias, J.P.G.L.; Otero, V.; Sobral, P. 2014. Evidence of microplastics in samples of zooplankton from Portuguese coastal waters. *Marine Environmental Research* 95: 89-95.
- Furness, R. W. (2007). Responses of seabirds to depletion of food fish stocks. *Journal of Ornithology*, 148(2), 247-252.
- Furness, R.W., Wade, H.M. and Masden, E.A., 2013. Assessing vulnerability of marine bird populations to offshore wind farms. *Journal of environmental management*, 119, pp.56-66.
- Furness, R.W.; 1996 Cadmium in birds. In: Beyer, W.N.; Heinz, G.H.; Redmon-Norwood, A.W. (eds) *Environmental contaminants in wildlife: interpreting tissue concentrations*. Lewis Press, Boca Raton, FL, pp 389–404
- Gaspar, M. B., Castro, M., & Monteiro, C. C. (1999). Effect of tooth spacing and mesh size on the catch of the Portuguese clam and razor clam dredge. *ICES Journal of Marine Science: Journal du Conseil*, 56(1), 103-110.
- Gaspar, M. B., Santos, M. N., Leitão, F., Chícharo, L., Chícharo, A., & Monteiro, C. C. (2003). Recovery of substrates and macro-benthos after fishing trials with a new Portuguese clam dredge. *Journal of the Marine Biological Association of the UK*, 83(04), 713-717.
- Gaspar, M.B.; Moura, P.; Pereira, P., 2015a. Ponto de situação dos bancos de bivalves na zona sul (Junho 2014). *Relat. Cient. Téc. do IPMA* (<http://ipma.pt>) no 5. 20p.
- Gaspar, M.B.; Moura, P.; Pereira, P., 2015b. Prospeção dos bancos de moluscos bivalves na zona ocidental sul (Junho 2014). *Relat. Cient. Téc. do IPMA* (<http://ipma.pt>) no 6. 26p.
- Gaspar, M.B.; Sobral, M.; Maia, D.; Sobral, M.P.; Viegas, M.C.; Monteiro, C.C., 2002. A pescaria de moluscos bivalves na Zona Ocidental Norte e Zona Sul. Ponto de situação dos principais bancos (Setembro/Outubro 2002). *Relat. Cient. Téc. IPIMAR, Série digital*, (<http://ipimar-iniap.ipimar.pt>) n.o 12, 33pp
- Gaspar, M.B.; Sobral, M.; Pereira, A.; Maia, F.; Sobral, M.P.; Viegas, M.C.; Monteiro, C.C., 2005. Prospeção dos bancos de moluscos bivalves nas Zonas Ocidental e Sul da costa portuguesa (campanha de pesca 2003). *Relat. Cient. Téc. Inst. Invest. Pesca Mar, Série digital*. (<http://ipimar-iniap.ipimar.pt>) n.o 22, 31p.
- Giebel, J.; Meier, J.; Binder, A.; Flossdorf, J.; Poveda, J.B.; Schmidt, R.. and Kirchhoff, H. 1991. *Mycoplasma phocarhinis* sp. nov. and *Mycoplasma phocacerebrale* sp. nov., 2 new species from Harbor seals (*Phoca vitulina* L). *Int. J. Syst. Bacte- riol.* 41, 39–44.
- Gilles, A, Scheidat, M. and Siebert, U. (2009). "Seasonal distribution of harbour porpoises and possible interference of offshore wind farms in the German North Sea." *Marine Ecology Progress Series* 383: 295-307.

- Glasby T & West G 2015 Estimating losses of *Posidonia australis* due to boat moorings in Lake Macquarie, Port Stephens and Wallis Lake. NSW DPI – Fisheries Final Report Series No. 147
- Godoy-Vitorino, F.; Rodríguez, A.; Cabrera, B.; Alves, A. L.; Gonçalves, F.; Mesquita, A.C.; Soares-Castro, P.; Ferreira, M.; Marçalo, A.; Vingada, J.; Eira, C.; Santos, P.M. 2017. The Microbiome of a Striped Dolphin (*Stenella coeruleoalba*) stranded in Portugal. *Research In Microbiology*. 168, 1, 85-93
- Goetz, S., Read, F.L., Ferreira, M., Portela, J.M., Santos, M.B., Vingada, J., Siebert, U., Marçalo, A., Santos, J., Araújo, H. and Monteiro, S., 2015. Cetacean occurrence, habitat preferences and potential for cetacean–fishery interactions in Iberian Atlantic waters: results from cooperative research involving local stakeholders. *Aquatic Conservation: Marine and Freshwater Ecosystems*, 25(1), pp.138-154.
- Goetz, S., Santos, M.B., Vingada, J., Costas, D.C., Villanueva, A.G. and Pierce, G.J., 2015. Do pingers cause stress in fish? An experimental tank study with European sardine, *Sardina pilchardus* (Walbaum, 1792) (*Actinopterygii*, *Clupeidae*), exposed to a 70 kHz dolphin pinger. *Hydrobiologia*, 749(1), pp.83-96.
- Goldberg, E.D. 1997. Plasticizing the seafloor: an overview. *Environmental Technology* 18: 195-202.
- Gomes, F. (2015). Dieta da torda-mergulheira, *Alca torda*, capturada acidentalmente em Portugal Continental. Tese de Mestrado em Ecologia pela Universidade do Minho. 66pp
- Gomes, J. (2009). Malacofauna da Plataforma Continental Portuguesa. Tese de Mestrado em em Biologia Marinha pela Universidade de Aveiro. 89 pp
- Gordon, J., Gillespie, D., Potter, J., Frantzis, A., Simmonds, M. P., Swift, R., and Tompson, D. 2004. A review of the effects of seismic surveys on marine mammals. *Mar. Technol. Soc. J.* 37(4): 16–34.
- Gorzelay, J. F. (1998). Unusual deaths of two free-ranging Atlantic Bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) related to ingestion of recreational fishing gear. *Marine Mammal Science*, 14(3), 614-617.
- Grecian, W. J., Inger, R., Attrill, M. J., Bearhop, S., Godley, B. J., Witt, M. J., & Votier, S. C. (2010). Potential impacts of wave-powered marine renewable energy installations on marine birds. *Ibis*, 152(4), 683-697.
- Gregory, M.R. 2009. Environmental implications of plastic debris in marine settings – entanglement, ingestion, smothering, hangers-on, hitch-hiking and alien invasions. *Philosophical Transactions of the Royal Society B* 364: 2013-2025.
- Grieve C, Brady DC and Polet H (2015) Best practices for managing, measuring and mitigating the benthic impacts of fishing. *Marine Stewardship Council Science Series* 3: 81 – 120.
- Harzen, S. and Brunnick, B.J. 1997. Skin disorders in bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*), resident in the Sado estuary, Portugal *Aquatic Mammals*, 23.1, 59–68
- Henriksen, O. D., Teilmann, J., & Carstensen, J. (2003). Effects of the Nysted Offshore Wind Farm construction on harbour porpoises. *2002 annual status report for the acoustic TPOD monitoring programme*. Ministry of the Environment.
- Hernández-Mora, G.; González-Barrientos, R.; Morales, J.A.; Chaves-Olarte, E. and others 2008. Neurobrucellosis in stranded dolphins, Costa Rica. *Emerg Infect Dis* 14: 1430 – 1433
- Higgins, R. 2000. Bacteria and fungi of marine mammals: a review. *Can. Vet. J.* 41, 105–116.
- Hoffmann, E., Astrup, J., Larsen, F., Munch-Petersen, S., & Støttrup, J. (2002). *Effects of marine windfarms on the distribution of fish, shellfish and marine mammals in the Horns Rev area*. Danmarks Fiskeriundersøgelse.
- Hunt, T. D.; Ziccardi, M.H.; Gulland, F.M. D.; Yochem, P.K.; Hird, W.W.; Rowles, T. and Mazet, J. A. K. 2008. Health risks for marine mammal workers. *Dis. Aquat. Org.* 81, 81– 92.
- ICES 2005 – Report of the Ad-hoc Group on Impacts of Sonar on Cetaceans and Fish (AGISC). CM 2006/ACE: 06 25 pp.
- ICES. (2005). Report of the Ad-hoc Group on Impacts of Sonar on Cetaceans and Fish (AGISC) CM 2006/ACE:06 25pp.
- Isojunno, S., Curé, C., Kvadsheim, P.H., Lam, F.P.A., Tyack, P.L., Wensveen, P.J. and Miller, P.J.O.M., (2016). Sperm whales reduce foraging effort during exposure to 1–2 kHz sonar and killer whale sounds. *Ecological Applications*, 26(1), pp.77-93.
- ITOPF (2011). Effects of Oil Pollution on the Marine Environment. Technical Information Paper 13. International Tanker Owners Pollution Federation. 12p.
- Jacobsen, J.K.; Massey, L.; Gulland, F. 2010. Fatal ingestion of floating net debris by two sperm whales (*Physeter macrocephalus*). *Marine Pollution Bulletin* 60: 765-767.
- Jakob Tougaard, Andrew J. Wright, Peter T. Madsen 2015. Cetacean noise criteria revisited in the light of proposed exposure limits for harbour porpoises. *Marine Pollution Bulletin* 90: 196–208 .
- Jauniaux, T.P.; Brenez, C.; Fretin, D.; Godfroid, J.; Haelters, J.; Jacques, T.; Kerckhof, F.; Mast, J.; Sarlet, M.; Coignoul, F.L. 2010. *Brucella ceti* infection in harbor porpoise (*Phocoena phocoena*). *Emerg. Infect. Dis.* 16 (12) 1966–1968.
- Jennings, S. and Kaiser, M.J., 1998. The effects of fishing on marine ecosystems. *Advances in marine biology*, 34, pp.201-352.
- Jepson, P.D.; Deaville, R.; Barber, J.L.; Aguilar, A.; Borrell, A.; Murphy, S.; Barry, J.; Brownlow, A.; Barnett, J.; Berron, S.; Cunningham, A.A.; Davison, N.J.; Doeschate, M.; Esteban, R.; Ferreira, M.; Foote, A.D.; Genov, T.; Giménez, J.; Loveridge, J.; Llavona, A.; Martin, V.; Maxwell, D.L.; Papachlimitzou, A.; Penrose, R.; Perkins, M.W.; Smith, B.; de Stephanis, R.; Tregenza, N.; Verborgh, P.; Fernandez, A. & Law, R.J. 2016 - PCB pollution continues to impact populations of orcas and other dolphins in European waters. www.nature.com/scientificreports. Scientific Reports | 6:18573 | DOI: 10.1038/srep18573.
- Jessup, D.A.; Miller, M.A.; Ryan, J.P.; Nevins, H.M.; Kerkerker, H.A.; Mekebri, A, et al. 2009. Mass Stranding of Marine Birds Caused by a Surfactant-Producing Red Tide. *PLoS ONE* 4(2): e4550. doi:10.1371/journal.pone.0004550.
- Kaiser, M.J., Elliott, A., Galanidi, M., Rees, E.I.S., Caldwell, R., Stillman, R., Sutherland, W. and Showler, D., 2002. Predicting the displacement of common scoter *Melanitta nigra* from benthic feeding areas due to offshore windfarms. *Anglesey, UK*, 280.
- Kastelein RA, , 2015. *Hearing frequency thresholds of harbor porpoises (Phocoena phocoena) temporarily affected by played back offshore pile driving sounds*. *J Acoust Soc Am.*: 556-64.
- Kennedy, S 1998. Morbillivirus infections in aquatic mammals. *J Comp Pathol* 119:201–225.
- Kersten, M., F. Smedes (2002). Normalization procedures for sediment contaminants in spatial and temporal trend monitoring. *Journal of the Environment Monitoring*. 4: 109-115.
- Klein, M. and Zviely, D. 2001. The environmental impact of marina development on adjacent beaches: a case study of the Herzliya marina, Israel. *Applied Geography* Vol.21 (2): 145-156.
- Klein, R. 2007. The effects of marinas and boating activity upon tidal waterways. Community & Environmental Defense Services
- Koschinski, S., 2008. Possible Impact of Personal Watercraft (PWC) on Harbor Porpoises (*Phocoena phocoena*) and Harbor Seals (*Phoca vitulina*). Literature study commissioned by the Society for the Conservation of Marine Mammals (Gesellschaft zum Schutz der Meeressäugtiere e. V., GSM), Quickborn, Germany. 12pp.
- Kreuder, C.; Mazet, J.A.K.; Bossart, G.D.; Carpenter, T.E.; Holyoak, M.; Elie, M.S.; Wright, S.D. 2002. Clinicopathologic features of suspected brevetoxicosis in double-crested cormorants (*Phalacrocorax auritus*) along the Florida Gulf coast. *J. Zoo Wildl. Med.* 33, 8–15.
- Kühn, S.; Rebolledo, E.L.B. and van Franeker, J.A. 2015. Deleterious effects of litter on marine life. In *Marine anthropogenic litter* (pp. 75-116). Springer International Publishing.

- La Rosa, T., Mirto, S., Mazzola, A., Danovaro, R., 2001. Differential responses of benthic microbes and meiofauna to fish-farm disturbance in coastal sediments. *Environ. Pollut.* 112, 427–434.
- Laist, D.W. 1997. Impacts of Marine Debris: Entanglement of Marine Life in Marine Debris Including a Comprehensive List of Species with Entanglement and Ingestion Records. In: Coe JM, Rogers DB. 1997. Marine debris: sources, impacts and solutions, Nova Iorque, Springer-Verlag.
- LaPierreT.,ArnettA.,HawkinsC.,SimpsonK.,DavisD. (2011).Environmental impact assessment for marine 2D seismic reflection survey Baffin Bay and Davis Strait offshore eastern Canada by Multi Klient Invest As. RPS Energy (Halifax), Report n. HOPH417(B)
- Lipscomb, T.P.; Schulman, F.Y.; Moffett, D.; Kennedy, S. 1994. Morbilliviral disease in Atlantic bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) from the 1987–1988 epizootic. *J Wildl Dis* 30:567–571
- Madoff, S.; Schooley, R.T.; Ruhnke, H.L.; Giudice, R.A.D.; Barker, I.K.; Geraci, J.; Baker, A.S. and 1982: Mycoplasmal pneumonia in phocid (harbor) seals. *Rev. Infect. Dis.* 4, 241.
- Malta, M. and Carvalho, F.P., 2011. Radionuclides in marine mammals off the Portuguese coast. *Journal of environmental radioactivity*, 102(5), pp.473-478.
- Marçalo, A., Feijó, D., Ferreira, M., Silva, A., Vingada, J. and Eira, C., Integrating knowledge among fishermen and scientists for the conservation of marine protected species in Portugal: developments of the project LIFE MarPro. ICES. ICES CM 2015/L:04
- Marçalo, A., Hirafumi, M., Nicolau, L. & Vingada (2016). Interações de cetáceos e tartarugas marinhas com a armação fixa da empresa Tunipex S.A. ao largo da costa Algarvia. Relatório referente ao ano de 2015. 13 pp
- Martins, J.V.F. 2011. Plastic debris in the Portuguese coast – is it a microproblem?. *Ecologi@* 3: 62-63.
- Martins, J.; Sobral, P. 2011. Plastic marine debris on the Portuguese coastline: A matter of size? *Marine Pollution Bulletin* 62: 2649-2653.
- Mattson, M. C., J. A. Thomas, & D. St Aubin. 2005. Effects of boat activity on the behavior of bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in waters surrounding Hilton Head Island, South Carolina. *Aquat. Mamm.* 31: 133-140.
- McCullough, S.J.; McNeilly, F.; Allan, G.M.; Kennedy, S. and others 1991. Isolation and characterization of a porpoise morbillivirus. *Arch Virol* 118:247–252.
- McDonald, W.L.; Jamaludin, R.; Mackereth, G.; Hansen, M. and others 2006. Characterization of a *Brucella* sp. strain as a marine-mammal type despite isolation from a patient with spinal osteomyelitis in New Zealand. *J Clin Microbiol* 44: 4363 – 4370.
- McKindsey, C. W., Archambault, P., Callier, M. D., & Olivier, F. (2011). Influence of suspended and off-bottom mussel culture on the sea bottom and benthic habitats: a review 1 1 This review is part of a virtual symposium on current topics in aquaculture of marine fish and shellfish. *Canadian Journal of Zoology*, 89(7), 622-646.
- McPhee, D. P., Leadbitter, D., & Skilleter, G. A. (2002). Swallowing the bait: is recreational fishing in Australia ecologically sustainable?. *Pacific Conservation Biology*, 8(1), 40-51.
- Meirinho A, Barros N, Oliveira N, Catry P, Lecoq M, Paiva V, Gerales P, Granadeiro JP, Ramirez I & Andrade J (2014). Atlas das Aves Marinhas de Portugal. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves. www.atlasavesmarinhas.pt
- Mendes P.; Eira C.; Torres, J.; Soares, A.M.V.M.; Melo P.; Vingada, J. 2008. Toxic element concentration in the Atlantic Gannet *Morus bassanus* (Pelecaniformes, Sulidae) in Portugal. *Archives of Environmental Contamination and Toxicology*. 55, 503-509.
- Méndez-Fernandez, P., Pierce, G.J., Bustamante, P., Chouvelon, T., Ferreira, M., González, A.F., López, A., Read, F.L., Santos, M.B., Spitz, J. and Vingada, J.V., 2013. Ecological niche segregation among five toothed whale species off the NW Iberian Peninsula using ecological tracers as multi-approach. *Marine biology*, 160(11), pp.2825-2840.
- Méndez-Fernandez, P., Webster, L., Chouvelon, T., Bustamante, P., Ferreira, M., González, A.F., López, A., Moffat, C.F., Pierce, G.J., Read, F.L. and Russell, M., 2014. An assessment of contaminant concentrations in toothed whale species of the NW Iberian Peninsula: Part I. Persistent organic pollutants. *Science of the Total Environment*, 484, pp.196-205.
- Méndez-Fernandez, P., Webster, L., Chouvelon, T., Bustamante, P., Ferreira, M., González, A.F., López, A., Moffat, C.F., Pierce, G.J., Read, F.L. and Russell, M., 2014. An assessment of contaminant concentrations in toothed whale species of the NW Iberian Peninsula: Part II. Trace element concentrations. *Science of the Total Environment*, 484, pp.206-217.
- Mendez-Fernandez, P.; Webster L.; Chouvelon, T.; Bustamante P.; Ferreira, M.; Gonzalez, A.F.; Lopez A.; Moffat C.F.; Pierce G.J.; Read, F.L.; Russell, M.; Santos, M.B.; Spitz, J.; Vingada, J.V.; Caurant, F. 2014a. An assessment of contaminant concentrations in toothed whale species of the NW Iberian Peninsula: Part II. Trace element concentrations. *Science Of The Total Environment*. 484, 206-217.
- Mendez-Fernandez, P.; Webster, L.; Chouvelon, T.; Bustamante, P.; Ferreira, M.; Gonzalez, A.F.; Lopez, A.; Moffat, C.F.; Pierce, G.J.; Read, F.L.; Russell, M.; Santos, M.B.; Spitz, J.; Vingada, J.V.; Caurant, F. 2014b. An assessment of contaminant concentrations in toothed whale species of the NW Iberian Peninsula: Part I. Persistent organic pollutants. *Science Of The Total Environment*. 484, 196-205.
- Mendes, R. (2011) - Energia das ondas Desenvolvimento de uma tecnologia de geração (gerador tubular) – Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Electromecânica (2.º ciclo de estudos).
- Michel, J., A.C. Bejarano, C.H. Peterson, C. Voss 2013. Review of Biological and Biophysical Impacts from Dredging and Handling of Offshore Sand. U.S. Depart of the Interior, Bureau of Ocean Energy Management, Herndon, VA. OCS Study BOEM 2013-0119. 258 pp.
- Mil-Homens, M.; Vicente, M.; Grimalt, J.O.; Micaelo, C. and Abrantes, F. 2016. Reconstruction of organochlorine compound inputs in the Tagus Prodelt. *Science of The Total Environment*, 540, pp.231-240.
- Monteiro, P., Araújo, A., Erzini, K., & Castro, M. (2001). Discards of the Algarve (southern Portugal) crustacean trawl fishery. In *Advances in Decapod Crustacean Research* (pp. 267-277). Springer Netherlands.
- Monteiro, S.S., Torres, J., Ferreira, M., Marçalo, A., Nicolau, L., Vingada, J.V., Eira, C., 2016. Ecological variables influencing trace element concentrations in bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*, Montagu 1821) stranded in continental Portugal. *Science of The Total Environment*, 544, pp.837-844.
- Morais, P., Borges, T. C., Carnall, V., Terrinha, P., Cooper, C., & Cooper, R. (2007). Trawl-induced bottom disturbances off the south coast of Portugal: direct observations by the 'Delta'manned-submersible on the Submarine Canyon of Portimão. *Marine Ecology*, 28(s1), 112-122.
- Moura, A.E., Sillero, N. and Rodrigues, A., 2012. Common dolphin (*Delphinus delphis*) habitat preferences using data from two platforms of opportunity. *Acta Oecologica*, 38, pp.24-32.
- MPC (2015). The Potential Fisheries Interactions with Protected Features on the North Norfolk Coast: Final Report. 84 pp
- Munilla, I., Díez, C. and Velando, A., 2007. Are edge bird populations doomed to extinction? A retrospective analysis of the common guillemot collapse in Iberia. *Biological Conservation*, 137(3), pp.359-371.
- N2K Group, Overview of the potential interactions and impacts of commercial fishing methods on marine habitats and species protected under the EU Habitats Directive, 35pp.
- Navarro, J., Louzao, M., Igual, J. M., Oro, D., Delgado, A., Arcos, J. M., & Forero, M. G. (2009). Seasonal changes in the diet of a critically endangered seabird and the importance of trawling discards. *Marine Biology*, 156(12), 2571-2578.
- Nicolau, L.; Marçalo, A.; Ferreira, M.; Sá, S.; Vingada, J.; Eira, C. 2015. Ingestion of marine litter by loggerhead sea turtles, *Caretta caretta*,

- in Portuguese continental waters. *Marine Pollution Bulletin*. 103, 179–185.
- Nowacek, D.P.; Clark, C.W.; Mann, D.; Miller, P.J.O.; Rosenbaum, H.C.; Golden, J.S.; Jasny, M.; Kraska, J.; Southall, B.L. 2015 - Marine seismic surveys and ocean noise: time for coordinated and prudent planning.
- Nowacek, S. M.; Wells, R., Solow, A. R. 2001. Short-term effects of boat traffic on bottlenose dolphins, *Tursiops truncatus*, in Sarasota Bay, Florida *Marine Mammal Science*, 17(4):673-688
- Nymo, I.H.; Tryland, M.; Godfroid, J.; 2011. A review of *Brucella* infection in marine mammals, with special emphasis on *Brucella pinnipedialis* in the hooded seal (*Cystophora cristata*). *Vet. Res.* 42 (1) 93.
- Ohishi, K.; Maruyama, T.; Ninomiya, A.; Kida, H.; Zenitani, H.; Bando, T.; Fujise, Y.; Nakamatsu, K.; Miyazaki, N.; Boltunov, A. 2006. Serologic investigation of influenza A virus infection in cetaceans from the western north Pacific and the southern oceans. *Marine Mammal Science* 22: 214–221.
- Orams, M. B., 2002. Feeding wildlife as a tourism attraction: a review of issues and impacts, *Tourism Management*, 23 (3): 281-293.
- OSPAR (2009). Overview of the impacts of anthropogenic underwater sound in the marine environment. Biodiversity series.
- OSPAR. 2009. Marine litter in the North-East Atlantic Region: Assessment and priorities for response, Londres
- Parsons, E. C. M. 2012. The Negative Impacts of Whale-Watching. *Journal of Marine Biology*, vol. 2012, Article ID 807294, 9 pages. doi:10.1155/2012/807294
- Pearson, T.H., Black, K.D., 2000. The environmental impacts of marine fish cage culture. In: Black, K.D. (Ed.), *Environmental Impacts of Aquaculture*. Sheffield Academic Press, Sheffield, pp. 1–31.
- Pérez-López, M.P.; Cid F, Oropesa, L.; Fidalgo, L.E.; Beceiro, A.L.; Soler, F. 2006. Heavy metal and arsenic content in seabirds affected by the Prestige oil spill on the Galician coast (NW Spain). *Sci Tot Environ* 359:209–220.
- Perrett, L.L.; Dawson, C.E.; Davison, N.; Quinney, S.; 2004. *Brucella* infection of lungworms from a harbour porpoise. *Vet. Rec.* 154 (25) 800.
- Pham, C.K.; Ramirez-Llodra, E.; Alt, C.H.S.; Amaro, T.; Bergmann, M. *et al.* 2014. Marine Litter Distribution and Density in European Seas, from the Shelves to Deep Basins. *PLOS ONE* 9(4): e95839.
- Pham, C.K.; Ramirez-Llodra, E.; Alt, C.H.S.; Amaro, T.; Bergmann, M.; Canals, M.; Company, J.B.; Davies, J.; Duineveld, G.; Galgani, F.; Howell, K.L.; Huvenne, V.a.l.; Isidro, E.; Jones, D.O.B.; Lastras, G.; Morato, T.; Gomes-Pereira, J.N.; Purser, A.; Stewart, H.; Tojeira, I.; Tubau, X.; Van Rooij, D.; Tyler, P.A. 2014. Marine litter distribution and density in European seas, from the shelves to deep basins. *PLOS One* 9, 1–13. <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0095839>.
- Pirotta, E., Laesser, B. E., Hardaker, A., Riddoch, N., Marcoux, M., and Lusseau, D. 2013. Dredging displaces bottlenose dolphins from an urbanised foraging patch. *Marine Pollution Bulletin*, 74: 396–402.
- Pirotta, E., Merchant, N.D., Thompson, P.M., Barton, T.R., Lusseau, D., 2015. Quantifying the effect of boat disturbance on bottlenose dolphin foraging activity. *Biological Conservation*, 181, 82-89. <http://dx.doi.org/10.1016/j.biocon.2014.11.003>
- Platteeuw, M., Henkens, R.J.H.G. 1997. Possible impacts of disturbance to waterbirds: individuals, carrying capacity and populations. *Wildfowl* 48: 225-236.
- Powell, J. R., & Wells, R. S. (2011). Recreational fishing depredation and associated behaviors involving common bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in Sarasota Bay, Florida. *Marine Mammal Science*, 27(1), 111-129.
- Prenger-Berninghoff, E.; Siebert, U.; Stede, M.; Koenig, A.; Weiss, R.; Baljer, G. 2008. Incidence of *Brucella* species in marine mammals of the German North Sea. *Dis. Aquat. Org.* 81 (1) 65–71.
- Provencher, J.F.; Bond, A.L.; Hedd, A.; Montevecchi, W.A.; Muzaffar, S.B.; Courchesne, S.J.; Gilchrist, H.G.; Jamieson, S.E.; Merkel, F.R.; Falk, K.; Durinck, J.; Mallory, M.L. 2014. Prevalence of marine debris in marine birds from the North Atlantic. *Marine Pollution Bulletin* 84: 411-417.
- Provencher, J.F.; Gaston, A.J. Mallory, M.L.; O'hara, P.D.; Gilchrist, H.G. 2010. Ingested plastic in a diving seabird, the thick-billed murre (*Uria lomvia*), in the eastern Canadian Arctic. *Marine Pollution Bulletin* 60: 1406-1411.
- Read, F.L., Santos, M.B., González, A.F., López, A., Ferreira, M., Vingada, J. and Pierce, G.J., 2012. Understanding harbour porpoise (*Phocoena phocoena*) and fishery interactions in the north-west Iberian Peninsula. *Final report to ASCOBANS (SSFA/ASCOBANS/2010/4)*.
- Reboredo-Fernandez, A.; Gomez-Couso, H.; Martinez-Cedeira, J.A.; Caccio, S.M. and Ares-Mazas, E., 2014. Detection and molecular characterization of *Giardia* and *Cryptosporidium* in common dolphins (*Delphinus delphis*) stranded along the Galician coast (Northwest Spain). *Veterinary parasitology*, 202(3), pp.132-137.
- Redlow, T., Foley, A., Singel, K., 2003. Sea turtle mortality associated with red tide events in Florida. In: Seminoff, J.A. (compiler), *Proceedings of the 22nd Annual Symposium on Sea Turtle Biology and Conservation*. U.S. Dept. Commerce NOAA Technical Memorandum NMFS-SEFSC-503, Miami, FL, pp. 272.
- Rhyan, J.C. 2000. Brucellosis in terrestrial wildlife and marine mammals. In: Brown, K., Bolin, C. (Eds.), *Emerging Diseases of Animals*. ASM Press, Washington, pp. 161–184.
- Richardson, W.J., C.I. Malme, D.H. Thomson. 1995. Marine mammals and noise. San Diego, CA: Academic Press. 576 pp.
- Rodríguez, A.; Rodríguez, B.; Carrasco, M.N. 2012. High prevalence of parental delivery of plastic debris in Cory's Shearwaters (*Calonectris diomedea*). *Marine Pollution Bulletin* 64: 2219-2223.
- Rodríguez, B.; Bécas, J.; Rodríguez, A.; Arcos, J.M. 2013. Incidence of entanglements with marine debris by northern gannets (*Morus bassanus*) in the non-breeding grounds. *Marine Pollution Bulletin* 75: 259-263.
- Rufino, R., and R. Neves. "Invernada do pato-negro *Melanitta nigra* na costa de Aveiro: Janeiro de 1990." *Airo* 2 (1990): 1-2.
- Ruhnke, H. L. and S. Madoff, 1992: *Mycoplasma phocidae* sp. nov., isolated from Harbor seals (*Phoca vitulina* l). *Int. J. Syst. Bacteriol.* 42, 211–214.
- Ryan, P.G. 1987. The Incidence and Characteristics of Plastic Particles Ingested by Seabirds. *Marine Environmental Research* 23: 175-206.
- Ryan, P.G., Jackson, S. 1987. The Lifespan of Ingested Plastic Particles in Seabirds and their Effect on Digestive Efficiency. *Marine Pollution Bulletin* 18: 217-219.
- Ryan, P.G.; Moore, C.J.; Franeker, J.A.; Moloney, CL. 2009. Monitoring the abundance of plastic debris in the marine environment. *Philosophical Transactions of the Royal Society B* 364: 1999-2012.
- Ryan, P.G.. 1988. Intraspecific variation in plastic ingestion by seabirds and the flux of plastic through seabirds populations. *The Condor* 90: 446-452.
- Sá, S.; Santos, J.; Araújo, H.; Ferreira, M.; Duro, V.; Alves, F.; Panta-Ferreira, B.; Nicolau, L.; Eira, C.; Vingada, J. (2016). Spatial distribution of floating marine debris in offshore continental Portuguese waters. *Marine Pollution Bulletin*. 104, 269–278.
- Sá, S.M.F. 2013. Floating Debris in the Portuguese Continental Offshore Waters. Aveiro, Tese de Mestrado, Universidade de Aveiro.
- Santos-Echeandía, J.; Caetano, M.; Brito, P.; Canario, J. and Vale, C. 2012. The relevance of defining trace metal baselines in coastal waters at a regional scale: the case of the Portuguese coast (SW Europe). *Marine environmental research*, 79, pp.86-99
- Santos, C., Barreiros, M. A., Pestana, P., Cardoso, A., & Freire, A. (2011). Environmental status of water and sediment around submarine outfalls—west coast of Portugal= Qualidade da água e dos sedimentos na zona circundante de oito emissários submarinos—costa oeste de Portugal. *Revista da Gestão Costeira*

Integrada/Journal of Integrated Coastal Zone Management, 207-217.

Sarà Gi, Scilipoti D, Mazzola A, Modica A. (2004). Effects of fish farming waste to sedimentary and particulate organic matter in a southern Mediterranean area (Gulf of Castellammare, Sicily): a multiple stable isotope study ($\delta^{13}\text{C}$ and $\delta^{15}\text{N}$). *Aquaculture*; 234(1): 199-213.

Savinov, V.M.; Gabrielsen, G.W.; Savinova, T.N. 2003. Cadmium, zinc, copper, arsenic, selenium and mercury in seabirds from the Barents Sea: levels, inter-specific and geographical differences. *Sci Tot Environ* 306:133–58. doi:10.1016/S0048-9697(02) 00489-8.

Shtepenko, O., Liannane, K & Dudman, T. (2011). Environmental impact assessment for

3d seismic survey, saqqamiut and prospecting area, offshore South greenland. Report EHE2108 prepared for Capricorn Greenland Exploration 1 Limited by. RPS Energy HSE and Risk Management. 99pp.

Shumway, S.E.; Allen, S.M. and Boersma, P.D., 2003. Marine birds and harmful algal blooms: sporadic victims or under-reported events? *Harmful Algae*, 2(1), pp.1-17.

Silva, M.A., 1999. Diet of common dolphins, *Delphinus delphis*, off the Portuguese continental coast. *Journal of the Marine Biological Association of the UK*, 79(03), pp.531-540.

Simmonds, M.P., 2012. Cetaceans and marine debris: the great unknown. *Journal of Marine Biology*, 2012.

Sivle, L.D., Kvadsheim, P.H., Curé, C., Isojunno, S., Wensveen, P.J., Lam, F.P.A., Visser, F., Kleivane, L., Tyack, P.L., Harris, C.M. and Miller, P.J., (2015). Severity of Expert-Identified Behavioural Responses of Humpback Whale, Minke Whale, and Northern Bottlenose Whale to Naval Sonar. *Aquatic Mammals*, 41(4), p.469.

Sohn, A.H.; Probert, W.S.; Glaser, C.A.; Gupta, N. and others (2003) Human neurobrucellosis with intracerebral granuloma caused by a marine mammal *Brucella* spp. *Emerg Infect Dis* 9:485–488

SPVS, 2012. Centro de Reabilitação de Animais Marinhos de Quaias, Relatório Anual referente a 2011. Rede Nacional de Centros de Recuperação para a Fauna. 39 pp.

SPVS, 2014. Centro de Reabilitação de Animais Marinhos de Quaias, Relatório Anual referente a 2013. Rede Nacional de Centros de Recuperação para a Fauna. 36 pp.

SPVS, 2015. Centro de Reabilitação de Animais Marinhos de Quaias, Relatório Anual referente a 2014. Rede Nacional de Centros de Recuperação para a Fauna. 42 pp.

SPVS, 2016. Centro de Reabilitação de Animais Marinhos de Quaias, Relatório Anual referente a 2015. Rede Nacional de Centros de Recuperação para a Fauna. 49 pp.

Stamski, R. 2005. The Impacts of Coastal Protection Structures in California's Monterey Bay National Marine Sanctuary Monterey Bay National Marine Sanctuary Monterey, Maryland, CA, USA.

Stefatos, A.; Charalampakis, M.; Papatheodorou, G.; Ferentinos, G. 1999. Marine Debris on the Seafloor of the Mediterranean Sea: Examples from Two Enclosed Gulfs in Western Greece. *Marine Pollution Bulletin* 36: 389-393

Stemp, R. (1985). Observations on the effects of seismic exploration on seabirds. In *Proceedings of the Workshop on Effects of Explosives Use in the Marine Environment*.

Suer, L. D.; and N. A. Vedros, 1988. *Erysipelothrix rhusiopathiae*. I. Isolation and characterization from pinnipeds and bite abrasion wounds in humans. *Dis. Aqu. Org.* 5, 1–5.

Sundee, S.; and Cleeve, V. 2011. Isolation of *Bisgaardia hudsonensis* from a seal bite. Case report and review of the literature on seal finger. *J. Infect.* 63, 86–88.

Sveegaard, S., Andreasen, H., Mouritsen, K.N., Jeppesen, J.P., Teilmann, J. and Kinze, C.C., 2012. Correlation between the seasonal distribution of harbour porpoises and their prey in the Sound, Baltic Sea. *Marine biology*, 159(5), pp.1029-1037.

Teilmann, J., Tougaard, J. & Carstensen, J. 2009: Baseline monitoring of harbour porpoises - Rødsand 2 Offshore Wind Farm. NERI Commissioned Report to E.ON Vind Sverige. Roskilde, Denmark.

Thompson, R.C.; Olsen, Y.; Mitchell, R.P.; Davis, A.; Rowland, S.J.; John, A.W.G.; McGonigle, D.; Russell, A.E. 2004. Lost at Sea: Where Is All the Plastic?. *Science* 304: 838.

Todd, V.L., Todd, I.B., Gardiner, J.C., Morrin, E.C., MacPherson, N.A., DiMarzio, N.A. and Thomsen, F., 2015. A review of impacts of marine dredging activities on marine mammals. *ICES Journal of Marine Science: Journal du Conseil*, 72(2), pp.328-340.

Tougaard, J., Carstensen, J., Teilmann, J., Bech, N. I., Skov, H., & Henriksen, O. D. (2005). Effects of the Nysted Offshore wind farm on harbour porpoises. *Annual Status Report for the T-POD Monitoring Program*.

Turnpenny, A. W., & Nedwell, J. R. (1994). *The Effects on Marine Fish, Diving Mammals and Birds of Underwater Sound Generated by Seismic Surveys: Consultancy Report*. Fawley Aquatic Research Laboratories.

Twiner, M.J.; Flewelling, L.J.; Fire, S.E.; Bowen-Stevens, S.R.; Gaydos, J.K.; Johnson, C.K.; Landsberg, J.H.; Leighfield, T.A.; Mase-Guthrie, B.; Schwacke, L.; Van Dolah, F.M.; Wang, Z., Rowles, T.K. 2012. Comparative analysis of three brevetoxin-associated bottlenose dolphin (*Tursiops truncatus*) mortality events in the Florida Panhandle region (USA). *PLoS ONE* 7, e42974.

Udoiyang, I., & Igboekwe, M. (2011). The Impacts of Seismic Activities on Marine Life and its Environment. *International Arch iver of Applied Sciences and Technology*, 2, 1-10.

UNEP. 2005. Marine Litter, an analytical overview. UNEP/Regional Seas and GPA.

UK Biodiversity Action Plan 2008 Priority Habitat Descriptions. BRIG (ed. Ant Maddock).

Vale, P. & Sampayo, M.A.M. (2001). Domoic acid in Portuguese shellfish and fish. *Toxicon* 39: 893–904.

Vale, P. 2011. Biotoxinas emergentes em águas europeias e novos riscos para a saúde pública. *Rev Port Saúde Pública*. 29(1): 77–87.

Vale, P.; Botelho M.J.; Rodrigues, S.M.; Gomes, S.S. & Sampayo, M.A.M. 2008. Two decades of marine biotoxin monitoring in bivalves from Portugal (1986–2006): A review of exposure assessment. *Harmful Algae* 7: 11-25.

Van Bressem, M.F.; Raga, J.A.; Di Guardo, G.; Jepson, P.D.; Duignan, P.J.; Siebert, U.; Barrett, T.; Santos, M.C.; Moreno, I.B.; Siciliano, S. and Aguilar, A., 2009. Emerging infectious diseases in cetaceans worldwide and the possible role of environmental stressors. *Dis Aquat Organ*, 86(2), pp.143-157.

Van Bressem, M.F.; Waerebeek, K.V.; Jepson, P.D.; Raga, J.A: and others 2001. An insight into the epidemiology of dolphin morbillivirus worldwide. *Vet Microbiol* 81:287–304.

Van Bressem, M.F.; Gaspar, R.; Aznar, F.J. 2003. Epidemiology of tattoo skin disease in bottlenose dolphins *Tursiops truncatus* from the Sado estuary, Portugal. *Diseases of Aquatic Organisms* 56: 171–179.

Vanermen, N., Onkelinx, T., Courtens, W., Verstraete, H. and Stienen, E.W., 2015a. Seabird avoidance and attraction at an offshore wind farm in the Belgian part of the North Sea. *Hydrobiologia*, 756(1), pp.51-61.

Vanermen, N., Onkelinx, T., Verschelde, P., Courtens, W., Verstraete, H. and Stienen, E.W., 2015b. Assessing seabird displacement at offshore wind farms: power ranges of a monitoring and data handling protocol. *Hydrobiologia*, 756(1), pp.155-167.

Velando, A., Munilla, I. 2011. Disturbance to a foraging seabird by sea-based tourism: Implications for reserve management in marine protected areas, *Biological Conservation*, 144 (3): 1167-1174.

Vingada J., A. Marçalo, M. Ferreira, C. Eira, A. Henriques, J. Miodonski, N. Oliveira, D. Marujo, A. Almeida, N. Barros, I. Oliveira, S. Monteiro, H. Araújo, J. Santos. 2012. Capítulo I: Interações entre as espécies/alvo e as pescas. Anexo ao relatório intercalar do projecto LIFE MarPro PT/NAT/00038.

Vingada, J., von Thenen, M., Henriques, A. Miodonski, J., Santos J., Araújo, H., Ferreira, M., Rosa, T., Oliveira, N., Landeck, P., & Eira, C. 2013. Abundance of Common Scoter *Melanitta nigra* along the Northern Coast of Mainland Portugal. Preliminary Report for LIFE+ MarPro LIFE09 NAT/PT/000038.

von Thenen, M. (2012). Spatial distribution, abundance and habitat use of Common Scoter *Melanitta nigra* along the Northern Coast of Mainland Portugal. Report related with the MarPro Internship. University of Professional Education in Agriculture, Food Technology, Environmental and Animal Sciences. 30 pp

Wells, R. S., Hofmann, S., & Moors, T. L. (1998). Entanglement and mortality of bottlenose dolphins *Tursiops truncatus*, in recreational fishing gear in Florida. *Fishery Bulletin*, 96, 647-650.

Wilkin, S.M.; Cordaro, J.; Gulland, F.M.; Wheeler, E.; Dunkin, R.; Sigler, T.; Casper, D.; Berman, M.; Flannery, M.; Fire, S. and Wang, Z. 2012. An unusual mortality event of harbor porpoises (*Phocoena*

phocoena) off central California: increase in blunt trauma rather than an epizootic. *Aquatic Mammals*, 38(3), p.301.

Winston, J.E. 1982. Drift Plastic – An Expanding Niche for a Marine Invertebrate?. *Marine Pollution Bulletin* 13: 348-351.

Wise L, Silva A, Ferreira M, Silva MA, Sequeira M. 2007. Interactions between small cetaceans and the purse-seine fishery in western Portuguese waters. *Scientia Marina* 71: 405–412.

Zhou, J.L., Salvador, S.M., Liu, Y.P. and Sequeira, M., 2001. Heavy metals in the tissues of common dolphins (*Delphinus delphis*) stranded on the Portuguese coast. *Science of the total environment*, 273(1), pp.61-76.

Žydelis, R., Small, C. and French, G., 2013. The incidental catch of seabirds in gillnet fisheries: A global review. *Biological Conservation*, 162, pp.76-88.

ANEXO

FICHAS NORMALIZADAS DE DADOS (Sítios Natura 2000)

NATURA 2000 - STANDARD DATA FORM pSIC Maceda - Praia da Vieira

For Special Protection Areas (SPA),
Proposed Sites for Community Importance (pSCI),
Sites of Community Importance (SCI) and
for Special Areas of Conservation (SAC)

SITE	PTCONXXX
SITENAME	Maceda/ Praia da Vieira

TABLE OF CONTENTS

1. SITE IDENTIFICATION
2. SITE LOCATION
3. ECOLOGICAL INFORMATION
4. SITE DESCRIPTION
5. SITE PROTECTION STATUS AND RELATION WITH CORINE BIOTOPES
6. IMPACTS AND ACTIVITIES IN AND AROUND THE SITE
7. MAP OF THE SITE

1. SITE IDENTIFICATION

1.1 Type	1.2 Site code
B	PTCONXXX

1.3 Site name

Maceda/ Praia da Vieira

1.4 First Compilation date	1.5 Update date
2016-01	

1.6 Respondent:

Name/Organisation:	Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P.
Address:	Avenida da República, n.º 16, 1050-191 Lisboa, Portugal
Email:	icnf@icnf.pt
Date site proposed as SCI:	XXXXXX
Date site confirmed as SCI:	No data
Date site designated as SAC:	No data
National legal reference of SAC designation:	No data

2. SITE LOCATION

2.1 Site-centre location [decimal degrees]:

Longitude	Latitude
9.01492	40.49288
2.2 Area [ha]:	2.3 Marine area [%]
502637.34	100.0

2.5 Administrative region code and name

NUTS level 2 code	Region Name
PTZZ	Extra-Regio

2.6 Biogeographical Region(s)

Marine Atlantic	(100.0 %)
-----------------	-----------

3. ECOLOGICAL INFORMATION**3.1 Habitat types present on the site and assessment for them**

Annex I Habitat types					Site assessment			
Code	PF	NP	Cover [ha]	Cave [number]	Data quality	A B C D	A B C	
						Representativity	Relative Surface	Conservation
								Global
1110			50487.3		G	B	A	B
1170			59593.9		G	B	C	B

- PF: for the habitat types that can have a non-priority as well as a priority form (6210, 7130, 9430) enter "X" in the column PF to indicate the priority form.
- NP: in case that a habitat type no longer exists in the site enter: x (optional)
- Cover: decimal values can be entered
- Caves: for habitat types 8310, 8330 (caves) enter the number of caves if estimated surface is not available.
- Data quality: G = 'Good' (e.g. based on surveys); M = 'Moderate' (e.g. based on partial data with some extrapolation); P = 'Poor' (e.g. rough estimation)

3.2 Species referred to in Article 4 of Directive 2009/147/EC and listed in Annex II of Directive 92/43/EEC and site evaluation for them

Species					Population in the site				Site assessment			
Group	Code	Scientific Name	S	NP	Type	Size		Unit	Cat.	Data quality	A B C D	A B C
						Min	Max		C R V P		Pop.	Cons.
												Isol.
												Glob.
F	1095	<i>Petromyzon marinus</i>			C			P	DD			
F	1102	<i>Alosa alosa</i>			C			P	DD			
F	1103	<i>Alosa fallax</i>			C			P	DD			
R	1224	<i>Caretta caretta</i>			P			P	DD			
M	1349	<i>Tursiops truncatus</i>			P	81	421	i	C	G	B	B
M	1351	<i>Phocoena phocoena</i>			P	149	635	i	C	G	A	A

- Group: A = Amphibians, B = Birds, F = Fish, I = Invertebrates, M = Mammals, P = Plants, R = Reptiles
- S: in case that the data on species are sensitive and therefore have to be blocked for any public access enter: yes
- NP: in case that a species is no longer present in the site enter: x (optional)
- Type: p = permanent, r = reproducing, c = concentration, w = wintering (for plant and non-migratory species use permanent)
- Unit: i = individuals, p = pairs or other units according to the Standard list of population units and codes in accordance with Article 12 and 17 reporting (see reference portal)
- Abundance categories (Cat.): C = common, R = rare, V = very rare, P = present - to fill if data are deficient (DD) or in addition to population size information
- Data quality: G = 'Good' (e.g. based on surveys); M = 'Moderate' (e.g. based on partial data with some extrapolation); P = 'Poor' (e.g. rough estimation); VP = 'Very poor' (use this category only, if not even a rough estimation of the population size can be made, in this case the fields for population size can remain empty, but the field "Abundance categories" has to be filled in)

3.3 Other important species of flora and fauna (optional)

Species					Population in the site				Motivation						
Group	CODE	Scientific Name	S	NP	Size		Unit	Cat.	Species Annex		Other categories				
					Min	Max		C R V P	IV	V	A	B	C	D	
M	2618	<i>Balaenoptera acutorostrata</i>			62	205	i	C	X						
M	2621	<i>Balaenoptera physalus</i>			15	169	i	C	X						
M	1350	<i>Delphinus delphis</i>			1937	6766	i	C	X						
R	1223	<i>Dermochelys coriacea</i>			0	0		P	X						
M	2029	<i>Globicephala melas</i>			0	0		R	X						
M	2034	<i>Stenella coeruleoalba</i>			526	4626	i	C	X						
M	2030	<i>Grampus griseus</i>						R	X						

- Group: A = Amphibians, B = Birds, F = Fish, Fu = Fungi, I = Invertebrates, L = Lichens, M = Mammals, P = Plants, R = Reptiles
- CODE: for Birds, Annex IV and V species the code as provided in the reference portal should be used in addition to the scientific name
- S: in case that the data on species are sensitive and therefore have to be blocked for any public access enter: yes
- NP: in case that a species is no longer present in the site enter: x (optional)

- Unit: i = individuals, p = pairs or other units according to the standard list of population units and codes in accordance with Article 12 and 17 reporting, (see reference portal)
- Cat.: Abundance categories: C = common, R = rare, V = very rare, P = present
- Motivation categories: IV, V: Annex Species (Habitats Directive), A: National Red List data; B: Endemics; C: International Conventions; D: other reasons

4. SITE DESCRIPTION

4.1 General site character

Habitat class	% Cover
N01	100.0
Total Habitat Cover	100

Other Site Characteristics

A totalidade do Sítio ocorre em meio marinho entre a zona de Maceda no seu limite Norte e a Praia da Vieira no limite Sul. A zona definida estende-se do litoral (exceto em frente à Foz do Rio Vouga (zona já abrangida pelo SIC Ria de Aveiro) até ao bordo da plataforma continental. Nesta área a plataforma continental é extensa e apresenta uma largura média superior a 50 km com o bordo da plataforma a definir-se por volta dos 160 m de profundidade.

A cobertura sedimentar é maioritariamente do tipo arenoso. O Habitat 1110 - Bancos de Areia ocorre em cerca de 10% da área total do Sítio e surge mais junto à costa. Uma mistura de sedimentos arenosos e lodosos é mais frequente nas áreas mais externas da plataforma até ao seu bordo e nas áreas mais intermédias do Sítio (especialmente em frente a Aveiro e a Sul da Figueira da Foz) ocorrem extensas áreas de sedimentos mistos do tipo areia lodo-cascalhenta.

Vários afloramentos rochosos ocorrem alinhados à costa, a partir da isóbata dos 70 m. A única exceção são os afloramentos rochosos que ocorrem entre a Praia de Quiaios e Buarcos e que estão associados à presença do cabo Mondego. Estes afloramentos enquadram-se na tipologia do Habitat 1170 - Recifes, com uma cobertura de 11% da área total do Sítio.

4.2 Quality and importance

O Sítio Maceda-Praia da Vieira corresponde a uma área com elevada produtividade devido a fenómenos de afloramento costeiro e à influência de dois rios com caudais significativos (Vouga e Mondego).

Neste Sítio ocorre uma significativa área de Bancos de Areia (Habitat 1110) representando cerca de 29% do total nacional já mapeado. Os Recifes (Habitat 1170) neste Sítio representam também aqui se encontram representados. Associados a estes habitats marinhos surgem comunidades de flora e fauna bastante diversificadas e abundantes. Em termos de cetáceos, cerca de 32% da população nacional de *Phocoena phocoena* ocorre neste Sítio, representando o principal núcleo reprodutor em Portugal. Este sítio faz parte de uma área identificada como Habitat Crítico para Cetáceos, onde ocorre uma elevada diversidade de espécies, algumas com abundância elevada (particularmente *Delphinus delphis*). Nos últimos 10 anos, foi verificado um incremento da abundância de *Tursiops truncatus*. As 3 espécies de peixe migradoras anádromas presentes no Sítio apresentam concentrações importantes no período pré-reprodutor que antecede os caudais de chamada dos Rios Vouga e Mondego. Em termos de répteis marinhos, o Sítio faz parte do corredor de passagem de duas espécies (*Caretta caretta* e *Dermochelys coriacea*) que ocorrem de forma contínua, embora ocasional, ao longo da costa de Portugal Continental.

4.3 Threats, pressures and activities with impacts on the site

The most important impacts and activities with high effect on the site

Rank	Threats and pressures [code]	Negative Impacts	
		Pollution (optional) [code]	inside/outside [i o b]
H	F02.03		b
H	F05.07		b
H	F06*(Beach-seining (xávega)		i
M	CO2		b
M	C03.03		i

Rank	Threats and pressures [code]	Negative Impacts	
		Pollution (optional) [code]	inside/outside [i o b]
L	C03.04		i
L	D03.01.03*		i
L	D03.01.04		i
M	E03.01		i
M	E03.02		i
M	E03.04.01		b
M	F02.02.04		b
L	F05.01		i
L	G01.01.02		i
L	H03.01		o
M	H03.02.01		b
M	H03.02.02		b
L	H03.03		b
L	H06.01.02		i
M	H06.05		i
M	H07		b
M	J02.02.02		i
M	J02.11.01		i
L	J02.12.01		i
M	K03.03		b

- Rank: H = high, M = medium, L = low
- Pollution: N = Nitrogen input, P = Phosphor/Phosphate input, A = Acid input/acidification,
- T = toxic inorganic chemicals, O = toxic organic chemicals, X = Mixed pollutions
- i = inside, o = outside, b = both

4.5 Documentation

- Cabral, M.J., J. Almeida, P.R. Almeida, T. Dellinger, N. Ferrand de Almeida, M.E. Oliveira, J. Palmeirim, A.I. Queiroz, L. Rogado & M. Santos-Reis 2006. Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza, Lisbon.
- Nicolau, L., M. Ferreira, J. Santos, H. Araújo, M. Sequeira, J. Vingada, C. Eira & A. Marçalo. 2016. Sea turtle strandings along the Portuguese mainland coast: spatio-temporal occurrence and main threats. *Marine Biology*, DOI: 10.1007/s00227-015-2783-9
- Monteiro S., J. Torres, M. Ferreira, A. Marçalo, L. Nicolau, J. Vingada & C. Eira. 2016. Ecological variables influencing trace element concentrations in bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*, Montagu 1821) stranded in continental Portugal. *Science of the Total Environment* 544: 837-844.
- Ferreira, M., Monteiro, S., Torres, J., Oliveira, I., Sequeira, M., López, A., Vingada J., Eira, C. accepted. Biological variables and health status affecting inorganic element concentrations in Harbour porpoises (*Phocoena phocoena*) from Portugal (Western Iberian Peninsula). *Environmental Pollution*.
- Marçalo, A., I. Katara, D., Feijó, H., Araújo, I., Oliveira, J., Santos, M., Ferreira, S., Monteiro, G., Pierce, A. Silva & J. Vingada. 2015. Quantification of interactions between the Portuguese sardine purse-seine fishery and cetaceans. *ICES Journal of Marine Science* 72(8): 2438-2449r
- Santos, J., H. Araújo, M. Ferreira, A. Henriques, J. Miodonski, S. Monteiro, I. Oliveira, P. Rodrigues, G. Duro, F. Oliveira, N. Pinto, M. Sequeira, C. Eira & J. Vingada. 2012. Chapter I: Baseline estimates of abundance and distribution of target species. Annex to the Midterm Report of project LIFE MarPro NAT/PT/00038.
- Araújo, H., J. Santos, P. Rodrigues, J. Vingada, C. Eira, A. Rainho, T. Leonardo, M. Sequeira. 2014. Proposta técnica de designação de novos Sítios de Interesse Comunitário (SCI) para a conservação de cetáceos em Portugal Continental, para inclusão na Lista Nacional de Sítios. Annex to the Progress Report of project LIFE MarPro NAT/PT/00038
- Vingada J., A. Marçalo, M. Ferreira, C. Eira, A. Henriques, J. Miodonski, N. Oliveira, D. Marujo, A. Almeida, N. Barros, I. Oliveira, S. Monteiro, H. Araújo, J. Santos. 2012. Capítulo I: Interações entre as espécies-alvo e as pescas. Anexo ao relatório intercalar do projecto LIFE MarPro NAT/PT/00038.
- Méndez-Fernandez, P., Bustamante, P., Bode, A., Chouvelon, T., Ferreira, M., López, A., Pierce, G.J., Santos, M.B., Spitz, J., Vingada, J.V., Caurant, F., 2012. Foraging ecology of five toothed whale species in the Northwest Iberian Peninsula, inferred using carbon and nitrogen isotope ratios. *Journal of Experimental Marine Biology and Ecology* 413, 150–158.
- Méndez-Fernandez, P., Chouvelon, T., Bustamante, P., Ferreira, M., González, A.F., López, A., Moffat, C.F., Pierce, G.J., Read, F.L., Russell, M., Santos, M.B., Spitz, J., Vingada, J.V., Caurant, F., 2014. An assessment of contaminant concentrations in toothed whale species of the NW Iberian Peninsula: Part II. Trace element concentrations. *Science of the Total Environment* 484, 206–217.

5. SITE PROTECTION STATUS (optional)**5.1 and 5.2 Designation types at national and regional level:****5.3 Site designation**

32% do sítio é abrangido pela Zona de Protecção Especial PTZPE0060 Aveiro/ Nazaré

Code	Cover [%]	Code	Cover [%]	Code	Cover [%]
PT00	100.0				

6. SITE MANAGEMENT**6.1 Body(ies) responsible for the site management:**

Organisation:	Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P. (ICNF, I.P.)
Address:	Avenida da República, 16, 1050-191 LISBOA
Email:	icnf@icnf.pt

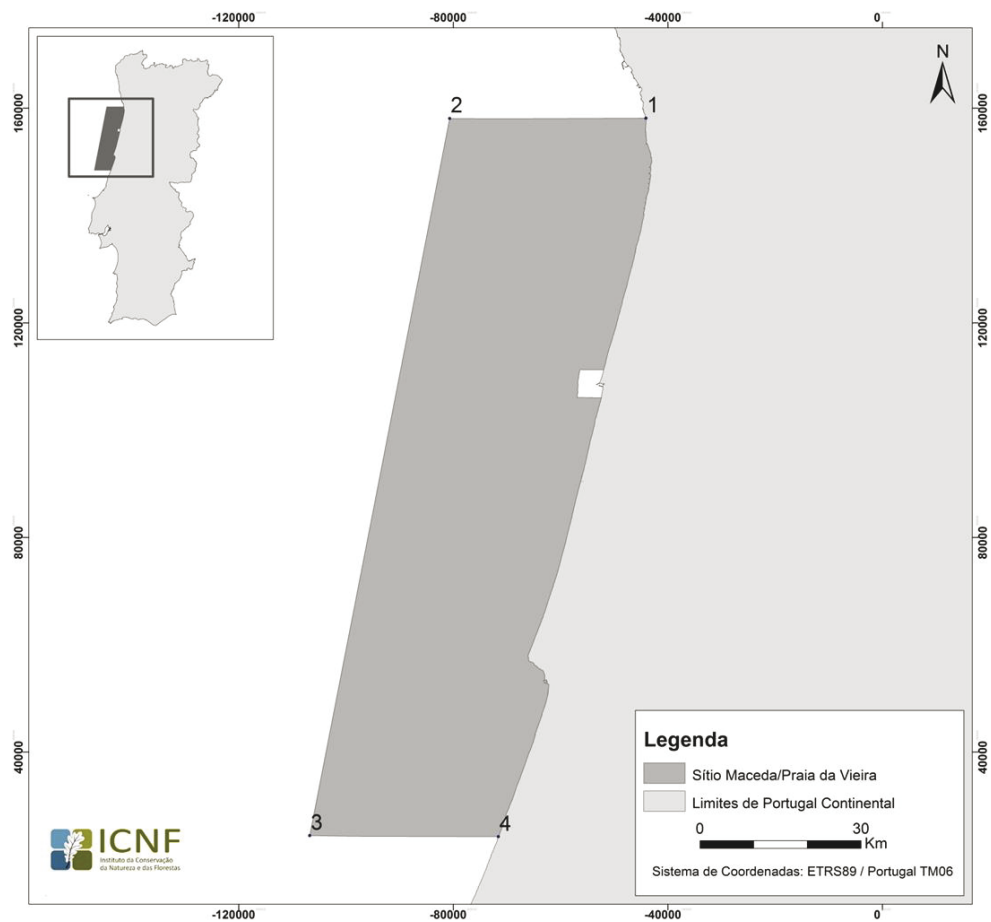
6.2 Management Plan(s):

An actual management plan does exist:

☐	Yes
☐	No, but in preparation
☒	No

7. MAP OF THE SITES

INSPIRE ID:	
Map delivered as PDF in electronic format (optional)	
☐ Yes ☒ No	
Reference(s) to the original map used for the digitalisation of the electronic boundaries (optional).	



NATURA 2000 - STANDARD DATA FORM pSIC Costa Sudoeste

For Special Protection Areas (SPA),
Proposed Sites for Community Importance (pSCI),
Sites of Community Importance (SCI) and
for Special Areas of Conservation (SAC)

SITE	PTCON0012
SITENAME	Costa Sudoeste

TABLE OF CONTENTS

1. SITE IDENTIFICATION
2. SITE LOCATION
3. ECOLOGICAL INFORMATION
4. SITE DESCRIPTION
5. SITE PROTECTION STATUS AND RELATION WITH CORINE BIOTOPES
6. IMPACTS AND ACTIVITIES IN AND AROUND THE SITE
7. MAP OF THE SITE

1. SITE IDENTIFICATION

1.1 Type	1.2 Site code
B	PTCON0012

1.3 Site name

Costa Sudoeste	
1.4 First Compilation date	1.5 Update date
1997-06	2016-01

1.6 Respondent:

Name/Organisation:	Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P.
Address:	Avenida da República, 16 a 16B – 1050-191 Lisboa
Email:	icnf@icnf.pt
Date site proposed as SCI:	1997-06
Date site confirmed as SCI:	2008-03
Date site designated as SAC:	No data
National legal reference of SAC designation:	No data

2. SITE LOCATION

2.1 Site-centre location [decimal degrees]:

Longitude	Latitude
-8.87035	37.22007
2.2 Area [ha]:	2.3 Marine area [%]
263395.28	62
2.4 Sitelength [km]:	
0.0	

2.5 Administrative region code and name

NUTS level 2 code	Region Name
PTZZ	Extra-Regio
PT15	Algarve
PT18	Alentejo

2.6 Biogeographical Region(s)

Marine Atlantic	(62 %)		Mediterranean	(38 %)
-----------------	--------	--	---------------	--------

3. ECOLOGICAL INFORMATION**3.1 Habitat types present on the site and assessment for them**

Annex I Habitat types						Site assessment			
Code	PF	NP	Cover [ha]	Cave [number]	Data quality	A B C D	A B C		
						Representativity	Relative Surface	Conservation	Global
1110			11829		G	A	B	B	A
1130						A	C	B	A
1140						B	B	B	B
1150						A	C	B	B
1170			25170		G	A	C	B	B
1240						B	A	B	B
1310						B		C	B
1320						A		C	A
1410						B		B	B
1420						B		B	B
1430						A		B	A
1510							C		
2110						B		B	A
2120						C		C	C
2130						B		B	B
2150						A		B	A
2190						B		C	B
2230						C		B	B
2250						B		B	B
2260						B		C	B
2270						B		B	B
2330									
3110						A		C	A
3120						B		C	B
3140						A	C	C	A
3170						B		B	B
3260						B		C	C
3290									
4020						A		C	A
4030						B		B	B
5140						B	A	B	B
5210						B		B	B
5330						A		B	A
5410						A	A	B	A
6210						B		B	B
6220						B		B	B
6310						B		B	B
6420						B		B	B
6430						A		C	A
8210									
8220						B		B	B
8310									
8330			9		M	A	B	C	A
91E0						B		B	B
9240						A		C	A
92A0						C		C	B
9330						B		B	B

- PF: for the habitat types that can have a non-priority as well as a priority form (6210, 7130, 9430) enter "X" in the column PF to indicate the priority form.
- NP: in case that a habitat type no longer exists in the site enter: x (optional)
- Cover: decimal values can be entered

- Caves: for habitat types 8310, 8330 (caves) enter the number of caves if estimated surface is not available.
- Data quality: G = 'Good' (e.g. based on surveys); M = 'Moderate' (e.g. based on partial data with some extrapolation); P = 'Poor' (e.g. rough estimation)

3.2 Species referred to in Article 4 of Directive 2009/147/EC and listed in Annex II of Directive 92/43/EEC and site evaluation for them

Species					Population in the site						Site assessment			
Group	Code	Scientific Name	S	NP	Type	Size		Unit	Cat.	Data quality	A B C D		A B C	
						Min	Max				Pop.	Cons.	Isol.	Glob.
B	A619	<i>Accipiter gentilis gentilis</i>			c	20	50	i		G	B		C	
B	A086	<i>Accipiter nisus</i>			c	70	200	i		G	B	B	C	B
B	A229	<i>Alcedo atthis</i>			p				P	DD	D			
F	1103	<i>Alosa fallax</i>			r				P	DD	C	C	C	C
B	A255	<i>Anthus campestris</i>			r				P	DD	D			
B	A257	<i>Anthus pratensis</i>			w				P	DD	D			
P	1614	<i>Apium repens</i>			p				V	DD	A	C	A	A
B	A228	<i>Apus melba</i>			r				P	DD	B	B	C	B
B	A029	<i>Ardea purpurea</i>			r	2	3	p		G	C		C	
B	A169	<i>Arenaria interpres</i>			w				P	DD	D			
P	1644	<i>Armeria rouyana</i>			p				R	DD	B	B	B	B
P	1886	<i>Avenula hackelii</i>			p				R	DD	A	B	A	A
M	1308	<i>Barbastella barbastellus</i>			p				P	DD				
P	1505	<i>Biscutella vinctina</i>			p				C	DD	A	A	A	A
B	A133	<i>Burhinus oedicnemus</i>			p				P	DD	D			
B	A243	<i>Calandrella brachydactyla</i>			r				P	DD	D			
B	A225	<i>Caprimulgus ruficollis</i>			c				P	DD	D			
B	A225	<i>Caprimulgus ruficollis</i>			r				P	DD	D			
R	1224	<i>Caretta caretta</i>			p				P	DD				
P	1785	<i>Centaurea vinctina</i>			p				R	DD	A	B	C	A
I	1088	<i>Cerambyx cerdo</i>			p				P	DD				
P	1721	<i>Chaenorhinum serpyllifolium ssp. lusitanicum</i>			p				R	DD	A	B	A	A
B	A138	<i>Charadrius alexandrinus</i>			r				R	DD	C	C	C	C
B	A138	<i>Charadrius alexandrinus</i>			w				R	DD	C	C	C	C
F	1128	<i>Chondrostoma lusitanicum</i>			p				C	DD	A	B	C	A
B	A031	<i>Ciconia ciconia</i>			p	160	165	p		G	C	B	C	B
B	A031	<i>Ciconia ciconia</i>			c	35	61	i		G	C		C	
B	A030	<i>Ciconia nigra</i>			c	57	62	i		G	A		C	
B	A080	<i>Circaetus gallicus</i>			c	187	285	i		G	A		C	
B	A080	<i>Circaetus gallicus</i>			r				P	DD	D			
B	A081	<i>Circus aeruginosus</i>			c	19	27	i		G	B		C	
B	A082	<i>Circus cyaneus</i>			c	29	32	i		G	A		C	
B	A084	<i>Circus pygargus</i>			c	16	21	i		G	B		C	
B	A084	<i>Circus pygargus</i>			r				P	DD	D			
P	1592	<i>Cistus palhinhae</i>			p				C	DD	A	A	A	A
F	5302	<i>Cobitis paludica</i>			p				P	DD	C	B	C	B
I	1044	<i>Coenagrion mercuriale</i>			p				P	DD				
B	A113	<i>Coturnix coturnix</i>			c				P	DD	D			
B	A113	<i>Coturnix coturnix</i>			r				P	DD	D			

Species					Population in the site						Site assessment			
Group	Code	Scientific Name	S	NP	Type	Size		Unit	Cat.	Data quality	A B C D	A B C		
						Min	Max				Pop.	Cons.	Isol.	Glob.
P	1497	<i>Diplotaxis vicentina</i>			p				R	DD	A	A	A	A
A	1194	<i>Discoglossus galganoi</i>			p				P	DD	D			
B	A026	<i>Egretta garzetta</i>			r	41	50	p		G	B		C	
B	A026	<i>Egretta garzetta</i>			w				P	DD	D			
R	1220	<i>Emys orbicularis</i>			p				R	DD	B	A	C	A
P	1573	<i>Euphorbia transtagana</i>			p				R	DD	A	B	B	B
I	1065	<i>Euphydryas aurinia</i>			p				P	DD				
B	A103	<i>Falco peregrinus</i>			c	7	11	i		G	B		C	
B	A103	<i>Falco peregrinus</i>			p	5	6	p		M	B	B	C	B
B	A096	<i>Falco tinnunculus</i>			c	37	75	i		G	B		C	
B	A245	<i>Galerida theklae</i>			p				P	DD	D			
I	1046	<i>Gomphus graslinii</i>			p				P	DD				
B	A078	<i>Gyps fulvus</i>			c	200	600	i		M	B	B	C	B
P	1448	<i>Herniaria algarvica</i>			p				R	DD	A	B	A	A
P	1462	<i>Herniaria maritima</i>			p				C	DD	A	A	B	A
B	A093	<i>Hieraetus fasciatus</i>			r	1	2	p		M	C		C	
B	A093	<i>Hieraetus fasciatus</i>			c	19	34	i		G	A		C	
B	A092	<i>Hieraetus pennatus</i>			c	300	800	i		G	B	B	C	B
B	A300	<i>Hippolais polyglotta</i>			c				P	DD	D			
B	A300	<i>Hippolais polyglotta</i>			r				P	DD	D			
P	6219	<i>Hyacinthoides mauritanica</i> ssp. <i>vincentina</i>			p				R	DD	A	B	A	A
B	A014	<i>Hydrobates pelagicus</i>			c				C	DD	B	B	C	B
F	5295	<i>Iberochondrostom a almacai</i>			p				C	DD	B	B	C	B
P	1487	<i>Jonopsidium acaule</i>			p				C	DD	A	A	B	A
R	1259	<i>Lacerta schreiberi</i>			p				V	DD	C	C	A	B
B	A341	<i>Lanius senator</i>			r				P	DD	D			
B	A183	<i>Larus fuscus</i>			w				P	DD	D			
B	A176	<i>Larus melanocephalus</i>			w				C	DD	A	B	C	B
P	1639	<i>Limonium lanceolatum</i>			p				R	DD	A	B	C	A
P	1726	<i>Linaria algarviana</i>			p				R	DD	A	B	B	A
P	1719	<i>Linaria ficalhoana</i>			p				C	DD	A	A	B	A
B	A246	<i>Lullula arborea</i>			p				P	DD	D			
M	1355	<i>Lutra lutra</i>			p		250	i		M	C	A	C	A
M	1362	<i>Lynx pardinus</i>		X	p				R		B	B	A	B
R	1221	<i>Mauremys leprosa</i>			p				C	DD	C	A	C	A
M	1338	<i>Microtus cabrerai</i>			p				R	DD	B	B	C	B
B	A073	<i>Milvus migrans</i>			c	270	322	i		G	B			
B	A073	<i>Milvus migrans</i>			r				P	DD	D			
B	A074	<i>Milvus milvus</i>			c	4	70	i		G	B			
M	1310	<i>Miniopterus schreibersii</i>			r	1001	10000	i		M	A	B	C	A

Species					Population in the site						Site assessment				
Group	Code	Scientific Name	S	NP	Type	Size		Unit	Cat.	Data quality	A	B	C	D	
						Min	Max				Pop.	Cons.	Isol.	Glob.	
M	1310	<i>Miniopterus schreibersii</i>			w	5	100	i		M	C		B	C	B
B	A319	<i>Muscicapa striata</i>			c				P	DD	D				
P	1669	<i>Myosotis lusitanica</i>			p				P	DD	C			B	
P	1673	<i>Myosotis retusifolia</i>			p				R	DD	A		B	B	A
M	1307	<i>Myotis blythii</i>			p	51	100	i		M	C		B	C	B
M	1324	<i>Myotis myotis</i>			p				R	DD	C		B	C	C
P	1863	<i>Narcissus calcicola</i>			p				C	DD	C		A	A	A
B	A077	<i>Neophron percnopterus</i>			c	65	100	i		G	A				
B	A278	<i>Oenanthe hispanica</i>			r				P	DD	D				
B	A278	<i>Oenanthe hispanica</i>			c				P	DD	D				
B	A277	<i>Oenanthe oenanthe</i>			c				P	DD	D				
P	1549	<i>Ononis hackelii</i>			p				R	DD	A		A	A	A
I	1041	<i>Oxygastra curtisii</i>			p				P	DD					
B	A094	<i>Pandion haliaetus</i>			p	1	3	i		M	B		B	C	B
B	A072	<i>Pernis apivorus</i>			c	93	149	i		G	A				
B	A018	<i>Phalacrocorax aristotelis</i>			p	13	22	p		M	B			C	
M	1351	<i>Phocoena phocoena</i>			p	54	231	i		G	B		B	A	A
B	A316	<i>Phylloscopus trochilus</i>			c				P	DD	D				
P	1743	<i>Plantago almogravensis</i>			p	3000	10000	i		G	A		C	A	A
B	A140	<i>Pluvialis apricaria</i>			w	300	500	i		M	C		B	C	B
B	A267	<i>Prunella collaris</i>			w				P	DD	B		B	C	B
B	A346	<i>Pyrrhocorax pyrrhocorax</i>			p	12	20	p		G	B		C	C	C
M	1304	<i>Rhinolophus ferrumequinum</i>			p				P	DD					
M	1303	<i>Rhinolophus hipposideros</i>			p	251	500	i		M	B		B	C	B
M	1302	<i>Rhinolophus mehelyi</i>			p				P	DD	D				
P	1434	<i>Salix salvifolia ssp. australis</i>			p				C	DD	B		B	B	A
P	1452	<i>Silene rothmaleri</i>			p	1000	5000	i		M	A		A	A	A
B	A193	<i>Sterna hirundo</i>			c				P	DD	D				
B	A191	<i>Sterna sandvicensis</i>			w				P	DD	D				
B	A210	<i>Streptopelia turtur</i>			c				P	DD	D				
B	A310	<i>Sylvia borin</i>			c				P	DD	D				
B	A304	<i>Sylvia cantillans</i>			r				P	DD	D				
B	A309	<i>Sylvia communis</i>			c				P	DD	D				
B	A303	<i>Sylvia conspicillata</i>			r				P	DD	D				
B	A302	<i>Sylvia undata</i>			p				P	DD	D				
B	A128	<i>Tetrax tetrax</i>			p				R	DD	D				
P	1618	<i>Thorella verticillatunundata</i>			p				R	M	B		B	A	B
P	1695	<i>Thymus camphoratus</i>			p	10000		i		P	A		A	C	A
P	1681	<i>Thymus carnosus</i>			p				R	DD	C		B	B	C
B	A285	<i>Turdus philomelos</i>			w				P	DD	D				

Species					Population in the site						Site assessment			
Group	Code	Scientific Name	S	NP	Type	Size		Unit	Cat.	Data quality	A B C D	A B C		
						Min	Max				Pop.	Cons.	Isol.	Glob.
B	A282	<i>Turdus torquatus</i>			w	1	10	i		M	D			
M	1349	<i>Tursiops truncatus</i>			p	37	165	i		G	C	B	C	B
I	5382	<i>Unio tumidiformis</i>			p				R	DD	C	C	A	C
B	A142	<i>Vanellus vanellus</i>			w				P	DD	D			
P	1731	<i>Verbascum litigiosum</i>			p				R	DD	A	B	A	A

- Group: A = Amphibians, B = Birds, F = Fish, I = Invertebrates, M = Mammals, P = Plants, R = Reptiles
- S: in case that the data on species are sensitive and therefore have to be blocked for any public access enter: yes
- NP: in case that a species is no longer present in the site enter: x (optional)
- Type: p = permanent, t = reproducing, c = concentration, w = wintering (for plant and non-migratory species use permanent)
- Unit: i = individuals, p = pairs or other units according to the Standard list of population units and codes in accordance with Article 12 and 17 reporting (see reference portal)
- Abundance categories (Cat.): C = common, R = rare, V = very rare, P = present - to fill if data are deficient (DD) or in addition to population size information
- Data quality: G = 'Good' (e.g. based on surveys); M = 'Moderate' (e.g. based on partial data with some extrapolation); P = 'Poor' (e.g. rough estimation); VP = 'Very poor' (use this category only, if not even a rough estimation of the population size can be made, in this case the fields for population size can remain empty, but the field "Abundance categories" has to be filled in)

3.3 Other important species of flora and fauna (optional)

Species					Population in the site				Motivation						
Group	CODE	Scientific Name	S	NP	Size		Unit	Cat.	Species Annex		Other categories				
					Min	Max		C R V P	IV	V	A	B	C	D	
P		Allium chamaemolly			0	0		P						X	
P		Allium ericetorum			0	0		R						X	
P		Allium pruinaum			0	0		P						X	
P		Allium subvillosum			0	0		P						X	
A	1192	Alytes cisternasii			0	0		C	X				X		
P		Anchusa calcarea			0	0		P						X	
P		Anchusa granatensis			0	0		R						X	
F	3019	Anguilla anguilla			0	0		P			X				
P		Antirrhinum cirrhigerum			0	0		P						X	
P		Arenaria algarbiensis			0	0		R						X	
P		Aristolochia baetica			0	0		R						X	
P		Armeria macrophylla			0	0		V						X	
P		Armeria pinifolia			0	0		P				X			
P	1762	Arnica montana			11	100	i			X			X	X	
P		Astragalus tragacantha			0	0		R				X			
P		Avellara fistulosa			0	0		R						X	
M	2618	Balaenoptera acutorostrata			23	75	l	C	x						
M	2621	Balaenoptera physalus			5	62	l	C	x						
P	1838	Bellevia hackelii			0	0		R	X			X			
P		Calendula suffruticosa ssp. tomentosa			0	0		R						X	
P		Centaurea crocata			0	0		P				X		X	
P		Centaurea exarata			0	0		R						X	
P		Centaurea prolongoi			0	0		P						X	
R	1272	Chalcides bedriagai			0	0		P	X				X		
R	5597	Chamaeleo chamaeleon chamaeleon			0	0		V	X				X		
P	5204	Cladonia ciliata			0	0		P		X					
P	5205	Cladonia mediterranea			0	0		P		X				X	
P		Cochlearia danica			0	0		R						X	
R	1288	Coluber hippocrepis			0	0		P	X				X		
P		Conopodium thalictrifolium						P				X			
P		Conopodium thalictrifolium			0	0		P						X	

Species					Population in the site				Motivation						
Group	CODE	Scientific Name	S	NP	Size		Unit	Cat.	Species Annex		Other categories				
					Min	Max		C R V P	IV	V	A	B	C	D	
P		<i>Cynara algarbiensis</i>			0	0		P						X	
P		<i>Cytinus ruber</i>			0	0		R						X	
M	1350	<i>Delphinus delphis</i>			707	2468	i	C	x						
R	1223	<i>Dermochelys coriacea</i>						P	X						
P	1797	<i>Doronicum plantagineum ssp. tournefortii</i>			10	100	i			X		X		X	
P		<i>Drosophyllum lusitanicum</i>			0	0		P						X	
P		<i>Echium parviflorum</i>			0	0		V						X	
P		<i>Ephedra fragilis ssp. fragilis</i>			0	0		R						X	
A	6284	<i>Epidalea calamita</i>			0	0		P	X				X		
M	1327	<i>Eptesicus serotinus</i>			0	0		P	X				X		
P		<i>Erica erigena</i>			0	0		P						X	
P		<i>Erodium laciniatum</i>			0	0		R						X	
P		<i>Eryngium corniculatum</i>			0	0		P						X	
P		<i>Euphorbia clementei</i>			0	0		R						X	
P		<i>Euphorbia paniculata subsp. monchiquensis</i>			0	0		R				X			
P		<i>Euphorbia uliginosa</i>			0	0		R						X	
M	1363	<i>Felis silvestris</i>			0	0		R	X		X		X	X	
P		<i>Frankenia boissieri</i>			0	0		P						X	
M	1360	<i>Genetta genetta</i>			0	0		C		X				X	
P		<i>Genista hirsuta ssp. algarbiensis</i>			0	0		P						X	
M	2029	<i>Globicephala melas</i>						R	x						
M	2030	<i>Grampus griseus</i>						R	x						
P		<i>Hainardia cylindrica</i>			0	0		R						X	
P		<i>Helianthemum marifolium subsp. origanifolium</i>			0	0		R						X	
P		<i>Helichrysum decumbens</i>			0	0		R						X	
R	2382	<i>Hemidactylus turcicus</i>			0	0		P			X		X		
M	1359	<i>Herpestes ichneumon</i>			0	0		P		X	X			X	
A	1203	<i>Hyla arborea</i>			0	0		P	X				X		
A	1205	<i>Hyla meridionalis</i>			0	0		C	X				X		
P		<i>Hypocoum procumbens</i>			0	0		R						X	
M	5365	<i>Hypsugo savii</i>			0	0		P	X				X		
P		<i>Iberis pectinata</i>			0	0		V						X	
P		<i>Juncus emmanuelis</i>			0	0		P						X	
P		<i>Juniperus navicularis</i>			0	0		P				X			
R	2004	<i>Lacerta lepida</i>			0	0		P					X		
P		<i>Lavatera mauritanica ssp. davaei</i>			0	0		R						X	
P		<i>Leptobarbula berica</i>			0	0		P			X				
P		<i>Limonium daveaui</i>			0	0		P				X			
P		<i>Limonium diffusum</i>			0	0		R						X	
P		<i>Linaria polygalifolia subsp. lamarckii</i>			0	0		R						X	
A	5701	<i>Lissotriton boscai</i>			0	0		P					X		
P		<i>Littorella uniflora</i>			0	0		V						X	
P		<i>Loeflingia baetica</i>			0	0		R						X	
F	5286	<i>Luciobarbus sclateri</i>			0	0		P		X	X		X		
P		<i>Lycium intricatum</i>			0	0		P						X	
R	2465	<i>Macroprotodon cucullatus</i>			0	0		P					X		

Group	CODE	Species			Population in the site				Motivation						
		Scientific Name	S	NP	Size		Unit	Cat.	Species Annex		Other categories				
					Min	Max			IV	V	A	B	C	D	
P	1489	<i>Malcolmia lacera ssp. gracilima</i>			0	0		R		X		X		X	
P		<i>Mesembryanthemum nodiflorum</i>			0	0		P						X	
M	1358	<i>Mustela putorius</i>			0	0		C		X					
M	1314	<i>Myotis daubentonii</i>			0	0		P	X				X		
M	1322	<i>Myotis nattereri</i>			0	0		P	X				X		
P	1864	<i>Narcissus bulbocodium</i>			0	0		P		X				X	
P		<i>Narcissus gaditanus</i>			0	0		R						X	
P		<i>Narcissus jonquilla</i>			0	0		R						X	
M	1328	<i>Nyctalus lasiopterus</i>			0	0		P	X				X		
M	1331	<i>Nyctalus leisleri</i>			0	0		P	X				X		
P		<i>Patellifolia patellaris</i>			0	0		R						X	
A	1198	<i>Pelobates cultripes</i>			0	0		P	X				X		
P		<i>Picris spinifera subsp. algarbiensis</i>			0	0		R				X			
P		<i>Pilularia minuta</i>			0	0		V						X	
M	2016	<i>Pipistrellus kuhlii</i>			0	0		P	X				X		
M	1309	<i>Pipistrellus pipistrellus</i>			0	0		P	X				X		
M	5009	<i>Pipistrellus pygmaeus</i>			0	0		P	X				X		
M	1326	<i>Plecotus auritus</i>			0	0		P	X				X		
M	1329	<i>Plecotus austriacus</i>			0	0		P	X				X		
R	2428	<i>Podarcis hispanica</i>			0	0		P					X		
I		<i>Potomida littoralis</i>			0	0		C						X	
P		<i>Pseudorhynchostegiella duriae</i>			0	0		P			X				
P		<i>Pseudorhynchostegiella pumila</i>			0	0		P						X	
A	1211	<i>Rana perezi</i>			0	0		P		X			X		
P		<i>Romulea ramiflora ssp. gaditana</i>			0	0		P						X	
P		<i>Rumex roseus</i>			0	0		R						X	
P	1849	<i>Ruscus aculeatus</i>			0	0		P		X					
P	1848	<i>Scilla odorata</i>			0	0		R	X			X	X	X	
P		<i>Scilla peruviana</i>			0	0		P						X	
P		<i>Scorzonera hispanica var. asphodeloides</i>			0	0		P						X	
P	1735	<i>Scrophularia sublyrata</i>			0	0		R		X				X	
P		<i>Senecio lopezii</i>			0	0		R						X	
P		<i>Serratula baetica ssp. lusitanica</i>			0	0		P				X			
P		<i>Serratula baetica subsp. lusitanica</i>			0	0		P				X			
P		<i>Serratula flavescens ssp. leucantha</i>			0	0		R						X	
P		<i>Serratula tinctoria</i>			0	0		R						X	
P		<i>Spergularia heldreichii</i>			0	0		R						X	
P		<i>Spergularia rupicola</i>			0	0		R						X	
P	1900	<i>Spiranthes aestivalis</i>			0	0		R	X				X	X	
F	5942	<i>Squalius aradensis</i>			0	0		P			X	X	X		
F	5947	<i>Squalius torgalensis</i>			0	0		P			X	X	X		
P		<i>Stauracanthus spectabilis</i>			0	0		P						X	
M	2034	<i>Stenella coeruleoalba</i>			192	1688	i	C	x						
P		<i>Stipa tenacissima</i>			0	0		P						X	
M	1333	<i>Tadarida teniotis</i>			0	0		P	X				X		
P		<i>Teucrium haenseleri</i>			0	0		R						X	
P		<i>Teucrium vicentinum</i>			0	0		P				X			
P	1696	<i>Thymus capitellatus</i>			0	0		R	X			X		X	

Species					Population in the site				Motivation						
Group	CODE	Scientific Name	S	NP	Size		Unit	Cat.	Species Annex		Other categories				
					Min	Max		C R V P	IV	V	A	B	C	D	
P	1698	<i>Thymus villosus</i> ssp. <i>villosus</i>			0	0		P	X			X			
P		<i>Trisetaria dufourei</i>			0	0		R						X	
A	1174	<i>Triturus marmoratus</i>			0	0		P	X				X		
P		<i>Ulex argenteus</i> ssp. <i>argenteus</i>			0	0		P				X			
P		<i>Ulex australis</i> subsp. <i>welwitschianus</i>			0	0		P				X			
P		<i>Ulex erinaceus</i>			0	0		R				X		X	
P		<i>Viola arborescens</i>			0	0		R						X	
R	5904	<i>Vipera latastei</i>			0	0		V			X		X		
M	2035	<i>Ziphius cavirostris</i>						R	x						

- Group: A = Amphibians, B = Birds, F = Fish, Fu = Fungi, I = Invertebrates, L = Lichens, M = Mammals, P = Plants, R = Reptiles
- CODE: for Birds, Annex IV and V species the code as provided in the reference portal should be used in addition to the scientific name
- S: in case that the data on species are sensitive and therefore have to be blocked for any public access enter: yes
- NP: in case that a species is no longer present in the site enter: x (optional)
- Unit: i = individuals, p = pairs or other units according to the standard list of population units and codes in accordance with Article 12 and 17 reporting, (see reference portal)
- Cat.: Abundance categories: C = common, R = rare, V = very rare, P = present
- Motivation categories: IV, V: Annex Species (Habitats Directive), A: National Red List data; B: Endemics; C: International Conventions; D: other reasons

4. SITE DESCRIPTION

4.1 General site character

Habitat class	% Cover
N04 Coastal sand dunes, Sand beaches, Machair	6
N12 Extensive cereal cultures (including Rotation cultures with regular fallowing)	4
N18 Evergreen woodland	4
N17 Coniferous woodland	2
N08 Heath, Scrub, Maquis and Garrigue, Phygrana	12
Habitat class	% Cover
N03 Salt marshes, Salt pastures, Salt steppes	1
N01 Marine areas, Sea inlets	62.0
N05 Shingle, Sea cliffs, Islets	6
N02 Tidal rivers, Estuaries, Mud flats, Sand flats, Lagoons (including saltwork basins)	3
Total Habitat Cover	100

Other Site Characteristics

Área marinha e litoral de extraordinária qualidade paisagística e ecológica, com grande importância em termos de conservação. A componente marinha é muito diversificada com um predomínio de Recifes (Habitat 1170) que ocorrem em cerca de 13% da área do Sítio. Os Bancos de Areia (Habitat 1110) apenas ocorrem em cerca de 2% do sítio e surgem com uma ocorrência mais costeira em zonas abrigadas. As grutas submersas (Habitat 8330) também são um habitat presente especialmente na região do promontório de Sagres. Em termos de batimetria os habitats marinhos ocorrem ao longo de uma área com declives suaves sendo que nas áreas mais afastadas de costa atinge-se a batimétrica dos 200 metros. Este Sítio é também influenciado pela proximidade de dois canhões submarinos (S. Vicente e Portimão). A parte terrestre inclui um território silicioso, constituído por rochas sedimentares e metamórficas, das quais predominam os litossolos de xistos e grauvaques dispostos em bancadas alternantes e um território de arenitos dunares de génese particular muito raros em Portugal, aos quais está associado um elenco florístico de singular importância. No Sítio Costa Sudoeste a ocupação agrícola é muito diversificada, incluindo sistemas e culturas tradicionais associadas à agro-pecuária, culturas de sequeiro, pomares e hortelos tradicionais. A área do Aproveitamento Hidro-Agrícola do Mira, que ocupa cerca de 12.000 ha no Sítio, constitui uma exceção, já que a disponibilidade de água tem permitido a reconversão e a intensificação dos sistemas produtivos. Aqui a produção de gado bovino assume um papel muito importante, tendo-se igualmente verificado nos últimos anos o aumento da área ocupada por horto-fruticultura e floricultura que corresponde actualmente a cerca de 1.800 ha.

4.2 Quality and importance

O Sítio Costa Sudoeste apresenta uma grande diversidade de habitats marinhos, costeiros, incluindo sapais, falésias, sistemas dunares e sistemas lagunares. Os dois habitats marinhos dominantes (Bancos de Areia e Recifes) correspondem a cerca de 7 e 1% da cobertura nacional conhecida, mas as grutas submersas ou semi- submersas (8330) ocorrem com uma representação muito significativa do total de área deste habitat em Portugal.

São de salientar, pela sua singularidade, as falésias litorais e áreas adjacentes, expostas a ventos marinhos carregados de salsugem, onde ocorrem comunidades endémicas apenas deste Sítio, tais como as de matos baixos, de carácter prioritário, com co-dominância de *Cistus palhinhae* (5140*) ou as arbustivas em forma de almofada, caracterizadas pelo domínio de *Astragalus tragacantha* (5410). Destacam-se igualmente os matos sobre areias consolidadas, com diversos habitats prioritários, caso das comunidades de tojais, tojais-urzais e tojais-estevais, com dominância de *Ulex australis* subsp. *welwitschianus* (2150*), os matagais de zimbro (*Juniperus turbinata* subsp. *turbinata* e *Juniperus navicularis*) (2250*), e os pinhais de *Pinus pinaster* subsp. *atlantica*, de *P. pinea* ou mistos, adultos, com origem em arborizações ou regeneração natural, com vegetação de subcoberto sucessionalmente evoluída, não sujeita a mobilizações ou roça recente (2270*). Referência também para os matos de areias dunares, litorais ou interiores, dominados pelo género *Stauracanthus* e outros arbustos espinhosos (2260), onde são observáveis inúmeros endemismos florísticos portugueses e ibéricos. Importantes são ainda os charcos temporários mediterrânicos (3170*) e as charnecas húmidas atlânticas meridionais (4020*), dois habitats prioritários que evidenciam as características mistas atlânticas e mediterrânicas do Sítio, e os matos de vegetação halonitrófila onde se albergam plantas espinhosas e terófitos nitrófilos de territórios quentes e secos a áridos (1430). Aqui se congrega um notável património florístico, de extrema importância científica a nível mundial, constituindo-se como uma das áreas europeias de maior biodiversidade florística, com especial profusão de endemismos nacionais (e.g. *Avenula hackelii*, *Biscutella vicentina*, *Centaurea vicentina*, *Chaenorrhinum serpyllifolium* subsp. *lusitanicum*, *Cistus palhinhae*, *Diploaxis vicentina*, *Euphorbia transtagana*, *Herniaria algarvica*, *Herniaria maritima*, *Hyacinthoides vicentina*, *Jonopsidium acaule*, *Limonium lanceolatum*, *Linaria algarviana*, *L. ficalhoana*, *Myosotis retusifolia*, *Ononis hackelii*, *Plantago almogravensis*, *Silene rothmaleri*, *Thymus camphoratus*, *Verbascum litigiosum*), muitos deles ocorrendo somente neste Sítio. Assinale-se também a ocorrência de duas espécies de umbelíferas, *Thorella verticillatunundata*, espécie com uma expressão muito reduzida a nível nacional e *Apium repens*, até muito recentemente considerada possivelmente extinta, sendo actualmente conhecida esta única população em Portugal. Uma ocorrência especialmente emblemática corresponde à adaptação ecológica da população de lontra (*Lutra lutra*) que ao longo da Costa Sudoeste utiliza ambientes marinhos, sendo a única em Portugal (e uma das poucas na Europa) com estes hábitos. Este Sítio é igualmente importante para a ictiofauna de água doce, nomeadamente para a boga-portuguesa (*Chondrostoma lusitanicum**) - entidade a partir da qual foi descrita uma nova espécie, a boga-do-Sudoeste (*C. almaçai***) - sendo este o único Sítio onde estão representadas as duas espécies (*C. lusitanicum* a Norte e *C. almaçai* a Sul, a qual ocorre apenas nas bacias dos rios Mira e Arade). É ainda importante para a savelha (*Alosa fallax*), única espécie migradora do Anexo II da Directiva Habitats ocorrente nesta área. Merece ainda uma especial referência a ocorrência na Ribeira do Torgal de uma população isolada de um invertebrado raro, o mexilhão-de-rio (*Unio tumidiformis*, taxon ibérico anteriormente incluído em *Unio crassus*). Trata-se de uma população pequena, com uma distribuição muito restrita, mas viável, sendo a única conhecida na bacia hidrográfica do rio Mira. Para além de populações relevantes de rato de Cabrera (*Microtus cabreræ*), o património faunístico deste Sítio inclui também abrigos importantes para os quirópteros que albergam colónias de morcego-rato-grande (*Myotis myotis*), morcego-rato-pequeno (*Myotis blythii*) e morcego-de-ferradura-pequeno (*Rhinolophus hipposideros*), e colónias de criação de morcego-de-peluche (*Miniopterus schreibersii*). Verifica-se a presença significativa das duas espécies de cágados, o cágado-de-carapaça-estriada (*Emys orbicularis*) eo cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*). De salientar a ocorrência na Serra do Cercal de uma população reliquial delagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*), confinada a três locais completamente isolados e com efectivos muito reduzidos.

No que se refere as espécies marinhas, os 3 habitats marinhos albergam uma flora e fauna muito diversificada com diversas espécies importantes em termos de conservação e também em termos económicos. O Sítio é uma importante área para cetáceos costeiros, de profundidade e migradores como *Balaenoptera acutorostrata* e *Balaenoptera physalus* nas suas deslocações entre águas do Atlântico Norte e o Mediterrâneo. Este Sítio revela-se também muito importante

para *Phocoena phocoena* visto ser uma zona onde se tem observado um fenómeno de expansão recente e onde atualmente ocorre cerca de 6% da população nacional. Este núcleo populacional é importante em termos nacionais e internacionais e representa o principal núcleo dador de animais para a área vizinha da Andaluzia. Nesta área há evidências de os núcleos populacionais de *Tursiops truncatus* estarem em claro incremento, associados ao núcleo existente na Baía de Cádiz. Em termos de répteis marinhos o Sítio faz parte do corredor de passagem das duas espécies (*Caretta caretta* e *Dermochelys coriacea*) que ocorrem de forma contínua, embora ocasional, ao longo da costa de Portugal Continental havendo evidências recentes baseadas em telemetria que esta área poderá também ser usada como área de alimentação.

Zona muito importante durante a migração outonal de aves planadoras.

*Atualmente designada por *Iberochondrostoma lusitanicum*

**Atualmente designada por *Iberochondrostoma almakai*

4.3 Threats, pressures and activities with impacts on the site

The most important impacts and activities with high effect on the site

Negative Impacts			
Rank	Threats and pressures [code]	Pollution (optional) [code]	inside/outside [i o b]
H	F02.01.02		b
H	G02.09		i
H	E01		i
H	A02.01		i
H	G01.03.02		i
H	G05.01		i
L	D03.01.02		i

Negative Impacts			
Rank	Threats and pressures [code]	Pollution (optional) [code]	inside/outside [i o b]
L	D03.01.03		i
L	D03.01.04		o
L	D03.02.01		b
M	E03.01		i
L	F01.02		i
M	F02.01.03		b
L	F02.02.01		b
M	F02.02.04		b
M	F05.07		i
M	F06		i
M	G01.01.01		i
L	G01.01.02		i
M	G05		i
L	G05.11		b
M	H03.01		o
M	H03.02.01		b
M	H03.02.02		b
L	H03.03		b
L	H06.01.02		i
M	H06.05		b
M	H07*		b
M	K03.03		b
Positive Impacts			

- Rank: H = high, M = medium, L = low
- Pollution: N = Nitrogen input, P = Phosphor/Phosphate input, A = Acid input/acidification,
- T = toxic inorganic chemicals, O = toxic organic chemicals, X = Mixed pollutions
- i = inside, o = outside, b = both

4.5 Documentation

ICN. 1996. Conservação do lince-ibérico em Portugal. Relatório técnico de progresso 1995. ICN - Life. Lisboa. 53 pp. Palma, L. 1995.

- Bases para uma estratégia de conservação do lince-ibérico, *Lynx pardinus*, no interior do Algarve e sudoeste do Alentejo. Relatório do Projecto do Lince ibérico no interior algarvio. Unidade de Ciências e Tecnologias dos Recursos Aquáticos/Universidade do Algarve e o ICN.
- Relatórios do Projecto "Habitats Naturais e Espécies da Flora de Portugal (Continente)" - Projecto Life 1995/96. Relatórios do Projecto "Distribuição geográfica e estatuto de ameaça das espécies da Flora a proteger em Portugal Continental". Projecto Life 1/DEP 1995/96.
- Plano Sectorial da Rede Natura 2000 em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/p-set/q-e>
- Plano de ordenamento do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ordgest/poap>
- Relatório Nacional de aplicação da Directiva Habitats 2007-2012, em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/dir-ave-habit/rel-nac/rel-nac-07-12>
- ICN. 1996. Conservação do lince-ibérico em Portugal. Relatório técnico de progresso 1995. ICN - Life. Lisboa. 53 pp. Palma, L. 1995. Bases para uma estratégia de conservação do lince-ibérico, *Lynx pardinus*, no interior do Algarve e sudoeste do Alentejo. Relatório do Projecto do Lince ibérico no interior algarvio. Unidade de Ciências e Tecnologias dos Recursos Aquáticos/Universidade do Algarve e o ICN.
- Relatórios do Projecto "Habitats Naturais e Espécies da Flora de Portugal (Continente)" - Projecto Life 1995/96. Relatórios do Projecto "Distribuição geográfica e estatuto de ameaça das espécies da Flora a proteger em Portugal Continental". Projecto Life 1/DEP 1995/96.
- Plano Sectorial da Rede Natura 2000 em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/p-set/q-e> Plano de ordenamento do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ordgest/poap>.
- Relatório Nacional de aplicação da Directiva Habitats 2007-2012, em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/dir-ave-habit/rel-nac/rel-nac-07-12>.
- Meirinho A. Barros N. Oliveira N. Catry P. Lecoq M. Paiva V. Gerales P. Granadeiro JP. Ramirez I & Andrade J (2014). Atlas das Aves Marinhas de Portugal. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves. www.atlasavesmarinhas.pt.
- Cabral. M.J.. J. Almeida. P.R. Almeida. T. Dellinger. N. Ferrand de Almeida. M.E. Oliveira. J. Palmeirim. A.I. Queiroz. L. Rogado & M. Santos-Reis 2006. Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza. Lisbon.
- Nicolau. L.. M. Ferreira. J. Santos. H. Araújo. M. Sequeira. J. Vingada. C. Eira & A. Marçalo. 2016. Sea turtle strandings along the Portuguese mainland coast: spatio-temporal occurrence and main threats. *Marine Biology*. DOI: 10.1007/s00227-015-2783-9.
- Monteiro S.. J. Torres. M. Ferreira. A. Marçalo. L. Nicolau. J. Vingada & C. Eira. 2016. Ecological variables influencing trace element concentrations in bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*. Montagu 1821) stranded in continental Portugal. *Science of the Total Environment* 544: 837-844.
- Ferreira. M.. Monteiro. S.. Torres. J.. Oliveira. I.. Sequeira. M.. López. A.. Vingada J.. Eira.. C. accepted. Biological variables and health status affecting inorganic element concentrations in Harbour porpoises (*Phocoena phocoena*) from Portugal (Western Iberian Peninsula). *Environmental Pollution*.
- Marçalo. A.. I. Katara. D.. Feijó. H.. Araújo. I.. Oliveira. J.. Santos. M.. Ferreira. S.. Monteiro. G.. Pierce. A. Silva & J. Vingada. 2015. Quantification of interactions between the Portuguese sardine purse-seine fishery and cetaceans. *ICES Journal of Marine Science* 72(8): 2438-2449r.
- Santos. J.. H. Araújo. M. Ferreira. A. Henriques. J. Miodonski. S. Monteiro. I. Oliveira. P. Rodrigues. G. Duro. F. Oliveira. N. Pinto. M. Sequeira. C. Eira & J. Vingada. 2012. Chapter I: Baseline estimates of abundance and distribution of target species. Annex to the Midterm Report of project LIFE MarPro NAT/PT/00038.
- Araújo. H., J. Santos, P. Rodrigues, J. Vingada, C. Eira, A. Rainho, T. Leonardo, M. Sequeira. 2014. Proposta técnica de designação de novos Sítios de Interesse Comunitário (SCI) para a conservação de cetáceos em Portugal Continental. para inclusão na Lista Nacional de Sítios. Annex to the Progress Report of project LIFE MarPro NAT/PT/00038.
- Vingada J.. A. Marçalo. M. Ferreira. C. Eira. A. Henriques. J. Miodonski. N. Oliveira. D. Marujo. A. Almeida. N. Barros. I. Oliveira. S. Monteiro. H. Araújo. J. Santos. 2012. Capítulo I: Interações entre as espécies-alvo e as pescas. Anexo ao relatório intercalar do projecto LIFE MarPro NAT/PT/00038.
- Méndez-Fernandez. P.. Bustamante. P.. Bode. A.. Chouvelon. T.. Ferreira. M.. López. A.. Pierce. G.J.. Santos. M.B.. Spitz. J.. Vingada. J.V.. Caurant. F.. 2012. Foraging ecology of five toothed whale species in the Northwest Iberian Peninsula. inferred using carbon and nitrogen isotope ratios. *Journal of Experimental Marine Biology and Ecology* 413. 150–158.
- Méndez-Fernandez. P.. Chouvelon. T.. Bustamante. P.. Ferreira. M.. González. A.F.. López. A.. Moffat. C.F.. Pierce. G.J.. Read. F.L.. Russell. M.. Santos. M.B.. Spitz. J.. Vingada. J.V.. Caurant. F.. 2014. An assessment of contaminant concentrations in toothed whale species of the NW Iberian Peninsula: Part II. Trace element concentrations. *Science of the Total Environment* 484. 206–217.

5. SITE PROTECTION STATUS (optional)**5.1 Designation types at national and regional level:**

Code	Cover [%]		Code	Cover [%]		Code	Cover [%]
PT08	31.6						

5.2 Relation of the described site with other sites:

designated at national or regional level:

Type code	Site name	Type	Cover [%]
PT08	Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina	*	31.6

designated at international level:

Type	Site name	Type	Cover [%]
biogenetic	Ponta de Sagres	+	2

5.3 Site designation:

36% do sítio é abrangido pela Zona de Protecção Especial PTZPE0015 Costa Sudoeste

6. SITE MANAGEMENT**6.1 Body(ies) responsible for the site management:**

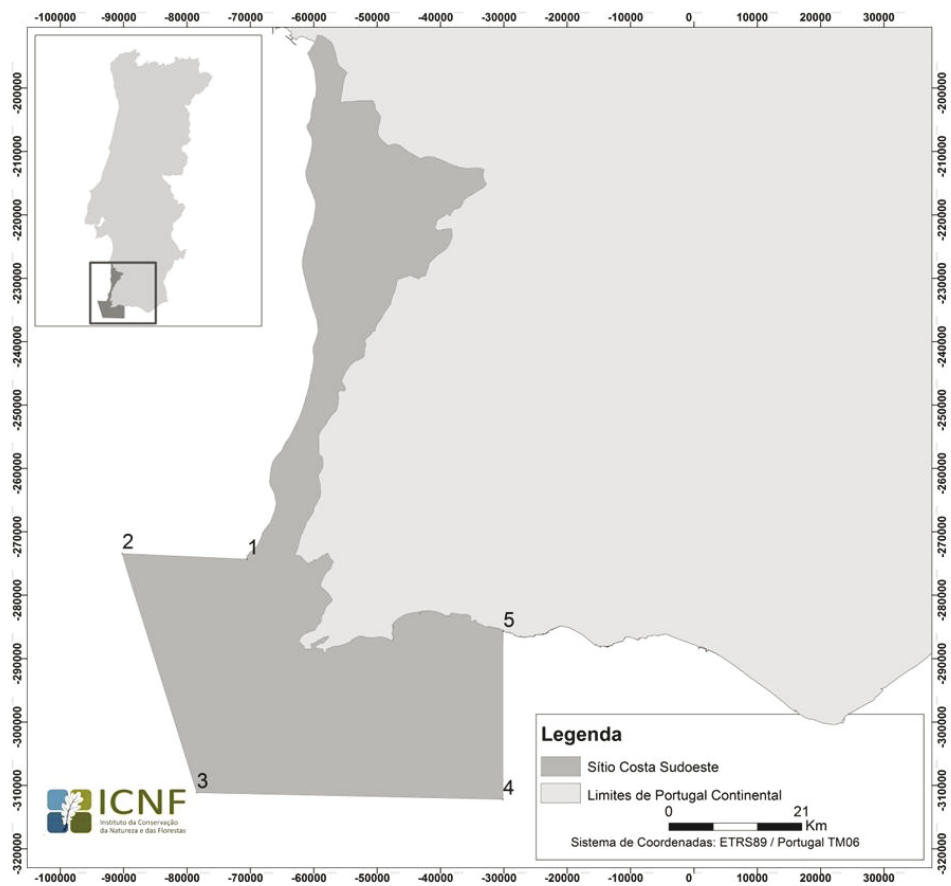
Organisation:	Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P. (ICNF, I.P.)
Address:	Avenida da República, 16, 1050-191 LISBOA
Email:	icnf@icnf.pt

6.2 Management Plan(s):**An actual management plan does exist:**

☐	Yes
☐	No, but in preparation
☒	No

7. MAP OF THE SITES

INSPIRE ID:	
Map delivered as PDF in electronic format (optional)	
☐ Yes	☒ No
Reference(s) to the original map used for the digitalisation of the electronic boundaries (optional).	



112403921

I SÉRIE



DIÁRIO DA REPÚBLICA

Depósito legal n.º 8814/85

ISSN 0870-9963

Diário da República Eletrónico:

Endereço Internet: <http://dre.pt>

Contactos:

Correio eletrónico: dre@incm.pt

Tel.: 21 781 0870

Fax: 21 394 5750
